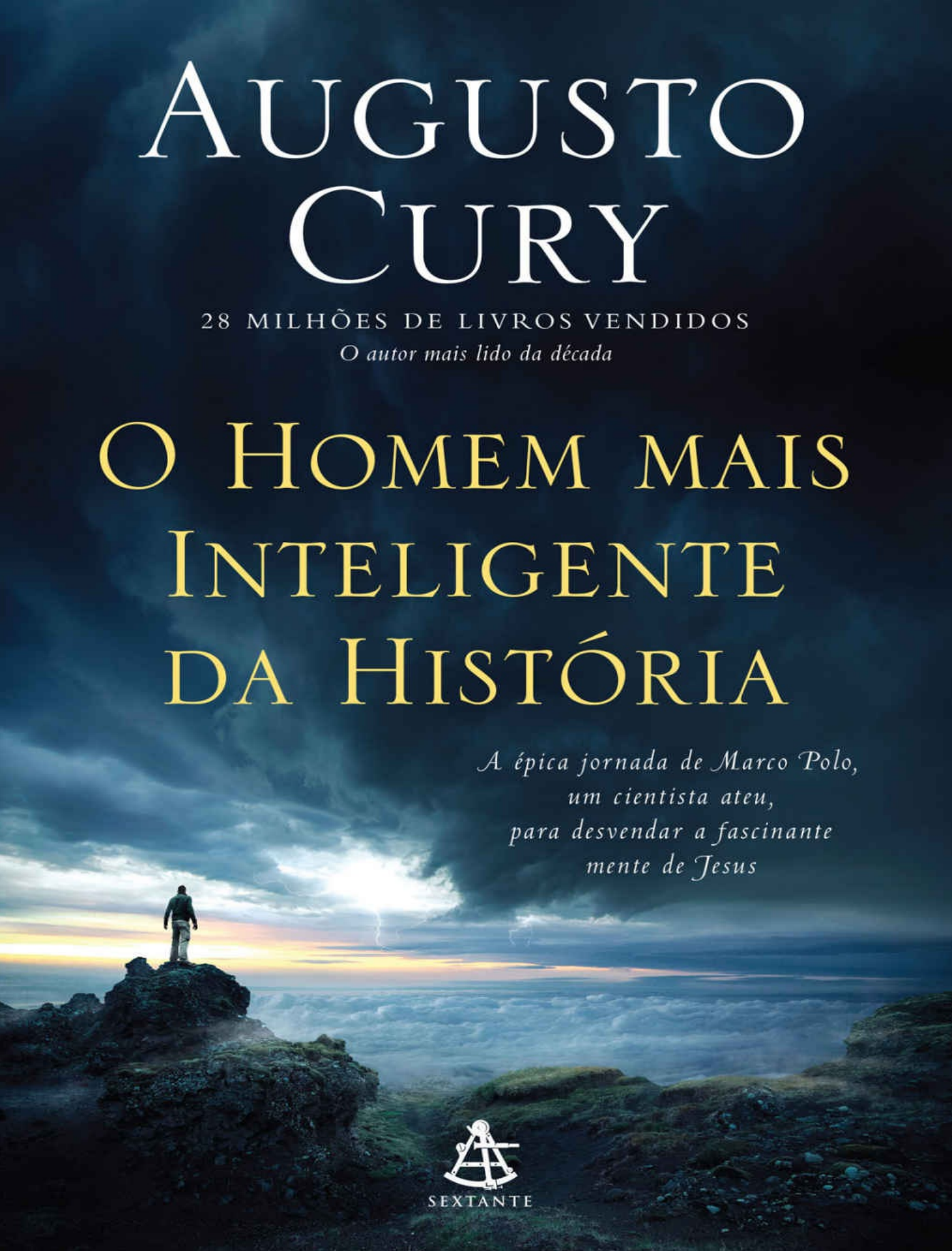
Augusto Cury

28 milhões de livros vendidos

O autor mais lido da década

O Homem mais Inteligente da História

A épica jornada de Marco Polo, um cientista ateu, para desvendar a fascinante mente de Jesus



SEXTANTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

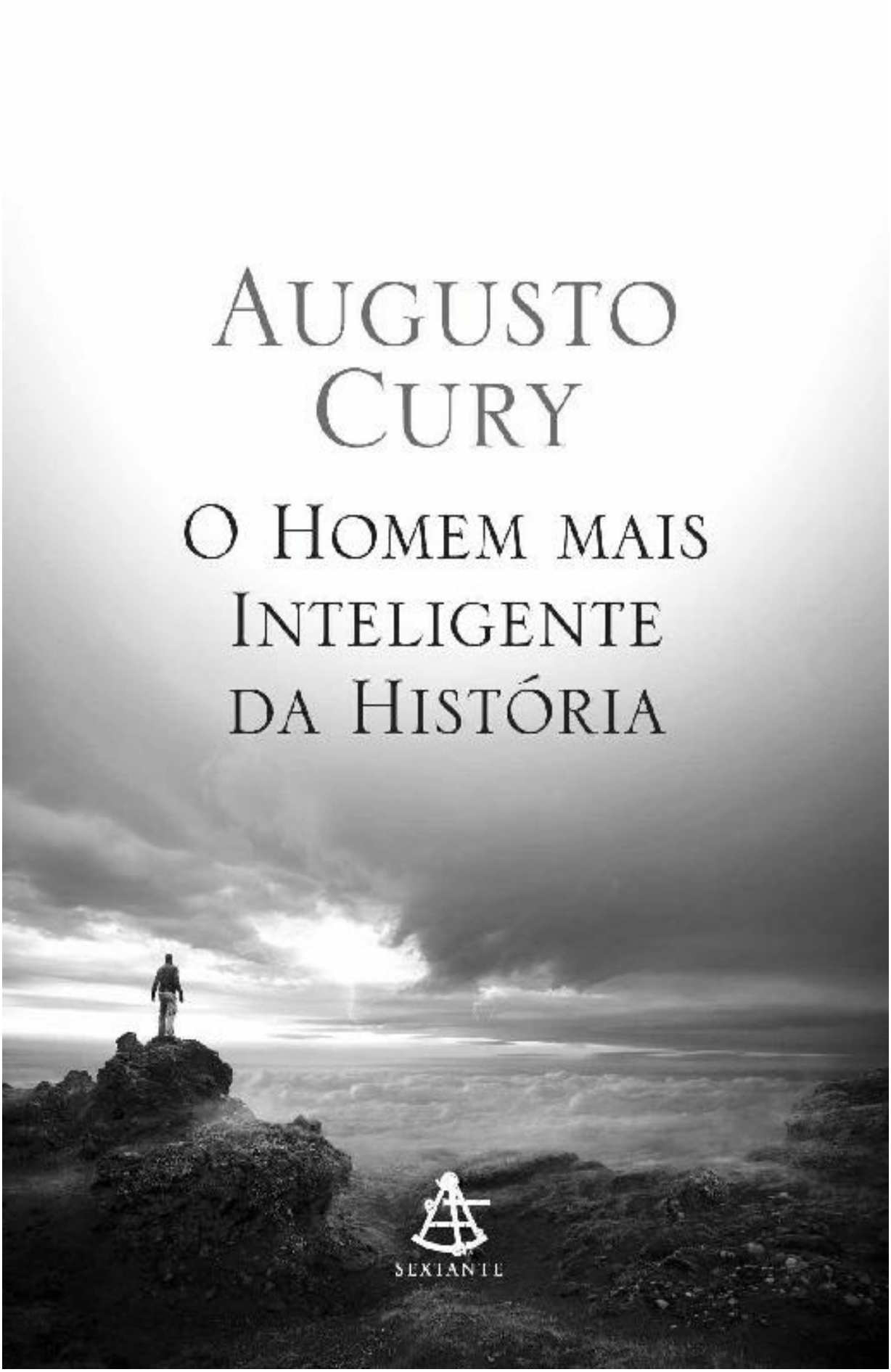


Dedico este livro a alguém único!

De todas as coisas que conquistei na vida
Você tem um lugar de destaque.
Obrigado por existir.
A vida é bela e breve como gotas de orvalho
Em instantes aparece e logo se dissipa
Aos primeiros raios do tempo.
Por ser fascinante e efêmera, deveríamos
Transformar lágrimas em sabedoria
E perdas em maturidade
Escrever os capítulos mais nobres nos dias mais tristes
E ser um explorador não apenas do planeta Terra,
Mas do planeta Mente.
Inclusive da mente do homem mais inteligente da história.

Augusto Cury

O Homem mais Inteligente da História



SEXANTE

Copyright © 2016 por Augusto Jorge Cury

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

As passagens bíblicas citadas neste livro usaram como referência as seguintes versões: Bíblia Septuaginta, Bíblia King James, Bíblia de Jerusalém, Bíblia João Ferreira de Almeida.

edição: Rafaella Lemos

revisão: Alice Dias e Luis Américo Costa

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Christophe Dessaigne/ Trevillion Images

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C988h

Cury, Augusto
O homem mais inteligente da história [recurso eletrônico] /

Augusto Cury. -
1. ed. - Rio de
Janeiro: Sextante,
2016.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do
sistema: Adobe
Digital Editions
Modo de
acesso: World
Wide Web
ISBN 978-
85-431-0436-2
(recurso
eletrônico)

1. Romance

brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

16-35648 CDD: 869.3
CDU: 821.134.3(81)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

PREFÁCIO

Provavelmente fui mais cético e crítico do que os grandes ateus da história, como Marx, Nietzsche, Diderot, Freud, Sartre. Ao produzir uma das poucas teorias da atualidade sobre o funcionamento da mente e o processo de formação de pensadores, tornei-me há muitos anos um ateu científico, enquanto a maioria dos ateus notáveis foi, na realidade, composta de antirreligiosos.

Apesar dos meus limites, resolvi estudar de forma detalhada a mente do personagem mais famoso da história sob critérios psicológicos, psiquiátricos, psicopedagógicos e sociológicos. Esperava, ao estudar a personalidade de Jesus, encontrar uma inteligência comum, pouco criativa, pouco analítica, pouco instigante, sem gestão da emoção, ou então um "herói" mal construído por galileus. Entretanto, fiquei perplexo. Tornei-me um ser humano sem fronteiras.

O resultado dessa prolongada pesquisa, que levou mais de 15 anos, compõe esta obra, *O homem mais inteligente da história*, que se constituirá de vários volumes. Creio que, se não tivesse 30 anos de experiência como pesquisador e profissional de saúde mental – com mais de 20 mil atendimentos –, não teria condições de escrevê-la. Apesar disso, a fim de ter mais liberdade para expressar meu processo de produção de conhecimento, preferi escrever em forma de romance.

E fico feliz com o fato de que, assim como alguns de meus livros estão sendo adaptados para as telas do cinema pela Warner/Fox – como *O vendedor de sonhos*, *O futuro da humanidade* e *Petrus Logus* –, esta obra se tornará um seriado internacional. Recentemente, um notável cineasta me pegou pelo braço e confessou que filmar uma série baseada em *O homem mais inteligente da história* será seu mais importante projeto de vida!

O psiquiatra e cientista Marco Polo é o protagonista desta obra. Durante uma importantíssima conferência promovida pela ONU em Jerusalém para discutir o futuro do planeta Terra, ele abalou os presentes ao falar sobre a preservação de outro planeta, o *planeta emoção*: "Antes de os recursos da Terra se esgotarem, esgota-se primeiro a mente humana", declarou ele.

Questionado sobre quais pensadores foram bons gestores da emoção, Marco Polo comentou: "Todos os que eu estudei falharam: Freud, Einstein, Gandhi, Nietzsche...", deixando a plateia em choque. Mas, em seguida, uma socióloga americana lançou a pergunta fatal: "E Jesus? Ele foi um bom gestor da emoção?" Marco Polo foi categórico: "Como sou ateu, não discuto religião em minhas conferências."

Porém a plateia de intelectuais, sabendo que ele estudava o processo de formação de pensadores, o desafiou a estudar a mente de Jesus sob a luz das ciências humanas. Ele resistiu muito, mas por fim montou uma mesa de notáveis para refletir e analisar a inteligência de Cristo.

Talvez pela primeira vez na história o intelecto de Jesus será estudado sob parâmetros seríssimos como habilidade de lidar com perdas e frustrações, resiliência, autocontrole, capacidade de proteger a emoção e ferramentas para formar mentes brilhantes.

Marco Polo pouco a pouco descobrirá que ele mesmo, as ciências humanas e todas as religiões erraram dramaticamente em não ter estudado Jesus em termos científicos. A mente do mais famoso personagem de todos os tempos é muito pouco conhecida, inclusive pelos bilhões de seres humanos das mais diversas religiões que o admiram...

Com a avalanche de estímulos estressantes que viveu desde a infância, Jesus tinha muitos motivos para ter depressão e ansiedade. Mas ele geriu sua emoção? Desenvolveu uma saúde mental sólida? Teve autocontrole nos focos de tensão? Como educador, tinha tudo para fracassar, pois escolheu um time de jovens com vários transtornos de personalidade e que só lhe davam dor de cabeça. Mas será que ele usou técnicas psicológicas modernas para transformar pedras brutas em obras de arte? Ele teve êxito?

O mundo comemora o nascimento de um menino cuja personalidade não conhece e não sabe como se formou. Surpreendi-me muitíssimo com essa análise e provavelmente muitos ficarão surpresos e até perplexos com *O homem mais inteligente da história*.

Julgue por si mesmo!

DR. AUGUSTO CURY

1

A ERA DOS MENDIGOS EMOCIONAIS

O Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, a ONU, deu início à reunião de emergência sobre a violência no mundo. Os principais líderes políticos das nações, assim como pensadores das mais diversas áreas, estavam presentes. Os números mostravam um aumento assustador da violência não apenas nos países pobres e emergentes, mas também nas nações mais ricas.

– *Bullying* nas escolas, violência contra mulheres e crianças, assédio moral nas empresas, agressões sexuais, corrupção na política, sabotagem no mercado, exclusão de imigrantes, suicídios, homicídios, terrorismo. Enfim, o leque de violência nas sociedades modernas é enorme. Vivemos o apogeu do progresso material, o ápice da era digital, mas não estancamos a hemorragia da violência ao redor do mundo. Ao contrário, ela está aumentando... É incompreensível! – concluiu, preocupado. – Está aberto o debate para encontrarmos soluções sustentáveis.

Muitos presidentes, ministros e parlamentares fizeram suas considerações. Alguns poucos sociólogos também mencionaram o adensamento populacional, as crises econômicas, a exclusão social e outros tantos problemas como fatores agravantes.

Quando a conferência se aproximava do fim e os presentes já estavam cansados de ouvir as mesmas discussões, o Secretário-Geral retomou a palavra:

– A ONU agradece a participação dos líderes mundiais nesta grande conferência sobre as causas e soluções para a violência na era moderna. Faremos um relatório que será enviado a todas as nações, embora eu tenha a impressão de que ainda falta um diagnóstico adequado da questão.

– E falta mesmo! – proclamou Marco Polo, um psiquiatra pesquisador que estava entre os espectadores.

Estressado, o Secretário-Geral advertiu:

– Sinto muito, senhor, mas o debate não está aberto à plateia.

– As grandes ideias não são propriedade das lideranças políticas, mas da mente de quem as pensa – confrontou-o Marco Polo.

Pego de surpresa, o Secretário-Geral da ONU pensou melhor.

– Abrirei uma exceção. Seu nome?

– Marco Polo – apresentou-se de forma breve.

– Seja rápido, por favor. A hora está avançada – pediu delicadamente o Secretário.

Polêmico, ousado, provocador, Marco Polo sentiu-se à vontade:

– Senhoras e senhores, não apenas pisamos na superfície do planeta Terra, mas também na camada superficial do *planeta emoção*. Está em curso uma verdadeira explosão de transtornos psíquicos e sociais. E uma das grandes razões para isso é o fato de a educação clássica ter se tornado excessivamente cartesiana, lógica, linear, desprezando as habilidades socioemocionais capazes de proteger a psique. Se não mudarmos o paradigma fundamental da educação, seremos uma espécie inviável!

A plateia se agitou.

– Mudar o paradigma da educação? Como assim, senhor Marco Polo? – questionou um intrigado ministro canadense que estava na primeira fila.

– A educação mundial precisa passar da era da informação para a era do Eu como gestor da mente humana! A primeira gera gigantes na ciência, mas crianças no território da emoção; a segunda cria seres humanos bem resolvidos, coerentes e altruístas.

O tema era completamente novo e, ao mesmo tempo, perturbador. As pessoas que haviam bocejado nos últimos discursos mostravam-se agora despertas.

– O que é ser gestor da mente humana? – questionou uma senadora americana. – Nunca ouvi falar dessa tese!

– Ser gestor da mente humana é saber gerenciar os pensamentos, proteger a emoção, libertar a criatividade e se tornar protagonista da própria história. A educação clássica crê que a maneira de formar mentes brilhantes é bombardear o cérebro com milhões de dados e fazer os alunos assimilá-los. Isso é um grande engano!

– Mas há séculos a educação é assim, detentora e transmissora das informações mais relevantes da sociedade – retrucou o ministro da Educação da França.

– Sim, doutor, mas essa educação não funciona mais, pelo menos não coletivamente. A mente dos nossos alunos mudou muitíssimo. Assim como não é possível dar tinta e pincéis a uma máquina e esperar que ela crie obras-primas como as que Da Vinci, Van Gogh e Rafael pintaram, não é possível formar obras-primas na tela da mente humana com esse estilo de educação. As pessoas precisam aprender a pensar coletivamente, a ser altruístas, a se colocar no lugar do outro e ser tolerantes às frustrações!

Nesse momento, Marco Polo pediu licença para fazer algumas projeções no telão. Ele sempre levava consigo um pen-drive com os vídeos e as animações que costumava utilizar em suas palestras. No entanto, seu pedido foi negado.

– Não será permitido. Está tarde, senhor – falou com arrogância um assistente do Secretário-Geral.

– Se a plateia não quiser me ouvir, sento-me agora – respondeu com

segurança Marco Polo.

Isso fez a plateia chiar. Os espectadores agora pareciam sedentos por ouvir as novas ideias que o psiquiatra trazia.

O pedido foi então reconsiderado. Autorizado pelo Secretário-Geral, Marco Polo entregou seu pen-drive ao técnico responsável e começou a mostrar imagens reais: carros sendo conduzidos de maneira irresponsável, em alta velocidade, desrespeitando as normas de trânsito e causando acidentes horríveis. Em seguida completou:

– Nosso intelecto é um veículo mental complexo e o dirigimos de forma irresponsável. Por quê? Porque as escolas e as universidades não educam o Eu, que representa a capacidade de escolha, o livre-arbítrio, a consciência crítica para estar ao volante. Um olhar atravessado estraga o dia, uma crítica asfixia a semana, uma traição pode comprometer uma vida.

– Está sugerindo que estamos na infância do Eu como diretor da mente? – indagou o primeiro-ministro francês, indignado.

– Sim. É isso que estou afirmando! – respondeu com convicção.

Em seguida, com o cuidado de preservar a identidade das pessoas envolvidas, projetou no telão situações gravíssimas que mostravam jovens contrariados se mutilando e garotas anoréxicas, só pele e ossos.

– E sabem por que essas meninas estão magras como os pobres famintos da África subsaariana? – indagou Marco Polo. – Porque se sentem gordas. A ditadura da beleza está matando nossos jovens por dentro.

Em seguida mostrou cenas de pessoas anônimas cometendo os mais diversos tipos de violência e até assassinatos por motivos banais.

– Pequenas contrariedades geram reações desproporcionais. Estamos na era do descontrole emocional.

Era possível perceber a perplexidade no rosto dos que assistiam à apresentação de Marco Polo. Um político famoso que estava na primeira fileira lembrava silenciosamente que no dia anterior gritara com a esposa como se ela fosse sua escrava: “Saia da minha frente, sua débil mental! Esse terno não combina com essa gravata!” Sentia-se envergonhado.

Marco Polo seguia com a apresentação:

– As vacinas nos protegem contra viroses, mas quais vacinas podem prevenir a violência e os transtornos psíquicos? Sem mudar a educação, é impossível. Qual delas você daria a quem você ama? Normalmente nenhuma! Estamos acostumados a dar broncas, apontar falhas, tecer críticas...

– Mas quem tem dentro de si um manual de regras de comportamento não faz um bom trabalho educacional? – questionou um senador republicano dos Estados Unidos.

– Desculpe-me, mas quem possui apenas um manual de regras está apto a consertar máquinas, não a formar mentes brilhantes.

Depois desse comentário, Marco Polo ainda complementou:

– A falta de proteção da emoção é a maior de todas as violências, e a cometemos contra nossos próprios filhos!

– Como podemos mudar isso, doutor Marco Polo? – perguntou o Secretário-Geral, abalado.

– Há muitas ferramentas à nossa disposição: podemos ser mais lentos para reagir e mais rápidos para pensar; ser empáticos e nos importar com a dor dos outros; ter consciência de que por trás de alguém que fere há uma pessoa ferida; pensar como humanidade e não apenas como grupo social... E todas essas ferramentas estão relacionadas com a gestão da própria mente.

Em seguida o pesquisador mostrou que na atualidade levamos o veículo mental, a construção dos pensamentos, a uma velocidade nunca antes vista. Por isso é fácil perder o autocontrole!

– Mas... mas... nunca ouvi falar nisso – comentou um líder alemão.

– Mas agora é tempo de ouvir! Hoje uma criança de 7 anos possui mais dados que imperadores romanos. Uma de 9 anos possui mais informações que Sócrates ou Platão. Isso não é suportável. O excesso de informações não utilizadas torna-se lixo intelectual. Esgota o cérebro. Em média, quem tinha mais informações: Einstein ou os bons engenheiros e físicos da atualidade?

– Einstein? – disse um ministro da Educação europeu.

– Errado, senhor. São os engenheiros e físicos da atualidade. Mas por que não produzem ideias complexas como as que o jovem Einstein produziu aos 27 anos, no tosco escritório de patentes em que trabalhava? O que forma um pensador não é a quantidade de dados, mas sua organização.

Marco Polo projetou algumas animações reveladoras. Crianças e adolescentes conectados o dia todo no celular, mas desconectados de si mesmos. De repente, diante da menor contrariedade, tinham reações explosivas. Também mostrou crianças dormindo mal e outras acordando de madrugada para acessar as redes sociais. Pareciam zumbis.

– Mas a era digital trouxe ganhos inegáveis! – questionou uma líder indiana.

– Sim, inclusive um aumento cognitivo e uma melhora do raciocínio lógico e da produtividade. Mas também trouxe prejuízos gigantescos. Não podemos fechar os olhos para isso. Milhões de jovens são vítimas de intoxicação digital. – E Marco Polo explicou melhor: – Tire-lhes os celulares e muitos terão sintomas de abstinência como as geradas pela dependência de drogas! Ansiedade, insatisfação crônica, impaciência, baixa tolerância a frustrações, um tédio atroz quando sentem que não têm nada para fazer.

– Mas estamos na era da democracia, somos livres em nossas escolhas... – defendeu um filósofo suíço.

– Mas, senhor, eu asseguro, nunca nas sociedades democráticas houve tantos escravos no único lugar em que é inadmissível ser um prisioneiro: na própria

mente.

– Mas o desenvolvimento tecnológico levou ao aumento da expectativa de vida. Não podemos condená-lo. Vivemos o dobro do tempo que os romanos viviam! – disse uma líder italiana, especialista em saúde pública.

– A tecnologia levou a ganhos importantíssimos. No passado uma amigdalite matava. Mas precisamos ver o outro lado da moeda social. Vivemos em média 80 anos, mas a mente humana está tão estressada pelo excesso de informações que hoje em dia 80 anos passam como se fossem 20 no passado.

– Então nosso sistema virou uma fábrica de doidos. Para o senhor, estamos vivendo mais em termos biológicos e morrendo mais cedo em termos emocionais, é isso? – indagou um político francês.

– Tenho certeza de que estamos vivendo esse paradoxo. Essa é uma violência subliminar contra nós mesmos, mas não catalogada pela ONU nem discutida neste debate. Não parece que dormimos e acordamos com a idade que temos hoje, senhoras e senhores?

– O doutor Marco Polo tem razão. Algumas pesquisas indicam que esse ritmo frenético nos torna mais individualistas e insatisfeitos. Estamos na era da indústria do lazer, mas nunca tivemos uma geração tão triste. Esse é outro grande paradoxo – afirmou Michael, um neurocientista que mais tarde se tornaria amigo de Marco Polo.

– Estamos na era dos mendigos emocionais – concluiu Marco Polo. – Muitos dos senhores aqui trajam ternos e gravatas de marca, mas não poucos mendigam o pão da alegria. Essa é outra autoviolência.

Houve um burburinho na plateia.

– Quer dizer então que as sociedades modernas viraram um manicômio a céu aberto? – bradou um político russo.

As pessoas ficaram inquietas. Estavam ali para discutir a violência dos outros, e não sabiam que eram violentas consigo mesmas. Marco Polo mencionou também a multiplicação do número de mendigos na França do século XVIII. Devido às guerras, corrupção política e conflitos sociais, produziram-se tantos miseráveis que era possível tropeçar nos famintos que viviam nas ruas. Mas hoje estamos na era dos miseráveis emocionais. E citou um país jovem, ensolarado e alegre, o Brasil:

– Por exemplo, na cidade de São Paulo, no período de 2002 a 2012, o índice de suicídios entre jovens aumentou 42%.

– Que loucura é essa? Se isso acontece no Brasil, para onde caminha a humanidade? – comentavam as pessoas umas com as outras.

Marco Polo completou:

– A FAO, órgão da ONU responsável pela segurança alimentar, como os senhores devem saber, detectou que há 800 milhões de pessoas passando fome no mundo. Um problema intolerável. – E, fitando os olhos do Secretário-Geral,

que estava perturbado com a exposição, apontou: – Mas as estatísticas não dizem que há bilhões de mendigos emocionais, alguns morando em belos apartamentos e em casas confortáveis.

A plateia irrompeu em aplausos. Marco Polo ia encerrar sua fala, mas as pessoas solicitaram que continuasse. Um político argentino inclusive comentou algo muito sério, mas de modo engraçado:

– Onde há um restaurante emocional, doutor Marco Polo? Sou impaciente, reclamo muito, detesto quando meu notebook ou celular demora para ligar. Sou um faminto emocional.

Muitos sorriram e o aplaudiram. Marco Polo comentou:

– A principal característica dos mendigos emocionais é fazer pouco do muito. Por exemplo, os pais têm pavor de que os filhos se tornem dependentes de drogas, mas, sem perceber, viciam o cérebro deles com excesso de estímulos.

De repente, uma das maiores empresárias da Espanha, que dava o mundo aos filhos, mostrou-se preocupadíssima:

– O excesso de presentes pode prejudicar nossos filhos?

– Pode ser uma violência contra a saúde emocional deles, senhora. Pode levá-los a precisar de cada vez mais estímulos para sentirem algumas migalhas de prazer. Não são apenas as drogas que causam dependência – alertou Marco Polo.

Os líderes estavam muito perturbados; muitos caíam nessa armadilha. Então o psiquiatra projetou a imagem de uma criança africana soltando pipa, feliz da vida. Depois a de outra correndo atrás de animais, sorrindo, como se tivesse mergulhado num oásis de prazer. A seguir, mudou a paisagem, mostrando uma animação em que um menino fazia birra: "Eu quero mais!" Outra gritava com a mãe: "Você tem que me dar um celular novo!" Comportavam-se como pequenos reis que faziam dos pais seus serviçais.

"Meu Deus, o que estou fazendo com meus dois filhos...", disse a si mesma a empresária. "Dou presentes quase todos os dias e quanto mais dou, menos agradecem, mais reclamam e mais infelizes ficam."

– O risco de pais abastados gerarem desnutrição emocional e ansiedade é maior do que o de pais pobres... – completou Marco Polo.

Os líderes mundiais esfregavam as mãos no rosto, assustados. Representavam a elite de seus países.

– Você nos tirou o chão, doutor Marco Polo. Discutimos violência neste congresso, mas não a que praticamos com nossos filhos – falou o ministro da Defesa da Alemanha. – Para mim, basta. Precisamos repensar nossas atitudes violentas.

Marco Polo não podia mais se calar. Antes da saída do ministro da Defesa, ele jogou mais uma bomba emocional no colo da plateia:

– Por favor, procurem dar aos seus filhos o que o dinheiro não pode comprar:

sua presença e sua história. Ensinem-lhes a contemplar o belo. Esse é o presente dos presentes!

– Contemplar o belo é o mesmo que admirar o belo? – indagou o ministro ainda de pé.

A resposta o fez sentar-se:

– Não! Até um psicopata como Adolf Hitler admirava o belo. Ele acariciava sua cadela Blondi com uma das mãos e com a outra telefonava aos seus subordinados ordenando guerras irracionais. Era vegetariano, não queria que os animais sangrassem, mas não se importava que crianças e mulheres sangrassem nos campos de concentração. Admirar o belo é uma experiência fugaz. Contemplar o belo é se entregar atenta e detalhadamente.

As pessoas se entreolhavam. O Secretário-Geral da ONU indagou:

– Os grandes pensadores da história porventura contemplavam o belo?

– Raramente. Einstein era depressivo; Kafka, pessimista; Van Gogh, hipersensível; Nietzsche, mórbido. O sucesso financeiro, político, intelectual, se não for trabalhado, gera insucesso emocional, leva a uma psicoadaptação ao próprio sucesso, fazendo com que as pessoas precisem de "muito" para sentir "pouco". Celebridades, à medida que ascendem na carreira, asfixiam o prazer de viver...

Terminou comentando que muitos milionários, conforme enriquecem mais e mais, tornam-se sem perceber miseráveis morando em palácios.

– Estou assustado... Entrei rico e saí mendigo da sede da ONU! – brincou um empresário do Vale do Silício.

Todos deram gargalhadas.

– A emoção é democrática, senhoras e senhores, ela se alimenta especialmente das coisas simples e anônimas da vida.

De repente, uma pergunta inesperada e dificílima de responder tumultuou ainda mais o ambiente:

– E Jesus Cristo, sabia contemplar o belo? – indagou um líder do Parlamento britânico.

Marco Polo parou, respirou profunda e prolongadamente e respondeu:

– Respeito os que aderem a alguma religião, mas sou ateu. Para mim, Deus é uma ideia construída pelo cérebro humano, que, por ser apaixonado pela vida, não suporta seu caos na solidão de um túmulo... Portanto, não vou discutir religião aqui.

Mas o líder do Parlamento britânico o confrontou:

– Eu não perguntei se o senhor crê em Deus ou não. Perguntei se o personagem Jesus era saudável, feliz, se contemplava o belo! – insistiu.

Marco Polo respirou lentamente. O clima ficou tenso na reunião da ONU.

– Nunca estudei sua personalidade, mas as religiões cristãs vendem a ideia de que Jesus Cristo era um homem triste, intimista, que carregava o mundo nas

costas, com baixo nível de alegria.

De repente, uma ouvinte ficou de pé e, em sintonia com o político inglês, desafiou Marco Polo:

– Sei que você estuda o processo de formação de pensadores, doutor. Você é muito ousado, mas parece que tem medo de investigar a mente de Jesus sob o ângulo das ciências humanas – comentou aquela psicóloga sem meias palavras.

Todos ficaram espantados com a audácia da mulher.

– Medo, eu? – disse Marco Polo, olhando bem nos olhos dela.

– Sim, medo, o velho cárcere humano! Por que você não aceita o desafio de investigar os amplos aspectos da inteligência de Jesus?

Silêncio geral na plateia. Marco Polo partiu para o ataque:

– A senhora acha correto me pressionar diante desta nobre plateia de líderes mundiais? – falou, aparentemente indignado.

– Sem dúvida que sim! – afirmou ela.

Um burburinho tomou conta do lugar. O Secretário-Geral da ONU se levantou para tentar moderar a situação. Em seguida Marco Polo indagou, mais sério ainda:

– Qual é o seu nome?

– Anna.

Então ele abriu um sorriso e comentou:

– Vou pensar no seu questionamento, Anna. Mas antes quero dizer publicamente que eu te amo...

Ninguém entendeu nada. Após um silêncio cálido, ele explicou:

– Bom, preciso gerir minha mente, pois até minha esposa está me estressando...

Quando ficaram sabendo que Anna era sua mulher, todos sorriram, se levantaram e irromperam em aplausos. Enxergaram neles um casal incrível, espontâneo e inteligente. E nesse clima Marco Polo encerrou sua participação.

Muitos saíram da reunião da ONU transformados; alguns, reflexivos; outros, atordoados. Perceberam que não sabiam dirigir o veículo mental, queriam liderar o mundo, mas não eram líderes de si mesmos. Estavam no rol dos mendigos emocionais, vivendo de migalhas de prazer.

2

TERREMOTOS EMOCIONAIS

Anna, a mulher de Marco Polo, era uma psicóloga brilhante. Sua mãe sempre fora depressiva e, infelizmente, havia tirado a própria vida quando ela ainda era criança. Teve de se reinventar para sobreviver. Seu pai, Dr. Amadeus, era um exemplo clássico do homem que empobreceu à medida que enriqueceu. Era autoritário, insensível, controlador, cobrador.

A doença de sua mãe a estimulou a especializar-se em depressão, o último estágio da dor humana. Marco Polo foi um ponto de virada em sua história, um novo capítulo em sua biografia, que contribuiu muito para que ela se tornasse dócil e resoluta, generosa e determinada. Seu objetivo principal como profissional de saúde mental era instigar seus pacientes a serem autônomos.

Seu pai tentou de todas as formas impedir a relação dos dois. Ter uma filha psicóloga já era complicado para um megaempresário cujo deus era o dinheiro. Agora, ter um genro psiquiatra, amigo dos "esquizofrênicos", era intragável e revelava as próprias loucuras do Dr. Amadeus.

– Minha filha, você tem uma vida de rainha. Viver com esse psiquiatrazinho sem dinheiro e saturado de romantismo intelectual fará com que você, cedo ou tarde, caia na realidade. Certamente engordará as estatísticas dos relacionamentos fracassados.

Marco Polo chegou sem que fosse notado e ouviu a conversa do pai com a filha. Sempre seguro, interveio com convicção:

– Quem ama sem riscos ama sem glórias!

Pego de surpresa, Dr. Amadeus não pediu desculpas. Aliás, desculpas não faziam parte do dicionário de sua vida. Confrontou-o:

– Só que alguns riscos são estúpidos e irracionais... O padrão de vida da minha filha vai despencar e você não vai conseguir supri-lo sem minha ajuda.

– Não precisaremos da sua ajuda – afirmou Anna.

– É o que os filhos rebeldes sempre dizem – rebateu o pai com raiva, afastando-se.

Refém do passado, no início do relacionamento Anna era possessiva, ciumenta, hipersensível, sempre procurando uma atenção desproporcional de Marco Polo. Uma pequena distração que fosse gerava dramáticas cobranças. O médico estimulava sua consciência crítica, pois sabia que ninguém se casa apenas com uma pessoa, mas também com os fantasmas do seu passado e com sua família.

– Uma pessoa emocionalmente mal resolvida tem um amor insaciável, que

sempre procura no outro o que não tem dentro de si, dizia.

Anna se abalava com as palavras do namorado. Procurava digeri-las dia e noite.

– Eu sei, Marco Polo. Não quero que seu amor me liberte. Tenho que aprender a ser livre. Mas o que quero, na verdade, é que seu amor me dê asas para voar mais longe.

– O ciúme é a falta de si mesmo em primeiro lugar, e não do outro. Se você se abandonar, serei incapaz de saciá-la – dizia Marco Polo com frequência.

Anna aos poucos resolveu a difícil equação da possessividade. A partir daí começaram a ter uma relação riquíssima. Por fim, contra todos os esforços de seu pai, casaram-se. Porém a convivência tumultuada com o Dr. Amadeus se abrandou – embora jamais tenha sido solucionada – com o nascimento do único filho do casal, Lucas, um garoto esperto, sociável e bem-humorado.



Com o passar dos anos Marco Polo conquistou fama internacional. Era ousado, tranquilo, um profissional humilde e notável, acima de tudo um pesquisador perspicaz. Era capaz de manter a serenidade mesmo em tempos de crise. Porém todo ser humano tem seus limites. Manter o autocontrole diante da dor dos outros é uma coisa, mas diante da nossa própria dor, sobretudo quando perdemos quem mais amamos, é outra coisa. Havia chegado o seu momento de beijar a lona da fragilidade.

Marco Polo vertia lágrimas inconsoláveis. Estava perdendo sua eterna namorada, Anna.

– Por quê? Por quê? – se perguntava.

Colocava as mãos sobre a cabeça, enxugava as lágrimas de seu rosto e andava de um lado para outro.

– Eu te amo, querida. Não parta tão cedo! – dizia a si mesmo em voz alta. – Vi tantas pessoas devastarem sua personalidade por causa de perdas irreparáveis. Agora estou sendo devastado! Que dor é essa...?

A solidão branda é criativa, a solidão intensa é abortiva. Marco Polo sentou-se na poltrona em que costumava ler as biografias dos grandes personagens da história e escrever seus textos, mas não conseguia pensar. A mesa de mármore travertino polido nunca fora tão fria. À sua frente, vários de seus livros empilhados, alguns deles publicados em diversos países. Naquele momento Marco Polo não era o psiquiatra famoso nem o cientista e escritor arguto, mas um ser humano fragmentado tentando assimilar o próprio caos.

Era comum ter surpresas agradáveis quando se sentava nessa poltrona. Anna, sempre generosa, trazia-lhe uma fruta, um café, um suco ou lhe fazia uma carícia na cabeça.

– Você não me deixa pensar – brincava ele.

Questionadora, ela frequentemente lhe fazia perguntas sobre os textos que elaborava. Marco Polo lembrou-se de seus últimos questionamentos.

– Que pensador você está estudando agora?

– Alguns filósofos existencialistas: Nietzsche, Merleau-Ponty, Sartre.

– Como eles saíram da curva e produziram novas ideias?

Marco Polo falava das suas anotações com entusiasmo. Tinham longas e agradáveis conversas. Estudar o processo de formação de pensadores era extenuante, mas ter Anna ao seu lado era como ter um perfume a inspirar sua mente. Nesse dia ele produziu algumas conclusões que a deixaram muito pensativa:

– Qual é a maioridade civil, Anna?

– Dezesseis ou 18 anos, dependendo da sociedade.

– E qual é a maioridade emocional? – indagou ele.

– Nunca refleti sobre isso.

– Há muitas pessoas de 50 ou 60 anos que ainda são imaturas. Não sabem sequer ser contrariadas nem reconhecer minimamente seus erros. O mundo tem de girar à sua volta, pois têm a idade emocional de 10 ou 12 anos.

– Que idade emocional terá meu pai? – indagou ela pensativa.

– É um garoto no corpo de um homem de meia-idade. – Depois, respirando lentamente, ele brincou com ela: – Não foi fácil cativar você.

– Eu é que conquistei você, mocinho. Ainda bem que você sabe fazer escolhas... – disse ela agarrando sua camisa e o beijando.

Era assim a relação entre Anna e Marco Polo, regada de afeto, serenidade e bom humor. Mas agora ele estava experimentando a solidão árida de um deserto. Anna estava morrendo. Subitamente, seu celular tocou, trazendo-o de volta para a duríssima realidade.

– Marco Polo?

Seu coração disparou. A notícia mais amarga que um ser humano poderia receber estava prestes a ser anunciada.

– Sim!

– Aqui é... Matheus. – Era seu amigo pneumologista.

– Matheus, como Anna está?

Matheus embargou a voz. Não conseguia proferir aquelas palavras, pois era muito amigo de Anna também.

– Eu já sei, amigo... Anna fechou os olhos... para a vida... – antecipou-se o psiquiatra, que há pouco deixara o hospital.

– Ainda não, meu amigo – comentou o pneumologista com a voz embargada.

– Ah, felizmente. Como ela está? – indagou Marco Polo, com os olhos cintilantes pelas lágrimas que brotavam.

– Está inconsciente... em coma induzido. Teve duas paradas cardíacas.

Conseguimos ressuscitá-la, mas... mas... dificilmente suportará uma terceira... Está com falência múltiplas de órgãos...

– Falência múltipla?! – exclamou Marco Polo, inconformado.

Estava vivendo um verdadeiro terremoto emocional.

– Sinto muito, amigo... Você está perdendo sua esposa... E eu e Cláudia, uma grande... amiga – disse o Dr. Matheus, não contendo também suas lágrimas. – Bom, você está mais preparado... para suportar essa perda... Agora é tempo de preparar o Lucas...

Dar a um filho a notícia de que nunca mais ouviria a voz da mãe ou teria seus abraços e beijos é a última coisa que um pai espera fazer. Marco Polo sentou-se novamente na poltrona e refletiu sobre isso. A saudade retirava o oxigênio da sua emoção.

Lucas estava em Miami, passando férias na casa do avô. Logo que o filho partiu, Anna começou a manifestar os sintomas de uma doença pulmonar autoimune rara e de evolução rápida, pegando todos os médicos de surpresa, inclusive Marco Polo. Esperava diariamente que ela se recuperasse, por isso não contara a gravidade da doença para Lucas. Mas Anna piorava cada vez mais.

Quando Marco Polo pegou o celular para lhe dar a triste notícia, outro terremoto emocional abalou ainda mais seus alicerces. Ele recebeu a ligação de um policial americano.

– *Mister* Marco Polo?

– Pois não.

– Aqui é da polícia de Miami, 25º distrito.

Marco Polo gelou por dentro.

– Aconteceu alguma coisa com meu filho Lucas?

– Infelizmente sim!

– Um acidente? – indagou quase sem voz.

– Não.

Marco Polo respirou um pouco mais aliviado. O chefe do distrito continuou:

– Porte de drogas!

– Porte de drogas? Um menino de 16 anos está portando drogas? Mas ele nunca usou drogas!

De fato, Lucas nunca usou drogas. Até 15 dias antes.

– Os pais são sempre os últimos a saber.

– Que drogas?

– Cinco gramas de cocaína.

– Cocaína? Mas ele nem sequer tem dinheiro para comprar isso!

– E cometeu outra infração. Estava dirigindo sem licença.

– Como é possível? Não tem carro à disposição dele, que está passando férias na casa do...

Mas em seguida Marco Polo caiu em si e sussurrou abalado:

– Doutor Amadeus...

– O quê? – indagou o chefe do distrito policial.

– Pensei alto. Posso falar com meu filho?

– Sim – respondeu o policial e passou o telefone a Lucas.

– Filho...? Lucas...?

Mas Lucas só chorava.

– Filho, fale comigo.

– Me desculpe, papai... Me desculpe... – disse o garoto aos prantos.

– Sempre estimulei você a valorizar a vida, filho... Cocaína cria uma gravíssima dependência psicológica. Gera um cárcere emocional terrível.

– Eu sei, papai. Foram só algumas experiências... Sou o pior filho do mundo...

Marco Polo não sabia qual dor era maior, a perda da esposa ou a perda do filho.

– Não diga isso, meu filho. Eu te amo. Quando você começou a usar? Seja honesto, por favor!

– Foi aqui em Miami. Experimentei no segundo dia depois que cheguei. Alguns amigos que conheci aqui...

– Não são amigos, meu filho.

Lucas continuava muito abalado, chorava.

– Acalme-se, filho... Existem dores piores que essa...

– Piores, papai? Como? O vovô está furioso. Disse que sou um merda, que envergonho a família, que não vou ser nada na vida!

– Não, não, meu filho... você é um garoto maravilhoso. Vamos transformar esse erro num grande acerto. Deixe-me falar com seu avô.

O Dr. Amadeus pegou o telefone falando de maneira ríspida:

– Que educação você deu para seu filho? Você não é um psiquiatra famoso?

– Sou um ser humano sujeito a erros. Não diminua seu neto, doutor Amadeus. Ele precisa de você neste momento difícil.

– Tenho que limpar a sujeira dele. E você ainda vem me dar lição de moral? – disse o sogro, sem qualquer compaixão.

Nem sequer perguntou sobre o estado de saúde da filha, mesmo sabendo que ela estava na UTI.

Marco Polo, profundamente ferido, elevou o tom de voz:

– Você deu dinheiro sem controle ao Lucas e deixou um carro à disposição dele sem que ele tivesse licença para dirigir?

– Está me chamando de irresponsável? Você fracassa como educador e ainda me culpa, seu... seu...

– Nem perguntou sobre sua filha. Não consegue ser generoso nem quando Anna... está perdendo a vida...

Quando Marco Polo falou do estado de Anna, o Dr. Amadeus caiu em si e silenciou pela primeira vez. Tremendo, disse:

– Anna está...?

Lucas ouviu as palavras do avô e entrou em pânico.

– O que foi, vovô?

– Infelizmente Anna teve duas paradas cardíacas... – informou Marco Polo. – Está respirando com a ajuda de aparelhos... Eu estava prestes a ligar para vocês.

– Minha filha está morrendo... – disse o Dr. Amadeus, que nesse momento ficou mudo e deixou o telefone cair.

Desesperado, o menino pegou o aparelho e falou com o pai:

– Pai... papai... a mamãe está morrendo?

– Ah, meu filho, ela ainda está viva...

– A doença dela é séria?

– Infelizmente é. Ela respira com a ajuda de aparelhos.

– Não! Não! Mamãe não pode morrer! – disse Lucas, aos prantos.

– Mas vamos ter esperança... É melhor ficarmos juntos. Volte para casa.

Lucas desligou o telefone, desesperado. Eles foram liberados do distrito policial devido à urgência médica de sua mãe. O garoto teria de apresentar-se a um tribunal e passar por uma correção educativa em sua cidade. Seu avô deveria comparecer posteriormente para mais esclarecimentos. Apesar de detestar hospitais, o Dr. Amadeus não podia se recusar a visitar a filha num momento tão delicado.

3

PERDAS IRREPARÁVEIS

Pegaram o primeiro voo para Los Angeles. A quarta esposa do Dr. Amadeus os acompanhava. Quando chegaram ao hospital, Marco Polo avistou o filho de longe. Correram um ao encontro do outro. Choraram juntos. Foi um momento emocionante que comoveu a todos os que estavam por perto. Em seguida estendeu as mãos para Dr. Amadeus, que o cumprimentou formalmente.

– Como está a mamãe?

– Estou aguardando as últimas notícias.

Surgiu o Dr. Matheus, vindo da UTI. Combalido, aproximou-se do menino com os olhos úmidos. Esfregou as mãos na cabeça.

– Olá, Lucas! – E deixou escapar uma lágrima.

– Mamãe morreu?

– Sinto muito. – O pneumologista respirou fundo e meneou a cabeça, confirmando. Depois pediu algo impossível para um filho que acabou de perder um dos pais: – Seja forte.

– Você tem todo o direito de chorar, filho. Chore sem medo – disse Marco Polo, devastado.

– Não! Não! Eu quero a minha mãe...!

O pai de Anna, Dr. Amadeus, retirou-se trêmulo. Foi para um hotel e se entupiu de tranquilizantes, como sempre fazia quando enfrentava algum problema. Interiorizar-se e pensar na vida dava-lhe pavor. Marco Polo levou o filho para ver o corpo. Ele abraçou a mãe.

– Mamãe... Mamãe, por que você se foi? – balbuciava Lucas repetidamente, beijando-a.

No dia seguinte, aconteceu o velório. Era um dia ensolarado, mas profundamente triste. E não apenas Lucas chorava. Mais de duzentas crianças e adolescentes que viviam nos quase vinte orfanatos de que Anna cuidava choravam a sua morte.

Cada grupo de meninos e meninas abandonados trazia um cartaz. Um dizia: "Você foi embora, mamãe, mas viverá para sempre dentro de nós! – Orfanato Saint Claire." Outro dizia: "Nossos pais nos abandonaram, mas seu coração nos acolheu, Anna. Você é inesquecível! – Orfanato Los Angeles." Outro ainda: "Obrigado por ter dado o melhor que você tinha para os que pouco tinham. Te amamos. Orfanato Hijos de María – San Diego."

Marco Polo era abraçado não apenas por Lucas, mas por todos seus "filhos adotivos". Foi o velório mais emocionante que aquele cemitério já havia

presenciado. Apesar do cenário marcadamente triste, Marco Polo homenageou a esposa:

– Anna foi minha eterna namorada. Viver ao seu lado foi um privilégio. Era gentil, generosa, paciente e tolerante. Soube suportar os capítulos mais importantes de sua vida nos momentos mais desesperadores de sua história.

Lucas também falou:

– Mamãe morreu tão cedo... Mas ela viverá para sempre dentro de mim. Ela me amou, acolheu, foi paciente, foi... foi... – E não conseguiu mais proferir suas palavras.

Em seguida o religioso teceu as suas:

– Anna é como uma daquelas raras flores que nascem no jardim da humanidade e prematuramente são colhidas. Ela procurava a assinatura do Autor da Vida nas entrelinhas da existência. Era um ser humano e uma profissional notável. Há alguns dias ela nos deixou uma mensagem por escrito, para ser lida caso partisse:

Por mais longa que seja, a vida extingue-se rapidamente no parêntese do tempo. Deslumbrar-se com ela é a maior responsabilidade de todo mortal. Lucas e Marco Polo, meus queridos, vou amá-los para sempre, mesmo que meus olhos estejam fechados. A todos os meus filhos adotivos dos orfanatos e meus queridos amigos e amigas, não chorem por mim... Se mereço ser honrada por todos vocês, honrem-me sendo mais felizes, honrem-me deslumbrando-se com a existência, pois a vida é um grande teatro, e a morte é apenas um ato. Continuarei encenando meu texto na eternidade.

Beatrice, Julia e Hillary choravam sem parar. Ao ouvirem essas palavras, bateram longas palmas em homenagem à sabedoria da amiga Anna. Todos os presentes as acompanharam. Honraram Anna com o cálice da alegria.

Durante a saída do velório, o Dr. Amadeus se aproximou de Marco Polo. Parecia que finalmente aquele homem idoso quebraria sua máscara e se curvaria em generosidade. Ledo engano. Olhando para as crianças dos orfanatos, ele disse com arrogância:

– Você e minha filha fizeram coisas interessantes. Mas não se esqueça, doutor Marco Polo: se a vida é um teatro, você abreviou a peça da existência da minha filha. Você não colocou Anna nas mãos dos melhores médicos! Investigarei sua conduta!

Depois beijou o neto na testa e saiu sem dizer mais nada. O multimilionário partiu para seu cárcere, um enorme palacete em Miami, rodeado de pessoas pagas para falar todos os dias que ele era um grande homem... Sociopatas financeiros não têm amigos, mas bajuladores...

✦

Um ano depois

Marco Polo era professor na faculdade de medicina e de psicologia. Apesar de ser um intelectual aplaudido, não escondia suas falhas debaixo do tapete da intelectualidade. Certa vez estava na sala dos professores do departamento de psicologia com o Dr. Robert, um renomado psicólogo, professor na mesma instituição.

– Como está Lucas? – perguntou o amigo.

– Continua usando drogas – disse Marco Polo levando as mãos à cabeça.

– Sinto muito...

– Me angustia ouvir a variação da famosa frase "Médico, cura a ti mesmo!" para "Psiquiatra, cura teu próprio filho!".

– Ele é resistente ao tratamento?

– Lucas já passou por cinco psicólogos e três psiquiatras. Mas sempre acaba desistindo. Tento ajudá-lo, mas é difícil. Ele é um cofre, não se abre. Precisa se reinventar, mas sua motivação é insustentável. Quando entra nas janelas traumáticas, fecha o circuito da memória, prefere se punir, sente-se impotente, esquece de tudo...

O Dr. Robert procurou levar esperança para Marco Polo, alguém que ele admirava e que o ajudou em sua formação. Todavia, era difícil ajudar o próprio mestre.

– Você é um excelente psiquiatra, treinou muitos de nós. Tenho certeza que de alguma forma vai conseguir ajudá-lo a dar a volta por cima.

– Sonho dia e noite com isso. Mas tenho medo de perdê-lo! – Depois respirou profundamente e comentou: – É difícil aceitar o fato de que ajudei inúmeros pacientes, treinei psiquiatras e psicólogos, mas falhei na hora de cuidar de quem estava em meus braços...

O Dr. Robert disse:

– Você desenvolveu uma teoria sobre o funcionamento da mente, sabe melhor do que ninguém que não temos controle sobre o processo de formação da personalidade. Psiquiatras, psicólogos, líderes, celebridades também formam filhos doentes... Não se culpe, Marco Polo. Você sempre foi um pai presente e amoroso.

– Pais presentes também falham. Não falhei em dar amor nem em apoiar meu filho. Mas fracassei em oferecer ferramentas para ajudá-lo a ser autor da própria história.

– Todos nós falhamos nesse quesito – lamentou o Dr. Robert.

– Infelizmente só desenvolvi essas ferramentas quando ele já era adolescente... Meu filho não sabe gerenciar sua ansiedade nem proteger sua mente.

– E quem sabe, Marco Polo? Quantos psiquiatras e psicólogos sabem proteger

a própria emoção? São ótimos para os outros, mas se esquecem de si mesmos. Meus filhos também cresceram com dificuldades. Laura é consumista e Pedro é agitadíssimo...

– Ensinamos valores como ética e honestidade, e achamos estupidamente que isso é suficiente. Atiramos nossos filhos na cova dos leões, nesta sociedade estressante, sem habilidades para sobreviver. A humanidade tornou-se uma fábrica de loucuras e nós somos seus construtores...

De repente seu celular tocou. Era alguém informando o paradeiro de Lucas. Marco Polo havia contratado um detetive para saber onde e com quem o filho comprava drogas.

– Como? Onde o Lucas está?

Marco Polo saiu apressado, sem nem conseguir se despedir do amigo. Pegou o carro e, dirigindo com rapidez, foi até uma região perigosa, onde imperava uma rede de tráfico. Não sabia que seu filho conhecia traficantes perigosos. Havia falado com o chefe de polícia da região durante o trajeto.

– Sei onde meu filho está!

Chegando lá, entrou numa casa mal iluminada. Havia prostitutas no local. Várias pessoas estavam usando drogas, algumas deitadas no chão, dopadas. De repente, chegou a uma sala onde alguns traficantes discutiam seus negócios. Eles ficaram tensos com a presença do intruso. Marco Polo fechou rapidamente a porta e continuou a procurar o filho.

Subitamente, a imagem que um pai jamais imaginaria presenciar: Lucas estava estendido no chão com crise convulsivas. Seus olhos estavam virados, a boca espumava e seus membros tinham espasmos. Ele estava sofrendo uma overdose.

– Filho! Filho! – gritou desesperado.

Subitamente, Lucas teve uma parada cardiorrespiratória. Estava morrendo...

– Lucas, meu filho, não morra! – disse Marco Polo chorando.

Deu um soco no peito de Lucas para tentar ressuscitar seu coração, mas ele não voltou. Começou a massagear seu tórax com força e em seguida fez respiração boca a boca. Havia perdido a esposa de forma trágica, agora estava perdendo o filho de forma calamitosa.

Nesse ínterim, a polícia chegou ao local e começou a caçar os traficantes. Marco Polo continuava suas manobras. Felizmente o coração de Lucas voltou a bater. O garoto tossiu. Marco Polo o abraçou forte e mais uma vez derramou lágrimas.

– Pai... o que aconteceu...? – disse Lucas em voz baixa.

– Você voltou, meu filho... Você voltou... – disse, tentando enxugar as lágrimas enquanto segurava a cabeça de Lucas junto a seu peito.

Levantou-o lentamente e, com o apoio de um policial, começou a levá-lo para o carro. Os traficantes passaram por eles algemados, uivando de raiva.

Foram apreendidos dez quilos de cocaína e milhares de pedras de crack. O chefe do tráfico, fitando Marco Polo, sentenciou:

– Nenhum lugar deste planeta é longe demais para eu encontrar você.

O psiquiatra continuava apoiando Lucas. Ficou temeroso, mas o chefe de polícia, que era seu amigo, lhe disse:

– Não se preocupe, doutor. Eles sempre dizem isso.

Em seguida, os traficantes foram empurrados pelos policiais para os carros. Lucas foi internado num hospital geral. Uma vez restabelecido, pediu para o pai:

– Eu quero ser internado numa clínica especializada!

– Você já foi, meu filho. Não adianta apenas se isolar. Você tem de querer se tratar, tem de desejar mapear os fantasmas que o assombram!

– Não tenho controle, pai. Desta vez eu quero, eu preciso.

E assim, pela segunda vez, ele foi internado. Passaria três meses longe de tudo e de todos, mas não dos vampiros emocionais que estavam nos porões de sua mente. Precisaria deixar a luz da razão penetrar nos solos inóspitos de sua psique para poder biografar sua história – e não ser biografado por seus traumas.

4

HUMANIDADE EM CHAMAS

Explosões ensurdecedoras convidavam ao pânico. Enlouquecidos, homens gritavam como animais empunhando baionetas contra inimigos criados nos gabinetes dos governantes. Era a Primeira Guerra Mundial. De repente a imagem mudou. Trens carregados de crianças, mulheres e outros inocentes paravam na estação mais fúnebre da humanidade, na Polônia. Gemidos inexprimíveis. Em seguida o cálice da morte se formou em Hiroshima. O Japão ardia em dor. Medo inimaginável!

Rajadas de metralhadoras serrilhavam a floresta no Vietnã. Homens tornavam-se predadores de si mesmos. Subitamente seres espantados olhavam para o alto. As torres gêmeas desabavam! A realidade nua era mais cruel que a ficção. Ataques terroristas se multiplicavam, o vírus da corrupção infectava as nações, fluxos de imigrantes, intolerância às frustrações, culto às celebridades... A humanidade estava em chamas.

De repente, a comissária de bordo chamou o passageiro:

– Senhor, senhor... acorde!

– O quê? – disse Marco Polo, assustado. Estava tendo um pesadelo.

– Por favor, trave sua mesa e retorne o encosto da poltrona à posição inicial. Vamos pousar em Jerusalém – solicitou a comissária.

– Ah, sim!

Desde que impactara os políticos na conferência da ONU sobre causas e soluções para a violência, Marco Polo tornara-se consultor da organização. Fora convidado para dar uma conferência no mais importante congresso internacional para a preservação dos recursos naturais do planeta, promovido pela entidade. O tema era "Aquecimento Global – O futuro da Terra". As principais cabeças pensantes das nações estavam reunidas: juristas, ambientalistas, executivos, líderes políticos, sociólogos, psicólogos, educadores. Mas Marco Polo falaria dos recursos naturais de outro planeta: o *planeta emoção*.

Os últimos anos tinham sido os mais quentes já registrados pelo homem, e as respostas dos países ao aquecimento global eram tímidas. "Estamos preparando as mais dramáticas armadilhas para nossos filhos. Não sabemos os segredos das tamareiras. Quem as planta não colhe seus frutos, mas o faz para as próximas gerações. Somos uma espécie irresponsável", pensava Marco Polo.

Na entrada do salão nobre do congresso, um ecologista francês comentou para um colega alemão:

– É estranho. Estou folheando os temas das conferências e há um

pesquisador, doutor Marco Polo, que falará sobre "A sustentabilidade do planeta emoção". Nunca ouvi falar desse tema.

– Eu também não. Não entendo qual a relação disso com aquecimento global.

Havia várias palestras acontecendo simultaneamente, mas, no salão nobre, chegara o momento da conferência magna do dia. Logo após ser apresentado, Marco Polo pegou o microfone e, sem meias palavras, abalou de imediato a plateia com mais de 500 participantes:

– Antes de a Terra falir, falirá primeiro a emoção do *Homo sapiens*. Não adianta falar da preservação dos recursos naturais deste planeta azul sem falarmos primeiramente da preservação dos recursos do planeta emoção. Pesquisas demonstram que uma em cada duas pessoas desenvolverá um transtorno psíquico: ansiedade, depressão, síndrome do pânico, doenças psicossomáticas. São mais de três bilhões de seres humanos. A cada 40 segundos, uma pessoa tira a própria vida. Cerca de 70 milhões de pessoas são portadoras de transtornos alimentares, como bulimia e anorexia. Apenas 3% das mulheres se veem belas, o que demonstra um assassinato coletivo da autoestima. Eis a falência da emoção.

As pessoas olhavam umas para as outras preocupadas. Muitas ficaram reflexivas. Depois disso, o Dr. Marco Polo falou de forma crua e transparente:

– Estamos na era do desperdício emocional. Desligamos nossos aparelhos, mas não a nossa mente. Freud comentou que os traumas na primeira infância determinariam o adoecimento psíquico do adulto, mas podemos adoecer em qualquer época se o índice GEEI for alto.

Quando Marco Polo falou sobre o índice GEEI, psicólogos, sociólogos e pedagogos ficaram saturados de dúvidas. Nunca tinham ouvido falar desse índice.

Logo uma socióloga, a Dra. Michelle, professora de uma universidade de Paris, que estava sentada na segunda fileira, se levantou e o interrompeu:

– Desconheço o que é esse índice GEEI, doutor Marco Polo.

Ele esperava por essa pergunta. Deu um leve sorriso e dissertou:

– O índice GEEI significa "Gasto de Energia Emocional Inútil". Não adoecemos apenas por traumas ou déficit de neurotransmissores, mas também por um gasto irresponsável de energia emocional.

– Mas quais comportamentos compõem esse índice? – questionou um ambientalista canadense.

– Se eu lhe contasse, o aquecimento global do seu planeta cérebro iria às alturas! – brincou. Todos sorriram. Em seguida solicitou: – Relaxem pernas e braços e, por favor, sorriam, pois o caso é de chorar.

Todos sorriram mais uma vez diante do bem-humorado professor. Mas o que ele estava falando era sério.

– O primeiro comportamento que esgota os recursos naturais do planeta

emoção: ser um agiota da emoção.

Ninguém entendeu o que ele queria dizer. Marco Polo continuou:

– O agiota financeiro empresta a juros altos e, às vezes, impagáveis. Do mesmo modo, o agiota da emoção se doa para quem ama, mas cobra juros emocionais exorbitantes. São os pais que não suportam a mínima contrariedade dos filhos, professores intolerantes, incapazes de abraçar os alunos rebeldes, parceiros especialistas em criar atritos, executivos incapazes de dar risadas da própria estupidez. Sejamos honestos: quem é um agiota da emoção no seu íntimo?

Muitos na plateia levantaram as mãos.

– Estou começando a entender que esgoto meu cérebro e o dos outros com facilidade – comentou um jurista para outro.

Em seguida Marco Polo mostrou imagens que abalaram a plateia. Executivos batendo na mesa, cobrando de seus funcionários como se fossem servos. Um dizia: "Seus incompetentes!" Outro bradava: "Caiam fora, estão despedidos!" Pais rasgando a prova do filho: "Você é uma aberração, menino! Na sua época eu tirava nota máxima!"

– E há outros tipos atrozes de cobradores, aqueles que cobram demais de si mesmos – continuou. – São os autoagiotas da emoção. Quem cobra demais de si e dos outros está apto para trabalhar numa financeira, mas não para ter uma bela história de amor com a própria saúde emocional.

Todos sorriram, embora o caso fosse de chorar. Marco Polo seguiu:

– Ruminar perdas e frustrações e sofrer por antecipação são outros comportamentos que destroem o planeta emoção e infectam o presente: o único tempo em que é possível ser feliz, realizado e relaxado.

Um dos presentes, um advogado judeu ativista dos direitos humanos, o Dr. Moisés, levantou as mãos e brincou:

– Professor, onde me interno? Meu índice GEEI é altíssimo! – A plateia riu e aplaudiu seu bom humor. Então ele ficou sério e concluiu: – Muitos de nós somos ótimos para a sociedade, mas, ao mesmo tempo, carrascos de nós mesmos. Como vamos cuidar do planeta Terra se somos irresponsáveis com o planeta emoção?

– Você entendeu minha tese! – afirmou Marco Polo. Em seguida mostrou closes de pessoas nos mais diversos escalões suando, colocando as mãos na cabeça, desesperadas, ofegantes. Era possível imaginar seu coração batendo num ritmo alucinante. – São os escravos da era moderna. Algemados na própria emoção!

Um psiquiatra chinês, o Dr. Ma Tao, ficou tão impactado com a exposição que perguntou:

– Fadiga ao acordar, dores de cabeça, queda de cabelo, dificuldade de conviver com pessoas lentas podem ser considerados sintomas de que os recursos

do planeta emoção estão esgotados?

– São mais do que sintomas, são gritos de alerta do cérebro. Mas somos surdos – confirmou o Dr. Marco Polo. – Inclusive, senhores, o déficit de memória corriqueiro, de que sofrem quase todos nas sociedades modernas, é uma súplica cerebral para mudar o rumo da vida. Sonho que o índice GEEI diminua e se transforme num índice GEEU, Gasto de Energia Emocional Útil, inclusive para dar respostas corajosas para mitigar o aquecimento global.

Os aplausos da plateia ecoaram. O Dr. Marco Polo continuou:

– A humanidade está em chamas. Sem gestão da emoção, ricos se tornam miseráveis, casais começam seus romances no céu do afeto e os terminam no inferno dos atritos, jovens asfixiam sua criatividade, profissionais sabotam suas habilidades. Sem gestão da emoção, o céu e o inferno psíquico convivem na mesma mente...

O Dr. Marco Polo estava lançando o primeiro programa mundial de gestão da emoção. Sonhava em contribuir para o futuro da humanidade.

– Um dos comportamentos mais violentos de antigestão e que mais esgotam o planeta emoção é a necessidade neurótica de mudar os outros. *Ninguém muda ninguém; temos o poder de piorar os outros, não de mudá-los*. Quem já tentou mudar alguma pessoa teimosa?

Quase todos levantaram a mão.

– Sinto muito, mas vocês a pioraram. – Muitos caíram na gargalhada, mas deviam estar preocupados. O psiquiatra completou: – Só a própria pessoa pode se reciclar. Existe um fenômeno que arquiva todas as experiências no córtex cerebral sem a autorização consciente do Eu.

E projetou na tela uma representação do fenômeno RAM (registro automático da memória) atuando num imenso cérebro. Uma rejeição, alguma ofensa, um tom de voz elevado, uma crítica, algum pensamento perturbador: tudo era registrado em frações de segundo, formando arquivos que mudavam a paisagem da memória. Ele usou a metáfora de uma cidade para ilustrar a explicação. Era como se as praças deixassem de ser arborizadas e iluminadas, os bairros fossem perdendo seu brilho, as ruas se enchessem de buracos.

– Cuidado, senhoras e senhores, as técnicas que usamos para tentar mudar os outros geram janelas traumáticas que cristalizam neles tudo aquilo que mais detestamos: elevar o tom de voz, criticá-los excessivamente, passar sermões, comparar e pressionar!.

Marco Polo fez muitos outros comentários importantes e complexos. Discorreu sobre a natureza dos pensamentos, o gerenciamento do estresse, autonomia, reedição da memória... Tudo parecia transcorrer de forma brilhante em sua conferência.

Quando ele já se aproximava do fim, uma inesperada tempestade emocional começou. George, um filósofo existencialista, especialista em Sartre, pediu a

palavra:

– Eu sempre ensinei que o ser humano está condenado a ser livre, mas, segundo sua explanação, doutor Marco Polo, sem gestão da emoção podemos ser escravos vivendo em sociedades democráticas.

– Correto, professor!

– A minha questão é a seguinte: seu programa não é utópico demais para ser colocado em prática numa sociedade digital e lógica?

– Se não fizermos isso, vamos nos tornar uma espécie inviável!

– Mas você conhece intelectuais que brilharam na história como gestores de sua emoção? Pensadores, artistas, líderes, religiosos?

– Estudo o processo de formação de pensadores, mas desconheço homens que tenham sido modelos em gestão da emoção – comentou Marco Polo.

– Nenhum? – insistiu o filósofo.

Marco Polo começou a dar exemplos surpreendentes:

– Freud baniu da família psicanalítica os que contrariaram suas ideias. Einstein tinha traços depressivos e, além disso, internou um dos filhos em um manicômio e nunca mais o visitou. Gandhi foi um pacifista, mas não pacificou os fantasmas de um de seus filhos, que era alcoólatra. Franz Kafka era pessimista. Schopenhauer era de uma perspicácia tremenda, mas chafurdava na lama da angústia. Kant encastelou-se em sua pequena cidade. Sócrates foi um mestre na arte de questionar, mas não questionou outras alternativas à cicuta, mesmo diante das súplicas de Platão e de outros discípulos. Enfim, respondendo à sua pergunta, desconheço homens inteligentes que tenham sido peritos em gerir sua emoção nos focos de tensão.

– E o senhor? Como autor desse programa de gestão emocional, não é um perito na área? – indagou um psiquiatra japonês.

A plateia ficou emudecida. Marco Polo saiu do anfiteatro e viajou em sua mente, fazendo um breve resgate de sua história. Anna estava ofegante. Ele, desesperado. Segundos depois ela não estava mais em seu leito. Marco Polo chorava aos pés de sua cama. "Anna, minha querida, por que me deixou? Fui tudo tão rápido!" Em seguida a paisagem mental mudou novamente. Pensou em seu filho. Lucas estava dizendo: "Por que está tão preocupado comigo? O grande Marco Polo está com medo?" "Sim, meu filho. Sou um pequeno pai que tem medo de perder você!", respondeu.

De repente ele voltou para a plateia, que estava esperando uma resposta. Todos queriam saber se ele era ou não um modelo de gestão da emoção. Marco Polo confessou com lágrimas nos olhos:

– Sofro por antecipação, tenho medo de perder alguém que amo. Rumino também o passado, resgato a perda de quem amei e me angustio. Sou um aprendiz na gestão da emoção, um ser humano em construção.

– Que honestidade é essa? – falaram uns para os outros sobre a transparência

de Marco Polo.

– Se esse sujeito, com essa inteligência, é um ser humano em construção, então eu sou um embrião – falou um amigo para outro na primeira fileira.

Depois do momento cálido de reflexão, quando a tempestade emocional parecia ter deixado o ambiente, ela voltou com mais força.

– E Jesus Cristo? – indagou uma socióloga americana.

– De novo? – falou baixinho Marco Polo, para só ele ouvir.

Lembrou-se de sua esposa Anna, que publicamente o incitara a responder uma pergunta similar. Agora questionavam outra área psíquica do mesmo personagem. E de novo ele declarou:

– Desculpe-me, mas sou ateu. Não discuto religião em minhas conferências – falou, mas não evitou outro questionamento.

– Mas quem disse que estou discutindo religião? Estou me referindo ao homem Jesus Cristo, a figura histórica. Estou indagando se ele foi ou não um perito em gestão da emoção.

Marco Polo respirou fundo e perguntou o nome da socióloga.

– Anna.

– Anna? Que incrível!

– Sim, Anna. Por quê?

Ele ficou com os olhos úmidos e disse:

– Desculpe-me... Lembrei de uma pessoa muito querida... Já fui desafiado a estudar a mente de Jesus, mas só analiso biografias confiáveis. Sempre considerei as suas biografias, ou evangelhos, uma tentativa de um grupo de galileus de produzir um herói para se livrarem do jugo de Tibério César, o tirânico imperador romano...

Houve um alvoroço na plateia. De repente caiu um raio no meio da tempestade emocional.

– Doutor Marco Polo, sua tese sobre o índice GEEI e a gestão da emoção são inteligentíssimas, mas o senhor não acha que esse comportamento expande esse índice? – questionou a Dra. Sofia.

Silêncio geral na plateia. O psiquiatra ficou sério por alguns instantes, mas depois abriu um largo sorriso. Todos deram risadas com ele. Depois de uma breve tossida, ele disse:

– Acho que sou um bom mestre, pois permito que até minha assistente, a Dra. Sofia, me coloque contra a parede!

Ele foi aplaudido. E em seguida falou com transparência:

– O preconceito sem dúvida é uma forma tola de desperdiçar energia emocional tanto da pessoa excluída quanto do agente da exclusão. O preconceito nutre os vampiros que estão nos porões da nossa emoção. Um dia terei de analisar o personagem Jesus sob o ângulo das ciências humanas... Alguém mais quer me estressar? – brincou. Em seguida encerrou a conferência: – Muito

obrigado por me ouvirem...

E assim, o instigante pensador terminou sua fala sobre “A sustentabilidade do planeta emoção”. Foi aplaudido de pé prolongadamente. Em seguida várias pessoas o rodearam para cumprimentá-lo e pedir que autografasse seus livros. Aquela cidade era mágica e costumava produzir impactos mentais imprevisíveis em seus visitantes. Jerusalém abalaria os alicerces de Marco Polo.

5

O MURO DAS LAMENTAÇÕES

Após a conferência, Marco Polo e Sofia, sua assistente, foram para o hotel descansar. Como o hotel ficava a 1,5 quilômetro do local do evento, preferiram fazer o percurso a pé. Queriam desfrutar da beleza da cidade. Pessoas de mais de cem nações visitavam Jerusalém todos os anos.

Marco Polo não apenas amava produzir conhecimento sobre a mente humana como também tinha um hobby: a fotografia. Com sua sensibilidade lapidada, gostava de capturar a expressão facial das pessoas, suas alegrias e tristezas, seus sucessos e dramas.

De repente, um sujeito apontou uma arma para Marco Polo, que estava distraído.

– Cuidado, Marco Polo! – gritou Sofia.

Quando o homem ia atirar, foi rapidamente contido por seguranças disfarçados. Derrubaram-no, renderam-no e o algemaram.

– O que foi?

– Aquele homem estava apontando uma arma para você! – disse Sofia em estado de pânico.

– Para mim? Como?

– Não sei. Ele estava no meio da multidão, a 10 metros, eu vi. A arma estava apontada em sua direção. Vamos embora!

– Acalme-se, Sofia. Seria um terrorista? Um sociopata? Não tenho inimigos!

Naquele exato momento o sujeito que antes empunhava a arma fitou Marco Polo, que percebeu.

– Vamos para o hotel? – insistiu Sofia.

– Espere. Acalme-se. Esse homem deve ter me confundido com alguém. Lembre-se do índice GEEI. Não vamos sofrer por antecipação. O criminoso já foi preso. Não vamos deixar que ele roube nossa saúde emocional – disse com segurança.

Ela ficou surpresa com a resiliência de Marco Polo; minutos depois, relaxou. Observava seu chefe fotografando as pessoas e ficava intrigada. Ele deveria fotografar monumentos.

– Fico admirada de ver você, uma pessoa tão famosa, dar tanta atenção às pessoas simples, anônimas.

– O segredo da felicidade é fazer muito do pouco. Cada ser humano é uma obra de arte mais bela do que a *Mona Lisa* de Da Vinci e mais complexa do que a *Guernica* de Picasso. E aqui também me refiro aos portadores de doenças

mentais. Só não enxerga quem não tem...

Antes que completasse a frase, ela o fez por ele:

– ... olhos para ver. Por isso você disse em uma de suas aulas que "o culto às celebridades" é um sintoma de uma humanidade doente.

– Exatamente. Mesmo um paciente em surto psicótico é tão ou mais denso do que o melhor ator de Hollywood. Aquele vive um filme de terror, enquanto este veste o personagem!

Em seguida ele se surpreendeu com a assistente quando ela completou:

– A aversão aos que sofrem mentalmente e os aplausos aos que frequentam as colunas sociais são típicos de uma sociedade doente.

– Parabéns, Sofia.

Pouco tempo depois, estavam diante do famosíssimo Muro das Lamentações. Marco Polo passou a fotografar as pessoas orando, chorando, fazendo súplicas em favor de seus conflitos. O psiquiatra ficou pensativo, lembrando-se das próprias lágrimas. Resgatou a imagem de Anna, sua esposa, e de Lucas, seu filho. Reviveu um momento muito feliz. Os três corriam por entre as árvores tentando pegar um ao outro como se a vida fosse uma eterna brincadeira. De repente a imagem desapareceu e Marco Polo ficou levemente ofegante.

Sofia, vendo-o pensativo, comentou:

– Desculpe-me se o coloquei em xeque durante o debate, professor. Não quis ser indelicada.

Sofia tinha 31 anos e Marco Polo, 47.

– Aprendo mais com quem me desafia do que com quem me aplaude.

– Sempre fui muito tímida, nem sei como falei aquilo.

– Os tímidos sempre estão em débito com a espontaneidade. Têm um índice GEEI alto, pois se preocupam muito com a opinião dos outros. Se silenciar suas ideias, Sofia, terá uma dívida impagável consigo mesma.

Sofia ficou surpresa com essas palavras.

– Já que você me instiga a não me calar, o que o fez mudar o semblante enquanto fotografava?

– Não sei definir... Fotografei alguns personagens estranhos que me fizeram viajar no tempo.

– A viagem foi agradável?

– Sim, mas o retorno foi cruel...

O Muro das Lamentações era uma espécie de museu a céu aberto, o remanescente da estrutura que dava sustentação para o edifício principal, um local onde fora construído o Templo de Jerusalém. Reis, presidentes, empresários, celebridades, pessoas de todos os povos e culturas passavam por ele, retiravam sua maquiagem social, lamentavam suas perdas e faziam seus pedidos. Ao tocar suas imensas pedras, os seres humanos despiam-se do manto de deuses e vestiam o manto da sua fragilidade e mortalidade...

Segredavam palavras inaudíveis, escreviam desejos nunca antes expressos e os incrustavam nas frestas da muralha. Marco Polo, pela avalanche de estímulos estressantes por que passara, deveria estar apoiado no Muro das Lamentações, mas não se curvaria ao "sobre-humano". Ao ver o comportamento de asiáticos, americanos, europeus, africanos, latinos, comentou em voz alta para si mesmo:

– Não entendo por que essas pessoas gastam tanto tempo lamentando suas mazelas e fazendo pedidos. Será que não há coisas mais inteligentes e eficientes para resolver seus conflitos?

Imediatamente Sofia olhou fixo para ele, que deu um leve sorriso e esclareceu:

– É preconceito meu, concordo. Mas é que não consigo aceitar esse tipo de comportamento.

A Dra. Sofia era psiquiatra, filha de médicos, pai católico e mãe protestante, ambos oncologistas. Cria em Deus, embora não fosse religiosa. Ao ouvir o questionamento de Marco Polo, ela lhe respondeu:

– Muitas dessas pessoas que choram no Muro das Lamentações já choraram diante de oncologistas, ortopedistas, psiquiatras, enfim... Já procuraram a ciência para resolver seus graves problemas.

Marco Polo engoliu em seco as palavras de sua assistente.

– É provável... – confirmou. – O socialismo não exterminou a religiosidade, a teoria da evolução não a asfixiou, a era digital não a silenciou. É interessante!

– Quem sacia o desejo irrefreável do ser humano de buscar suas origens e aliviar suas angústias? – questionou Sofia.

– Quando eu era jovem dizia que era ateu, mas depois comecei a pensar melhor e me tornei alguém romântico como você, passei a crer em Deus, Sofia. Mas, por fim, quando comecei a pesquisar a mais complexa fronteira da ciência, ou seja, a construção dos pensamentos e a formação da consciência, tornei-me um ateu científico.

Em seguida fez uma longa pausa e pressionou com arrogância e ironia a sua assistente:

– Responda-me com sinceridade: a crença em Deus pode ser considerada fruto de um cérebro evoluído?

– Antes de responder, responda-me primeiro: a arrogância pode ser fruto de um cérebro evoluído? – devolveu ela, enfiando um punhal em seu orgulho.

– Ei, espere aí! Chamou-me de prepotente? – disse ele admirado.

Sem medo de ser repreendida, ela devolveu:

– E você me chamando de estúpida? Não sou religiosa, mas creio em Deus. Portanto, segundo seu diagnóstico, meu cérebro não é evoluído.

– Me desculpe!

– Se você não estava na inauguração do tempo gerada pelo Big Bang nem participou dos milhões de eventos físicos que se sucederam ao nascimento do

universo e, ainda assim, afirma convictamente que em nenhum desses eventos houve a participação de um Autor da Existência, seja ele quem for, como eu o classifico? Deus, supergênio ou ingênuo?

– Que atrevida!

– Você me encorajou a não me calar, lembre-se!

Marco Polo tinha discussões do mais alto nível quando era torpedeado com argumentos lúcidos. Sofia mexeu tanto com seus pensamentos que ele iniciou um debate filosófico raro e interessantíssimo:

– Stephen Hawking, gênio da física, certa vez disse que a busca por Deus era fruto do medo do escuro. Em minha opinião, foi ingênuo, pois o raciocínio dos religiosos é mais complexo do que uma fuga de qualquer tipo de medo ou fobia. Muitos evolucionistas também são simplistas ao crer que a teoria da evolução exclui Deus. Deus poderia ser o originador e o monitorador dos processos aleatórios da evolução. Darwin, ao morrer, sabia disso, pois, em meio a vômitos e angústias, clamou por Deus...

– Interessante – disse Sofia, impressionada com a cultura do Dr. Marco Polo. – Por favor, continue.

E, em meio a tantos transeuntes que passavam pelo Muro das Lamentações, os dois cientistas da mente humana continuaram seu inquietante debate. Parecia que não havia nada nem ninguém em Jerusalém para distraí-los. Marco Polo completou seu raciocínio:

– Penso de forma diferente dos ateus clássicos, Dra. Sofia. Para mim, *o ser humano é uma grande pergunta em busca de insaciáveis respostas*. A sede de conhecer suas origens, associada à aversão à morte intrínseca da mente humana, é que fomenta uma busca irrefreável por Deus. Portanto, não sou gênio, sou um apenas um servo da ciência, a ciência é meu deus...

– Também sou neurocientista, embora não tenha seu reconhecimento internacional, doutor Marco Polo. Todavia, ao contrário de você, a ciência é meu instrumento de trabalho, não meu deus. Os mesmos argumentos que o fazem ser ateu me inspiram a crer em Deus. E me desculpe por afirmar que o extremismo racional é tão atroz quanto o fundamentalismo religioso.

Raramente alguém debatia com Marco Polo sem experimentar o sabor da ignorância, ainda que suave. Mas a inteligência de Sofia perturbava seu cérebro.

– Tenho de reconhecer que seu raciocínio é romântico, mas brilhante – disse ele, sorrindo. E acrescentou: – Empatamos.

Mas Sofia não ficou satisfeita com um empate. Pensando nos ataques terroristas, nas massas de imigrantes, nos conflitos culturais que se multiplicavam, ela acrescentou:

– E acho que a ciência e as universidades atuais apequenam-se quando se recusam a debater sobre Deus e espiritualidade, achando que isso tem a ver com a adesão a uma religião. Os filósofos do passado, como Descartes, Espinosa,

Agostinho, Kant, eram mais ousados. Esses temas eram assuntos de pensadores, não os deixavam apenas nas mãos dos religiosos.

Marco Polo franziu a testa e sorriu impressionado.

– Que mulher ousada!

Quanto terminaram o debate descobriram que dezenas de pessoas ao redor ouviam atentamente a discussão. Alguns os aplaudiram. Ninguém venceu o debate, mas eles pelo menos marcaram seus territórios.

6

MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Marco Polo e Sofia chegaram ao imenso hotel. Ao passarem pelo saguão conversavam de forma alegre e suave. De repente, ele viu um folheto que seduziu seus olhos. Era sobre uma conferência que ocorreria naquela mesma noite. O tema era "Manuscritos do Mar Morto – O maior achado arqueológico da história".

– Interessante – falou para si.

Marco Polo observou o nome do preletor e alguns assuntos que seriam abordados. Seus olhos brilharam. Tinha a curiosidade de aprofundar seu conhecimento sobre os Manuscritos, mas não sob o ângulo religioso. Lembrou-se de Anna, sua esposa. Deu um prolongado suspiro, fez um solene momento de silêncio. Sofia o observava.

– Curioso com o tema?

– Sim.

Despediu-se de sua assistente e os dois combinaram de jantar juntos após o descanso. Estava fatigado; o trabalho intelectual, por mais prazeroso que fosse, era desgastante. Após o banho, sentou-se na poltrona do quarto. Pegou um jornal, mas não conseguiu ler. Sua mente estava fixa na conferência que o folheto anunciava. Pensou aqui, refletiu acolá, hesitou por instantes, mas, inquieto, ligou para Sofia.

– Estou pensando em ir à conferência sobre os Manuscritos do Mar Morto. Começa em 30 minutos. Se estiver disposta, gostaria de convidá-la. Jantaremos depois do evento. O que acha?

Ela abriu um sorriso.

– Proposta aceita!

Dez minutos depois estavam num táxi a caminho do local indicado no folheto. Chegaram em cima da hora. O conferencista, o professor Moisés Abraham, era arqueólogo da Universidade de Jerusalém, um Ph.D. respeitado. Havia cerca de setenta pessoas no anfiteatro para ouvi-lo. Marco Polo sentou-se na última fileira. Não queria se expor.

– Os Manuscritos do Mar Morto são uma coleção de centenas de textos que estavam encravados nas cavernas de Qumran, no mar Morto. Foram encontrados logo após a Segunda Guerra Mundial, entre o final dos anos 1940 e durante a década de 1950. São cópias rigorosas dos textos sagrados hebraicos, realizadas por uma casta de judeus, os essênios, que viveram há mais de dois mil anos, no século II a.C. Representam, portanto, os maiores achados arqueológicos

da literatura mundial – contou o Dr. Moisés com propriedade.

A plateia ficou impressionada pela longevidade dos textos e pela obsessão dos essênios em fazer cópias fiéis das Antigas Escrituras. Em seguida o Dr. Moisés explicou:

– Os Manuscritos são certamente a versão mais antiga da Bíblia Hebraica. Só não contêm os livros de Ester e de Neemias. Seus copistas viviam na clausura e sua fidelidade aos textos originais era tão grande que descartavam todas as versões com erros ortográficos. Provavelmente viviam em pleno silêncio enquanto realizavam essa magna tarefa.

Marco Polo ficou impressionado com o que ouviu. Após a exposição, a sessão de perguntas do público foi aberta. Depois de se apresentar brevemente, falou:

– Doutor Moisés, estou realmente surpreso com a sua exposição. Sempre fui crítico da manipulação dos tradutores ao longo dos séculos. Eles são vitais numa sociedade, mas há uma expressão italiana: "Tradutores, traidores". Sempre pensei que os textos bíblicos da atualidade haviam sido modificados pelos copistas e religiosos ao longo dos séculos, seja inconsciente ou conscientemente.

Marco Polo tinha esse conceito em mente não apenas porque era um pesquisador de biografias antigas, mas também porque era escritor. Alguns de seus livros não tinham sido traduzidos de forma adequada para outras línguas, gerando confusões e interpretações dúbias ou equivocadas.

– Sou escritor, sei que traduções podem mutilar uma obra – completou o psiquiatra.

– Sua surpresa, doutor Marco Polo, é a mesma que calava em minha mente. É muito fácil introduzir nossas cores e sabores quando copiamos ou vertemos os textos para outras línguas. Todavia, para espanto da arqueologia, as versões mais antigas que tínhamos do Antigo Testamento datavam dos séculos IX e X d.C. E essas versões são exatamente iguais às feitas um milênio antes pelos essênios, no século II a.C.

Marco Polo ficou impressionado com esse achado arqueológico. Como era pesquisador, sempre usava a arte das perguntas como bisturi para dissecar conhecimentos mais profundos. Detestava respostas prontas. Sob o olhar espantado de Sofia, começou em seguida a bombardear o Dr. Moisés com seus questionamentos:

– Qual é a história da formação dos essênios? Quais foram seus projetos de vida? Que motivação consciente e inconsciente os controlava? Com quem aprenderam a escrita? Suas relações interpessoais eram regadas a generosidade ou a competividade? Como se constituía sua hierarquia social?

O Dr. Moisés sorriu.

– Já tinha ouvido falar do senhor, doutor Marco Polo. Sua avalanche de perguntas expressa a mente de um cientista insaciável e exigente.

– Desculpe-me. Não sei aprender de outro modo – brincou Marco Polo.

– Sinto muito, mas não tenho muitas respostas. Há mais de vinte anos estudo essa misteriosa casta judaica, mas quase não há relatos sobre os essênios. Provavelmente eram cultos, viviam na clausura e com rigor comportamental extremo, o que evidencia uma motivação incontrolável para cumprir seu projeto de vida. Preservar esses escritos para as gerações seguintes era seu legado para o mundo!

De repente Alberto Mullen, renomado teólogo do Vaticano, que participava da plateia, tomou a palavra e também questionou:

– Os essênios aguardavam a vinda do Messias?

– Alguns textos que escreveram falavam sobre o Messias, indicando que esperavam, sim, sua vinda – comentou o arqueólogo.

Nesse momento Thomas Hilton, um professor americano, doutor em teologia, completou as dúvidas:

– Há um texto no evangelho de Lucas, no capitulo 3:15, que diz que os judeus daquele tempo tinham grande expectativa pela vinda do Messias. Será que esse fenômeno religioso, associado às tensões políticas e econômicas da época, não motivou os essênios a encravar várias copias nas montanhas?

– Sua tese é interessante. Sem dúvida fenômenos poderosos estavam na base da motivação dessa casta, que abandonou tudo, inclusive sua vida secular, para se dedicar a essa empreitada solitária.

Marco Polo achou inteligentes as intervenções do Dr. Thomas e do Dr. Alberto. Mas, mais uma vez, mostrou as fagulhas do seu ateísmo:

– Desculpem-me, mas, em qualquer época em que a tirania impera, o povo busca um salvador. Além disso, como esperavam a vinda do Messias se, ao mesmo tempo, fizeram inúmeras cópias para serem achadas por outras gerações? Não parece racional!

Os teólogos se entreolharam. O Dr. Thomas se defendeu:

– Mas o que é racional? A esperança, a motivação, a transcendência, a fé dessa casta? Os essênios, com medo de perseguição política, poderiam ter feito cópias para eles mesmos ou para seus filhos.

– Medo é uma velha desculpa – apontou Marco Polo.

– Os Manuscritos do Mar Morto são um cardápio de respostas temperadas com muitas dúvidas – tentou abrandar Dr. Moisés.

E assim terminou a conferência. Marco Polo adorava ser desafiado. Foi uma noite maravilhosa. Em seguida, ele e Sofia foram procurar um restaurante para jantar. No meio da refeição, o psiquiatra comentou:

– Na filosofia, a dúvida é o princípio da sabedoria. Ela esvazia o espírito humano e nos leva a ver o mundo sob outras perspectivas. Sem ela, usamos antolhos, como os animais de uma carruagem.

– Um pensador é rápido em perguntar, mas lento para responder. Mas a metralhadora de suas perguntas assusta – observou Sofia.

Marco Polo sorriu e acrescentou:

– A ditadura das respostas é cruel. Cientistas, educadores e religiosos frequentemente são viciados em responder sem antes se questionar. Não formam pensadores.

E assim tiveram uma agradável conversa. Depois do jantar foram para o hotel. Passariam mais alguns dias em Jerusalém. Queriam explorar a magna e misteriosa cidade, palco de sonhos e pesadelos, de paz e guerras.

Frequentemente Marco Polo ligava para seu filho. Queria saber como estava evoluindo o tratamento.

– Filho, como está?

– Me repensando.

– Está gostando dos psicólogos?

– São interessantes. Mas não sinto nenhuma alegria.

– A abstenção da droga gera uma reação depressiva. Lute pela sua vida, Lucas! Ela é seu maior tesouro! Há educadores na comunidade terapêutica?

– Sim. Todos eles passaram pelo mesmo caos. Me dão muita força.

– Nunca se esqueça de que os maiores cárceres não estão nos presídios, mas em nossa mente!

E assim a conversa se estendia.

– Está gostando de Jerusalém, pai?

– Muito.

Nesse momento Lucas se lembrou da mãe.

– Mamãe amaria... estar aí...

E começou a chorar. Marco Polo ficou emocionado também. Seus olhos ficaram úmidos.

– Não tenha medo de lembrar nem de falar de sua mãe... Nem tenha medo de chorar... Os grandes homens choram.

E depois terminaram um confessando que amava o outro.

No dia seguinte, quando chegaram de um passeio, Sofia viu um folheto sobre outra conferência de teólogos renomados. O tema era "As biografias de Jesus, realidade ou fantasia?". De imediato ela foi seduzida.

– Veja, Marco Polo, que tema interessante!

Ele fitou os olhos dela e jogou-lhe um balde de água fria:

– Sinto muito, não estou motivado – falou clara e convictamente.

– Lembre-se da conferência da ONU. Você foi instigado a pesquisar a mente de Jesus.

– Instigado inclusive por você. Mas não tenho interesse no momento.

Sofia não gostou de sua negativa, afinal de contas no dia anterior ela aceitara o convite dele. Poderia ter sido um pouco mais delicado. Repensando sua indelicadeza, Marco Polo, ao sair do elevador, disse-lhe:

– Ok. Aguardo você às 19h no saguão do hotel.

– Não se sinta obrigado.

– Irei... mas não convém... – afirmou.

– Por quê?

– Metralhadora de perguntas! – lembrou ele. Ela entendeu o recado.

Marco Polo não se calaria: tinha a grande chance de questionar os palestrantes e tumultuar o ambiente. Abalar mentes rígidas era uma de suas especialidades. Sofia admirava seu professor, mas ficou realmente preocupada. Ele parecia incontrolável quando começava a questionar tudo e todos. Parecia que Sócrates e Marco Polo bebiam da mesma fonte, muito embora Sócrates não fosse ateu – ao contrário, ao ser condenado a tomar cicuta, o veneno que o calaria, ele protestou dizendo que continuaria filosofando na eternidade! Marco Polo não queria saber do futuro, mas debater no presente.

7

UM HOMEM QUESTIONADOR

Chegando ao local do evento, sentaram-se na última fileira como no dia anterior. Sofia respirou lentamente. Olhou para Marco Polo e o viu tenso. Havia 55 pessoas presentes. Logo reconheceram os preletores: o professor doutor Alberto Mullen, teólogo do Vaticano, tão respeitado que algumas pessoas torciam para que um dia ele fosse papa. O outro conferencista era Thomas Hilton, protestante, doutor em teologia por Harvard, escritor renomado.

– Não eram eles que estavam na conferência sobre os Manuscritos do Mar Morto? – indagou ela.

– Sim – confirmou Marco Polo um tanto sisudo.

Ouviram muitas coisas sobre achados paleográficos, arqueológicos, geográficos, sobre os evangelhos. Sofia pensou que Marco Polo talvez estivesse gostando, mas o gênio incontido se mantinha calado, sem que sua expressão denunciasse nada. O Dr. Thomas terminou sua fala tocando num assunto muito sensível para os dois psiquiatras:

– As biografias de Jesus Cristo falam sobre a superação da morte, uma esperança para os mortais e um assunto que escandaliza a medicina e as demais ciências.

Logo após a fala dos conferencistas, abriu-se um espaço para perguntas e debates. A Dra. Sofia, com ousadia, comentou:

– O fim da existência está na essência da mente humana. Ele permeia a maioria das doenças psíquicas. A síndrome do pânico, as paranoias, ideias de perseguição e as fobias só existem porque somos mortais.

Marco Polo ficou analisando sua colega. Ele se levantou e comentou:

– Uma observação sutil e inteligente, doutora Sofia. – E completou o raciocínio dela: – A condição frágil e mortal do ser humano movimenta a indústria dos seguros, as forças armadas, a medicina, os mecanismos de segurança dos aparelhos, os filmes de Hollywood, enfim, é responsável direta ou indiretamente por mais de dois terços do PIB mundial.

A plateia observava com distinta atenção os dois cientistas. O Dr. Thomas Hilton, impressionado, acrescentou:

– Esse questionamento é interessante. De fato, a história de Hollywood teria de ser reescrita se não houvesse o fenômeno da morte. As armas, as perseguições, o terror, a ação, os super-heróis se nutrem de nossa fragilidade existencial.

Sofia, animada, ainda comentou:

– Mais de dez trilhões de células constituem o corpo humano, e nenhuma delas está programada para morrer. Mecanismos cerebrais são acionados lançando uma onda de hormônios na corrente sanguínea e produzindo taquicardia e aumento da ventilação pulmonar, tudo para que o ser humano fuja de uma situação de risco.

O debate parecia transcorrer de forma brilhante até que Marco Polo sentenciou:

– As religiões também são um mecanismo de fuga das situações de risco.

Silêncio geral na plateia. Alguns ficaram chocados com sua tese. Mas, para espanto de Marco Polo, o Dr. Alberto, disse:

– Obrigado por sua honestidade. Mas nem toda fuga é ruim. Diante da inevitabilidade da morte, a religião é uma fonte inesgotável de esperança.

– Depende. A religião também pode ser uma fonte de doenças mentais se houver radicalismo, intolerância contra os que pensam diferente, déficit de generosidade – afirmou o psiquiatra.

– Estamos de acordo! – confirmaram os dois preletores.

– Estar de acordo não responde minha questão.

– A esperança de superação da morte é um atributo dos fracos ou uma busca inteligente do direito de continuar existindo, doutor Marco Polo? – indagou Sofia. – Será que essa busca pela eternidade não é a mesma dos ateus quando defendem o direito de liberdade de expressão?

Esse questionamento sagaz levou Marco Polo a se repensar:

– São coerentes as suas indagações. Talvez, no nível inconsciente, tanto religiosos lúcidos quanto ateus brilhantes busquem a liberdade em seus amplos aspectos. – Em seguida se voltou para os preletores: – E, se a liberdade nos é tão cara, é sobre os alicerces dela que tenho de ser sincero. Embora os senhores conferencistas sejam inteligentes, não me convenceram de que os evangelhos não tenham sido biografias escritas por homens com motivações políticas.

O Dr. Thomas Hilton respondeu:

– Foram escritos por homens, mas inspirados por Deus... Mais de dois bilhões de seres humanos creem nisso.

Mas Marco Polo rebateu:

– Inspiração divina entra na esfera da fé. Quando a fé fala, a razão se cala. Mas, como sou um homem da ciência, não consigo me calar. Por isso pergunto aos senhores: como se formou a personalidade de Jesus? Ele tinha reações depressivas e/ou ansiosas? Sabia gerenciá-las? Era resiliente? Tinha autocontrole nos focos de tensão? Passou por testes de estresse? Sabia filtrar estímulos estressantes? Sua inteligência era brilhante ou opaca? Formava pensadores ou repetidores cegos de informações? Quais eram suas principais teses psicológicas? – E, depois de metralhar os dois conferencistas com essas indagações, concluiu: – Saio daqui um pouco mais culto, mas ainda ateu. E com mais dúvidas do que

quando entrei!

O Dr. Thomas e o Dr. Alberto ficaram atordoados com essa sequência de questionamentos. Eles nunca tinham estudado essas áreas do personagem que amavam. Marco Polo chocou a plateia.

– Sinto muito – disse a todos. Depois olhou para Sofia, que estava atônita, e comentou: – Eu lhe disse que era melhor que eu não viesse.

E foi saindo do recinto, deixando-a. Ela se levantou para acompanhá-lo. O Dr. Alberto, ao vê-lo indo em direção à porta, comentou:

– Newton e Einstein acreditavam em Deus.

Voltando-se para ele, Marco Polo rebateu-o novamente:

– Os físicos são mais emotivos, passionais, enquanto nós, médicos, com destaque os neurocientistas, somos mais racionais.

Deu mais alguns passos, parou de novo, olhou para os dois conferencistas e proferiu suas últimas palavras para uma plateia perplexa:

– Todos os dias crianças morrem de fome, jovens perdem a vida por causa de drogas, pais sucumbem ao câncer... Se existe um Deus, qual a razão de seu silêncio? Mas meu ceticismo vai além desse cálido silêncio. Porém não tenho direito de desconstruir aquilo em que creem. É melhor que eu mesmo conviva com meus fantasmas mentais.

Sofia estava de pé. Não sabia o que dizer ou como proceder. Após falar, Marco Polo continuou se dirigindo à porta de saída.

Todavia o Dr. Thomas o provocou:

– Nem todas as biografias de Cristo foram escritas por judeus. Por que não estuda a biografia escrita por um grego erudito?

Marco Polo interrompeu sua marcha. Em seguida o Dr. Alberto o instigou mais ainda:

– Estivemos em sua conferência patrocinada pela ONU sobre gestão da emoção.

Marco Polo se virou para ele, que arrematou:

– Instigaram você a estudar a mente de Jesus sob a perspectiva das ciências humanas. Já que você é um neurocientista, por que não estuda a única biografia de Jesus produzida por um médico?

Marco Polo respirou fundo. Pego de surpresa, indagou:

– Um médico? Quem é o autor?

– O doutor Lucas – respondeu o teólogo de Harvard, referindo-se ao evangelho escrito pelo parceiro de Paulo.

Marco Polo lembrou-se mais uma vez de Anna. Nesse momento, num ato incomum, ele decididamente disse:

– Se me derem os escritos do doutor Lucas em várias versões, vou estudá-los, sim.

Sofia relaxou seu semblante e sorriu.

Depois do fim do evento, todos os participantes saíram, restando apenas os quatro: Marco Polo, Sofia, Thomas e Alberto. Marco Polo comentou:

– Já que vocês me desafiaram, proponho fazermos uma mesa-redonda para estudar a mente de Jesus. Sofia será a moderadora, o doutor Alberto e o doutor Thomas serão os dois teólogos de um lado da mesa e dois neurocientistas ateus, eu e um amigo, estaremos na posição oposta.

– Dois ateus contra dois teólogos? – indagou o Dr. Thomas.

– Não contra, mas num caldeirão de debates. Para que não seja um conteúdo débil e pouco produtivo, me proponho a estudar disciplinadamente, de manhã e à tarde, os principais textos da biografia do doutor Lucas. A cada noite nos reuniremos para debater minhas conclusões.

Os dois ilustres teólogos sentiram-se honrados e, ao mesmo tempo, desafiados. Escolheram um ambiente calmo para fazer a mais incrível viagem: estudar algumas camadas da inteligência do mais incrível personagem da nossa história. Marcaram os debates numa sala da Universidade de Jerusalém.

Entusiasmado, o notável teólogo do Vaticano comentou:

– Sabemos que você é um pesquisador do processo de construção de pensamentos e de formação de pensadores. Sentimo-nos honrados em estudar o evangelho de São Lucas com você.

– Desculpe-me, doutor Alberto. Não me sinto honrado em estudar o evangelho de São Lucas, mas do homem Lucas, com suas possíveis loucuras e sanidades, sua serenidade e superficialidade. Você, doutor Alberto, representa o catolicismo, e você, doutor Thomas, o protestantismo, não é mesmo? Pois bem, só aceitarei esse debate se ele for livre, sem religiosidade, sem holofotes, sem freios, sem medo de discutir e colocar em xeque qualquer ideia, dogma ou conceito. Vamos debater Jesus sob o manto da psicologia, da sociologia e da psicopedagogia.

O Dr. Alberto e o Dr. Thomas se entreolharam, engoliram em seco e confirmaram:

– Aceitamos as condições.

E Marco Polo, honesto, comentou:

– Mas há o risco de que, depois desse debate, descubram que a inteligência de Jesus é destituída de profundidade e complexidade.

– Mas também é possível que ocorra o contrário, que seu ceticismo possa implodir – desafiou o Dr. Thomas.

Marco Polo meneou a cabeça, como se tivesse compaixão pelos equívocos dos dois debatedores. Sofia aceitou ser a moderadora. Ela estimularia o debate, abrandaria as tensões, extrairia conclusões e garantiria o direito de expressão de cada debatedor.

– E quem é o outro debatedor ateu? – perguntou ela, curiosa.

– Michael Herman, doutor em neurociência, que mora em Jerusalém. Somos

amigos, mas não sei se aceitará o desafio ou terá disponibilidade.

– Doutor Michael Herman? Já li alguns de seus artigos. Ele é um neurocientista famoso por suas teses e por criticar as religiões e suas incoerências – comentou o Dr. Thomas.

Com uma capacidade de síntese fascinante, Marco Polo comentou que iria analisar a mente de Jesus sob parâmetros definidos:

– Analisarei estas dez habilidades básicas de Jesus:

1. Habilidades de gestão da emoção;
2. Capacidade de filtrar estímulos estressantes;
3. Competência para debelar focos de tensão e se reinventar no caos;
4. Capacidade para libertar seu imaginário e desenvolver a criatividade;
5. Resiliência e limiar para suportar frustrações;
6. Prazer sustentável e capacidade de contemplar o belo;
7. Capacidade de pensar antes de reagir e autocontrole;
8. Capacidade de ser empático e de construir pontes interpessoais;
9. Habilidade de formar pensadores e mentes brilhantes;
10. Capacidade de ser autor da própria história e consciência crítica.

Os teólogos ficaram impressionados com os dez temas e entenderam que fariam uma jornada épica, com focos bem objetivos. Estavam animados com a possibilidade de conhecer Jesus sob ângulos e em áreas provavelmente inéditos. Mas não deixaram de sentir um frio na espinha. O resultado parecia imprevisível.

Sofia sabia que Marco Polo tinha uma grande capacidade de analisar detalhes subliminares que poucos enxergavam. Era um pensador extremamente detalhista. Foi assim que se tornou o primeiro neurocientista e médico psiquiatra a arriscar-se numa empreitada como aquela. Não tinha a mínima ideia do que o aguardava.

No caminho para o hotel, pegaram um táxi. O motorista era sisudo, não expressava um único sorriso e mal conversava. Marco Polo deu o endereço e o homem começou a dirigir. No meio do trajeto, algo imprevisível aconteceu. Um carro passou por eles em sentido contrário, deixando o taxista preocupado, pois o motorista parecia empunhar uma metralhadora. Marco Polo e Sofia, distraídos, não perceberam nada. De repente, o carro suspeito fez uma manobra radical 50 metros à frente e começou a perseguir o táxi em que estavam. O motorista acelerou imediatamente.

– O que está acontecendo? – perguntou Marco Polo.

– Estamos sendo seguidos!

– O quê? Isto não é Hollywood, senhor – disse Sofia preocupada.

– Seria bom que fosse, madame.

A perseguição foi implacável. Entre uma curva e outra, Marco Polo indagou:

– Estão perseguindo quem? Nós ou o senhor?

– Não sei. Há mais de dez anos trabalhei no serviço de inteligência deste país – disse quase sem folego o taxista, fazendo uma manobra rápida. – E vocês?

– Somos cientistas. Somos inofensivos!

– Inofensivos? Os cientistas estão no centro das conspirações mundiais! – afirmou.

Sofia olhou para Marco Polo preocupadíssima. Testa franzida, coração galopante, pulmões estressados, ela apertou suas mãos como quem se agarra para não cair num penhasco.

Nesse exato momento o motorista perdeu o controle e bateu em outro carro. Instantes depois, vários carros de polícia chegaram. Observando o movimento, os perseguidores fugiram sem deixar rastros. Marco Polo sofreu uma lesão na coxa direita. Sofia teve escoriações na testa. Foram atendidos em um pronto-socorro próximo do local e logo liberados.

– Quem nos seguia? – perguntou Sofia.

– É perturbador... mas vamos nos acalmar. Ou os perseguidores queriam nos assaltar, ou estavam atrás desse motorista. Sabe-se lá quem ele é ou o que já fez.

Eles se abraçaram carinhosamente. Pegaram outro táxi para o hotel. Ela estava compenetrada, tentando entender o incompreensível. Sua história nunca fora uma lagoa plácida, e Sofia sonhava ter dias tranquilos em Jerusalém. Mas tudo estava ficando turbulento demais. O motorista do táxi teve que ficar internado, com suspeita de haver fraturado alguma costela.

Ao chegar ao hotel, Marco Polo recebeu uma ligação de Lucas. Ele resolveu contar sobre o acidente, mas antes que ele o fizesse, foi seu filho que o deixou tenso.

– Pai, está difícil suportar a solidão. Esta clínica parece uma prisão – disse Lucas, muito desanimado.

– Tenha paciência, meu filho. Siga todo o ritual do tratamento.

– Durmo pouco, meu apetite está péssimo, parece que apenas carrego meu corpo. A vida perdeu o colorido para mim.

– Você está deprimido. Dentro de um mês já estará de volta, meu filho. Estaremos juntos. Seu Eu tem de escrever sua biografia, não deixe que sua dependência a escreva. Abra sua mente e procure desenvolver o prazer de viver e não deixe de tomar seu antidepressivo!

– Ok! E você, como está? – disse Lucas tentando mudar de assunto.

– O táxi em que eu estava sofreu um acidente, mas nada grave. Vou ficar aqui em Israel por mais uns dias. Mas prometo que estarei em casa antes de você sair da clínica.

– Ainda não superei a perda da mamãe, me desculpe – disse Lucas emocionando-se ao recordar sua mãe.

– Ela é inesquecível, não se puna. – Depois de uma pausa, Marco Polo disse: – Acho que ela gostaria de saber o que estou prestes a fazer.

– O quê?

– Estudar a personalidade de Jesus sob a luz das ciências humanas.

– Não acredito!

– Pode acreditar. Estudarei um escritor que leva seu nome: Lucas.

– Lucas, o que escreveu o evangelho?

– Ahã. Depois eu conto os resultados.

E, assim, pai e filho se despediram. No dia seguinte, Marco Polo ligou para Michael e falou sobre o projeto.

– Aceita participar desse debate, meu amigo?

– Eu admiro você, Marco Polo, já até recebi sua ajuda, mas entrar nessa seara é uma fria.

– Por quê, Michael?

– Somos racionais, enquanto que esses religiosos... – Não completou seu pensamento.

– Mas pode ser uma experiência intelectual interessante. Uma pausa em nossa cansativa atividade acadêmica e de pesquisa.

– Estudar a mente de Jesus? Mas a inteligência dele pode contribuir para as universidades e a ciência? Não creio... Tem ideias interessantes? Difícil... – falou, cheio de preconceitos, depois acrescentou: – E, além disso, seus estudos sobre a mente humana, associados às minhas críticas, poderão desencaminhar esses religiosos. O papa não vai gostar disso – brincou.

– Mas o doutor Thomas e o doutor Alberto são pontos fora da curva, são teólogos muito inteligentes – insistiu Marco Polo.

– Bom, será interessante vê-los beijar a lona nesse debate. Aceito!

E se despediram. Marco Polo recebeu o livro de Lucas, o terceiro evangelho, em várias versões. A mesa do quarto de hotel era pequena para acomodar tantos textos.

Nos dias que se seguiram, ele se levantava de manhã e começava a estudar. Só parava ao entardecer. Nunca os alicerces de um intelectual foram tão abalados; ao mesmo tempo, nunca renomados teólogos haviam percebido que conheciam tão pouco os textos nos quais juravam ser peritos.

8

UM VENDAVAL NA MENTE DE PAULO E LUCAS

Marco Polo conhecia as armadilhas do processo de interpretação. Sabia que toda interpretação corria o risco de contaminar uma observação: uma barata podia ser vista como um dinossauro, um elevador podia ser sentido como uma caixa asfixiante, uma plateia podia ser encarada como uma ameaça.

– O ser humano é o próprio criador dos monstros que o aterrorizam – dizia ele quando orientava Sofia. – Quem sou? Como estou? Onde estou? A que aspiro? O que infecta a mente de quem interpreta?

Esses eram alguns dos fenômenos inconscientes que induziam psicólogos, pais, magistrados e executivos a julgarem de forma distorcida seus pacientes, filhos, réus e colaboradores, lembrou ela.

– Estude os textos do doutor Lucas de forma transparente. Seu ateísmo, sua personalidade, seu estado emocional e motivacional não podem contagiar seu olhar, pelo menos não excessivamente – solicitou ela.

Marco Polo sabia disso. Caso contrário, fracassaria na complexa empreitada de estudar a mente de Jesus. Não queria brincar de deus, queria apenas ser um cientista sério e isento.

Foi com essa consciência crítica que leu atentamente a introdução do primeiro capítulo do livro de Lucas. Refletiu, comparou, analisou. Não esperava grandes surpresas; afinal de contas, o que esperar dos primeiros parágrafos de um livro? Mas de imediato ficou perplexo com a narrativa.

– Não é possível! Que escritor é este? – indagou.

Ficou perturbado com as interpretações. Percebeu que não poderia prosseguir a análise do biografado, o homem Jesus, sem primeiro estudar minimamente o biógrafo, o homem Lucas. E, como pesquisador, procurou usar mais do que o método socrático para aprofundar sua análise. Procurou interrogar as indagações, questionar o que estava por trás das primeiras palavras do médico grego.

– Quem é Lucas? Qual a estrutura básica da sua personalidade? Era um homem dosado ou superficial? Um curandeiro ou um médico criterioso? Que motivações conscientes o controlavam? Que motivações inconscientes estavam por trás da biografia que escreveu? Seu texto era prolixo/detalhista, prolixo/evasivo, sintético/superficial ou sintético/profundo?

Ao analisar os primeiros capítulos, começou a ficar convencido da última opção. Lucas escreve de forma sintética, procurando dizer muito com poucas

palavras. Resume um dia em poucas e densas palavras. Marco Polo estudava o biógrafo e o biografado com tanta concentração que parecia se transportar para o passado e observar os acontecimentos históricos como se os tivesse vivenciado.

Depois de horas a fio de estudo, ficou com a mente fatigada. Sentindo necessidade de descansar, dormiu um sono curto, mas profundo. E, por incrível que pareça, algo estranho começou a acontecer. Ele passou a sonhar com os fatos que envolviam sua leitura.

Dois mil anos atrás

Um médico ainda jovem estava sentado num banco de madeira na praça central de Antioquia, uma cidade da Síria antiga. Era o entardecer. O dia havia sido extenuante. Muitos doentes, muito sofrimento. De repente, um sujeito mais ou menos da sua idade invadiu o ambiente público. Andava inquieto por toda a praça, falando para quem quisesse ouvir. Estava tão motivado que parecia delirar. Embora fosse eloquente, somente os camelos prestavam atenção nele. Mas sua convicção era inabalável:

– Esse homem cujos seguidores eu encarcerava me fez cair do meu orgulho e beijar o solo da minha insignificância!

– Mais um religioso delirando... – Lucas pensou em voz alta e virou o rosto para não ouvir mais nada.

No entanto, o sujeito o viu e se aproximou de Lucas. Sem pedir licença, começou a falar do personagem que implodira seus preconceitos e calibrara seus conceitos. Lucas não deu importância. De repente, o homem, que falava três línguas, dirigiu-se a ele em grego.

Lucas ficou impressionado, mas, polido, perguntou:

– Seu nome, senhor?

– Saulo, da cidade de Tarso – disse o orador ambulante.

– Desculpe, senhor Saulo, mas não estou interessado em pregações.

– Mas você precisa me ouvir...

– Não tenho tempo para essas coisas, sou médico.

– Excelente. Jesus é o médico dos médicos.

– Ele fez o juramento de Hipócrates?

– Juramento?

– Não conhece o juramento que o grande médico grego ensinou aos seus discípulos? – perguntou Lucas, citando alguns termos desse juramento: – Juro que a ninguém darei com prazer remédio mortal nem conselho que prejudique... Em toda casa, aí entrarei, mantendo-me longe de todo dano voluntário e de toda a sedução. Aquilo que no exercício da profissão eu tiver visto e ouvido, que não for preciso divulgar, conservarei inteiramente em segredo. Se eu tiver cumprido esse juramento, que me seja dado gozar a felicidade e minha profissão...

– Interessante – comentou Saulo. – Ao contrário desse juramento, o que eu tenho visto e ouvido tenho o dever de divulgar.

E, assim, Saulo contou sua experiência no caminho de Damasco... e todo dano físico, social e emocional que causou aos que seguiam Jesus. Lucas ficou atônito com seu relato.

– Senhor Saulo, você tinha uma ira incontida! Ser contrário ao seu pensamento era um convite a ser seu inimigo. Como pode ter mudado tanto?

Saulo de Tarso fez um longo relato sobre o crucificado e seu projeto.

– Mas, senhor Saulo, o que me diz desse homem é uma loucura.

– Eu mesmo estou assombrado com o que me aconteceu. Persegui, pressionei, puni, induzi à blasfêmia, prendi e concordei com assassinatos sumários dos que andavam nesse "caminho".

– Que mal esses miseráveis lhe fizeram para querer feri-los e encarcerá-los?

– Nenhum, mas feriram meus preconceitos. Confesso: fiquei decepcionadíssimo comigo mesmo... – E relatou de forma crua sua violência.

– Mas a morte de um homem na cruz é o ápice da fragilidade, o maior de todos os vexames sociais. Lido dia e noite com a morte, e qualquer morte é melhor do que a crucificação – enfatizou Lucas.

– Concordo... mas a morte dele era parte do projeto de Deus – afirmou Saulo.

– E quando esse tal de Jesus morreu? – perguntou Lucas, curioso.

– Há oito anos.

E assim a conversa se estendeu. Pouco a pouco o médico grego foi se envolvendo com os relatos de Saulo. Diálogos, trocas e experiências seriam vivenciados posteriormente. Lucas fora tocado de tal forma que não conseguia mais ser o que era antes. Dali a algumas semanas chegaria o grande dia de sua decisão. Abandonaria seu ofício de médico, uma carreira certa, para seguir um homem deslumbrado e com um sentimento de culpa brutal. Era um risco altíssimo para quem tinha muito a perder, para quem era racional.

As grandes decisões são sempre solitárias. Lucas decidira fazer a segunda jornada, a jornada do coração, a jornada que não dá lucro ao bolso, mas à emoção. Escolhera a jornada em que se dá o melhor que se tem para fazer os outros felizes. Decidira recomeçar sua história ao lado de Saulo de Tarso, que se tornou Paulo. Assim, Paulo e Lucas se tornaram amigos inseparáveis por décadas.

Jerusalém, quinze anos depois

A dupla Paulo e Lucas fazia tanto sucesso que impactava as nações. Paulo atuava no palco do teatro social, Lucas atuava nos bastidores. Paulo, culto e eloquente, convencia as plateias; Lucas, generoso e meticuloso, curava as feridas. Paulo falava para as massas, enquanto Lucas atuava junto às pessoas individualmente,

comovendo os passantes que encontrava, fossem eles oficiais romanos ou miseráveis à margem da sociedade.

Paulo dava segurança a Lucas, que por sua vez dava apoio médico e emocional a Paulo. Eram encantadores de homens. Não recebiam salário, mas eram ricos. Não tinham segurança alimentar, mas comiam o suficiente. A cama nem sempre era confortável, mas dormiam satisfeitos. As pedras eram seus travesseiros e as noites estreladas, seus lençóis.

– Caiam fora. Estão perturbando a ordem – disse certa vez um oficial romano, Lúcio Extilo, acompanhado de uma escolta.

– Se nos calar, morremos – afirmou Paulo.

E, sem medo da espada que poderia lhe perfurar o abdômem e expor-lhe as entranhas, o corajoso Paulo falou mais uma vez do "caminho".

Não longe deles, o oficial romano montou acampamento. À noite soube-se que havia adoecido. Ao tomar conhecimento desse fato, Lucas se dispôs a tratá-lo. O oficial inicialmente o rejeitou, mas a febre alta, a diarreia e o vômito o obrigaram a mudar de ideia. Acabou aceitando a consulta do médico grego. Depois de medicá-lo, Lucas, como de costume, partiu em silêncio sem nada cobrar. No dia seguinte retornou para saber se o paciente estava se restabelecendo.

– Mas isso é um absurdo, doutor Lucas! – disse o oficial quando o médico falou sobre Jesus. – Como é possível acreditar num homem que crucificamos? Espanta-me um médico crer nessas fantasias!

– Todos estamos pasmados, Teófilo Lúcio Extilo. Mas aquele que foi para a solidão de um túmulo superou o que os médicos jamais imaginaram superar!

– Mas, doutor Lucas, morremos todos os dias. Estadistas, generais, ricos... Todos digladiamos com a morte e perdemos.

– Eu sei, a morte dribla todos os médicos. Os seres humanos nascem como vencedores e morrem como perdedores. Quando nascem, choram de alegria; quando morrem, outros choram de tristeza por eles. Mas...

Lucas teve longas conversas com o oficial romano. Todavia, a conversa inteligente com Lúcio Extilo, seus questionamentos finos e suas dúvidas marcaram o médico grego a tal ponto que ele sonhou em um dia escrever uma narrativa histórica ordenada, com análises e avaliações detalhadas sobre o homem que o fascinara.

– Pretendo escrever uma síntese da história de Jesus. O que acha, Paulo?

– Excelente ideia. Poderá colher fatos de que não fiquei sabendo, temas que não conheci. Mas como você fará, Lucas?

– Você sabe, sou detalhista. Só conseguirei realizar esse projeto se puder entrevistar pessoalmente os personagens que conviveram com o Mestre.

– Iremos para Jerusalém na primavera. Essa será sua grande oportunidade.

Lucas e sua missão

Lucas observava a velha cidade, o andar das pessoas, as pedras desgastadas das ruas, as cicatrizes dos muros, os telhados envelhecidos. Parecia que a história penetrava em seus pulmões. Entrevistou Maria demoradamente, conversou com os discípulos do crucificado, com testemunhas oculares que presenciaram os fatos. Seu intelecto entrava em êxtase à medida que ia fazendo um inventário psicossocial dos fatos que haviam marcado as pessoas.

À noite retornava para seus aposentos, numa pequena hospedagem no lado leste de Jerusalém. Seus bolsos estavam cheios de fragmentos históricos. Guardava-os como a um tesouro incalculável.

– Como vou organizar todo esse material? Assumir a empreitada dessa narrativa é uma grande responsabilidade. Serei capaz?

O Dr. Lucas se sentava numa cadeira rústica com pés assimétricos, o que gerava um balanço desconfortável. Mas não se importava. Eufórico, debruçava-se sobre uma mesa feita de tronco de oliveira que continha algumas saliências e alguns orifícios, fruto do trabalho incansável de fungos e cupins. A luz não era boa, o ambiente não era arejado, mas ele tinha o melhor espaço do mundo para libertar o pensamento.

O Dr. Lucas agora era o médico das letras, um escritor obsessivo, organizando a narrativa e procurando sintetizar as entrevistas.

– Tratei de muitas enfermidades, observei tremores e ataques febris, mas agora estou trêmulo, quase febril. É dificílimo biografar o homem que abalou nossas convicções... – expressou-se para Paulo.

– Eu sei o quão complexo é. Essa é a obra da sua vida, seu projeto mais importante – afirmou o companheiro, dando-lhe o mais notável apoio.

Lucas saía para as entrevistas e retornava. Escrevia detalhadamente, transpirava emoção. Não imaginava que seu livro seria um dos maiores best-sellers de todos os tempos.

9

OS IMPACTOS DA MESA-REDONDA

A primeira mesa-redonda enfim começou. Marco Polo entrou empunhando uma bengala, devido à lesão na coxa. Não queria forçar muito a perna direita. Mas estava compenetrado, pensando não no acidente, mas na leitura e nas análises que havia feito sobre os escritos do Dr. Lucas. Cumprimentou Sofia dando-lhe um beijo no rosto. Ela tinha um leve hematoma na testa. Estendeu as mãos para o Dr. Alberto e o Dr. Thomas. Em seguida cumprimentou seu amigo neurocientista, Michael, que não tardou a provocar os teólogos.

– Preocupado com o acidente, Marco Polo? Sinto muito – indagou Michael.

– Não com o acidente, mas com a leitura! – afirmou.

– Pelo jeito já se decepcionou com os textos. Eu o conheço – afirmou o neurocientista.

Apesar de ter um imediato estranhamento com Michael, o Dr. Alberto, o teólogo do Vaticano, tentou amenizar o clima, mas o fez errado.

– Estamos animados em discutir os textos de Lucas, um dos santos mais notáveis da Igreja!

– Espere aí! Não estou aqui para estudar santos e dogmas! – retrucou o Dr. Michael, levantando-se para sair. – Sou cientista. Não gastarei meu tempo com crenças questionáveis.

– Espere, Michael. O debate nem começou e você já está desistindo? – disse Marco Polo.

– Mas seu semblante já diz tudo.

– Você agora lê pensamentos, Michael? – questionou Sofia, a moderadora.

Michael se sentou, mas ainda estava inconformado.

– Antes de começar a estudar a mente de Jesus, precisamos estudar a mente do seu biógrafo. Mas acalme-se, Michael. Não estudaremos o Lucas beatificado, mas o homem real, concreto, que grita através de seus escritos – reiterou o Dr. Marco Polo.

– Desculpem-me, estamos tão viciados em falar de forma religiosa que é difícil mudar nosso linguajar – disse o Dr. Alberto, constrangido, acrescentando em seguida: – Mas não sabemos quase nada sobre Lucas. Sua origem, onde nasceu, quem foram seus pais, sua educação, como se voltou para o cristianismo, quando morreu...

– É estranho. Estudei tanto sobre os primeiros textos de Lucas que dormi e sonhei com ele. Claro que isso não tem validade cientifica. Mas o silêncio pode denunciar mais do que as palavras – afirmou Marco Polo.

– Marco Polo tem razão. Ainda que os achados sejam restritos, precisamos discutir o escritor por trás do livro, mesmo que mergulhemos mais no mar das dúvidas do que no das respostas – disse Sofia.

Marco Polo abriu um leve sorriso e em seguida perguntou aos participantes:

– Vocês não acham estranho que um médico grego, um seguidor de Hipócrates, tenha decidido seguir um crucificado? Não os surpreende um ser humano largar a medicina, sua segurança e sua cidade para perambular pelo mundo?

– De fato, são comportamentos estranhos, absurdos aos olhos humanos, ainda mais no nascedouro do cristianismo – concordou o Dr. Alberto.

Marco Polo continuou na sua arguta capacidade de perguntar:

– E o que pensam de Lucas, um homem lógico e supostamente generoso, ter um mentor que demonstrou irracionalidade e revelou claros traços de sociopatia?

– Como assim? Está se referindo ao Apóstolo Paulo? – perguntou o Dr. Thomas, trêmulo.

– Exatamente – respondeu Marco Polo, aguardando a reação dos dois teólogos, que foi imediata.

O Dr. Thomas e o Dr. Alberto se levantaram para encerrar o debate, enquanto o primeiro dizia:

– Esta mesa-redonda está fadada ao fracasso. Não participarei. Interpretações radicais me dão asco.

– Concordo – disse o teólogo do Vaticano. – Ser ateu, doutor Marco Polo, ainda que um dos mais notáveis, é algo respeitável, mas fazer prejulgamentos severos como esse é inadmissível.

– Parabéns, Marco Polo, vencemos! – comemorou Michael.

– Michael, isto não é um ringue – ponderou Marco Polo.

– Se fosse, teríamos um nocaute no primeiro round.

Vendo que os dois teólogos partiriam, a Dra. Sofia tentou contornar o clima tenso:

– Acalmem-se, senhores. Esperem o doutor Marco Polo explicar sua tese. Mal nos sentamos ao redor desta mesa e já a partimos ao meio!

Sem que os debatedores soubessem, algumas pessoas – cuja identidade era desconhecida – haviam instalado câmeras ocultas para filmar o debate. A ideia era disponibilizar o conteúdo ao vivo, pela internet. Não sabiam que, em pouco tempo, haveria uma multidão querendo assisti-los: “Intelectuais ateus debatem a inteligência de Jesus com intelectuais religiosos.”

O conteúdo era tão empolgante que, em menos de uma semana, os vídeos iriam viralizar e começariam a ser assistidos em vários idiomas. Apesar de o debate ser em inglês, havia um programa de tradução simultânea para os espectadores.

Paralelamente a isso, os debates passariam também a ser assistidos

presencialmente. Alguns alunos e professores, ao passarem pela porta entreaberta, eram cativados pelas discussões. Sedentos de conhecimento, entravam silenciosamente, sentavam-se e ficavam impressionados. No início, nenhum dos debatedores percebeu sua presença. Mas pouco a pouco a plateia aumentou. Os que assistiam aos debates repercutiam suas impressões e divulgavam o evento.

Naquele primeiro dia, Marco Polo permaneceu em silêncio diante do clima tenso. Esperou que os ânimos se acalmassem. Os teólogos se sentaram novamente, dando-lhe uma oportunidade para se explicar.

O psiquiatra, em vez de pedir desculpas, disparou outras perguntas:

– O que você acha de um homem punir pessoas inocentes? E persegui-las implacavelmente? E levá-las ao cárcere? E pressioná-las a irem contra a própria consciência e suas crenças? E o que pensam sobre esse homem consentir o assassinato dessas mesmas pessoas sem um julgamento justo? Pior ainda, meus amigos, sem nada que justificasse tão severa sentença? Como vocês chamam esse comportamento registrado por Lucas em seu livro de Atos, senhores?

– Bem... – começou o Dr. Thomas.

O Dr. Michael interrompeu o teólogo de Harvard:

– O quê? Paulo, o mentor de Lucas, o biógrafo que estamos estudando, tinha esses antecedentes? Lucas foi um louco ao seguir um homem violento assim.

– Mas isso foi antes de ele se curvar ao cristianismo – afirmou o teólogo do Vaticano.

– Mas, independentemente disso, ele tinha traços de sociopatia, o que é diferente de ser um psicopata – afirmou Marco Polo.

– Como assim? – questionou o Dr. Thomas, que, como muitos, não conhecia a diferença.

– Os psicopatas matam, ferem e não sentem a dor dos outros, mas, durante boa parte do tempo, podem ser bem-comportados socialmente. Os sociopatas, por sua vez, têm transtornos sociais, são violentos, autoritários, controladores, desobedecem às regras, mas isso não quer dizer que sejam frios e destituídos de sentimentos. Paulo tinha traços de sociopatia, mas não era um psicopata.

– Puxa, agora você me aliviou – comentou o Dr. Thomas, satisfeito.

– Paulo era violento não porque fosse judeu ou porque defendesse a própria religião, o judaísmo, mas porque tinha transtornos de personalidade, era escravo da necessidade de poder. – E explicou o que é o gasto de energia emocional inútil. – Ele não tinha proteção emocional. Seu índice GEEI era altíssimo. Qualquer contrariedade o invadia.

– Mas como ele mudou? – indagou Michael.

– Eis a questão. É possível que tenha ocorrido algo em sua mente, algo muito mais forte do que um insight psicoterapêutico ou uma consciência crítica gerada pelo autoconhecimento.

– Não entendi – comentou Sofia.

– Também não estou entendendo – disse o Dr. Michael.

– Como psiquiatra, tratei muitos casos complexos; foram milhares de consultas e atendimentos. Mas o que ocorreu na personalidade de Paulo me parece muito difícil de explicar. É como se sua mente tivesse passado por uma revolução altruísta capaz de implodir seu egocentrismo – disse Marco Polo, respirando lentamente.

– Não vai me dizer que, do dia para a noite, Paulo deixou de ser lobo e se transformou num cordeiro – disse Michel, descrente. – Segundo a psiquiatria, isso não existe, Marco Polo.

– Ainda estou avaliando, Michael. Parece que Paulo continuou tendo um caráter forte, mas ele passou a usar sua energia não mais para destruir, e sim para construir. Ele realocou sua energia mental.

– Você tem razão, doutor Marco Polo – disse o Dr. Alberto, tomando a palavra: – Paulo perseguia os seguidores de Jesus de forma implacável, mas algo aconteceu no caminho para Damasco que o transformou num homem desnudado de vaidades, de maquiagens. Ele foi iluminado.

– Aqui, mais uma vez reitero, não estudaremos fatos sobre-humanos. O que nos interessa são os fenômenos psicológicos e sociais. Confesso que fiquei surpreso ao analisar essa passagem. O vendaval emocional que Paulo atravessou foi gigantesco. Esse fenômeno emocional parece ter sido tão sério que ele decidiu confessar publicamente as suas loucuras.

– Não consegui acompanhar seu raciocínio – confessou Michael.

– Michael, você teria coragem de falar de todos os seus erros, da sua estupidez, das suas reações agressivas e dos seus comportamentos débeis para um jornalista e permitir que ele afixasse tudo isso no mural da universidade? – perguntou Marco Polo, dando um recado para o amigo.

– Claro que não!

– Mas Paulo fez muito mais do que isso. Ele dissecou seus comportamentos insanos e permitiu que Lucas os publicasse. Suas loucuras varreram gerações. E, talvez por se abrir com o companheiro, Paulo teve um ombro para chorar e outro para apoiá-lo! Todos nós precisamos de um ombro.

– Que surpreendente, Marco Polo! Nunca tinha visto Paulo sob essa perspectiva – comentou o teólogo de Harvard.

Todos ficaram impressionados com a descrição. Sofia discorreu com competência:

– Os homens proclamam seus feitos e escondem seus defeitos. Escondem sua idiotice debaixo da maquiagem política, financeira e social. Nunca vi um político, empresário ou pensador relatar seus comportamentos vexatórios de forma espontânea e pública.

De repente três espectadores começaram a conversar uns com os outros,

dizendo que eles também eram especialistas em esconder suas mazelas. Só então foram notados.

Michael interveio:

– Desculpem, mas este debate é particular.

Ao que James, um aluno, discordou:

– Desculpe, mas a quem pertence o conhecimento? A uma casta de notáveis ou à humanidade?

Diante disso, Marco Polo e os outros concordaram com a presença dos espectadores. E, voltando-se para os notáveis teólogos, indagou:

– Os católicos e os protestantes amam o Apóstolo Paulo, mas são transparentes como ele foi? São capazes de expor seus terremotos emocionais?

– Bem, sinceramente... não – disse o Dr. Alberto com honestidade.

– Se houvesse um clima aberto e acolhedor nos meios religiosos, depressões seriam tratadas, suicídios seriam prevenidos, conflitos interpessoais seriam resolvidos, a pedofilia seria evitada. Haveria gestão, não implosão da emoção! – afirmou Marco Polo.

– Esse verniz religioso é mesmo detestável. Paulo o aboliu ao máximo! – admitiu corretamente o teólogo do Vaticano.

No debate seguinte, Marco Polo se preparou para citar exemplos gravíssimos do que acontece em duas das principais religiões do mundo – o catolicismo e o protestantismo.

– Lembro-me de um bispo católico e professor de teologia que tinha ataques de pânico. Era um ser humano inteligente, dócil, amável, mas toda vez que fazia suas homilias tinha a sensação súbita de que ia morrer. Sentia que seu coração iria saltar pela boca, seus pulmões pareciam prestes a explodir. Uma experiência horrível. E sabe para quantas pessoas esse nobre educador teve a coragem de falar sobre seus ataques de pânico, doutor Alberto?

– Não tenho ideia.

– Nenhuma. Só depois que seu transtorno emocional se tornou gravíssimo, deixando várias sequelas sociais, é que ele me procurou e se tratou.

Nesse momento, não eram poucos os religiosos que assistiam àquele solene debate pela internet e choravam. Alguns de alegria, porque alguém os entendia, outros de tristeza, porque se sentiam dramaticamente sós.

– E você, Dr. Thomas, acha que os protestantes são emocionalmente mais transparentes, abertos e acolhedores que os católicos?

– Acho que somos devedores ao exemplo de Paulo e Lucas.

– De fato. A cultura dos religiosos, apesar das exceções, é a cultura de produzir super-heróis. Não se admitem transtornos psíquicos. Tê-los é sinal de fragilidade, um convite ao sentimento de culpa. Eles deveriam ser acariciados, acolhidos, cuidados. Não é essa a cultura de Paulo. Quantos são os que estão fatigados, sofrendo por antecipação, ruminando perdas e mágoas, angustiados,

com o planeta emoção esgotado?

– Não sei...

– Nem eu, pois falta pesquisa. Lembro que atendi um líder protestante batista, culto, generoso, notável entre seus pares. Ele estava deprimido, ansioso, sem encanto pela vida. Pensava em desistir de tudo. Sabe para quantas pessoas ele contou seu caos, doutor Thomas?

– Imagino que a ninguém.

– Nem para a esposa. Esse bom homem, num rompante de desespero, pegou seu carro e foi para uma estrada com a ideia de tirar a própria vida. Queria atirar-se de um penhasco. Então recebeu um telefonema da esposa: "Onde você está? O que está fazendo?" Ele caiu em prantos. Depois desse episódio, me procurou para se tratar. Mas muitos se calam... O silêncio nutre os vampiros emocionais.

Depois o psiquiatra comentou que o exemplo de Paulo era extremo, que ninguém deveria proclamar suas mazelas publicamente, mas que jamais deveríamos deixar de procurar alguém, um Lucas, um médico, um amigo, um terapeuta, para se abrir.

– Julgar menos e abraçar mais é uma das ferramentas de gestão da emoção. Creio que foi isso que Lucas quis gritar em seus textos. Mas quem ouve a sua voz? Vemos letras mortas, não um exemplo vivo – pontuou Sofia.

– Generais que não valorizam seus soldados feridos no front de batalha não são dignos de ganhar a guerra – concluiu inteligentemente o teólogo do Vaticano.

– As religiões podem ser uma fonte de doenças mentais se as utilizarmos para maquiar nossos fantasmas emocionais e nossa saúde mental – completou o teólogo americano, por sua vez.

– Os professores se escondem atrás do giz, os intelectuais atrás dos títulos, espectadores atrás do filme, lideres atrás do poder – disse Sofia respirando profundamente.

– Você é transparente, doutora Sofia? – indagou Michael.

Os olhos de Sofia lacrimejaram.

– Meu ex-marido tinha um grave transtorno de personalidade.

– Você não precisa entrar em detalhes – disse Marco Polo.

– Mas eu quero. Meu caso se tornou público.

Nesse momento, a inteligente e delicada Sofia resgatou seu passado. Recordou os dias tristes em que seu marido a humilhava. "Eu sou belo como um modelo fotográfico, muitas mulheres caem aos meus pés", dizia ele. "Então por que não vai embora?", retrucava Sofia. "Porque tenho pena de você", disparava ele. "Não quero que fique comigo por compaixão." "Você não tem ninguém, sua tola. Seus pais morreram. Seus irmãos estão falidos." "Mas eu tenho dignidade. Eu irei embora!" Porém ele a empurrava na cama, gritava e ameaçava: "Vai embora? Me abandone e eu te mato. Você é mais doente mental que seus

pacientes! Mais dependente de mim do que os que usam drogas!"

Ao recordar essa breve cena de terror, Sofia teve a ousadia de comentar:

– Ele me pressionava de todas as formas. Aquilo me violentava por dentro, mas eu tinha medo de perdê-lo. E ele tinha razão, eu era dependente dele. E, quando ousei terminar a relação, o *stalker* surgiu, o monstro veio à tona.

– *Stalker?* O que é isso? – perguntou o Dr. Alberto.

– *Stalker* quer dizer perseguidor. É o termo que se usa quando um algoz passa a perseguir sua vítima. Ele se torna predador e ela, a caça. Só nos Estados Unidos, 500 mil mulheres são vítimas desses agressores. Meu ex-marido passou a me perseguir no trabalho, nas ruas, pelo telefone, pelas redes sociais. Fazia pressão, chantagens, ameaças. Fui vítima desse homem por cinco anos – disse em meio a lágrimas.

– Se você, que é uma psiquiatra lúcida, se submeteu a esse ultraje, quantas mulheres não se calam? – comentou Marco Polo.

– Muitas. Tenho vontade de dar palestras para ajudá-las.

Todos na mesa-redonda aplaudiram sua coragem. Sem que ela soubesse, tudo o que falou foi transmitido via internet, impactando milhares e milhares de mulheres. Sua privacidade fora violada, mas inúmeras mulheres resolveram denunciar seus predadores.

– E você, Michael? Que vampiros o assombram? – indagou o Dr. Alberto.

– Não estou preparado.

– E você, Dr. Alberto?

– Também não estou preparado.

– Idem – declarou o Dr. Thomas.

– Quem não mapeia seus fantasmas mentais será assombrado por eles até o último suspiro existencial – arrematou Marco Polo. – O tempo está avançado, mas um dia lhes contarei sobre meus fantasmas!

Quando essa frase ganhou a internet, imediatamente viralizou. Milhões de pessoas compartilharam o vídeo. Logo depois desse debate, os membros da mesa começaram a receber notícias de alguns de seus amigos, alunos e colegas de trabalho dizendo que os estavam acompanhando em tempo real. Antes do debate seguinte, os participantes se reuniram e pensaram em proibir essa divulgação.

– Nossa privacidade está em jogo. Tudo o que Sofia falou vazou. Não sabemos quantas pessoas em quantos países estão assistindo. Recebi informações até de Singapura – comentou Michael.

– Acho que temos de proibir a transmissão do debate pela internet – falou o Dr. Alberto com convicção.

Mas Sofia disse com maturidade:

– Claro, ninguém deve expor coisas íntimas e comprometedoras na internet. Mas se nos espelhássemos um pouco no mentor de Lucas, o Apóstolo Paulo, que teve a coragem de falar de seus erros, seríamos menos hipócritas do que

costumamos ser em nossas universidades, instituições e até em nossas religiões. Muitas pessoas poderão ser ajudadas. Recebi diversas mensagens de pessoas me agradecendo por contar a minha história.

– Acho saudável o uso da internet com critério. Voto a favor de continuarmos sendo filmados – disse Marco Polo.

E todos os demais os acompanharam. Assim, o debate começou a ter alcance internacional. A mais notável mesa-redonda que se instalou para estudar a mente de Jesus também estava expondo a personalidade dos debatedores e dos internautas de todas as culturas. Participar dela, ainda que como espectador, era um convite para garimpar as chagas emocionais, um perigo para quem amava se esconder de si mesmo.

10

LUCAS, UM BIÓGRAFO LÓGICO E DETALHISTA

A mesa-redonda prosseguia. Depois de discorrer rapidamente sobre o caráter do misterioso médico grego e de seu mentor, Paulo, chegou o momento de Marco Polo revelar os detalhes das primeiras análises sobre os textos de Lucas. Seu semblante mudou.

– Comentamos fenômenos do biógrafo. Agora iremos penetrar na introdução ou prefácio do seu livro. O prefácio, quando profundo, revela um mapa do que se irá encontrar ao longo de uma obra.

– Mas que parte do texto do evangelho de Lucas você considera o prefácio? – perguntou o Dr. Thomas.

– Os primeiros quatro versículos.

– E que análise você fez? – apressou-se Sofia a saber.

– Estou perplexo até agora – disse Marco Polo, fazendo um longo e enigmático silêncio.

Michael, que conhecia bem o amigo, se antecipou e disse:

– Pelo jeito, condenou Lucas como escritor. Escreve mal? É superficial? Vem bomba aí.

– O doutor Lucas escreve como um louco – comentou Marco Polo.

– Eu sabia – disse Michael.

Porém Sofia interveio, desanimada:

– Explique melhor sua observação. Uma afirmação desta não é uma resposta, mas uma opinião ditatorial.

Os dois teólogos ficaram abatidos. Saíram do céu para o abismo novamente. Queriam explicações inteligentes.

– Observando esses versículos, não vejo razões para essa loucura. Tachá-lo de insano sem argumentos plausíveis é uma insanidade maior ainda – disse o Dr. Alberto em sintonia com Sofia.

– Vocês me interpretaram erroneamente. Não disse que o doutor Lucas "é um louco", mas que "escreve como um louco".

– Como assim? – questionou Michael, espantado.

– Lucas comenta que "muitos se empenharam em elaborar uma narrativa histórica sobre os fatos que entre eles ocorreram, conforme descreveram testemunhas oculares e os líderes dedicados à Palavra". E diz que "ele mesmo investigou tudo em detalhe a partir de sua origem". Em seguida, ele endereça seu livro a uma pessoa específica: "Decidi te escrever um relato ordenado, ó

excelentíssimo Teófilo, para que tenhas plena convicção...”

Marco Polo sabia que o processo de formação de pensadores era forjado pela arte da pergunta. Perguntar, questionar, abria o leque da mente para grandes respostas. Ele provocava os membros da mesa-redonda a cada minuto.

– O que vocês enxergam nesses primeiros textos? Qual era a intenção subliminar?

– Vejo um escritor preocupado com fatos históricos. Não um biógrafo de gabinete, mas um autor investigativo, como se estivesse defendendo uma tese – comentou o teólogo do Vaticano.

– Sim, ele perscruta fatos como um médico quando vai diagnosticar uma doença. Lucas, ao dizer que investigou, entrevistou, organizou os dados, demonstra que valoriza mais o natural do que o sobrenatural, mais o raciocínio esquemático do que uma narrativa supersticiosa.

– Interessante – apontou Sofia. – Ele era um escritor refinado!

– Mas, se ele escreve falando do biografado de forma apaixonada, não haveria um envolvimento emocional que dificultaria o distanciamento necessário para se realizar uma pesquisa adequada? – indagou Michael, o neurocientista.

– Sim, Michael, ele se envolve emocionalmente, mas tem uma lucidez surpreendente. Gostaria de dizer que os textos iniciais são insignificantes, mas tenho de confessar que estou surpreso.

– Por quê, Marco Polo? – questionou o amigo.

– Vejamos. Ele fez um levantamento surpreendente das gerações da família de Jesus. Ele disse: “Jesus, filho de José, que era filho de Eli, que era filho de Matate...” Independentemente da exatidão desses dados, apontá-los é muito relevante. Ele fez entrevistas extensivas com pessoas que viveram com Jesus. Não vou entrar em detalhes agora, mas inclusive foi o biógrafo que mais se aproximou de Maria, e ela lhe revelou fatos íntimos sobre o filho. Tenho de reconhecer que, como escritor, o doutor Lucas levou a racionalidade às alturas!

Os dois teólogos e Sofia se encantaram com a honestidade de Marco Polo. Em seguida ele prosseguiu:

– O pensamento dedutivo é o pensamento mais lógico do intelecto, e poucos o desenvolvem por completo. Vamos exercitá-lo. O doutor Lucas escreveu: “Muitos têm empreendido narrar ordenadamente os fatos que entre nós ocorreram.” O que vocês deduzem desse trecho?

– Que Lucas empreendeu uma narrativa inteligente, baseada em investigação – afirmou o Dr. Thomas.

– Essa é a dedução óbvia, mas liberte seu imaginário e vá mais fundo na dedução, doutor Thomas – instigou Marco Polo.

Mas nada mais lhe veio à mente. Nem à dos outros.

– Lucas escreveu por volta do ano 55 d.C., antes da biografia ou evangelho de João, correto?

– Sim – disseram os dois teólogos.

– Portanto, é provável que antes dele já tivessem sido escritos os livros de Mateus e Marcos. Mas por que Lucas diz que "muitos têm empreendido escrever"?

– Espere. Ele deveria ter dito no máximo "dois", mas a expressão "muitos" tem grande significado. Indica que, além dos conhecidos, provavelmente existiam muitos biógrafos de Jesus, cujos escritos se perderam – afirmou o Dr. Alberto.

– É uma dedução mais profunda – afirmou Marco Polo.

– Ou não foram validados pelos cristãos – disse o Dr. Thomas.

– Faz sentido – comentou Sofia.

– Mas o pensamento dedutivo que entra em camadas mais profundas dos fatos é que o "fenômeno Jesus" era contagiante. Mexeu tanto com a mente e o imaginário dos personagens da época que provocou uma avalanche de sonhos, expectativas e afetos, motivando as pessoas a falar e escrever sobre ele.

– Talvez um delírio coletivo? – indagou Michael.

– Um delírio coletivo só ocorre nos focos de tensão política e social, como, por exemplo, quando um ditador está no poder ou um grande acontecimento social está em curso. Nesse caso, o Eu torna-se refém do imaginário irracional.

– E o livro de Lucas foi escrito mais de duas décadas após Jesus ter sido crucificado.

– Exato, doutor Thomas.

– Além disso, se houvesse delírio religioso, o doutor Lucas não falaria sobre "narrativa lógica" e muito menos seu mentor, Paulo, reconheceria as próprias loucuras – discorreu Marco Polo.

– Reconheço que havia consciência crítica – afirmou Michael, refinando seu pensamento dedutivo. – Ao contrário da Alemanha nazista, onde os líderes eram "inquestionáveis". Eles consideravam os judeus inimigos simplesmente por serem diferentes.

– Correto. E Lucas, apesar da paixão pelo biografado, empregou os pressupostos de uma excelente análise: foco nos detalhes, capacidade de observação, entrevistas, organização de dados... – concluiu o Dr. Alberto.

Nesse momento, Sofia resolveu desafiar Marco Polo. Olhando para ele, disse:

– Numa época em que o analfabetismo atingia as massas, o fato de haver muitos que se motivaram a registrar os comportamentos de Jesus reforça a tese de um personagem real, e não fictício – ponderou, olhando fixo para Marco Polo.

O psiquiatra sorriu. Sofia apenas jogou combustível na fogueira que ele já havia acendido.

– Para mim, Jesus tinha sido um personagem construído por um grupo de galileus para libertá-los da tirania do imperador romano, Tibério César. Entretanto, independentemente de achados arqueológicos, a crítica filosófica e

literária aponta para o fato de que Jesus não pode ter sido uma figura fictícia, uma obra da imaginação. Ele foi o agente de um "terremoto emocional" real, embora ainda não tenhamos julgado sua inteligência – reconheceu Marco Polo, perturbado.

– Surpreendente – disse o Dr. Alberto. – Sempre falamos da inspiração divina desse livro, mas esquecemos que Lucas também usou uma notável inteligência.

– O ser humano raramente encanta, inspira ou impacta seus alunos, colegas de trabalho ou familiares. Ao contrário do fenômeno Jesus, somos toscos demais – afirmou Marco Polo, decepcionado consigo mesmo, lembrando-se de Lucas, seu filho. – Todavia, o que mais abalou meu preconceito não foi o raciocínio empregado pelo doutor Lucas, mas sua motivação ao escrever seu livro.

– Não estou entendendo aonde você quer chegar. Lucas escreveu para a humanidade! – pontuou o Dr. Alberto.

– Não. Seu livro foi usado pela humanidade, mas ele não o escreveu com esse intuito.

– Para os judeus, então? – indagou o Dr. Alberto.

– Não.

– Para os gregos? – perguntou Michael.

– Também não – afirmou Marco Polo. – Vejam novamente o prefácio e tentem encontrar um detalhe que passou despercebido por inúmeros estudiosos.

– Incrível. Que loucura é essa? É verdade! Lucas escreveu para um só homem! – bradou o Dr. Thomas. – Ele disse: "Decidi te escrever um relato ordenado, excelentíssimo Teófilo, para que tenhas plena convicção..."

– Exatamente. A introdução de Lucas me atirou no chão, devastou mais uma vez meu preconceito – comentou o psiquiatra, que, em seguida, ficou em silêncio.

– Não entendo o que o abalou tanto – indagou Michael.

– Pense comigo. Você gastaria meses ou anos escrevendo um livro à mão para uma só pessoa?

– Seria um desperdício de tempo! – concordou Michael.

– Somos cartesianos, lógicos, apequenados. Contabilizamos o tempo, não o desperdiçamos nem com quem amamos. Não perguntamos para eles que pesadelos os assombram nem que lágrimas nunca encenaram no teatro do rosto – reagiu Marco Polo.

Michael ficou mudo. Tinha uma filha com síndrome de Down, mas não era um garimpeiro que explorava os tesouros nos solos da emoção dela. Naquele momento, passou um filme em sua mente. Sua filha dizia: "Papai, papai, vem brincar comigo." "Agora não posso, filha", ele respondia e saía de cena. Tinha tempo para a ciência, mas não para quem dizia amar.

A sala do debate ganhava mais espectadores. Os que estavam presentes, bem como os milhares de pessoas que assistiam ao vivo pela internet, ficaram tocados

com a superficialidade das relações interpessoais que viviam.

Uma jovem de 15 anos, de origem japonesa, ao assistir ao debate, disse para seu pai:

– Você nunca tem tempo para mim, papai. Conecta-se com o mundo, mas não se conecta comigo.

Um jovem de Xangai, de 20 anos, comentou:

– Meu pai, você sabe que sou o melhor aluno da classe. Conhece minhas notas, mas nunca perguntou nada sobre meus sentimentos nem sequer sobre minhas lágrimas. Estou deprimido, à beira de um suicídio.

Um médico francês pediu desculpas para a esposa por ser seco e frio dentro de casa. Delicadamente indagou:

– O que eu posso fazer para torná-la mais feliz? Onde eu errei e não percebi?

Muitas pessoas iam sendo transformadas à medida que assistiam aos debates e enxergavam o comportamento de Lucas em valorizar um amigo.

Sofia completou o raciocínio de Marco Polo:

– Não temos tempo nem para nós mesmos. Somos traidores de nossa qualidade de vida, máquinas de trabalhar e de realizar tarefas. O livro de Lucas resgata o que o dinheiro jamais pode conquistar!

Marco Polo a aplaudiu e completou:

– Lucas teria escrito para um oficial romano, numa época em que o tempo era escasso e que a média de vida não ultrapassava os 40 anos? É quase... incompreensível.

– Esse comportamento, de escrever um livro para uma só pessoa, é um surto psicótico – afirmou Michael.

– Ou um surto de amor – ponderou o Dr. Thomas. – Deduz-se que o livro de Lucas, por ser endereçado a um só homem, não era uma propaganda política ou uma peça de marketing de uma religião, mas um ato solene de amor.

– Sem amor não há inclusão social sustentável. A Europa, palco da Primeira e da Segunda Grande Guerra, precisa redescobrir um Jesus não religioso, um amor que transcende barreiras culturais, que abraça mais e julga menos, que desperdiça tempo com os que vivem à margem da sociedade – concluiu o teólogo do Vaticano, pensando na inclusão de imigrantes, nos ataques terroristas e nos conflitos econômicos.

Todos silenciaram em homenagem às vítimas inocentes dos últimos ataques terroristas. Depois disso, Marco Polo finalizou o debate daquele dia:

– Não sei se vamos nos decepcionar com a inteligência de Jesus ou não, se passará nos testes de estresse e de gestão da emoção ou não, mas é inegável que, por onde andou, ele causou um vendaval emocional que fragmentou o egocentrismo.

E assim terminou mais uma mesa-redonda de Marco Polo e seus amigos. Os demais debates ocorreriam no mesmo nível. A mente deles e dos que lhes

assistiam começaria a vivenciar uma revolução emocional. Surpresas incríveis surgiriam.

11

MARIA, UMA EDUCADORA OUSADÍSSIMA

Respeitosos e entusiasmados, sem medo nem freios, os cinco membros discutiam o comportamento de Jesus e de todos os personagens que o envolviam – como Lucas, Paulo e Maria – sob o prisma das ciências humanas. Sem mais demora, Marco Polo retomou os debates:

– Sei que estão animados para começar a estudar a personalidade de Jesus, mas ainda não é o momento!

– Como não? – retrucou Michael.

– Estudamos, ainda que minimamente, algumas características da mente do doutor Lucas, o biógrafo de Jesus. Agora precisamos estudar algumas características relevantes de sua educadora: Maria.

O Dr. Alberto abriu um sorriso e disse:

– Depois da Santíssima Trindade, Maria é a personagem mais querida para a Igreja Católica Romana.

– Mas será que vocês a conhecem? – provocou Marco Polo.

– É claro que sim – disse Dr. Alberto impulsivamente. Mas depois se corrigiu: – Pelo menos penso que conhecemos.

– Mas é muito provável que a mulher mais famosa da história, no que se refere aos meandros de sua mente, seja pouquíssimo conhecida pelos que a admiram.

Sofia começou a refletir sobre as palavras do seu mentor e percebeu que mais uma bomba estava prestes a ser detonada. Sem demora, a moderadora da mesa-redonda indagou:

– Poderia explicar melhor?

– Quais características da personalidade de Maria são mais relevantes?

– Ela era dócil, meiga, abnegada, doadora – afirmou sem margem de dúvidas o teólogo do Vaticano.

Marco Polo o confrontou:

– Não é esta a Maria apontada pelo doutor Lucas. Ela pode ser dotada de meiguice e generosidade, mas as características mais relevantes descritas pelo médico grego são: 1) uma coragem extrema; 2) uma sofisticada capacidade de reflexão; 3) uma surpreendente habilidade de raciocinar de maneira sintética; e 4) uma autoestima extraordinária.

O Dr. Alberto comentou:

– Sou teólogo e também formado em psicologia. Dei inúmeras conferências

sobre Maria, mas essas características não estavam em meu radar. Coragem extrema e autoestima extraordinária... Será que não está equivocado, doutor Marco Polo? – perguntou o Dr. Alberto.

– Esses traços da personalidade de Maria também são novos para mim – comentou Sofia, que também admirava a mãe de Jesus. – Sempre vi Maria triste, sofrendo, tal como esculpida na *Pietá*, a famosa obra de Michelangelo que fica na catedral de São Pedro. E em que base analítica você se apoia para afirmar essas quatro características?

– Pense um pouco, Sofia. Quem acreditaria que o bebê era um projeto divino? Como acreditariam que uma jovem, uma adolescente de 15 ou 16 anos, era portadora da mais notável missão? Como convencer homens cultos, os escribas e fariseus, que determinavam o que era adequado em termos espirituais ou heresia? Ela aceitou ficar grávida sem titubear, numa terra em que os adúlteros eram condenados à morte. Como ela explicaria a gravidez a seus pais, ao futuro marido e aos amigos?

– É preciso determinação – reconheceu o Dr. Thomas.

– Mais que isso, uma ousadia sem precedentes.

– Para nós, que enxergamos os fatos sob o ângulo espiritual, parece que tudo ocorreu de forma perfeita, harmoniosa, mas esquecemos de nos colocar no lugar dos outros para sentir suas angústias – afirmou o teólogo do Vaticano.

– Sem dúvida – comentou Marco Polo, perito em análise crítica. – Interpretar os comportamentos de alguém já é seríssimo, ainda mais quando são descritos em letras secas e frias. Temos de duvidar de nossas verdades, pensar em outras possibilidades. Vivemos num mundo violento porque as pessoas pensam sem qualidade. Transportem-se para o lugar de Maria e tentem sentir suas emoções.

Ao fazer esse exercício, o Dr. Thomas comentou:

– Imagine as noites de insônia, o risco de ser execrada socialmente, os deboches, as críticas dos que a consideravam louca...

– Num momento ela era exaltada como a "mulher das mulheres", noutro tinha de suportar ser a mãe mais perseguida – afirmou Sofia.

Marco Polo se alegrou ao ver que seus amigos estavam saindo da superfície do debate e entrando em camadas mais profundas do raciocínio dedutivo, indutivo e reflexivo. Sofia, lembrando-se de sua breve e sofrida experiência como mãe, comentou:

– O único filho que tive nasceu com sete meses, prematuro, depois de uma grave discussão com meu ex-marido. Mas, infelizmente, ele teve problemas cardiorrespiratórios.

Os olhos de Sofia lacrimejaram ao relatar sua emocionante história. Ela recordou a cena: "Onde está meu filho?", perguntava ela. "Acalme-se, Sofia. Ele está na UTI neonatal", dizia a enfermeira.

– Mas meu instinto materno falou mais alto – contou aos membros da mesa. –

Ninguém conseguiria me impedir. Eu saí segurando o soro e fui até a UTI. Desesperada, cheguei à porta e tentaram me barrar. Mas eu gritava: "Quero ver meu filho!" O médico olhou em meus olhos e me deu a sentença final, um punhal em meu coração: "Sinto muito, ele acabou de falecer." Eu entrei na UTI e comecei a acariciar meu pequeno bebê. Queria vê-lo brincando, crescendo, me beijando, mas seus lábios estavam cerrados e seus olhos, fechados para sempre.

Todos os membros da mesa-redonda colocaram as mãos sobre as dela.

– Sinto muito – disseram.

– Você é forte e encantadora, Sofia – concluiu Marco Polo.

Não poucos espectadores na plateia e entre os que assistiam via internet choraram. Foi então que Sofia acrescentou:

– Se eu estivesse no lugar de Maria, se tivesse que fugir desesperadamente para que meu filho não fosse morto, talvez enlouquecesse ou me considerasse a mais enganada das mulheres, não a mais privilegiada – afirmou, ainda emocionada.

Depois de uma breve pausa, o teólogo de Harvard perguntou a Marco Polo:

– Entendi que Maria precisou de uma coragem extrema, mas que elementos o fazem considerar que Maria era reflexiva?

– Em primeiro lugar, o doutor Lucas comenta que um forasteiro invadiu seus aposentos, um "extraterrestre" chamado Gabriel. Em vez de sucumbir ao medo, Maria ficou intrigada, analisando o motivo de sua saudação. Em segundo lugar, quando o estranho lhe fez a proposta do projeto divino, ela novamente refletiu e quis saber como os eventos se materializariam.

– De fato, essa dedução é surpreendente. Quem debateria com um fantasma? Maria discutiu com o estranho, disse: "Como isso ocorrerá, se não tenho relação com homem algum?" – apontou o Dr. Alberto com perspicácia. – Ela era uma jovem reflexiva, não impulsiva.

– Lucas disse no prefácio da biografia de Jesus que relataria fatos testemunhados em primeira mão. É muito provável que esses pensamentos íntimos de Maria tenham sido relatados por ela própria – concluiu o Dr. Thomas.

– Há grande possibilidade de isso ser verdade – afirmou Sofia.

Michael ficou com uma pergunta entalada na garganta enquanto Marco Polo fazia essa exposição.

– Esperem um pouco! Vocês acreditam que Maria concebeu miraculosamente? Em pleno século XXI, é um absurdo crer nesse fenômeno!

Marco Polo se adiantou:

– Para a medicina, Jesus precisaria ter 23 cromossomos de um espermatozoide e 23 cromossomos de um óvulo. Assim seria formado um ovo, que se multiplicaria rapidamente em milhões de células, que formariam um embrião, e a partir do segundo trimestre teria bilhões de células e formaria um

feto, que resultaria num organismo com mais de 10 trilhões de células... Como você aponta, Michael, a equação biológica de Jesus não fecha.

– Mas não podemos esquecer que quem nos dá um relato da concepção de Jesus não é um escritor qualquer, mas um médico criterioso, o doutor Lucas – alertou Sofia, assumindo o papel de médica psiquiátrica. – O Autor da Vida poderia ter pego todos os cromossomos de Maria, feito uma clonagem e modificado apenas um dos cromossomos X, transformando-o em Y.

– Impossível! – disse Michael.

– O que é impossível para os homens é possível para Deus – afirmou o Dr. Alberto.

– Falamos que não discutiríamos religião neste debate. Deus para mim é uma ficção – disse Michael, se levantando com rispidez.

– Se você não é uma ficção, como pode afirmar que Deus é uma ficção? – retorquiu o Dr. Alberto, irritado.

Os ânimos ficaram acirrados. Marco Polo tentou acalmar o amigo:

– Quando a fé fala, a ciência se cala. Esse é o nosso trato. Mas pense um pouco, Michael, vamos fazer uma exceção e discutir filosoficamente as hipóteses da concepção de Jesus.

Nesse momento Marco Polo entrou em camadas tão profundas que todos os que o ouviam ficaram abalados:

– Supondo que Deus exista, vamos colocá-lo no centro deste debate. Quero respostas honestas e rápidas dos dois teólogos. Quem é ele e qual é sua identidade?

– Não sabemos com precisão. Deus é um mistério – disse o Dr. Thomas.

– Obrigado pela honestidade. Mas não é estranho amarem e seguirem um desconhecido?

– Jesus Cristo revelou alguns de seus aspectos – afirmou o Dr. Alberto.

– Qual a sua origem? – perguntou Michael, com uma risada sutil.

– Ele não tem origem – afirmou o Dr. Thomas. E completou: – Ele é autoexistente. Ele é, sempre foi e sempre será. Existe de eternidade a eternidade.

– Como é possível? Então ele é tão grande que está zombando deste debate – declarou Marco Polo.

A plateia riu.

– Talvez esteja se divertindo – comentou o Dr. Alberto.

Mais risos.

– Ele não se assusta com o meu ateísmo nem com o de Marco Polo? – alfinetou Michael.

– Penso que ele é um pai que vê as crianças correndo de um lado para outro e diz: "Que brincadeira interessante!" – especulou o Dr. Thomas.

– Era só o que me faltava, sou um brinquedo de Deus – comentou Michael.

Dessa vez a plateia caiu na gargalhada, inclusive Sofia. Mas em seguida o Dr.

Thomas comentou:

– Todavia, este debate é seríssimo e tem consequências importantíssimas, pelo menos para nós, mas talvez para toda a humanidade.

Eles gravavam o debate para depois transformá-lo em livros.

– Ah, bom, assim já melhorou! – afirmou Michael, de forma engraçada.

Marco Polo aumentou a temperatura das perguntas:

– Por que Deus fica no anonimato?

– Não sei – afirmou o Dr. Alberto.

– Por que não intervém diretamente nesta cálida espécie?

– Não sei – afirmou o Dr. Thomas.

– Como "não sei"? Vocês não são teólogos notáveis? – indagou Marco Polo.

– Nenhuma resposta seria suficiente para essa questão. Sobretudo depois que se instalou este debate sobre a mente de Jesus – afirmou o Dr. Thomas com maturidade.

– Retomemos o pensamento de Voltaire: Deus não age porque é omisso ou porque considera a humanidade um projeto falido? – provocou Marco Polo.

– Gostei, Marco Polo. Esse questionamento foi na mosca – comentou Michael, eufórico.

Mas a resposta do Dr. Thomas foi um balde de água fria:

– O Autor da Existência é tão grande e apostou tanto na humanidade que deu a ela um tesouro insondável: a liberdade de escolha. Escolhas erradas são as verdadeiras responsáveis pela biografia da humanidade ser manchada pela violência.

– Inclusive a violência causada pelos erros dos cristãos, como as Cruzadas, a Inquisição, a exclusão das minorias – disse Michael, mais exaltado.

– Inclusive essas – afirmou laconicamente o teólogo do Vaticano. – Os crimes cometidos por filhos não podem ser atribuídos aos seus pais.

– Os filhos erram quando os pais não os educam bem! – comentou Michael.

– Nem sempre. Você é neurocientista e sabe que não se fabrica uma personalidade. O que estamos fazendo nesta mesa-redonda? Não estamos estudando a inteligência de Jesus? Não vamos analisá-lo como gestor da emoção? Não pretendemos avaliá-lo como Mestre. Vamos ver se ele é um bom educador da humanidade? – indagou o Dr. Alberto.

– Excelente desafio. Mas vamos ver também se os cristãos são bons alunos? – provocou Michael mais uma vez.

– Notável desafio! Estamos aqui para isso! – disse o Dr. Thomas sem meias palavras. – Inclusive para mapear nossos vampiros emocionais.

A mesa-redonda produzia debatedores fortes que pouco a pouco perdiam o medo de olhar para dentro de si. A plateia estava fascinada com todos esses questionamentos profundos.

– Inteligente resposta! – constatou Marco Polo. – Neste debate, estudaremos a

mente de Jesus e colocaremos em xeque inclusive suas habilidades para formar pensadores. Agora vamos continuar exercitando o raciocínio complexo. Imagine que Deus se esconde atrás da cortina do tempo e do espaço. Nesse caso, ele é superpoderoso e está acima da teoria da relatividade e da física quântica. Como pode alguém tão grande enviar o filho que tanto ama à morte? Deus não foi cruel?

– O que você chama de crueldade nós chamamos de amor – afirmou o Dr. Thomas.

Marco Polo engoliu em seco, suspirou e continuou a bombardear os ilustres teólogos com suas perguntas, algumas nunca antes feitas.

– Seria sensato seu filho, superpoderoso, atemporal, passar pelo constrangimento de ser um embrião, um feto, um bebê, uma criança, um adolescente, para depois se tornar um adulto e atuar no teatro social?

Michael entrou nessa seara, sorriu vitorioso e completou:

– Parabéns, Marco Polo, sou fã do seu raciocínio. Se eu fosse Deus, seria mais esperto, enviaria um general com um enorme exército ou um super-herói.

Mais uma vez a plateia riu. Mas Sofia não gostou da maneira debochada como Michael falou e confrontou-o:

– Os super-heróis, como o Super-Homem e o Batman, são acéfalos. Eles combatem inimigos sem se preocupar com a história socioemocional dos oponentes! – Todos deram gargalhadas. Sofia completou: – Mas agora alguns roteiristas estão tentando humanizá-los.

– Opa! A Dra. Sofia deixou de ser moderadora e está tomando partido – disse Michael com ironia.

Nesse meio-tempo, mais alguns espectadores entraram na sala de debates. O Dr. Alberto estava adorando o raciocínio de Marco Polo e comentou:

– De fato, o projeto de Deus é complexo, demandou um custo emocional caríssimo de sua parte. Ele queria que seu mensageiro, seu filho, adquirisse a humanidade no sentido mais pleno da formação biológica e psicológica para que, entendendo as loucuras humanas, pudesse resgatar o ser humano.

– O bebê, o menino e o homem Jesus precisavam sentir dores físicas e emocionais, experimentar a solidão, o desprezo, os vales das angústias e das ansiedades – completou o Dr. Thomas.

Marco Polo parou para pensar, não esperava essa resposta. Mas insistiu:

– Para vocês, então, Jesus tinha consciência de quem era no útero materno?

– Você entrou numa esfera em que nunca imaginei entrar. Não sei – afirmou o Dr. Alberto.

– Se Jesus era o filho de Deus tal como vocês creem, o útero de Maria poderia ter sido uma solitária insuportável – afirmou Michael.

– Nove meses poderiam ser um período emocionalmente mais longo do que toda a eternidade. Um cárcere inimaginável – afirmou Marco Polo. E especulou:

– A não ser que sua memória preexistente fosse suprimida durante sua formação fetal e sua infância.

– Estou perplexo com seus questionamentos, doutor Marco Polo. Nunca imaginei que com esta idade minha mente iria se tornar um caldeirão de indagações – disse o Dr. Thomas. – Talvez a memória de Jesus tenha sido suprimida durante a formação de sua personalidade e sido resgatada aos 30 anos, quando ele começou a divulgar sua mensagem. Mas esses pontos são um mistério!

– Lancei a dúvida, mas como cientista sou obrigado a pensar melhor a respeito. Uma amnésia temporária? Um comportamento autista em relação a seu passado atemporal? Difícil ter certeza. E, além do mais, como Jesus poderia ter suprimido seu passado preexistente se com 12 anos debatia com os doutores da lei e dizia coisas além dos ensinamentos dos seus pais? – refletiu Marco Polo.

– Não sei, não sei... Nunca tinha pensado sobre isso. Se a memória de Jesus estava preservada, ele pode ter sofrido e se sacrificado pela humanidade muito mais do que imaginam todas as religiões que o admiram. Sua formação foi tão dramática quanto sua crucificação... Um cárcere insuportável – afirmou o Dr. Thomas, impressionado.

– Meu Deus, a crucificação seria apenas um fragmento de sua dor... – comentou Sofia, admirada.

– Lemos os evangelhos com tanta superficialidade que anulamos nossa capacidade de pensar – concordou o Dr. Alberto.

Antes de terminar mais uma mesa-redonda, Michael se levantou e tentou sintetizar seu mar de dúvidas:

– Vocês não acham absurdo um suposto príncipe, enviado por um poderosíssimo rei, nascer num curral? Isso é coisa de louco!

– Louco de amor – confrontou-o Dr. Alberto mais uma vez.

– Amor, amor, amor... Vocês religiosos são infectados pelo romantismo! – afirmou Michael.

– De fato, qualquer bebê nas favelas do Rio de Janeiro, da Índia e de Bangladesh nasceria em condições mais dignas do que esse menino. Não bastasse o possível cárcere do útero materno, o bebê nasceu num estábulo, mal teve tempo de brincar, precisou fugir para outro país para não ser morto. Esse menino teve muitos motivos para ser deprimido e ansioso! Se não soubesse filtrar estímulos estressantes e gerir sua emoção, naufragaria – ponderou Marco Polo.

– Essa é uma história sem precedentes – afirmou o Dr. Thomas.

– Nem o criativo Nietzsche em seus delírios imaginaria uma história como a dessa criança! – disse Michael.

– Não sei se Jesus passará nos testes da inteligência socioemocional, que é muitíssimo mais complexa do que a inteligência lógica dos testes de QI, mas é inquestionável que sua história é revolucionária – concluiu Marco Polo com

propriedade.

Todos concordaram. Durante esses acalorados debates, incontáveis cristãos, budistas, judeus e ateus começaram a acompanhá-los pela internet. Inclusive os islamitas, até porque Jesus era um dos personagens mais citados no Alcorão.

Segredos e mais segredos. Os membros da mesa nunca imaginaram que a biografia de Jesus escrita por Lucas fosse essa fonte insondável de mistérios. E estavam apenas no início dos debates. Não sabiam aonde chegariam.

12

MARIA, UMA MULHER ANALÍTICA E OUSADA

O início desta era

Naquela tarde ensolarada, o vento roçava a rua de terra seca e levantava uma cortina de poeira que embaçava os olhos das pessoas mas refrescava a pele. Três grandes amigas que tinham acabado de completar 15 anos reuniam-se descontraídas numa praça. Estavam debaixo de uma oliveira, cujo tronco carcomido escondia séculos de existência. As garotas não festejaram seu aniversário, pois a vida era tão dura que ter o que comer já era uma festa. Sentadas em velhos e irregulares bancos de madeira, contemplavam no horizonte as plantações de uva e o solo despido de gramíneas. Sons de pardais, cuja sinfonia era sempre confusa, alegravam as jovens na terra da escassez.

As amigas dividiam pedaços de pão feitos com farinha misturada com azeite e sal. Tinham que mastigar muito para umedecer o bocado e não ficar entaladas. Uma jovem se destacava pela sociabilidade, pela eloquência e o bom humor. Estava eufórica, animada, porque fora prometida a um homem. Sua alegria era contagiante.

– Vai se casar em breve, Maria? – indagou Rebeca.

– Em um ano.

– O dia em que eu me casar serei também feliz – disse Rute.

– Nunca pense em se casar para ser feliz, Rute, mas para ser mais feliz. Feliz você já deveria ser – afirmou Maria.

Rute parou, pensou no que Maria disse e lhe respondeu:

– Você diz cada coisa! É difícil acompanhar o seu raciocínio.

– O que é ser feliz? – disse Rebeca, fazendo a pergunta mais frequente da humanidade, aquela que os sábios de todas as culturas e em todos os tempos nunca conseguiram responder na plenitude.

Mas para Maria a resposta era simples:

– Ser feliz é contemplar a assinatura do Autor da Existência nas coisas simples e anônimas. É se deslumbrar com a chuva e com o sol. É recomeçar tudo de novo quando necessário.

– Você parece tão forte. Não se deprime nesta terra seca? – indagou Rebeca.

– Sou feliz por existir, respirar, amar, sonhar, por me relacionar... Nunca pensou como é incrível estar viva? – comentou Maria.

– Você é tão ousada, Maria! – exclamou Rebeca.

– Minha ousadia vem da minha pequenez, Rebeca.

– Não tem medos? – quis saber a amiga curiosa.

– Tenho meus medos. E o maior deles é não ter controle sobre mim mesma, especialmente sobre meus pensamentos soberbos e negativos – afirmou a jovem, que possuía um raciocínio sem precedentes entre todas as jovens da Terra.

– Mas de onde vem a sua inteligência? – perguntou Rute, perturbada.

– Todos somos inteligentes – afirmou Maria com simplicidade.

De repente um mendigo apareceu pedindo pão. Seu rosto estava deformado pela lepra. Rebeca e Rute se encolheram, enquanto Maria foi ao encontro dele e lhe deu um pedaço. Alguns escribas, homens cultos que passavam por ali, a advertiram:

– Cuidado, jovem. Pode ser perigoso.

Mas ela os surpreendeu:

– O maior perigo é ficarmos indiferentes à dor dos outros.

– Mas quem é você para nos ensinar?

– Desculpe, não quero ensinar nada, só falei o que sinto.

– Não percebe que esse leproso contamina a terra? E o cheiro dele é horrível.

– Mas quem exala um bom odor de sua alma? – indagou ela: – Deus não exalta os humildes e retira do trono os orgulhosos?

As amigas ficaram abismadas com sua ousadia. Rebeca puxou-a pelo braço e disse baixinho:

– Maria, cuidado! Você é uma mulher.

– Você é muito estranha, minha jovem – disse um dos senhores.

E, assim, Maria estava vivendo os pensamentos mais relevantes que um dia proclamaria em sua tese conhecida como *Magnificat*. Tinha uma habilidade intelectual que não era própria da sua idade. As amigas tomaram o rumo de suas casas. No caminho, Rebeca lhe pediu:

– Maria, pode me ensinar a ler?

– Eu também gostaria – pediu Rute.

– Estão dispostas a superar o preconceito dos homens?

– Tenho dúvidas – disse Rute com sinceridade. – Sei que a leitura é um privilégio de poucos homens, especialmente dos escribas.

– Saber as letras é uma coisa, ler papiros à luz de lampiões é outra. Isso exige perseverança para enfrentar o cansaço.

Rebeca franziu a testa e confessou:

– Não tenho essa motivação toda...

– Eu tenho fome de ler e sede de conhecer. Não aprendi a ler porque meu pai desejou me ensinar, mas porque lutei por esse sonho. Houve muita disciplina.

Minutos depois ela se despediu das amigas. O sol preparava-se para se despedir dos lavradores. Chegando em casa, Maria beijou seus pais no rosto.

– Que bom vê-lo animado, papai!

– Seu encanto pela existência me fascina, minha filha – disse seu pai com alegria.

– Numa terra onde falta o pão de trigo, não pode nos faltar o pão da alegria – disse a jovem Maria com argúcia. – Como passou o dia?

– Colhemos azeitonas e as espremem os. Teremos uma boa safra.

Logo Maria se despediu de seus pais e se recolheu em seus aposentos. Sua cama de palha tinha ondulações indesejáveis. Mas, para ela, era sua emoção que dava densidade a seu colchão e embalava seu sono por noites tranquilas.

Sentou-se na cama e começou a meditar. Depois de elevar os olhos para o teto lúgubre, preparava-se para recuperar a energia vital gasta em mais uma jornada diária. Todavia, sentiu algo estranho em seu quarto, parecia que estava sendo observada. Deveria estar tomada pelo medo. Ondas de substâncias, em destaque a adrenalina, deveriam estar percorrendo sua corrente sanguínea, disparando seus pulmões e seu coração para fugir da situação de risco.

Maria não velava os problemas, racionalizava-os. Subitamente percebeu que um forasteiro entrara em seu quarto. E, para piorar o estressante quadro, o estranho bradou para ela:

– Alegra-te, muito agraciada. O Senhor está contigo!

Quem se alegraria diante de um invasor? Que mente permaneceria calma diante de um estranho num ambiente tão íntimo? Mas, em vez de se curvar ao medo e entrar em estado de choque, a jovem mergulhou dentro de si e começou a refletir sobre o significado da mensagem. O estranho se surpreendeu com a atitude da jovem.

– Maria, não temas. Tu és uma mulher privilegiada por Deus. Eis que darás à luz um filho, o qual chamarás de Jesus. Ele será grande e será chamado de filho do Altíssimo... E o seu reino não terá fim...

Maria, em vez de ficar muda, sair correndo ou chamar seus pais, começou a dialogar com o "fantasma" em seu quarto:

– Você invadiu meus aposentos e me pediu para não ter medo. E, em seguida, deu-me uma notícia surpreendente, dizendo que darei à luz um filho. Ainda por cima me disse que esse menino se chamará filho do Altíssimo. Quem é você?

– Eu sou Gabriel.

E, para espanto dele, em lugar de recusar a impactante oferta ou achar que tudo era um delírio de sua mente, a jovem começou a perguntar sobre como se daria esse inimaginável fenômeno:

– Como acontecerá isso? Jamais tive relação com homem algum!

Então o anjo lhe esclareceu o plano e finalizou dizendo:

– Para Deus, não há nada impossível!

Gabriel esperava muitas outras perguntas, dúvidas cálidas, dantescas incertezas em relação ao futuro, até porque Maria era muito jovem. Entretanto, para seu espanto, ela aceitou o mais complexo desafio. Não pensou nas

gravíssimas consequências que teria que enfrentar.

– Cumpra-se em mim a sua palavra.

No dia seguinte, logo que amanheceu, com muito tato procurou conversar com os pais sobre os fatos. Sentiu o drama que teria pela frente.

– O quê? Um estranho em seu quarto? Maria, a sua imaginação é muito fértil!

– Mas, papai, o anjo falou comigo!

– Anjos falam com os homens, com os sacerdotes!

– Mas falou comigo! – afirmou.

– E o que ele disse? – indagou a mãe, preocupada.

– Que eu era uma privilegiada por Deus.

– Mas todas as jovens são.

– Ele disse mais uma coisa.

E fez um momento de silêncio, o que inquietou sua mãe.

– Vamos, fale, menina!

– Que eu ficarei grávida, ou melhor, que estou grávida.

– Grávida? Mas você ainda não se casou!

Ela silenciou novamente. Seu pai entrou em pânico.

– Não vai me dizer que você está grávida de outro homem?

Era uma situação dramática. Se seus pais reagiram assim, como explicaria aos outros? Que palavras diria? Quem nela acreditaria? O pai a amava muito, mas se espantou a tal ponto que se levantou e elevou o tom de voz:

– Maria, você sempre nos deu muitas alegrias, sua sensibilidade é contagiante. Mas você foi longe demais. – E, limpando o suor do rosto, disse: – Filha, sabe as consequências disso? Será apedrejada. Sangrará em praça pública.

– Querida, se não está grávida de José, você cometeu adultério – falou a mãe chorando, com a voz trêmula.

– Cairemos em vergonha. Você será... repudiada. Ai, meu Deus... – disse o pai colocando as mãos na cabeça.

Os pais limpavam as lágrimas do rosto. Estavam em pânico.

Pela primeira vez Maria se deu conta da responsabilidade que havia aceitado.

– Meu pai, acredite em mim, não estou grávida de um homem.

– Está louca, menina? – disse a mãe, angustiada.

– O que de fato aconteceu em seu quarto? – indagou o pai, tentando ficar um pouco lúcido naquele tenso clima emocional.

– Meu corpo foi invadido por uma força incomum. Parecia que eu estava flutuando nas nuvens. A criança que carrego foi gerada por Deus.

– O quê? Filha, isso é a heresia das heresias! Se disser isso publicamente, assinará sua sentença de morte...

Assim, Maria começou a atravessar os longos vales dos estresses. Teria de ser fortíssima. De agora em diante, seus dias tranquilos acabariam. Não mais correria nas praças nem teria longas e agradáveis conversas com suas amigas.

Era uma mãe que teria de explicar o inexplicável, que corria risco iminente de perder a vida e perder seu filho. Percorreria os desertos sociais, seria companheira da solidão, migraria para Belém, fugiria para o Egito, teria de esconder um filho especial, um superdotado. Uma decisão que tomou em segundos lhe traria obstáculos imprevisíveis para sempre.

Maria, a mulher das mulheres, chorou.

– Marido, pare de falar de morte. Você já assassinou Maria três vezes – disse a mãe, vendo o desespero da filha.

– O anjo Gabriel disse... que meu filho é o Messias, o filho do Altíssimo. Eu fiquei tão alegre... mas agora vocês estão me colocando medo.

– Minha filha, minha filha, minha filha – disse o pai abraçando a amável Maria e colocando a cabeça dela sobre seu ombro direito. – Somos miseráveis, morando numa cidade miserável, numa região desprezada pelos líderes de Jerusalém. Como ousa dizer que... que foi a escolhida para trazer o Messias, filha? Será, meu Deus? Será?

– Meu pai, apenas cri. E algo aconteceu. O anjo Gabriel disse ainda que Isabel, minha prima, também está grávida.

– Como pode ser? Ela é idosa – falou a mãe, mergulhada num mar de dúvidas.

– Mas ele afirmou.

Então o pai teve uma brilhante ideia para evitar que a filha fosse alvo dos furiosos homens moralistas da cidade.

– Os heróis sempre morrem mais cedo. Seja discreta, filha. Vá para as regiões montanhosas onde está sua prima. Vamos deixar esta tempestade de areia passar...

Maria suspirou profundamente, beijou o pai e aceitou a sua proposta.

– Eu estava pensando mesmo em visitar Isabel.

Foi então que a jovem se preparou para ir à casa de Zacarias e Isabel. A mulher das mulheres, a escolhida entre tantas jovens, deveria seguir viagem em luxuosa carruagem, ter uma escolta de soldados e assistentes para suprir suas necessidades pessoais... Mas não, a humanidade não lhe sorriu, como não sorriu ao seu filho. Faria uma longa e extenuante viagem a pé. A solidão era sua companheira e a sua crença, sua proteção.

No outro dia bem cedo, Maria pegou sua trouxa, colocou-a nas costas e foi se despedir das duas grandes amigas. Arriscou-se a segredar a verdade apenas para elas. Mais uma vez tentou explicar o inexplicável. Esperava uma despedida triunfal, mas eis que começou a sentir a dor do desprezo.

– Mas isso é loucura, amiga! – afirmou Rute.

– Maria, isso é muito sério – disse Rebeca, duvidando da sua sanidade mental. – Vamos consultar um fariseu e pedir a opinião dele.

– Não, não! Eles não entenderão por ora.

– E José, já sabe?

– Ainda não. Estou contando isso só para vocês. Eu creio no projeto de Deus. Eu creio no enviado! – disse ela, convicta.

– Mas por que teria de ser você a escolhida, e não eu ou outra jovem? – indagou Rebeca. – Isso é o orgulho dos orgulhos. E quem disse que o Messias nasceria como uma criança frágil e pobre? – E deu as costas para Maria. Estava ficando perigoso demais ser íntima dela.

– Cuidado com as palavras. Cuidado com sua segurança – disse Rute e, junto com Rebeca, também deu as costas para a sua amiga.

As mais importantes decisões de um ser humano são solitárias. Solitária ela decidiu e solitária ela partiu. E, assim, Maria seguiu estrada afora. No caminho encontraria homens mal-encarados. Perguntava-se se aqueles homens sabiam que estava grávida, mas não de seu parceiro. Vendo pedras nas mãos, pensava que eram endereçadas a ela... O anjo lhe pediu que não temesse, mas era impossível exigir isso dela agora. Repetia para si mesma: "Quem vence sem riscos vence sem glórias." Mas os seus riscos eram inimagináveis...

✦

Subitamente uma rajada de vento atingiu o hotel de Marco Polo, fazendo a porta do quarto se abrir e bater com força, assustando-o. Mais uma vez ele percebeu que estava sonhando com os fatos do passado. Penetrou tanto nos textos de Lucas que libertou seu imaginário. Foi até a janela para fechá-la. Olhou para o horizonte e viu a cidade de Jerusalém iluminada, incluindo a parte velha. Era uma paisagem paradisíaca.

De repente, não enxergou mais nada: uma cortina de fumaça vendou seus olhos. Olhou para baixo e com dificuldade viu alguns andares em chamas. Sirenes começaram a tocar, carros de bombeiros começaram a chegar. Rapidamente saiu do apartamento e bateu forte na porta do de Sofia, que era ao lado do seu.

– Sofia! Sofia!

Ela acordou trêmula.

– O que foi?

– O hotel está pegando fogo! Vamos!

Apesar de assustada, ela conseguiu dizer:

– Espere.

– Deixe tudo!

Mas as mulheres têm um instinto diferente. Ela teve tempo de agarrar uma sacola de roupas e sua bolsa, e rapidamente partiu em direção à escada. Não podiam usar o elevador. Enquanto desciam, encontraram muitas pessoas gritando, chorando. Algumas tossiam por causa da fumaça.

Chegando ao saguão, foram resgatados. As pessoas que estavam intoxicadas eram levadas ao hospital. As que estavam bem de saúde eram encaminhadas para outros hotéis. Ainda não se sabia se havia alguém dormindo nos andares de cima. Como Marco Polo havia acordado, ele e Sofia saíram ilesos, mas não emocionalmente.

13

UM MENINO SURPREENDENTE

Eram duas da madrugada quando Marco Polo e Sofia chegaram ao novo e agradável hotel: o American Colony. Ela ainda estava muito assustada. Pediu para ficar em um andar baixo, diferente do andar em que estava no outro hotel. Fez rapidamente o *check-in*.

– Estou abalada. Se você não acordasse, talvez não estivéssemos aqui.

– Mas ainda bem que estamos aqui, vivos e saudáveis. Procure descansar, Sofia.

– Como? Estou angustiada. Minha emoção está em chamas.

– Não rumine o passado nem sofra por antecipação. Tente impugnar seu medo dentro do possível!

– Tentarei – disse emocionada, observando a sua segurança.

Procurando distraí-la do foco de tensão, Marco Polo disse:

– Sofia, você é mais esperta que eu. Peguei meus documentos e mais nada, enquanto você também pegou algumas roupas!

– Não sei se as mulheres são mais espertas ou mais tolas.

– Mais inteligentes, com certeza. Não se esqueça do nosso projeto.

– Estou animada. Temos a mesa-redonda à noite.

– Tive sonhos incríveis com os fatos passados.

– De novo? – indagou ela, curiosa.

– Sim. Mas dessa vez foi com a mãe do menino. Maria deve ter atravessado tornados emocionais e sociais impensáveis, piores do que o que tivemos hoje.

– Interessante... Para instigar você desse jeito, Lucas fez um bom trabalho como biógrafo. – Depois de uma breve reflexão, ela beijou seu rosto e lhe disse: – Boa noite, meu guardião.

Feliz com o gesto, ele não disse nada, apenas meneou a cabeça. Sofia foi se deitar, mas a ansiedade é inimiga do sono. Sua mente hiperacelerada conduzia seu Eu a se fixar no estado consciente. Demorou para dormir, mas, quando desacelerou, mergulhou nas águas densas do inconsciente e teve um sono profundo. E, por mais notável que pareça, dessa vez foi ela que libertou seu imaginário e penetrou na incrível história do personagem que estudavam.

Ano 55 d.C.

Cinquenta e cinco anos depois daqueles episódios, uma mulher de cabelos grisalhos, lúcida, tranquila, acolhedora, de voz pausada estava sentada na

pequena varanda de uma casa de terra batida. Sua pele, tal como as paredes da residência, mostravam as cicatrizes do tempo. Tinha 70 anos, e um homem ao redor dos 40 a procurava. Ele batia de casa em casa tentando identificá-la.

Eis que o homem, depois da procura incansável, aproximou-se da mulher e pousou seus olhos nos dela. Seu coração acelerou. Era um médico, tratara de tantos idosos, não deveria se impressionar. Entretanto, a personagem que desejava encontrar era de tirar o fôlego.

– Procuro Maria. Por acaso é a senhora?

– E eu procuro o doutor Lucas. Por acaso é o senhor?

– Como sabe meu nome? – indagou ele, intrigado.

– Disseram que o companheiro daquele que antes perseguia os que amam Jesus, meu filho, queria me entrevistar.

Lucas ficou com os lábios trêmulos.

– Dê-me essa honra. Posso me sentar?

– O que o impede? Meu coração é seu, e minha história também. Também foi cativado por ele?

– Cativado, fascinado, encantado. Nem sei como descrever.

– Eu o entendo. Também me senti assim desde seu nascimento.

E, assim, Maria começou a contar sua riquíssima história para um entrevistador que tinha fome e sede de detalhes. Como médico já vira e ouvira muitos casos fora da curva social, mas a trajetória dessa mulher o deixara maravilhado.

– O que motiva suas entrevistas?

– Preciso escrever para um grande amigo.

– Os escritores são os primeiros a saborearem a própria obra. Você escreve para si mesmo.

Lucas nada disse, apenas refletiu. A sabedoria de Maria e seus relatos levavam Lucas a fazer uma pausa de vez em quando. Elevava seus olhos e os fixava no horizonte. Procurava-se.

– Senhora, sua voz pausada e seus gestos dosados são como música aos meus ouvidos. Nós gregos amamos escultura, mas a maior escultura é a personalidade de um ser humano. E a sua foi entalhada por dores inimagináveis, alegrias inexprimíveis e aventuras surpreendentes – expressou o biógrafo de Jesus.

– Vivi muitas aventuras, mas lhe peço, meu bom médico: sintetize o que eu contar. Não fale muito de mim, prefiro a discrição.

– Por quê, senhora? – indagou Lucas.

– Sou privilegiada por ter participado da história do filho do Altíssimo. Isso basta, meu filho. Ficar nos bastidores é minha especialidade.

– Humildade é uma qualidade grandiosa – comentou ele.

– Mais que isso: a humildade é o alicerce da sabedoria. E ninguém foi mais humilde que o menino que carreguei nos braços e vi crescer.

– Posso saber de tudo desde o começo? José estranhou?

– Como não estranharia? Mas ele era um homem diferente. Tentei explicar-lhe, mas ele não entendeu. Nem poderia. Mas não gritou, não me excluiu nem me acusou. Se fosse outro, talvez não suportasse. Preservando-me do julgamento social, se afastou secretamente. Mas foi iluminado e, por fim, me acolheu, me abraçou, chorou e juntos levamos adiante o projeto de Deus.

Lucas engoliu em seco. Sabendo de toda as injustiças que Jesus e seus discípulos sofreram e ainda sofriam, pensou consigo: "Que coragem é essa?" Depois disso, Maria comentou que sua presença na sua cidade natal havia ficado insuportável. Muitos especulavam sobre sua gravidez. Felizmente houve o decreto de César Augusto, imperador romano, para fazer o primeiro recenseamento de todos os moradores dos povos dominados pelo império. José deveria se alistar na cidade onde nasceu, Belém.

– Eu estava sentindo as dores do parto. Sofria muito, mas pelo menos estava longe dos olhares preconceituosos. Procuramos uma hospedaria, mas todas estavam ocupadas. Ninguém nos acolheu.

– Você carregava no ventre o menino mais incrível que se formou no ventre de uma mulher e simplesmente não havia lugar para dar à luz. Não apenas não conseguia explicar sua gravidez mas também esse contraste. Não ficou perturbada? – quis saber Lucas.

– José em alguns momentos indagava: "Não é ele o escolhido? Por que é preterido? Por que nascer nessas condições miseráveis?" Meu filho deveria nascer numa casa ou hospedaria confortável, mas, diante de tantas perguntas sem respostas, eu apenas aceitava o inevitável.

– Aceitar que o cheiro azedo de estrume fermentado fora seu perfume; o calor dos animais, seu cobertor. E, em seguida, ser exaltado por príncipes do Oriente... Esses são paradoxos que deixariam qualquer um em estado de choque! – afirmou Lucas.

Maria ficou encantada.

– Imagine, Lucas, que meses depois o bebê, que nenhum mal fez a ninguém, foi perseguido como o mais miserável dos homens. Tínhamos de fugir dia após dia. O deserto e o oásis sempre estiveram nas páginas de nossa história.

– Chorou muitas vezes?

– Incontáveis. Mas Deus enxugava minhas lágrimas.

– A mulher das mulheres sentiu-se traída ou abandonada por Deus?

Maria respirou profundamente. Lucas era um homem que não poupava perguntas.

– Não, nunca. Algumas vezes me senti a mais infeliz das mulheres. Imagine a dor que senti ao saber que, por causa do meu filho, mães choravam desesperadas porque seus filhos tinham sido mortos por Herodes.

– Mas você não era culpada.

– E quem poderia me aliviar? Nem anjos, nem amigos, nem meus pais. Mas meu menino me aliviava. Ele não parava de sorrir para mim. Parecia estar me dizendo: "Coragem!" Se eu não dialogasse com Deus, enlouqueceria.

– A fuga para o Egito foi difícil?

– Foram dezenas de quilômetros no lombo de um jumento. Necessidades feitas ao relento. Sol escaldante. Ventos cortantes e frio, muito frio à noite. Morar em terra de desconhecidos... O que acha?

– Arrependeu-se em algum momento de ter aceitado a missão?

– Jamais. Sou privilegiada. Aprendi a ser feliz no caos. Os perdedores veem as tempestades e recuam; eu, no mesmo ambiente, procurava ver a oportunidade de cultivar...

Lucas ficou impressionado com a inteligência de Maria. E, de repente, mostrando curiosidade, perguntou-lhe sobre a infância de Jesus:

– E como foi sua relação de mãe com esse filho? Ele a surpreendeu muito?

– A inteligência e os comportamentos do meu filho foram desafios inimagináveis. Era um bebê que cresceu fisicamente como qualquer outro, mas, por dentro, ele... Não sei explicar... Ele era diferente, único, singular...

– Como assim? – perguntou Lucas, curioso.

– Fazia festa para tudo. Ele caía, se machucava, chorava, mas em seguida sorria e continuava brincando. Vivia com tanta intensidade cada minuto que dava trabalho para dormir. Parecia que o sono era uma perda de tempo – disse ela, viajando no passado.

– Fascinante. Era sociável?

– Muito. Era uma criança extrovertida. Se jogava nos braços de todos, nem parecia que tinha mãe. Crianças mais velhas eram passivas, quietas, mas ele, mesmo quando bebê, queria de todas as formas se comunicar. "Ba, ba, ba!" Era engraçado... – disse Maria sorrindo.

– E os medos, tinha muitos?

– Medos? Medo não fazia parte de sua história, o que me preocupava muitíssimo. Brincava com cães bravios, se aproximava de cavalos. Mas era incrível: os animais se acalmavam diante dele. Aonde ele chegava, apaziguava os ânimos, inclusive das pessoas.

– Interessantíssimo.

Maria fez uma pausa para contar um episódio. Disse que quando o menino tinha 3 anos e eles estavam no Egito por causa da perseguição de Herodes, Jesus viu um casal de idosos caminhando e imediatamente soltou-se dela. Eram duas pessoas desconhecidas, mas para ele ninguém era estranho. Correu com dificuldades até o casal, pegou as mãos deles e foi indo caminho afora, feliz da vida.

– Corri rapidamente, tomei-o das mãos deles. Em seguida tentei adverti-lo, mas ele só sorria. Divertia-se com tudo.

– Incrível! Ele sempre foi um menino desprendido? – indagou Lucas.

– Sempre, sempre... E mais tarde ele demonstrou que era mais do que meu filho: ele era filho da humanidade, filho do Autor da Vida. Era judeu, mas pertencia à espécie humana. Ele amava o cheiro de gente desde pequeno.

– Admirável! – exclamou Lucas. – Nunca vi uma criança assim.

– Ele cresceu, mas tudo que tinha não era seu. O salário não era seu, o tempo não era seu, suas vestes não eram suas. Certa vez, ao vê-lo mais uma vez doando suas roupas, José, embora fosse um bom homem, disse-lhe: "Filho, você se preocupa demais com os miseráveis!"

– E qual foi a reação dele? – perguntou Lucas, curioso.

– Ele colocou delicadamente cada uma de suas mãos nos ombros de José e lhe disse: "Pai, eu tenho que amar as pessoas como eu amo a mim e a vocês. Ser feliz é fazer os outros felizes. Trabalharei e comprarei outra roupa!" Seu amor não cabia dentro de si.

– Tinha sede de aprender?

– Muita. Todos os dias observava o comportamento das pessoas e discutia comigo. Mas não sei quem ensinava mais, se eu a ele ou ele a mim... No fundo, não sabia quem era o educador, se eu ou ele...

– E quando ele ficava nervoso, irritado?

– Raramente perdia a paciência, mesmo quando via injustiças. Era calmo como a brisa e resistente como as folhas das tamareiras, que, humildes, se curvam diante das tempestades, mas não se quebram...

– Reclamava?

– Era um especialista em agradecer até quando o feriam.

– Feliz?

– Dotado de um otimismo e uma alegria insondáveis. Ele dizia algo incompreensível: "Mãe, eu te amo intensamente, mas amo a humanidade de forma inimaginável. Um dia deixarei de ser seu filho e serei filho do homem, filho da humanidade. Nesse dia, lembre-se de se posicionar como a escolhida, a mulher das mulheres..."

O médico grego nunca mais foi o mesmo depois de entrevistar Maria e as testemunhas que andaram e respiraram o mesmo ar que Jesus.

– Biografo alguém que foi pendurado sobre um madeiro e morreu como o mais miserável dos homens. Mas sei que o maior favor que se fez a essa semente foi sepultá-la. Sepultando-a, deu-se origem a uma árvore, uma floresta... – disse Lucas para si mesmo em lágrimas.

✦

Logo após se sentarem para mais um debate, os parceiros da mesa-redonda tocaram no assunto do dia em Jerusalém: o incêndio do hotel.

– Vocês estavam no hotel em chamas. Que coisa horrível! – comentou o Dr. Thomas. – Há ainda várias pessoas internadas. Algumas com intoxicação grave.

– Foi apavorante mesmo – afirmou Sofia. – Nunca passei por um medo tão atroz.

Em seguida, Michael disse com preocupação:

– É muito estranho o que está acontecendo com Marco Polo e Sofia. Primeiro o acidente, agora um hotel em chamas. Os turistas em Jerusalém costumam ter muita segurança!

– Sem falar do homem do revólver! – comentou Sofia ansiosa.

– Revólver? – indagou o Dr. Thomas. – Não sabíamos disso.

Marco Polo achou desnecessário contar-lhes para não alarmá-los. Para preservar o índice GEEI, não propagandeava os problemas. Sofia foi quem lhes relatou:

– O atirador quase disparou!

– Mas foi acidental. A vítima poderia ser qualquer outra.

– Que perturbador! – exclamou o Dr. Alberto.

– Temos de acionar o serviço de inteligência do país – disse Michael.

– Não podemos ficar paranoicos achando que há uma conspiração em curso, caso contrário, não vivemos. Quem poderia querer nos silenciar? E por quê? Não faz sentido – afirmou Marco Polo. – Sem gerir nossa emoção, somos sequestrados mentalmente, ainda que estejamos livres por fora.

– Concordo – disse Sofia.

O Dr. Alberto também comentou um fato incomum:

– Não sou paranoico, mas ontem fui seguido por três homens mal-encarados. Eu tentava me livrar deles, mas eles apressavam os passos em meu encalço. Como conheço muito Jerusalém, misturei-me com as pessoas que estavam no Muro das Lamentações, depois passei por um portal e entrei na loja de um amigo. Assim, me livrei deles.

– Isso tudo é muito estranho – afirmou Michael.

– Estranho foi meu sonho. Sonhei com Lucas entrevistando Maria – disse Sofia.

Todos se entreolharam.

– Você também, Sofia? Quando? – quis saber Marco Polo.

– Nesse novo hotel. O debate, o incêndio, minhas reflexões, tudo isso instigou meu inconsciente.

– Mas não vamos falar de sonhos neste debate inteligente! Sonhos não servem de material de análise crítica da história, a não ser para analisar a personalidade do sonhador – afirmou Michael.

– Claro, Michael. Como Voltaire, detesto a superstição – disse Marco Polo. – Nos sonhos, o Eu, que representa a consciência crítica, deixa de se ancorar nos milhares de janelas ou arquivos que financiam sua autonomia e identidade.

Ele ainda comentou que, durante o sono, um fenômeno inconsciente que chamava de autofluxo entrava em cena e começava a passear por arquivos marcantes registrados recentemente ou no passado remoto, sobretudo os traumáticos. Assim, ele promovia uma explosão criativa, com personagens, cenas, ambientes...

Sofia observava seu mestre e o admirava. Sentia que ele navegava no fascinante mundo da mente humana. Após dar essa sintética explicação, Marco Polo olhou para a sala em que costumavam realizar os debates e se surpreendeu ao perceber que estava quase cheia. À medida que as sessões da mesa-redonda aconteciam, o boca a boca sobre o debate aumentava, gerando uma rede de interesses. Os espectadores tinham sede de aprender.

Eis que subitamente um frade capuchinho levantou-se da plateia e fez um pedido:

– O senhor deu uma explicação lógica para os sonhos. Mas poderia nos contar o seu sonho, doutor Marco Polo?

– É desnecessário para este debate – respondeu, não querendo dar ênfase à sua imaginação.

Porém algumas outras pessoas, entre eles dois professores universitários, também solicitaram que ele lhes contasse. Estavam curiosos.

– Por favor – pediram.

– Eu conto o meu – disse Sofia, muito mais desprendida que Marco Polo.

E, assim, Marco Polo também cedeu e os dois pediram uma pausa no debate para contar os fascinantes filmes que haviam passado na mente de cada um. Depois do relato dos sonhos, as pessoas se mostraram impressionadas. Milhões de internautas os acompanhavam atentamente sem tirar os olhos dos notebooks, celulares, tablets e TVs.

– Nunca vi sonhos tão criativos, com tanta riqueza de detalhes sobre fatos que nunca foram escritos – afirmou o Dr. Thomas, intrigado.

– O conteúdo desses sonhos é extraordinário. É como se vocês tivessem sido transportados no tempo – comentou o Dr. Alberto fitando os olhos de Marco Polo e depois os de Sofia.

– Eu acordei com uma tranquilidade que ansiolítico nenhum pode oferecer. Tudo parecia tão concreto – confessou Sofia com prazer. – É óbvio que são fenômenos que acontecem nos solos do meu inconsciente, mas ao ver a face do menino Jesus fiquei emocionada. Ele não era belo, mas sua expressão era linda. Ao pegar as mãos dos idosos e se deixar levar por eles, estes foram transformados pela alegria.

– É engraçado. Ao contrário de Sofia, acordei assustado, o que me fez ver o hotel em chamas – contou Marco Polo. – Estava tenso pelos grandes riscos que Maria correria. Raramente me lembro dos meus sonhos, mas esses têm sido arrebatadores.

Esfregando as mãos no rosto, Michael respirou profundamente. Queria falar algo, mas relutava. Entretanto, não se aguentou:

– Minha esposa nunca se interessou muito pelas minhas coisas, mas todos os dias me pressiona para saber o conteúdo do que debatemos. Não tenho sonhado com nada do que discutimos, mas nunca dormi tão mal. Esta mesa-redonda é uma fonte de mistérios. Acidentes, sonhos... O que mais haverá pela frente?

– Mas você não é supersticioso – comentou o psiquiatra com o pesquisador das sinapses nervosas.

– Não sou mesmo! Mas vou dizer mais uma vez: que é estranho, é.

A sala inteira relaxou e sorriu. Michael era do tipo sério, mas engraçado. Ele se esforçava para ser intocável, mas seu humor transbordava até quando ele era duro. Perspicaz, tinha razão. Ninguém imaginava os segredos que os aguardavam.

14

O *MAGNIFICAT*: UMA TESE SOCIOLÓGICA

O rosto de Maria transpirava em sua caminhada até as regiões montanhosas onde vivia Isabel, a futura mãe de João Batista. A musculatura de suas pernas tremia de cansaço. Desidratada, sua língua apegava-se ao palato. Seu coração vibrava, bombeando sangue com intenso vigor, e seus pulmões disparavam em busca de mais oxigênio. A ansiedade por saber notícias de Isabel e a fadiga se mesclavam na mesma pessoa.

Maria deveria fazer uma pausa e descansar sob a sombra de uma oliveira antes de entrar na pequena cidade cravada no alto da montanha. Seu corpo gritava "Pare", mas sua mente suplicava "Continue". A busca de esperança é incontrolável.

Ao entrar na casa de Zacarias, iniciou a saudação a Isabel. Era uma visita inesperada, mas de imediato surpreendeu-se com a atitude da prima. A anfitriã quebrou o protocolo duas vezes: saudou a visitante em estilo mais solene e considerou a adolescente superior a si mesma, embora fosse mais velha que ela. Colocou-a no pedestal da fama e nos patamares mais dignos da feminilidade. E, por incrível que pareça, proclamou o filho dela como Senhor do mundo...

– Feliz és tu entre todas as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre. Qual o motivo do privilégio de receber a mãe de meu Senhor? Meu bebê se agitou de alegria. Feliz é aquela que crê.

Surpresa, Maria saiu dos vales da fadiga para as planícies do descanso; do deserto das tensões para o oásis do júbilo. O estresse brando irriga o pensamento, o estresse intenso aborta a racionalidade. Maria deveria estar mentalmente bloqueada e criativamente estéril, mas, para espanto de quem a observava, abriu as janelas de sua memória, libertou seu imaginário e produziu teses psicossociais sofisticadas. Nesse exato momento, começou a recitar seu famoso e pouco compreendido poema, conhecido como *Magnificat*:

– *Minha alma engrandece ao Senhor e meu espírito se regozija em Deus, meu salvador, pois contemplou a insignificância da sua serva. Mas de hoje em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, pois o Poderoso realizou maravilhas a meu favor. Santo é seu nome. A sua compaixão se estende aos que o respeitam, de geração em geração. Ele operou poderosos feitos com seu poder, dispersou aqueles cujos pensamentos íntimos são soberbos. Derrubou governantes do seu trono, mas exaltou os humildes. Supriu abundantemente os famintos, mas expulsou de mãos vazias os que se achavam ricos...*[1]

Seu poema não era um discurso sobre-humano, mas o retrato do milagre do conhecimento. Possuía tantos elementos subterrâneos quanto um solo que escondesse pepitas de ouro e as ocultasse dos olhares dos garimpeiros superficiais. Anos antes, sua sede de aprender não apenas a levara a ser alfabetizada, mas a ler com consciência crítica e a produzir ideias como o confeiteiro que, com ingredientes simples, elabora pratos saborosos.

Os dias construíram os meses. Maria teve uma gravidez de risco, marcada por rejeições, longas jornadas a pé e o nascimento do bebê no lugar mais inóspito possível, um ninho de bactérias e vírus: um estábulo. Depois que a criança nasceu, um refrigério. Pastores do Oriente deram-lhe as boas-vindas com sua *Gloria in Excelsis Deo!* E, com os presentes que receberam, parecia que Maria e José navegariam em céu de brigadeiro. Ledo engano. Belém ficava a 8 quilômetros de Jerusalém e o casal queria ir até a velha cidade para apresentar seu bebê no templo.

Enquanto faziam o ritual de consagração, eis que tiveram outra grata surpresa. Simeão, um velho e justo ancião, pegou o menino em seus braços e expressou seu *Nunc Dimittis*. Irradiando alegria proclamou:

– Ó Soberano! Como prometeste, podes agora despedir em paz teu servo! Porquanto meus olhos já contemplaram tua salvação... *Luz para revelação aos gentios e para glória de Israel.*

Os fatos que cercavam o misterioso menino eram surpreendentes. José e Maria confirmaram que seu filho seria notavelmente grandioso. Abraçaram um ao outro, alegraram-se, apertaram suavemente as bochechas do bebê. Relaxaram sem ter consciência dos percalços que os aguardavam. Mas não tardou para que soubessem que a estrada à frente era sinuosa. Simeão, o mesmo homem que lhes trouxe o cálice da alegria, lhes deu também o cálice da aflição. Continuando sua proclamação, dissecou de forma espetacular os acontecimentos que Jesus viveria:

– *Eis que esse menino está destinado à queda e ascensão de multidões... Será um sinal de contradição. De forma que a intimidade dos pensamentos de muitos corações será revelada.*

O menino iria se tornar um notável médico da mente no futuro, capaz de dissecar pensamentos perturbadores, vaidades subliminares, intenções escusas, angústias veladas. Simeão declarou a grandeza e os riscos de Jesus. Em terra de cego, quem tem um olho jamais será rei, mas sim ferido, execrado, banido. Ver o invisível e revelar o intangível seria um perigo para o sistema social. O idoso Simeão poderia parar por ali, poderia poupar Maria, mas fitou os olhos dela e deixou-a abalada. Sem detença, declarou:

– Quanto a ti, todavia, uma espada transpassará a tua alma.

Maria seria a mãe mais privilegiada do mundo, beberia da fonte das fontes excelentes do prazer, descobriria todos os dias um bebê fascinante, um menino

borbulhante, um adolescente espetacular, mas cedo ou tarde sofreria perdas irreparáveis. Amou-o até o impensável, mas o perderia pouco a pouco e, por fim, o veria perecer na cruz.



– Se não aprendesse a proteger minimamente sua emoção, Maria não sobreviveria num ambiente sem o oxigênio da generosidade – concluiu Marco Polo.

Foi assim que o pesquisador e psiquiatra descreveu de forma poética e profunda os fatos que ocorreram com a educadora de Jesus: o encontro com Isabel, o *Magnificat*, o nascimento do bebê, o encontro com os pastores e as palavras aterradoras de Simeão. Todos na mesa-redonda e na plateia ficaram impressionados com sua narrativa.

Sofia olhava para ele mais uma vez admirada. "Como um ateu poderia ir tão fundo nos detalhes da história de Jesus?", perguntava a si mesma, atônita. Esquecera que ele pesquisava como um garimpeiro de ouro que se negava a ficar na superfície.

Após essa descrição, Marco Polo começou a revelar suas análises. Disse que Maria produziu seu famoso *Magnificat* ao encontrar Isabel no ano 4 d.C., época do nascimento de Jesus – hoje já se sabe que ele não nasceu no primeiro ano desta era, mas quatro anos depois.

– Mas como Lucas registrou o poema de Maria proferido mais de meio século antes? – indagou o psiquiatra. E ele mesmo sugeriu a resposta: – Maria era letrada. Deve tê-lo registrado e guardado a sete chaves. Esperou décadas até que aparecesse alguém especial para revelá-lo.

– A vida é um grande livro. Para uns, revelamos a capa; para outros, o prefácio; e, ainda para outros, os segredos íntimos da história – disse Sofia com sensibilidade ímpar.

– Muitos casais dormem juntos mas não dividem seus sonhos e pesadelos. O relacionamento é um teatro. Sob o ângulo da gestão da emoção, nós só nos abrimos com as pessoas em quem confiamos e só confiamos em quem admiramos – acrescentou Marco Polo magistralmente.

– De fato, Lucas deve ter sido especial para Maria. Somente ele registrou o *Magnificat*, o *Nunc Dimittis* e muitas outras coisas que apenas Maria sabia. Ela se encantou com o médico grego a ponto de lhe dar suas pérolas – afirmou o Dr. Alberto.

Curiosa, Sofia queria entender as pérolas ocultas no *Magnificat* de Maria.

– O que se pode deduzir e induzir das primeiras frases de Maria a Isabel: *"Minha alma engrandece ao Senhor e meu espírito se regozija em Deus"*? –

questionou.

Marco Polo não revelou suas interpretações. Como um professor que provoca a mente dos seus alunos, disse:

– Arrisque-se a descobrir, Sofia. Liberte seu imaginário.

– Ela exalta o Deus em que crê.

– Sofia, mas isso está na superfície da sentença. O que está no subsolo? – provocou novamente o psiquiatra. – Há um conteúdo revolucionário nessas palavras. Doutor Alberto e doutor Thomas?

O Dr. Alberto analisou, mas não conseguiu alcançar o raciocínio do homem que pesquisava o processo de formação de pensadores.

– Como assim, doutor Marco Polo? – perguntou o Dr. Alberto.

– Desculpem-me, mas os religiosos estão intoxicados com rituais. Eles têm uma relação fria e seca com o Deus em que creem – acusou Marco Polo.

– Você não pode afirmar isso! – disse o teólogo de Harvard, indignado.

– Você está nos prejulgando – comentou também o Dr. Alberto.

– Não sou eu que afirmo essa tese, mas a própria Maria que vocês valorizam e desconhecem.

– Não estou entendendo – disse o teólogo do Vaticano.

– Supondo que Deus seja real, tenha uma personalidade concreta, por que ele escolheu Maria? Quais os critérios de sua seleção? Foi sua gentiliza, docilidade ou ética? Milhares de jovens eram gentis e éticas. Foi sua cultura e seu raciocínio rápido? Havia muitas jovens cultas e perspicazes em seu tempo.

– Quais foram os critérios, então? – indagou Sofia, ansiosa.

– Não tenho muitas respostas, mas a análise do seu poema *Magnificat* é arrebatadora. O que mais diferenciava Maria de todos os demais seres humanos era sua intimidade surpreendente com o Deus em que ela acreditava. Ela era diferente dos religiosos do seu tempo, talvez de todos, inclusive das mais variadas eras.

– Mas... Mas... Ainda não entendi, me desculpe – declarou Sofia, confusa.

– Observe o que ela disse, Sofia: "*Minha alma engrandece ao Senhor e meu espírito se regozija em Deus."* Sob a ótica da sociologia e da psicologia, essa frase do *Magnificat* de Maria revela um relacionamento não ritualístico, sem barreiras nem distâncias. – Em seguida Marco Polo comentou: – Para explicar melhor, deixem-me perguntar: pensamento consciente é real ou virtual?

– É real – afirmou o Dr. Thomas.

– É óbvio que é real – também afirmou o neurocientista Michael.

– Errado. É virtual. Um pai incorpora a realidade do filho, suas angústias, perdas, frustrações, ou apenas a interpreta? – questionou novamente Marco Polo.

– Interpreta – disse Michael.

– Um psiquiatra consegue vivenciar os ataques de pânico de um paciente? – indagou outra vez Marco Polo.

– Não. Ele somente interpreta a realidade do outro, mas nunca a assimila essencialmente – concluiu Sofia, começando a entender aonde Marco Polo queria chegar.

– Claro, Sofia. Entre um psiquiatra e os ataques de pânico ou as crises depressivas de um paciente existe um espaço infinito. E por quê? Porque o pensamento com o qual entendemos o outro, bem como o mundo que nos rodeia, é virtual. Pais e filhos, professores e alunos, casais, enfim, todas as relações ocorrem dentro de uma bolha virtual. Por isso mais de 90% dos nossos julgamentos estão errados ou contaminados. Julgar o outro sem se colocar no lugar dele é algo que está sujeito a muitos equívocos!

– Estou confuso – declarou Michael com honestidade.

Sempre demorava algum tempo para os membros da mesa-redonda entenderem aonde Marco Polo queria chegar, mas depois suas mentes eram iluminadas. Em seguida, ele completou o raciocínio:

– Pense comigo, Michael. O pensamento, por ser virtual, libertou nosso imaginário. Por isso pensamos no futuro, que é inexistente, ou resgatamos o passado, que é irretornável. Mas, ao mesmo tempo, isso nos aprisionou numa solidão dramática. Reitero: vivemos numa ilha virtual. Estamos próximos, mas, ao mesmo tempo, infinitamente distantes de tudo, inclusive das pessoas que amamos.

– O que isso tem a ver com Maria? – indagou o Dr. Thomas.

– A relação de Maria com seu Deus era tão íntima e cheia de trocas que de alguma forma ela rompeu a barreira da virtualidade. Ela disse: "A minha alma engrandece ao Senhor." Não sou religioso, mas a análise crítica demonstra que o Deus de Maria não estava apenas nos céus dos céus, mas na intimidade de sua mente. Para engrandecê-lo, ela dialogava dia e noite com ele de forma espontânea.

– Surpreendente. Que conclusão bombástica! – afirmou o Dr. Alberto, que era especialista em Maria.

– Que mulher era essa? – comentou Sofia, perplexa com essa interpretação. – O Deus de Maria era mais do que uma religião judaica formal, mas uma relação estreita entre uma filha e um pai.

– E o que é mais estrondoso é que Maria disse: "Meu espírito exulta em Deus", sugerindo prazer, e não culpa; encantamento, e não medo – comentou Marco Polo.

– Sob o ângulo da psicologia, é possível inferir que a espiritualidade de Maria era diferente da de centenas de milhões de religiosos da atualidade? – indagou o Dr. Alberto.

– Segundo a descrição do doutor Lucas, não tenho dúvidas – afirmou Marco Polo. – Ela tinha uma espiritualidade inteligente, que era uma fonte de saúde emocional e que deve tê-la transformado num ser humano empático,

determinado, resiliente e que geria sua emoção.

– A religião se torna uma fonte de doenças mentais quando a autopunição, o medo, a servidão fria, o julgamento e a exclusão dominam a mente dos religiosos. Usando a linguagem de Marco Polo, podemos dizer que tudo isso só aumenta o índice GEEI – comentou Sofia.

– Nunca vi Maria por esses ângulos – confessou o teólogo do Vaticano de forma sincera.

– Embora me faltem muitos elementos sobre sua personalidade, Maria foi a mulher mentalmente mais saudável que já analisei – afirmou Marco Polo, emocionado.

– Isso é um absurdo, Marco Polo – comentou Michael, irritado. – Você está mudando de lado. Cadê um dos ateus mais famosos de nosso tempo?

– Michael, não estou aqui para defender meu ateísmo e muito menos para defender as religiões. Estou aqui para ser imparcial. Seria fácil dizer que tudo isso é uma bobagem, que Lucas é um escritor débil, que Maria é uma mulher superficial e que os fatos que envolvem o menino Jesus são banais. Mas tenho de ser honesto: esta análise me deixou chocado!

– Mas muitos religiosos são estúpidos e superficiais! – esbravejou Michael.

– Mas não os estou analisando! Muitos baniram Deus por causa dos comportamentos dos cristãos! Para mim, isso é um convite à superficialidade! Resolvi ir fundo na avaliação da mente desse Jesus. Não me preocupam as consequências!

Sofia olhou para Marco Polo e respirou profunda e lentamente. Estava impressionada com sua transparência.

– Que outros elementos você tem para afirmar que Maria era mentalmente saudável? – perguntou ela.

Antes de responder, Marco Polo lhe fez uma pergunta:

– Quem foi a mulher com a autoestima mais sólida da história?

– Não tenho ideia. Acho impossível saber – afirmou Sofia.

– Provavelmente foi Maria! – declarou Marco Polo.

– Maria? Como? – indagaram os dois teólogos.

– Era só o que faltava! – bradou Michael.

– Ela corria o risco de ser apedrejada?

– Sim – responderam em uníssono.

– Corria o risco de ser considerada herética ou insana?

– Sim – disseram novamente.

– Seria possível, em meio a todo esse inferno emocional, preservar uma autoestima sólida?

– Seria quase impossível – afirmou Sofia.

– Todavia, Sofia, Maria ousou proclamar: *"De hoje em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada."* Ela proclamava que todas as gerações

humanas, até o dia de hoje, a chamariam de feliz das felizes, mulher das mulheres, quando o solo ruía aos seus pés. Quem teve uma autoestima tão sólida?

Sofia sorriu e disse:

– Tenho de reconhecer que essa conclusão é incrível. Hoje as mulheres olham no espelho uma ruga, uma cicatriz, e lá se vai a autoestima. Apesar de ser psiquiatra, minha autoimagem precisa ser calibrada.

– Eu me cobro demais e sou hipersensível a ofensas e críticas – confessou o Dr. Alberto.

– Grandes profissionais que não gerem sua emoção são carrascos de si mesmos. É preciso se reinventar – comentou o psiquiatra, alertando-os.

Em seguida comentou que autoestima é uma palavra muito simples, mas tem consequências brutais. É impossível ter saúde emocional sem uma autoestima sustentável.

– Por quê? – indagou Michael, inquieto.

– Porque quem tem baixa autoestima é intolerante às frustrações, tem baixos níveis de prazer, não ousa, reclama muito e tem enorme dificuldade em se reinventar. Mendiga o pão da alegria, ainda que seja financeiramente abastado. Infelizmente, como disse na conferência da ONU há pouco tempo, estamos na era dos mendigos emocionais.

– Então sou uma mendiga emocional – bradou uma jovem de 30 anos que estava na plateia. – Sou privilegiada social e financeiramente, mas estou me especializando em reclamar e me punir.

– Eu também. Sou modelo fotográfico, mas estou sempre me cobrando – contou um jovem de 25 anos. – Detesto ver minhas fotos em revistas e comerciais. Já me cortei duas vezes, me punindo!

Todos ficaram assustados com esses testemunhos.

– Mas vocês são tão belos! – afirmou o Dr. Alberto, sem compreender as razões dessas pessoas que têm tudo para serem felizes, mas são tristes.

– Não é o espelho que denuncia a beleza. Ela está nos olhos do observador! Não é a maciez da cama que determina o sono, mas a mente de quem dorme – afirmou Marco Polo com propriedade.

Sofia aproveitou e disse:

– O mundo estava desabando sobre Maria, mas seu Eu não sucumbia ao medo nem às cobranças!

– Talvez gritasse dia e noite no silêncio de sua mente: "Os melhores dias estão por vir!" – Então Marco Polo advertiu os que o ouviam: – Cuidado! Se querem ser emocionalmente saudáveis, há um lugar em que vocês não devem ser tímidos: dentro de si mesmos!

Com essas palavras Marco Polo encerrou mais uma mesa-redonda. Muitos dos que assistiam ao debate, seja ao vivo ou pela internet, descobriam que eram mendigos emocionais; que precisavam de muito para sentir pouco; que sua

emoção não tinha estabilidade: num período estavam alegres; noutro, angustiados e desanimados.

Entenderam que não precisavam assistir a um filme de terror para se aterrorizar. Eles mesmos construíam seus monstros. Faziam parte da estatística dos miseráveis da era moderna. A bombástica mesa-redonda organizada por Marco Polo os estimulou a sair da plateia, entrar no palco da própria mente e começar a dirigir um novo script. Jerusalém mais uma vez influenciava o mundo...

---

[1] Texto composto pela combinação de várias versões diferentes.

15

FATOS ESTRANHOS NOS BASTIDORES DO DEBATE

Michael ficou tenso com a explicação de Marco Polo sobre a era dos mendigos emocionais. Vestiu a carapuça: era insatisfeito, irritadiço, pouco contemplativo e dado ao pessimismo. Seu índice GEEI era altíssimo. Ele demonstrava ser intocável, durão, mas no fundo sua autoestima era frágil. Sofrera bullying na infância. Era gordo, motivo de piadas de garotos insensíveis. A duras penas emagrecera.

No debate seguinte tocou no assunto. No entanto, em vez de falar de si mesmo, atacou o otimismo exagerado de Maria, questionando sua sanidade mental:

– Marco Polo, no último debate você disse que Maria tinha uma autoestima tão sólida que foi uma das maiores da história. Talvez, sob alguns aspectos, a maior. Ela teve a coragem de dizer que todas as gerações a considerariam a mais feliz das mulheres ou a bem-aventurada. Mas, como cientista que sou, já vi muitos loucos sofrendo de delírio de grandeza. Maria não era vítima de um surto psicótico? Ou de um estado de euforia, de uma depressão bipolar?

O Dr. Alberto ficou inquieto. Sofia e o Dr. Thomas também.

– Michael é um especialista em sabotar as coisas em que cremos! – disse exasperado o teólogo do Vaticano.

– Relaxe, Alberto, você me aceitou nesta mesa-redonda, então vai ter que me engolir!

Marco Polo, por sua vez, interveio suavemente:

– Os questionamentos de Michael são pertinentes, doutor Alberto.

Depois, com um sorriso no rosto, discorreu:

– Pensei muito no assunto. Para espanto da psiquiatria e da psicologia, no mesmo poema em que Maria diz ser a mulher das mulheres, a feliz das felizes, ela exalta de forma profunda e poética as próprias limitações. Ela diz com todas as letras: *"Deus contemplou a humildade de sua serva."* Portanto, ao mesmo tempo em que a autoestima dela estava nas nuvens, sua consciência crítica tinha raízes fincadas na terra, o que não ocorre num surto psicótico nem no estado de mania de uma depressão bipolar.

– Autoestima notável e humildade extraordinária habitavam a mesma mente – declarou o Dr. Alberto, satisfeito.

– E ao mesmo tempo! – exclamou o psiquiatra.

– Essa Maria analisada e descrita nesta mesa-redonda talvez seja muito

maior do que os católicos descobriram e do que os protestantes imaginaram – comentou o teólogo de Harvard.

– Talvez Maria seja maior até do que os islamitas compreenderam. Ela é a única mulher citada no Alcorão – relembrou Marco Polo.

– Não sabia disso – afirmou Sofia.

Michael esfregou as mãos no rosto, relaxou e depois concluiu, perplexo:

– Não poucos psiquiatras e psicólogos torcem o nariz para a religião judaico-cristã, dizendo que ela é promotora do sentimento de culpa e da autopunição. Mas tenho que admitir que o doutor Lucas descreve personagens que viveram com maturidade e leveza extraordinárias.

– O Deus de Maria era um poeta da generosidade, seu prazer em se doar, abraçar e dar tantas oportunidades quantas fossem necessárias parece consumi-lo. Somente isso explica a expressão em seu *Magnificat: "A sua compaixão se estende de geração em geração"* – concluiu Sofia.

Em seguida Marco Polo fez uma pergunta intrigante:

– Parabéns, Sofia. Mas lhe pergunto: julgar erros é um raciocínio complexo ou simples?

Ela e os outros disseram:

– Complexo.

– Erraram. É um raciocínio simples, linear, lógico. Qualquer mísero computador pode ser especialista em apontar falhas.

Todos ficaram pensativos. Na sequência, ele indagou:

– E a compaixão?

– Difícil responder – afirmou Michael.

– Pois lhe asseguro que a compaixão, a tolerância, o respeito pelos diferentes são habilidades tão complexas que ultrapassam os limites da lógica, os computadores jamais os terão.

– Sinceramente, estou no chão. Sempre considerei que o *Magnificat* havia sido plantado no cérebro de Maria de cima para baixo, como um milagre, mas ele reflete um pensamento sintético de uma mente ímpar – afirmou o Dr. Alberto. – Tenho que rever minhas convicções e minhas aulas.

Marco Polo continuou:

– E isso não é tudo, doutor Alberto. Maria tinha consciência política aguçada e sonhava com uma sociedade justa: *"Exaltou os humildes e supriu abundantemente os famintos e despediu de mãos vazias os que se achavam ricos..."* Analisando esses textos, pergunto: Maria falava apenas sobre os bens materiais? Quem são os ricos?

– Os que se infectam com orgulho, inveja, vingança, necessidade neurótica de poder... – respondeu Sofia. E depois indagou, fascinada: – Quantas gerações se passaram para surgir essa Maria? Talvez muitas. Quantas jovens foram avaliadas nos quesitos transparência, consciência crítica, ousadia, humildade, autoestima?

Talvez milhões...

Sensibilizado com toda essa explanação, Michael não suportou e resolveu abrir o cofre de sua mente.

– Humildade não faz parte do dicionário da minha vida. Autoestima baixa e orgulho, sim. Meu índice GEEI está alto: cérebro esgotado, fadiga ao acordar, impaciência... Preciso me rever – confessou.

– Felicito-os por mapearem suas limitações, meus amigos. Somos eternos aprendizes, a não ser que estejamos mortos – afirmou Marco Polo.

– Parabéns, Michael! Quanto mais as pessoas têm sucesso acadêmico e social, mais vestem um personagem, deixam de ser elas mesmas, têm possibilidades de esconder suas angústias – comentou Sofia, sentindo isso na pele.

– E você, doutor Thomas? Parece tão perfeito... – provocou Michael.

Nesse momento o Dr. Thomas desabou. Não conseguia mais segurar um conflito que o perturbava:

– Concordo. É mais difícil lidar com o sucesso que com o fracasso. Quanto mais os teólogos ascendem na carreira espiritual, mais aumentam as chances de não reconhecerem suas frustrações e fragilidades humanas, seu humor depressivo. Assumem o papel de super-heróis, solitários, sem ninguém com quem se abrir. Sou assim, mas não posso me calar.

E contou uma história emocionante, que o estava perturbando muitíssimo:

– Meu filho mais velho, Peter, é depressivo. Nunca valorizei sua doença, mas há dois meses ocorreu um episódio marcante. Ele não se levantou da cama. Peguei-o dormindo até as 13 horas. "São 13 horas, Peter! Parece alienado de tudo! Vive num casulo." "Deixe-me em paz. Não quero conversar!", respondeu ele. "Você era um aluno brilhante, agora se isola do mundo!", tentei persuadi-lo. "Não tenho mais brilho!" "Desperte para a vida, menino! Saia desse marasmo!", sentenciei.

O Dr. Thomas parecia abalado, mas continuou:

– Peter não me respondeu, fingiu não ouvir mais a minha voz. Fiquei irado. "Você só me decepciona!", acusei. "Eu sei disso", disse Peter, levantando a cabeça. E, cheio de dor, completou: "O pior de tudo é que eu só me decepciono também! Esqueça que eu existo!" Tentei contestar: "Como esquecer que você existe? Eu pago suas contas, lhe dou comida, compro suas roupas, pago seu celular e a faculdade que você se nega a frequentar." Nesse momento Peter se sentou na cama e começou a soluçar. "Eu não estou precisando de um banco. Preciso de um pai..."

Aquilo tocou Thomas profundamente. Ele continuou:

– Então Peter disse: "Não é porque sou irresponsável, doutor Thomas, caso contrário não teria sido o melhor aluno da classe de direito. Não saio da cama porque estou morrendo por dentro! Não percebe? Não tenho razão para viver..." Abrandando a voz, eu lhe disse: "Confie em Deus, meu filho." Ao que ele

respondeu: “Eu confio em Deus, mas não confio na vida, nas pessoas, nem em você, meu pai. Você nunca fala de si mesmo e nunca me pergunta como estou, o que estou sentindo, que pesadelos me perturbam!” Arrependido, eu lhe pedi desculpas. Então o abracei e chorei junto com ele.

Depois de relatar essa história, o Dr. Thomas caiu em lágrimas. Marco Polo, lembrando-se do próprio filho, se compadeceu do intelectual de Harvard:

– Os grandes homens também choram. O problema é que eles não sabem o que fazer com as lágrimas.

– Tem razão. E Peter também. Não sei falar de mim mesmo nem penetrar no mundo daqueles que amo. Fico isolado em minha intelectualidade. Só agora estou enxergando que sempre vivi numa bolha solitária. Preciso rompê-la.

– Por que você não o encoraja a procurar um psiquiatra? – indagou Sofia.

– Encorajei. Mas ele resistiu.

– Se você se humanizar, crescerá dentro dele. Peter certamente o ouvirá – aconselhou o Dr. Alberto, seu amigo.

Houve um silêncio mordaz na mesa-redonda. Comovidos, alguns participantes da plateia tomavam notas. Outros se arriscavam a contar publicamente a própria história, algo incomum. Um jovem de 30 anos tomou a palavra:

– Meu pai é militar. Nunca dialogou comigo. Era um especialista em me cobrar.

Uma jovem de 25 anos, psicóloga, em sintonia com o outro jovem, levantou-se e contou:

– Meu pai não é militar, mas professor de psicologia. Apesar disso, ele nunca se sentou comigo. Nunca me perguntou sobre as lágrimas que chorei ou que jamais tive coragem de chorar. Não quero essa educação para meus futuros filhos. Só depois de ter estudado psicologia comecei a dar um desconto para ele...

Todos queriam sair da bolha social em que se encontravam. Começaram a perder o medo de falar não apenas sobre o mundo em que estavam, mas também sobre o mundo que eram. Descobriram que viviam tanto na superfície do planeta Terra quanto na superfície do planeta emoção.

– Por trás de uma pessoa que fere há sempre uma pessoa ferida. Compreender quem nos machucou não muda o outro, mas nos transforma. Quanto pior a qualidade da gestão da emoção, mais importante será o papel da psiquiatria e da psicologia clínica.

Com essas palavras, Marco Polo encerrou outra mesa-redonda. Várias pessoas vieram cumprimentá-lo.

– Estava à beira do suicídio antes de ouvir esses debates – contou-lhe um jovem de 18 anos que mal começava sua história e já estava desistindo dela.

– Você não quer matar a vida, mas sua dor. Procure um bom terapeuta.

Todos foram para casa pensativos. Michael teve de passar no supermercado.

Ele, que era sempre fechado, passou a cumprimentar pessoas que encontrava.

– Que alegria é essa, doutor Michael? – indagou a caixa do supermercado.

– Estou comprando autoestima – brincou.

Sofia sentou-se na cama e começou a refletir sobre o que debateram. Participara de muitas mesas-redondas, mas essa mexera com as entranhas de seu ser.

Marco Polo, por sua vez, começou a andar de um lado para outro no apartamento, como fazia quando estava inquieto, gestando grandes ideias. Em seguida, abriu o computador, foi ao seu "diário de bordo" e começou a escrever algumas frases:

"Uma tese começa a se aninhar em minha mente e me deixa ansioso: a psicologia, a sociologia e a pedagogia, enfim, as ciências humanas, erraram ao não estudar a biografia de Jesus com disciplina e profundidade. O homem mais famoso da história tornou-se um tabu. Ferramentas surpreendentes de gestão da emoção deixaram de ser usadas. As universidades falharam! Eu falhei!"

O psiquiatra lembrou que Maria recebeu a notícia de que sua alma seria transpassada pelas perdas irreparáveis que sofreria. Recordou que ele mesmo foi transpassado pela perda de Anna.

As lágrimas são poemas universais. Quando a boca silencia, os olhos as proclamam... Os que não sabem chorar não sabem fazer poemas no caos! Marco Polo chorou.

16

O MUNDO RUINDO AOS PÉS DE MARCO POLO

Um ano antes

Marco Polo e Anna tinham ido para o Caribe. Comemorariam mais um ano de casamento. Raramente duas pessoas foram tão apaixonadas.

– Você é inesquecível, Marco Polo! Meu eterno namorado.

– E você é insubstituível, Anna!

Era uma viagem de comemoração, mas também de descanso. Os dois trabalhavam muito. Ele: psiquiatra, pesquisador, professor universitário. Ela: psicóloga clínica, especialista em depressão.

Para Marco Polo, seus pacientes não eram doentes, mas obras de arte que ele procurava entender. Observando Anna brincar com as ondas, refletiu sobre a complexidade da vida, pegou um papel e escreveu mais uma metáfora:

"A personalidade humana é como uma onda do mar e o tempo é como a praia. Cada onda tem uma silhueta, assim como cada personalidade tem suas características, umas discretas, outras borbulhantes, mas todas encenam sua peça no teatro do tempo e, cedo ou tarde, voltam tímida e misteriosamente para o mar da existência deixando poucos vestígios."

Muitos amavam aplausos, premiações, colunas sociais, mas Marco Polo amava pensar os mistérios que cercam a vida.

– Venha curtir o mar! – convidou Anna subitamente, cheia de alegria.

– Estou indo, querida! Mas cuidado, as ondas estão fortes!

Anna mergulhava como se estivesse rompendo a barreira do tempo e do estresse profissional. Insistiu de novo:

– Venha, Marco Polo. Não deixe este momento passar...

Imediatamente ele largou o papel e se deixou abraçar pelo mar. Mas no fundo queria o melhor de todos os abraços, o dela. Anna nadava tentando vencer a resistência das ondas. Marco Polo nadava atrás dela. Ambos sabiam que as coisas simples e anônimas nutrem mais a emoção. Momentos depois foram caminhar na praia. Fitando-o, ela disse com singeleza:

– Não precisamos de muito para ser felizes. De que adianta cuidar dos outros se esquecemos de nós mesmos?

– A sede de aliviar a dor humana me consome. Mas preciso desacelerar –

confessou Marco Polo. – Sucesso profissional sem sucesso emocional não é sucesso, é autodestruição...

– Você tem cuidado de si? – fez ela a simples e vital pergunta.

Marco Polo mergulhou na própria mente e foi honesto:

– Não o suficiente. Estou com 47 anos, meus cabelos começam a branquear. Mas você, com seus 37 anos, ainda é uma menina. Aliás, eu lhe fiz bem, você está mais bonita do que quando a conheci.

– Eu é que lhe fiz bem! – disse Anna, topando a brincadeira. – Consegui dar um pouco de equilíbrio a esse pesquisador maluco que sempre viveu fora da curva.

– Ainda vivo fora da curva, mas sem dúvida você me trouxe um pouco para o centro. Obrigado por existir...

De repente duas mulheres muito bonitas passaram à sua frente. Ela sentiu que os olhos dele se desviaram discretamente na direção delas.

– Está olhando para outras mulheres, Marco Polo?

– Meus olhos são seus! – E em seguida disse sorrindo: – Está com ciúme, Anna?

– Ciúme, esse velho fantasma que assombra homens e mulheres? Ele me toca, mas não me espanta mais. Aliás, li seus manuscritos sobre o ciúme.

– Interessada pelas minhas ideias?

– Sempre estive. Eu me lembro bem: "Quem ama tem ciúmes? Se considerarmos o ciúme uma busca de aproximação, sim! Mas o ciúme nutrido pelo medo da perda gera a necessidade de controle, que, por sua vez, torna-se um desvio doentio da necessidade de aproximação, produzindo a busca de uma atenção exagerada e insaciável!" – E ela completou: – Gostei tanto que até decorei. Acho que você tem futuro como pesquisador e escritor.

– Depois de ter escrito dez livros, talvez eu tenha aprendido alguma coisa – disse ele livre e leve.

Marco Polo era editado em dezenas de países, mas nunca perdera a serenidade. Sabia que o vírus do orgulho abortava a criatividade. Depois disso, ele completou:

– O ciúme brando é inofensivo, torna-se um contraponto à indiferença. Quem é indiferente não ama, às vezes nem a si mesmo. Por outro lado, quem tem ciúme em excesso se autodestrói, perde a autoconfiança e acelera a perda. E vou defender uma nova tese na psicologia: quem tem ciúme na verdade não quer a atenção do outro, mas de si mesmo, pois se autoabandonou. Por isso, por mais que tenha atenção do outro, sua sede é insaciável. Errou o alvo.

Ela ficou mais uma vez admirada e orgulhosa do marido. Ele também comentou que o ciúme é outra maneira atroz de esgotar os recursos naturais do planeta emoção.

– Espere, isso não li – disse ela.

Foi então que ele lhe contou que estava finalizando o desenvolvimento de um programa sobre Gestão da Emoção. Eram um casal inteligente com diálogos agradáveis e interessantes.

– E você, Marco Polo? Tem ciúme de mim?

– Você é mais bela que as mais belas garotas.

– Demagogo – disse Anna, dando-lhe um suave beliscão.

– Sinceramente, ao olhar para você, meus hormônios ficam à flor da pele. Como não ter ciúme de você? Mas eu o administro.

– Sabe por que meu ciúme por você também é calmo? – perguntou ela.

– Diga, querida!

– Porque sou linda, maravilhosa e inteligente e você é um privilegiado por viver comigo. Se me abandonar, quem vai perder será você! – disse Anna, alegre e autoconfiante.

Estava distante da jovem que fora refém do passado, insegura, cuja mãe havia tirado a própria vida e cujo pai era um milionário autoritário, insensível, extremamente crítico. Tornara-se uma mulher livre. Após dizer essas palavras, saiu correndo pela praia.

– Espere aí, mocinha. De baixa autoestima você não vai morrer! – disse Marco Polo sorrindo e correndo atrás dela.

Quando ele a estava quase alcançando, algo inesperado aconteceu. O coração de Anna começou a bater muito mais forte, ela ficou ofegante e teve uma vertigem. Perdeu os sentidos, caiu e bateu com a face na areia.

– Anna! Anna! O que aconteceu? Você está bem?

Marco Polo ficou desesperado. Pensou que ela estivesse tendo um infarto ou uma crise convulsiva. Mas não houve espasmos musculares nem desvio do olhar ou da rima bucal. Logo ela despertou, mas estava desorientada.

– O que aconteceu? Onde estamos?

– Estamos aqui na praia, no Caribe. Corri atrás de você, mas de repente você caiu e desmaiou.

– Acho que é o excesso de trabalho...

Ele limpou delicadamente cada grão de areia do rosto dela e a acariciou.

– Querida, você me assustou.

E a beijou suavemente na testa e depois nos lábios, e a abraçou.

– Que abraço gostoso. Vou fazer isso outras vezes – brincou ela.

– Lembrei-me de quando estávamos nos conhecendo. Seu pai viu você nos braços de um estranho e gritou: "Quem é esse sujeito, Anna?" "É Marco Polo", você disse. "Um aventureiro? O que ele faz?"

– Quase o matei do coração quando disse que você era psiquiatra – Anna recordou.

– Não foi fácil vencer o tigre.

– Mas você ainda não venceu o doutor Amadeus...

Vendo-a mais relaxada, Marco Polo indagou:

– Não sente mais nada?

– Estou apenas ofegante e com uma leve dor no peito.

Ele a examinou com cuidado. Seus lábios estavam azulados, refletindo a falta de oxigênio. Marco Polo era médico psiquiatra, não um especialista nessa área, mas não gostou do que viu.

– Vamos, querida. Talvez tenhamos que fazer alguns exames.

– Não preciso de exames. Preciso só relaxar. O almoço não me caiu bem.

Curiosos os rodearam, alguns com a intenção de ajudá-los. Marco Polo agradeceu e, levando o braço direito dela sobre seu pescoço, foram caminhando até o hotel. Anna tomou um analgésico e um antitérmico e logo se restabeleceu.

– Fiquei tão feliz quando me disse que ainda era uma bela garota que tentei correr como uma. Estou fora de forma.

– Talvez tenha tido essa queda porque estava com ciúme de mim.

– Seu tolo. – E completou com emoção: – Estou com saudades do nosso Lucas. Vou ligar para ele.

Lucas, o único filho, estava com 16 anos. Era um jovem que tinha alto rendimento nas provas. Sonhava em estudar medicina em Harvard. Queria seguir os passos do pai, não por imposição, mas porque o admirava. No período em que estavam de férias no Caribe, Lucas estava na casa do avô, Dr. Amadeus, o que deixava Marco Polo intranquilo. O sogro sempre dizia: "Se há alguém que pode ensinar o Lucas a ser empreendedor, esse sou eu, seu avô! Vocês são intelectuais, duros, sonhadores."

Lucas vivia como um rei na casa do Dr. Amadeus, sem controle. Não tinha horário para sair, para dormir, nem limite para gastar. O avô mentia dizendo que trazia o garoto na "rédea curta".

– Onde será que Lucas está? Ele não atende!

– Lembre-se, Anna, que sempre dissemos para ele não ficar conectado o dia todo no celular. São cinco da tarde de sábado. O menino tem juízo. Deve estar no cinema com alguma garota.

Anna deitou-se, relaxou e dormiu por duas horas. Marco Polo, prevenido, já havia contatado um centro médico. Esperava ser chamado para o atendimento. Infelizmente, Anna acordou ofegante e com dor no peito outra vez. Foram rápido à consulta médica.

Chegando ao centro médico, ela foi examinada por um clínico geral experiente, o Dr. Franklin. Depois de fazer perguntas e examiná-la, ele pediu um raio X e um exame de sangue. Quando chegaram os resultados, o médico se mostrou muito preocupado.

– Anna, você está com broncopneumonia... Enfim, pneumonia bilateral. A falta de ar e dor torácica difusa decorrem dessa pneumonia.

– É grave, doutor? – perguntou, ansiosa.

– É tratável. Você é forte – interveio Marco Polo.

– O ideal seria saber o tipo de agente causador, se vírus ou bactéria. E, se for bactéria, qual seria o antibiótico mais eficiente. Mas vou lhe prescrever um bom antibiótico de amplo espectro e observar sua evolução.

Anna colocou sua mão direita sobre a esquerda de Marco Polo e lamentou:

– Estraguei nossas férias, querido.

– De modo algum...



À noite Lucas ligou.

– Filho, que saudade! Onde esteve?

– Fui ao cinema com uma garota que conheci esses dias. E você, mamãe?

– Peguei uma pneumonia. Mas logo vou ficar boa.

E conversaram por longos minutos. Depois disso o pai dela, Dr. Amadeus, pegou o telefone.

– Está doente, Anna? Como assim?

– Uma pneumonia, papai. Mas estou medicada.

– Marco Polo está lhe dando atenção?

– Como sempre, papai...

– Não sei, não. Quer que envie um avião para pegá-la?

– Não é necessário.

Três dias depois, Anna continuava febril e com falta de ar ao mínimo esforço. As imagens do raio X pioraram em vez de melhorar.

– Deve ser uma bactéria resistente. Recomendo que você procure um centro médico maior e faça mais uns exames – recomentou o Dr. Franklin.

– Precisamos partir, querida – disse ele, franzindo a testa e pegando suavemente suas mãos. – A pneumonia não cedeu. É melhor tratarmos no hospital onde trabalhamos.

– Estou preocupada, querido, mas vai dar tudo certo – disse ela com brandura.

– Venceremos essa bactéria! – assegurou ele.

Pegaram o primeiro voo para Los Angeles, a cidade onde moravam. Marco Polo estava preocupado com as superbactérias resistentes a antibióticos. Mas não comentou nada. Anna viajou de máscara. Tomou todos os cuidados para não contaminar os passageiros e para não se contaminar com outros agentes. Fatigada, adormeceu.

Ela acordou quando o avião aterrissou. Uma cadeira de rodas a esperava. Havia um funcionário do aeroporto à disposição deles para facilitar a sua saída. Era triste a cena. Foram diretamente ao hospital. Marco Polo havia acionado uma equipe dirigida pelo Dr. Matheus, um amigo pneumologista. Revelando

ternura, Anna foi transportada numa cadeira de rodas pelos longos corredores.

Como trabalhava no hospital e também fazia trabalho social na ala infantil, foi reconhecida por todos assim que chegou no saguão.

– Anna? O que aconteceu? – indagou uma enfermeira preocupada com sua debilidade.

– Uma pneumonia me derrubou. Mas vai dar tudo certo.

– Olá, Anna! Desejo melhoras para a mãe das crianças abandonadas – disse uma médica abanando as mãos.

– Anna! Anna! – Gritaram três crianças de 5, 6 e 7 anos de uma casa de acolhimento a que ela dava assistência gratuita. Correram até ela e a beijaram.

– Jorge, Rafael, Leo? Que bom ver vocês – disse ela recordando os nomes. Ficou tão emocionada que começou a ter falta de ar.

– Anna, precisamos ir – disse o médico, preocupado. Os meninos pareciam tristes. Anna lacrimejou e, ofegante, os deixou.

Feitos os exames, o Dr. Matheus e sua equipe entreolharam-se preocupados.

– Olhe, Marco Polo, os exames mostram que ela tem uma pneumonia difusa e severa em ambos os pulmões. Comparando as imagens feitas no Caribe com as de agora, a pneumonia está em franca progressão.

Entraram com outros antibióticos.

– O ideal seria fazer um exame da secreção pulmonar, mas você, Anna, não consegue escarrar. Se as imagens não melhorarem nos próximos três dias, faremos uma broncoscopia para retirar um pequeno fragmento para análise.

– Está certo, doutor, vamos fazer o necessário – comentou ela, preocupada, mas não desesperada.

– Cuide bem dela, Matheus.

O pneumologista abriu um sorriso e observou:

– Em nossa roda de amigos sempre comentamos que vocês são um casal invejável.

Nesse exato momento Anna teve uma crise de falta de ar. O Dr. Matheus colocou-lhe rapidamente uma máscara de oxigênio para aliviá-la. Em seguida apareceram três amigas com buquês de flores: Julia, Beatrice e Hillary. Uma delas segurava um cartaz que dizia:

"A amiga mais querida do mundo!"

Anna tirou a máscara e abriu um sorriso. Ela e Marco Polo irradiavam sociabilidade. Lideravam um projeto em mais de vinte orfanatos que ensinava crianças e adolescentes a desenvolverem habilidades socioemocionais.

– Amiga, amamos você. As crianças dos orfanatos estão sentindo sua falta.

– Como elas estão?

– Vamos às lágrimas ao ver o progresso delas. As crianças estão se tornando resilientes e aprendendo a pensar antes de reagir.

– Muitos trabalham por um salário, outros por seus sonhos. Obrigada –

comentou ela com sensibilidade.

– Sinto muito, mas agora vocês precisam ir – interveio o Dr. Matheus. – Anna precisa descansar.

De repente ela teve outra crise de falta de ar. Essa foi mais intensa. O Dr. Matheus teve de socorrê-la rapidamente. As amigas saíram chorando ao ver sua angústia respiratória. Minutos depois, Anna começou a tomar outro coquetel de antibióticos.

Passados três dias, era de esperar alguma melhora. Mas, infelizmente, não foi o que aconteceu.

– Não desista, meu amor – disse o pesquisador que estudava o funcionamento da mente humana.

– Não tenho medo de morrer, tenho medo... de perder você e o Lucas... – disse ela, emocionada.

Comovido, Marco Polo tinha a voz embargada:

– Esqueça-nos, querida... Por enquanto, concentre-se... em sua saúde.

Dez minutos depois o Dr. Matheus entrou no quarto para fazer sua visita diária. Sem meias palavras, foi transparente:

– Comparei os raios X e as tomografias dos dias anteriores com as de hoje de manhã. Sua pneumonia é resistente, Anna.

No meio da notícia ruim, Anna recebeu uma ligação. Era seu filho.

– Posso atender, doutor Matheus? É meu filho, Lucas.

– Claro, mas procure não se emocionar muito.

– Filho, que bom ouvir sua voz! Como estão as férias? – indagou com voz frágil e lenta.

– O vovô me deixa fazer muitas coisas divertidas. E você? Por que está falando com dificuldade?

– Ainda não acertamos... o antibiótico. Mas logo daremos um chega para lá... nessa pneumonia.

– Você não está bem. Tentarei pegar um voo ainda hoje. Quero ficar ao seu lado.

– Não adianta... Curta suas férias... Em poucos dias elas terminam...

– Mas, mamãe, você mal consegue falar...

De repente, o pai de Anna, Dr. Amadeus, percebendo que a evolução da doença da filha não estava sendo satisfatória, num rompante de raiva tomou o telefone das mãos do neto e, destituído de preparo emocional, falou para a filha:

– Saia daí imediatamente, Anna! Vá para um hospital melhor! E mande a conta para mim!

Era o que seu pai sabia fazer: pagar contas. Tinha um medo terrível de doenças, nunca frequentava hospitais e raramente ia a velórios.

– Estou sendo... bem atendida, papai...

Marco Polo percebeu que Anna ficou mais tensa e ofegante ao falar com o

pai. Retirou o fone dela e procurou diminuir a carga tensional. Mas, por mais que fosse um psiquiatra experiente, o Dr. Amadeus era intratável.

– Bom dia, doutor Amadeus...

– "Bom dia" coisa nenhuma! Você está matando minha filha! – disse, vomitando as rejeições históricas contra o "amigo dos psicóticos".

Marco Polo tentou se conter. Ao lado do avô, Lucas o confrontou:

– Não fale assim com meu pai.

Marco Polo ouviu as palavras do filho, mas afirmou para seu arrogante sogro:

– Ela está tendo o melhor atendimento. Médicos amigos meus, que são professores universitários, a estão assistindo...

– Professores universitários como você? Vocês não têm competência para atuar na iniciativa privada e ficam encastelados dentro das universidades! Leve minha filha agora para o melhor centro médico particular – ordenou o homem cujo deus era o dinheiro.

– Ela está num centro de excelência. Tenho de desligar. Obrigado pela sua preocupação... – retrucou Marco Polo.

Ele tentou preservar a tranquilidade de Anna. Depois de se despedir de Lucas, desligou.

Lucas criticou o avô:

– Meu pai é excelente médico e faz a mamãe muito feliz!

– A ingenuidade é uma benção, Lucas.

– O que você quer dizer com isso? Meu pai é um pensador respeitável.

– Pensadores morrem de fome e, às vezes, matam os outros de fome também. E silencie suas lágrimas! Homens não choram!

– Quem chora, então? Os computadores?

– Cale-se! Respeite os mais velhos, seu insubordinado!

E, após repreender Lucas, saiu de cena. Sequer procurou consolá-lo em relação à doença da mãe.

O garoto foi para o quarto e começou a derramar suas lágrimas às escondidas. Depois pegou um travesseiro e o colocou sobre o rosto. Não tinha consciência, mas estava perdendo quem mais amava...

17

UM MENINO ALEGRE QUE VIVEU HÁ DOIS MIL ANOS

Um menino de 5 anos observava deslumbrado algumas borboletas que passavam por ele e começou a correr atrás delas. Corria de um lado para outro como se quisesse bailar no ar. Com os braços abertos, reproduzia os movimentos dos insetos. Seus pais e dois líderes religiosos, Josefus e Benjamin, que estavam de visita, observavam-no atentamente. Eufórico, o menino gritava sem parar:

– Voa, borboleta linda! Voa!

E dava risadas. Acompanhava a trajetória de uma borboleta, depois de outra e ainda outra. Tinha uma energia descomunal. Josefus, um dos visitantes, ficou impressionado e falou para seus pais:

– Raramente vi um menino tão alegre.

– De onde vem tamanha felicidade? Vocês não são ricos, a casa não tem grande conforto, lutam todos os dias para sobreviver, mas esse menino sorri como se fosse o mais rico do mundo – indagou Benjamin, o outro visitante.

– Meu filho é especial – disse a mãe.

– Todas as crianças são especiais – comentou Benjamin.

– Mas esse menino faz de pequenas coisas um espetáculo aos seus olhos – concordou o pai.

– Interessante – disse Benjamin, desconfiado. – Mas quem o ensina a admirar a natureza? José ou você, Maria?

– É da natureza dele. Ensinamos um pouco, mas parece que ele tem sede de viver. Quer explorar tudo, conhecer tudo, brincar com tudo. E todas as noites me pede para lhe contar histórias. Só depois fecha os olhos.

– É seguro?

– Parece não ter medo de nada. Veja, ele está querendo montar numa ovelha! – disse a mãe. – Cuidado, meu filho! – E continuou: – Ele brinca com cães bravios e eles se acalmam.

José deu um toque em Maria para ela não revelar tudo. Era melhor preservar o filho.

– Mas como ele pode fazer isso? – perguntou Josefus coçando sua longa barba.

Eis que nesse momento passava um cavaleiro trotando rapidamente. O menino foi ao encontro dele.

– Cuidado! – disse Benjamim, com medo de que fosse pisoteado.

– Filho! – gritou a mãe, desesperada mais uma vez.

Mas o animal interrompeu sua marcha e se aproximou lentamente do menino abaixando a cabeça, como se lhe fizesse reverência. Para espanto de todos, ele a coçou.

– Que incrível! – disse Benjamin, um fariseu importante, ao observar a cena.

– Vocês não devem ser irresponsáveis deixando-o solto – advertiu o outro líder religioso.

– Mas é impossível contê-lo! – afirmou a mãe.

De repente o menino bradou:

– Vem, papai, vem, mamãe, vamos brincar com o cavalo!

– Agora não, Jesus – disse o pai. – Venha, vamos para casa.

Então ele parou e obedeceu. O cavaleiro, impressionado com a habilidade do menino, partiu olhando para trás.

– Ele chora muito?

– Só em situações extremas! – contou o pai. – Mas logo ele se refaz e reassume seu sorriso. Sou carpinteiro, senhores, e meu filho é forte como as mais resistentes madeiras.

Correndo na direção dos pais, o menino não viu uma pedra, tropeçou, caiu e bateu com o rosto nos pedregulhos do solo. Maria correu ao seu encontro, foi a primeira a socorrê-lo. Logo depois, José e os dois líderes chegaram.

– Meu filho, você se machucou?

Sua face direita sangrava. Por instantes ele chorou, mas logo se refez e, como Maria havia comentado, abriu um sorriso.

– Já estou bem.

– Mas que menino é este? Devia estar gemendo de dor – afirmou Benjamin.

Os líderes religiosos se entreolharam e ficaram intrigados com a recuperação do garoto. Sua capacidade de lidar com a dor era incomum. Ativo, mas obediente, sensível, mas forte.

– Vamos cuidar desse machucado.

– Não está doendo. Vamos brincar!

– Para ele, parece que a vida é uma eterna brincadeira... – disse o pai, fascinado com tanta energia.

José pegou a mão direita de Jesus e os três começaram a se despedir. Todavia, mais um episódio misterioso ocorreu. O menino ouviu o balido de uma ovelha com um filhote, que deu um gemido sofrível que só ele percebeu.

– O carneirinho está doente.

– O quê? Que carneirinho? – perguntou o pai.

O menino se soltou do pai, deu alguns passos e apontou:

– Aquele.

Mas, como o animal estava distante, saiu correndo atrás dele.

– Jesus! Jesus! Venha aqui.

– Mamãe, o filhote está com dor! – afirmou. – Vamos!

E, intrigados, o acompanharam. Quando o menino se aproximou, a mãe do filhote ameaçou lhe dar uma cabeçada.

– Cuidado, filho! – gritou a mãe.

Mas imediatamente ela se acalmou. Outra vez se surpreenderam.

Constrangida, a mãe reafirmou:

– Já lhes disse, os animais o amam.

Quebrando o clima de tensão, o pai interveio:

– Meu filho, o carneirinho está ótimo. Ele está andando.

– Mas ele não está mamando – afirmou a criança.

De repente, Josefus, que entendia de criação de ovelhas, olhando para o úbere da mãe, viu que ele estava cheio, pingando.

– Esperem, o menino tem razão. O filhote não está mamando. Foi rejeitado pela mãe. Realmente está fraco, cambaleante. Se não derem leite a ele, vai morrer.

Todos se entreolharam admirados. Em seguida, para espanto geral, o menino se aproximou da ovelha mãe, acariciou sua cabeça e depois abraçou o cordeirinho. Com muito esforço, segurou-o em seus braços e o levou até o úbere da ovelha. De repente, o filhote que tinha sido rejeitado começou a sugar o néctar da mãe.

– É incrível, nunca vi um comportamento desses. Uma mãe que rejeita um filhote raramente o aceita de volta – comentou Josefus.

Em seguida se despediram. E, sem que os pais pedissem, o menino deu um abraço nos líderes. Assim, cada um seguiu seu caminho, olhando para trás, algo que sempre ocorria com os passantes que encontravam Jesus. A cada passo, uma pergunta: "Que menino é esse? O que será desse menino quando crescer?"



De repente Sofia acordou. Sentou-se na cama e sorriu. Percebeu que mais uma vez viajara em seus sonhos. Pensou em Marco Polo. Precisava contar para ele. No entanto, era uma experiência difícil de ser traduzida em palavras. E seu sono agradeceu. Ela voltou a dormir e teve uma noite restauradora.

18

O ESTRANHO HOMEM DE MARKETING DE JESUS

Um homem que parecia louco, vestido como um maltrapilho, bradava com uma voz vibrante e eloquente sobre a grande revolução social que começaria de dentro para fora. Proclamava que um líder se aproximava e mudaria o status quo das relações humanas. Seria o protagonista de um governo justo e generoso. Parecia delirar. E, sem papas na língua, colocando a própria cabeça a prêmio, apontava as mazelas dos transeuntes e a corrupção dos líderes de seu tempo. Fustigando-os com vara curta, dizia:

– Raça de víboras, quem os induziu a fugir da ira que está por vir?

Nunca se viu alguém com tanta coragem numa época de perseguições políticas. Era recomendável a discrição, mas ele era incapaz de ficar calado. Queria de todas as formas penetrar nas entranhas da mente das pessoas e dissecar os tumores escondidos debaixo de sua pele, incluindo a arrogância e as exclusões. Seu nome era simples – João –, mas seus objetivos eram complexos.

– Eu sou uma voz que prepara o caminho do meu líder, o senhor do mundo. Ele é tão poderoso e magistral que não sou digno sequer de me curvar perante ele.

As pessoas desenhavam em seu psiquismo um super-herói inimaginável, um líder jamais visto, acompanhado de uma escolta triunfal, transportado numa carruagem coberta de ouro. Sua beleza deixaria em êxtase os olhos abatidos pela fome, numa época em que o império romano espoliava os celeiros de Israel.

Mas nada de o homem aparecer... À noite João procurava repousar sua voz desgastada pelos brados, mas seus discípulos e agregados o importunavam. Questionando-o, diziam:

– Por que o Messias demora tanto?

– Acalmem-se, todos vocês. Cedo ou tarde ele vai aparecer.

– Mas que características ele tem para o reconhecermos? – perguntou um fariseu, um líder que se unira ao bando dos reacionários.

João engolia em seco, mas não perdia a segurança.

– Quando o virem, ele será inconfundível. Seus gestos, reações e palavras proclamam sua identidade. Seu poder é incomensurável e sua eloquência é arrebatadora.

– Mas como você sabe disso, se não o conhece?

A pergunta fatal foi elaborada por um escriba, um professor das Sagradas Escrituras que também fora cativado por João.

O mais importante e estranho especialista em marketing pessoal de que já se teve notícia respirou e sorriu. Sua emoção estava à flor da pele.

– Eu sei porque sei – disse convicto.

Ele inaugurou uma tese que ultrapassaria a de Sócrates, feita três séculos antes: "Sei que nada sei."

– Mas como é possível anunciar um desconhecido com tanta segurança? – questionou um líder político local.

– Basta! Quando ele vier, nos surpreenderá! – disse João, tentando acabar com aquele mar de dúvidas.

– Mas, João, muitos o odeiam por você apontar seus crimes. Herodes cogita metê-lo no cárcere. Muitos fariseus têm insônia por causa das suas acusações. Falar do seu nome causa-lhes tremores. Se o Messias não aparecer para lhe garantir a proteção, cedo ou tarde a sua cabeça pode rolar... – comentou um discípulo, preocupado com seu estranho mestre.

– Acaso tenho eu medo da morte? Não chafurdem na lama do conformismo. Este mundo precisa ser virado de cabeça para baixo – disse ele, virando a cabeça não para baixo, mas para o lado, procurando repousar ao relento.

Muitos que seguiam os ensinamentos de João não dormiam, comiam nem se vestiam como ele. De dia ficavam na margem do rio Jordão e à noite iam para suas casas ou para hospedarias. Logo pela manhã, João repetia o mesmo ritual. O incansável mestre de cerimônias anunciava o líder de seus sonhos, o Autor de uma nova era.

Se Einstein entrasse por uma janela do tempo e o aconselhasse, certamente o desanimaria. Ouviria dele: "É mais fácil desintegrar o átomo do que se desfazer dos preconceitos." Se Martin Luther King também pudesse viajar no tempo para orientar seu ânimo, não seria diferente. Talvez dissesse: "Abraham Lincoln libertou os escravos na constituição, e eu, cem anos depois, estou lutando para desfazer os paradigmas sociais, resgatando os direitos civis dos negros, mostrando que brancos e negros são iguais na essência. Somos todos uma só família."

Naquele tempo, como em todas as eras, as pessoas não se interiorizavam, não se autocriticavam nem mapeavam as próprias falhas. De múltiplas formas, João proclamava que elas, sobretudo os líderes, tinham três necessidades doentias que infectavam suas mentes: a necessidade de controlar os outros, a de ser o centro das atenções sociais e a de poder. Que missão dantesca é remover o lixo do psiquismo humano!

– Ele mudará o coração humano – afirmava com segurança.

– Mas o ser humano é imutável – diziam outros com a mesma segurança.

– Como devemos estar preparados para esperá-lo? – perguntavam ainda outros, mais sensíveis.

Mas a resposta era bombástica, tanto real quanto metafórica:

– Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem. E, quem tiver

alimentos, faça-o da mesma maneira.

O mesmo sentimento do *Magnificat* de Maria estava nas entranhas desse personagem inusitado. Mas as semanas se passaram e nada de o Messias aparecer. A impaciência ia aumentando. Cada dia era sentido como um mês; cada mês, como um ano.

Quando tudo parecia uma miragem no deserto, eis que inesperadamente apareceu um sujeito totalmente diferente das descrições grandiloquentes feitas por João. Não havia carruagens, escoltas nem glamour social. Mas João o pressentiu.

– Silêncio! – disse o homem que sempre fora agitado.

Os olhares se cruzaram. O coração disparou e os seus pulmões aceleraram. O momento solene finalmente se aproximava. Todos queriam ver o que João via, mas ninguém enxergava. "Onde está o imponente Messias? Onde está o príncipe do tempo? Cadê o libertador?", seus íntimos se perguntavam. Céu claro, sol escaldante, suor no rosto. João não tardou a apontá-lo.

– Eis o homem que se apaixonou pela humanidade, eis o homem que se sacrificará por ela, tal qual um cordeiro imolado num altar. Eis o advogado que nos defenderá de nossas loucuras.

Todos, eufóricos, se esforçavam para identificá-lo, mas ele se perdia na multidão.

– Abram seus olhos e vejam o mais solene dos enviados!

Não tinha beleza superlativa nem dotes físicos notáveis. Tocando os ombros dos que estavam à sua frente, pedia delicadamente passagem. Ninguém o notou, a não ser João, seu anunciador, o homem que fazia seu marketing pessoal, que aplainava os acidentes geográficos da mente humana. Ao identificá-lo, o ilustre mestre de cerimônias parecia um menino que encontrara o pai no final da tarde, depois da lida no campo.

– Eis o líder dos líderes, o príncipe dos meus sonhos!

– Mas cadê o homem? – indagavam os miseráveis, políticos, fariseus e letrados escribas. A decepção não poderia ser maior. – Não é possível que seja ele... Seria capaz de libertar Israel das garras de Tibério César e dos pesados impostos pagos a Roma?

Queriam um libertador político, mas Jesus era o libertador dos cárceres psíquicos. Como o filme que frequentemente frustra o leitor de uma obra que já havia filmado em sua mente, o personagem de João não correspondia às expectativas de seu imaginário. As mãos feridas por empunhar martelos, as cicatrizes das faces expostas aos raios solares por horas a fio eram chocantes. Mas, se lhe faltavam as características exteriores, transbordava ousadia e lucidez.

Ele olhou para João, mas não se identificou. Não falou seu endereço, sua origem, seu projeto de vida, nada... Transpirando silêncio pelos poros, Jesus apenas começou a se curvar diante de João para viver a inquietante metáfora

psicossocial do batismo. Tocaria as águas e sairia delas proclamado um novo homem, capaz de domesticar os fantasmas que aterrorizam a mente humana, das fobias ao ciúme, do egocentrismo ao sentimento de vingança. Perplexo, o mestre de cerimônias disse:

– Curva-se a mim? Eu, que sou indigno de desatar-lhe as correias das sandálias... Eu é que devo me curvar diante de você...

Ao ouvir essa reverência, um escriba entrou em estado de choque.

– Como pode um homem tão ousado, que colocava diariamente sua cabeça a prêmio, agir de forma tão humilde diante desse homem tão... tão simples?

– Incompreensível! – confirmou outro letrado.

De agora em diante, esse homem subiria no palco e abalaria os preconceitos dos espectadores. Como fora dito à sua mãe quando ele ainda era bebê, aquele homem dissecaria pensamentos ocultos.

Sala do debate

Marco Polo discorreu na mesa-redonda sobre a história de João ponto por ponto: seu *modus operandi*, seu projeto de vida, sua atuação como mestre de cerimônias, conforme a descrição do doutor Lucas. Falou em detalhes sobre o encontro entre o anunciador e o anunciado. Interpretou não apenas os textos claramente expostos, mas também deduziu fenômenos e induziu ideias que estavam nas entrelinhas.

Foi como assistir a um filme dirigido por um hábil diretor atento aos detalhes imperceptíveis ao primeiro olhar. Alguns poucos e raros filmes fazem justiça ao livro em que foram baseados. Os espectadores da mesa-redonda ficaram maravilhados. Depois de toda essa abordagem, Marco Polo faria sua análise crítica.

– Por incrível que pareça, Jesus não disse que João estava exagerando em sua humildade ao falar que se achava indigno de tirar suas sandálias. Suas simples palavras revelam sua dramática superioridade: "Cumpramos as escrituras..."

Michael ficou intrigado com a exposição. Numa crise de ansiedade, bateu na mesa, indignado, quase fora de si. Em seguida assustou não apenas os membros da mesa, mas também a atenta plateia que os ouvia:

– Esta mesa-redonda é perturbadora, Marco Polo!

– O que foi? – indagou Sofia, preocupada.

– Sofia... Sofia... a história desse homem deixa qualquer intelectual maluco.

– Por quê? – disse Thomas.

– Como assim por quê? Por acaso vocês cristãos creem sem consciência crítica? – falou rispidamente – Como Marco Polo tem exposto, os disparates que acompanham a história de Jesus são no mínimo bombásticos. Sejam honestos ao

responder.

Depois de uma pausa para respirar, começou sua bateria de perguntas:

– Ele foi anunciado como rei?

– Sim – afirmou o Dr. Alberto.

– Mas esse anúncio saiu nas primeiras páginas da corte como o filho dos príncipes? – indagou outra vez Michael.

– Não! Foi anunciado ocultamente por um estranho que apareceu no quarto de Maria – comentou Sofia.

– Foi concebido com a participação de homem? – indagou Michael.

– Segundo o doutor Lucas, não – apontou o Dr. Thomas.

– Teve um nascimento digno?

– Não – disse o Dr. Alberto. – Nasceu num estábulo.

– Foi protegido na infância?

– Não! Fugiu para o Egito – rebateu Sofia.

– Só esses pontos já enlouquecem qualquer pensador.

E, depois de outra pausa para pensar, continuou:

– A educadora encarregada de cuidar do filho do "Todo-Poderoso" tinha status nobre?

– Não! Era uma adolescente pobre de uma região miserável – comentou o Dr. Alberto.

– Ela e o menino correram risco de vida?

– Provavelmente muitos – afirmou Sofia.

– Em meio ao turbilhão de riscos, ela tinha autoimagem fragmentada?

– Não. Vimos que tinha altíssima autoestima! – disse o Dr. Thomas.

– Maria vivia na era do analfabetismo?

– Sim, apesar de a cultura grega ter sido difundida por Alexandre, o Grande.

– Com quem aprendeu a ler?

– Não sabemos! – afirmou o Dr. Alberto.

– Mistérios e mais mistérios! Tudo aqui é um mar de segredos! – afirmou Michael.

Marco Polo admirava a capacidade de síntese do amigo.

– E tem mais – contestou o neurocientista. – Quando Jesus, o filho do suposto Autor da Existência, resolveu abrir a boca ao mundo, usou uma "equipe" de marketing formada por um só homem. E, pior ainda, um homem que comia, se vestia e falava como um extraterrestre.

Muitos deram risadas na plateia, mas estavam pensativos. Ele tinha razão.

– O caso não é de rir; é de chorar! E, além disso, ele foi o primeiro profissional de marketing que propagandeou um homem sem conhecê-lo! E, para piorar mais uma vez, ao invés de ser polido, discreto, esse marqueteiro descia a lenha nas lideranças da época.

– São inumeráveis os paradoxos – afirmou o Dr. Thomas.

Diante disso, Michael se levantou, fitou seu amigo psiquiatra e companheiro de ciência e concluiu, ansioso:

– A história de Jesus está perturbando minha racionalidade, Marco Polo!

– Sente-se, Michael. – solicitou Marco Polo com calma. – Você está tenso.

– Tenso? Minha mente está um caldeirão em ebulição. – Depois advertiu: – Marco Polo, você é um notável psiquiatra. Vamos cair fora desta mesa-redonda, senão vamos ter um surto psicótico!

Muitos na plateia deram novas risadas pela maneira como Michael fez sua abordagem, inclusive o Dr. Thomas e o Dr. Alberto. Mas ele estava falando sério.

– Isso não é engraçado, senhores Thomas e Alberto! Talvez os senhores já tenham enlouquecido e não sabem disso – afirmou Michael.

As pessoas riram mais ainda, mas ao mesmo tempo mergulharam nas águas da reflexão.

– Esses paradoxos são maravilhosos. Um prato cheio para quem gosta de pensar, mas nem a ciência nem as religiões se debruçam e se deslumbram diante deles – concluiu Sofia com a maior seriedade.

De repente, um senhor de cabelos grisalhos, que era um físico da Universidade de Oxford, comentou:

– Eu não sou religioso, mas estou tão perplexo quanto o doutor Michael. A Europa trata a mente mais famosa da história com superficialidade. Estamos perdendo a capacidade de questionamento!

Então Marco Polo respirou fundo e fez um comentário seríssimo:

– Michael, meu amigo de ciência, o que me deixa perturbadíssimo é que todos esses paradoxos que estamos analisando e que você sintetizou gritam mais uma vez que Jesus não poderia ser um personagem inventado!

– Como assim, Marco Polo? – indagou Michael, confuso.

– Pense comigo. Você usaria João como seu homem de marketing para se candidatar à chefia do departamento da universidade?

– Claro que não, Marco Polo. Ninguém em sã consciência usaria um homem como ele. Ele me faria perder muitos votos. Aliás, o resultado da eleição pode sair ainda esta noite. Estou confiante em que serei o vencedor!

Alguns na plateia aplaudiram. Gostavam de seu modo despojado e irreverente. Ele levantou as mãos, agradecendo.

– Mas, continuando, ao que tudo indica, João de fato queria aplainar o relevo da mente dos seres humanos, doesse a quem doesse. Mesmo que o resultado fosse um antimarketing.

– Tem razão – reconheceu Marco Polo.

– Que escritor teria habilidade de construir um personagem com esses fenômenos sociais? Aliás, a história de Jesus não perturbou apenas nós, mas também os seus escritores, inclusive o doutor Lucas. Seus textos mostram um homem atônito com o personagem que descrevia. Ele tinha tantas coisas para

escrever, mas procurava ser constantemente sintético. E, além disso, sua escrita tinha problemas de pontuação às vezes, sem pausas para respirar, de tão fascinado que estava.

– O menino que estamos estudando é muito diferente da criança pacata do Natal. Tudo nele foge ao previsível – acrescentou Sofia.

– Quando nossos alunos se formam nas universidades, embora estejam despreparados para a vida, seus pais fazem festas solenes, como se fossem heróis. Mas Jesus teve zero privilégios sociais do nascimento à morte – concluiu Marco Polo.

– Que loucura! Isso não foi cruel? – afirmou Michael.

De repente, Sofia chegou a uma conclusão bombástica:

– Talvez as regalias lhe tenham sido tiradas para que sua luz brilhasse de dentro para fora...

Marco Polo colocou as mãos na cabeça, incomodado.

– Você está defendendo a tese de que o suposto Autor da Existência controlou o tempo e o espaço para que seu enviado nascesse sem regalias sociais? Está dizendo que o objetivo de todos esses paradoxos era que ele revelasse sem qualquer maquiagem sua notoriedade psicológica?

– A conclusão de Sofia faz todo sentido! – afirmou o Dr. Alberto.

– Mas esse pai atirou o filho na cova dos leões – afirmou Michael.

Diante disso, Marco Polo comentou inteligentemente:

– Mas esse Deus dos cristãos estaria disposto a correr tanto risco?

– Como assim? – indagou Sofia, intrigada.

– Retire o nome, o poder, o status e os bens materiais dos reis ao longo da história e observe se eles seriam capazes de brilhar no anonimato, por si mesmos.

– Muitos eram tão incompetentes que não passariam de vassalos – afirmou Michael. – Nem bajuladores sobrariam.

– Mesmo alguns presidentes eleitos democraticamente, se lhes tirarmos o poder, o status, o populismo e os testarmos nos solos do anonimato, seriam incapazes de administrar um botequim, um pub, uma microempresa – afirmou Marco Polo.

– E, já que tudo foi tirado do personagem mais famoso da história, também tiraremos todo o nosso pudor em investigá-lo – concluiu Michael solenemente.

– Correto. A partir de agora, analisaremos sua inteligência sem preconceitos nem dogmas, sobre o que sobrar, doa a quem doer. Poderemos nos decepcionar muitíssimo – comentou Marco Polo.

– Ou admirá-lo muitíssimo – ponderou o intelectual do Vaticano.

– Eu pago para ver – arrematou Michael.

– Espere, Michael. Você vai ter um surto psicótico – provocou o Dr. Thomas, tal como ele havia feito antes.

– Estou gerindo melhor minha emoção – disse o outro, saindo pela tangente.

Nesse exato momento, o telefone de Michael começou a vibrar. Ninguém olhava o celular enquanto debatiam, mas havia uma mensagem urgente.

– Desculpem-me por olhar a mensagem, mas é urgente.

À medida que lia, ia parecendo mais abalado. A mensagem dizia: "Cuidado com esse debate! Em qualquer uma dessas noites sua família poderá ser sequestrada."

Ele passou o telefone para Marco Polo lê-la. Este ficou muito preocupado. Michael comentou a mensagem com todos, que também se abalaram. Mas se refez e comentou:

– Só pode ser brincadeira de mau gosto. É raro haver sequestro de civis em Jerusalém.

– Será que alguém está tentando nos impedir de participar destes debates? – indagou Sofia.

– Muitos estão assistindo pela internet. E há sempre alguns malucos no mundo virtual. Ameaças estéreis – afirmou o neurocientista.

– Fique à vontade, Michael. Se quiser desistir da mesa-redonda, nós entenderemos.

– Como? Eu oriento mestrandos e doutorandos, mas há tão poucas teses interessantes e inovadoras na atualidade... Mesmo quando eu penso em desistir destes debates, sei que eles se tornaram meu maior desafio intelectual!

Sofia lembrou-se dos riscos que ela e Marco Polo correram, mas tentou se motivar.

– Depois de tudo o que vimos, estudar a mente de Jesus tornou-se uma grande missão... embora tenhamos encontrado pedras no caminho.

– Confesso que nunca fiquei tão apreensivo e, ao mesmo tempo, tão interessado em descortinar a personalidade do homem que eu sigo! – afirmou o Dr. Thomas.

A plateia estava lotada; havia até algumas pessoas sentadas no chão. Todas elas se levantaram em peso e aplaudiram a ousadia e a honestidade dos debatedores. Em mais de oitenta países onde esse debate estava sendo assistido ao vivo, inclusive de madrugada, incontáveis pessoas também aplaudiram. Todos queriam embarcar nessa fascinante viagem cheia de rotas imprevisíveis e surpreendentes.

19

JESUS E OS MAIS DRAMÁTICOS TESTES DE ESTRESSE

Na manhã seguinte, Marco Polo estava compenetrado, pensativo, refletindo sobre as ideias e teses que haviam debatido nos últimos encontros. Pegou seu computador e mais uma vez escreveu suas impressões acerca dos mistérios da existência humana:

> *"A vida é um grande contrato de risco. E uma das cláusulas mais importantes desse contrato é que devemos viver cada dia como um novo capítulo e cada capítulo como uma aventura. Quem se aprisionou no cárcere da rotina não sonha, não se recicla, não aprende mais. Deixou de ser autor da própria história, tornou-se um zumbi, ainda que esteja fisicamente vivo. Eu estava assim!"*

Depois de escrever essas ideias, ele foi estudar o livro do Dr. Lucas. Sua mesa tinha dezenas de livros. Ele consultava textos de todas as religiões e de diversos pensadores para formular sua análise crítica. Muitos intelectuais criam suas ideias em momentos caóticos, e Marco Polo desenvolvia as suas na desordem. Livros no chão, textos e mais textos sobre a mesa, papéis de anotações para todos os lados.

À medida que lia e elaborava questionamentos, sua mente abria as janelas da memória. Ao ler os textos que se seguiram ao encontro com João, o anunciador do Messias, Marco Polo começou a ficar abismado. Ficou espantado ao descobrir que Jesus, antes de abrir a boca ao mundo, passou pelo mais dramático teste de estresse. Intrigado, João perguntava a si mesmo: "Quarenta dias no deserto sem comer? Isso é uma ficção ou pressão total? Como, no ápice do esgotamento físico e mental, ele conseguiu pensar: 'Não só de pão viverá o homem'? A que nutriente ele se refere? Físico ou metafísico? Reinos e poder político que nenhum homem jamais teve ao alcance do carpinteiro de Nazaré? Será isso uma metáfora ou ele tinha habilidades intelectuais para seduzir nações? Pináculo do templo e estrelismo religioso, poderia ele assumir o controle da humanidade, mas recusou? Não é possível. Tinha o carpinteiro ferramentas para esculpir um trono político e religioso mundial?"

Marco Polo era um pesquisador raro. Usava muito mais do que o método socrático para fomentar perguntas: usava a arte da dúvida como um bisturi para penetrar em camadas mais profundas dos textos que lia, para revivê-los, dissecar

suas implicações e enxergar seus limites e alcances. Tudo isso para ver os fatos com a menor contaminação possível. Por isso não se poupava, questionava suas proposições a cada instante. Queria enxergar o mundo como ele é, não como gostaria que fosse.



Debate: 1º teste de estresse – Levando o corpo ao limite

Marco Polo respirou lenta e profundamente. Olhou para Sofia, depois para o teólogo de Harvard e, em seguida, para o teólogo do Vaticano. Fitou seu amigo Michael e passou os olhos pela plateia que se apinhava na sala de aula.

– Esperava questionar de todas as formas a mente de Jesus, mas não imaginava que, antes de cientistas fazerem seus questionamentos, ele já tivesse sido avaliado por testes quase humanamente insuportáveis. Sabiam disso?

– Não sei do que você está falando! – exclamou o Dr. Alberto.

– Nunca ficou atônito com o teste de estresse de Jesus no deserto? Nunca ficou perplexo com seu incrível ritual de passagem, antes de ele começar a falar sobre seu grande projeto de vida?

– Você está falando da tentação das trevas? – indagou o Dr. Thomas.

Imediatamente Marco Polo reagiu. Queria mais uma vez deixar evidentes os marcos entre a ciência e a religião, ainda que em algumas áreas eles se sobrepusessem. Por exemplo, a ciência aborda o controle da ansiedade e a religião aborda o controle da angústia existencial.

– Vamos deixar claros os limites entre a ciência e a espiritualidade. Estamos fazendo uma mesa-redonda para falar de acontecimentos passíveis de serem interpretados, analisados e criticados. Reitero: quando a fé fala, a ciência se cala.

– Perfeito, Marco Polo – apontou Michael.

– Reafirmamos nosso acordo – disseram os dois teólogos.

– Ok! Portanto, não discutiremos forças do mal, milagres, fenômenos sobrenaturais nem outros elementos cuja investigação cientifica seja impossível. Por exemplo, se há um Deus Todo-Poderoso, por que não remove o lixo do universo, por que não elimina as forças do mal? Quem constrói uma grande casa tem de tratar seu esgoto! – declarou Marco Polo.

– Jesus é o enviado para tratar esse esgoto. É nisso que cremos – disse o Dr. Thomas.

– Crenças! Como discuti-las? Com que base? – questionou Michael, exasperado.

– Acalme-se, Michael – pediu Marco Polo.

De repente, Sofia teve um insight.

– Se eventualmente discutirmos assuntos que ultrapassam os limites da lógica, temos de fazê-lo sob o ângulo filosófico, não o científico – comentou a moderadora.

Michael aplaudiu Sofia. Todos da plateia os acompanharam. Dito isso, Marco Polo estava pronto para avançar.

– Os testes de Jesus foram incomuns e praticamente insuportáveis. Precisamos analisá-los à luz das ciências humanas.

– Refere-se à crucificação? – indagou Sofia.

– Não!

– Todos somos testados ao longo da vida: os alunos nas provas, os profissionais nas entrevistas, as *startups* pelo mercado, os executivos no cumprimento de metas. Como neurocientista, sou especialista em testes. Como você pode afirmar que os testes de Jesus são incomuns? – questionou Michael.

– É o que diz o texto do médico grego! – afirmou Marco Polo.

– Explique melhor – solicitou Michael.

– Você suportaria ficar quatro dias sem comer?

– Claro que não. Já fui obeso na infância. Hoje me controlo, mas tenho um caso de amor com a geladeira – disse Michael.

– Lucas diz que Jesus ficou sem comer durante quarenta dias no deserto.

– Mas isso é impossível.

– Bom, sem beber, em dois ou três dias nos desidratamos. Sem comer, é quase impossível sobreviver. Mas é o que Lucas disse. A não ser que ele esteja inventando!

– Mas ele era médico, um homem lógico – lembrou o Dr. Thomas.

– Esse é o primeiro teste. E não terminou. Lucas diz que ele se submeteu a essa provação espontaneamente, não contra a sua vontade. Se isso for real e não uma fantasia, ele quebrou todos os limites do estresse físico. Teve um autocontrole que homem algum jamais teve. Deve ter emagrecido quase até a morte.

Marco Polo, que estudou e escreveu longos textos sobre a história do Holocausto, principalmente sobre o drama insuportável que os judeus passaram nos campos de concentração, comentou:

– Nos campos de concentração, a ração era baixíssima, de 300 ou 400 calorias diárias. A maioria morria em poucos meses.

– Nesse extremo não há solidariedade, tolerância nem mente capaz de desenvolver um raciocínio complexo – afirmou Sofia.

– Exatamente, Sofia. Nesse extremo, o *Homo bios* (instintivo) prevalece sobre o *Homo sapiens* (pensante). Enfim, fecha-se o circuito da memória, apontando que sobreviver é mais importante que pensar e se doar. Por isso, meus amigos, muitos judeus, esmagados pela fome, tinham reações egoístas, escondiam alimentos, dissimulavam. Alguns traíram seus pares por causa de um pedaço de

pão, embora fossem boas pessoas fora desse dramático estresse – comentou Marco Polo.

– Doutor Marco Polo, li um dos seus artigos, em que aponta que nos países onde há escassez de alimento, por exemplo, onde chove menos de 700 litros por metro quadrado por ano, há mais atritos, guerras, disputas – comentou o Dr. Thomas.

– Exatamente. Mas isso pode ser corrigido pela educação, em destaque a educação socioemocional, que estimula a cooperação, o pensar antes de reagir, o exercício de se colocar no lugar do outro – comentou o autor do programa de gestão da emoção. – Por outro lado, em países em que há abundância, por exemplo, de sol e terras férteis, como o Brasil, promovem-se a alegria, festas e os encontros sociais, mas há menos estímulos à leitura, à pesquisa e à superação de obstáculos.

– Puxa, nunca tinha pensado nisso. Tanto a escassez extrema quando a abundância trazem armadilhas que só a educação socioemocional poderia resolver – comentou Sofia. – Por isso os países de clima temperado se desenvolveram mais.

– Claro, há muitas variáveis, mas o clima e a educação os ajudaram. Mas vamos voltar à quebra de paradigmas de Jesus. Ele passou pelos testes do útero de Maria, da fuga para o Egito, do trabalho silencioso e humilde como carpinteiro. Agora, no entanto, seu corpo é esmagado pela fome – comentou o Dr. Thomas.

– Como pode alguém decidir passar por uma prova dessas? Isso é loucura, Marco Polo... – disse Michael, indignado.

– Não brigue comigo, Michael. Brigue com o doutor Lucas, o biógrafo. Ele disse que sua narrativa seria criteriosa. Tratou de muitas pessoas com inanição. Agora a pessoa que ele ama está morrendo de fome. Ele deveria ter abortado o pensamento depois desse teste de estresse.

– Foi-lhe dito que ele poderia transformar pedras em pães. Claro, eu sei que não entraremos nessa seara – discorreu o Dr. Alberto. – Mas, em sintonia com seu raciocínio, meu ponto é que ele não abortou o pensamento. Disse: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus!"

– Essa é a tese – comentou Marco Polo.

– Espere aí. Disseram-lhe que ele poderia suspender as leis da física e mudar a matéria? Poderia transformar pedras em pães? Como isso é possível? – indagou Michael, mais uma vez perturbado.

– Michael, essa não é a tese. Concordamos que não vamos discutir os poderes sobrenaturais desse homem. E por que você está discutindo?

– Desculpe-me. É que...

– A tese é que ele produziu um pensamento lúcido quando todo seu corpo morria. Mas, antes de discorrer sobre ele, deixe-me especular. O texto diz que,

depois de quarenta dias, ele teve fome. E nos dias anteriores, não ficou faminto? Claro que ficou!

Marco Polo continuou dizendo que o médico grego apontou subliminarmente que ele estava num processo de interiorização que suprimiu seus instintos. E completou seu raciocínio:

– O ser humano poderia ter esse autocontrole? O que sabemos é que, nos terremotos, há pessoas presas nos escombros que libertam um poder mental que as preserva fisicamente. Algo chocante para a medicina!

– Incrível. Nunca tinha pensado nesse poder mental! – disse Sofia.

Marco Polo continuou:

– Agora vamos ao pensamento: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus." Em primeiro lugar, esse pensamento é lógico. Em segundo, Jesus tinha consciência crítica comparativa: pão físico *versus* pão metafísico. Em terceiro, entra numa seara impossível para a ciência investigar: sobrevivência humana temporal, propiciada e simbolizada pelo pão de trigo *versus* sobrevivência atemporal, propiciada pelo suprimento produzido diretamente pelo misterioso Autor da Existência.

– Mas...mas... de onde você tirou tudo isso? – comentou o Dr. Alberto, admirado.

– Isso é um absurdo – declarou Michael. – A ciência de fato não pode investigar isso.

– Mas o que é interessante, Michael, é que, enquanto o corpo de Jesus estava à beira do colapso, morrendo, ele escandalizava a medicina, que se digladia diariamente com a morte. Ele falava do maior sonho dos mortais: a eternidade.

– Interessante, interessante... – disse o Dr. Alberto. – Ele não perdeu o romantismo pela vida mesmo diante da morte. Ele irrigava sua vida com esperança, pois sem esperança morremos, ainda que estejamos vivos.

– Não deixa de ser curioso – aduziu Sofia. – Jesus discorria sobre a "antimatéria", não no sentido clássico da física, mas da atemporalidade. Sei que não é assunto deste debate, mas se trata de uma discussão filosófica sofisticada. Ele parecia não se curvar a nenhum tipo de medo.

O instinto animal e o ser racional habitam o mesmo ser humano. Dependendo dos níveis de estresse, o instinto animal prevalece sobre o racional, levando um ser humano a cometer atos impensáveis, a dar vazão à raiva, ao ódio, à impulsividade, ao sentimento de vingança. O corpo de Jesus foi levado ao limite, e não seria a primeira vez. Entretanto, em vez de sucumbir aos instintos, ele preservou sua consciência crítica. Ele fez poesias no caos.

20

O TESTE DO PODER POLÍTICO E RELIGIOSO

Os intelectuais que estudavam a mente de Jesus continuaram a debater sobre os mais dramáticos testes de estresse a que um ser humano pode se submeter. A maioria dos seres humanos não suportaria minimamente essa pressão ao longo da vida, sobretudo pessoas das classes média e abastada. Depois de estudar os testes que levaram o corpo de Jesus ao extremo, partiriam para avaliar os testes que levariam a ambição ao extremo, a emoção ao limite, o intelecto a salivar de prazer...

Marco Polo discorreu:

– O segundo teste de estresse passado por Jesus não é menos assombroso e difícil do que o teste físico: a necessidade neurótica de poder. Seu autocontrole foi testado ao máximo.

– Você está falando de quando ele foi levado ao alto de um monte e enxergou todos os reinos e sua glória na Terra? – sugeriu o Dr. Thomas.

– Sim. Porém esse lugar não devia ser um lugar físico, mas metafórico.

– Testar a sede de poder não é tão difícil... Não sou ambicioso! – apontou Michael.

– Também penso o mesmo – afirmou o Dr. Alberto.

Ambos estavam sentados diante de Marco Polo. De repente, o psiquiatra tomou um gole de água e esguichou na cara de Michael e do Dr. Alberto. Imediatamente gritou:

– Vocês são fracos!

Ambos tiveram um ataque de raiva. Todos que viram a cena ficaram espantados.

– Você está louco, Marco Polo? – esbravejou Michael de pé.

– Esta mesa-redonda o deixou transtornado? – disse em voz alta o ponderado teólogo do Vaticano.

– Vocês são hipócritas! Desde o começo querem me sabotar – continuou atacando Marco Polo.

Todos ficaram escandalizados. Os dois agredidos bufavam de ansiedade. O coração deles parecia estar prestes a sair pela boca. Em seguida Marco Polo se sentou e pediu desculpas a seus dois amigos.

– Desculpem-me. Mas, por favor, digam-me honestamente: o que sentiram com esse teste?

– O quê? Isso foi um teste? – indagou o teólogo americano, pasmado.

– Você está brincando comigo? Testou meu autocontrole? – indagou Michael, trêmulo.

– Testei. Sentiram raiva e vontade de me atacar?

Ambos disseram que sim.

– A necessidade neurótica de poder não ocorre apenas quando ambicionamos descontroladamente o poder que não temos, mas também quando exercemos sem gerenciamento o poder que já possuímos. Se tiveram vontade de me agredir neste ambiente controlado, eu que sou amigo, imaginem num ambiente aberto e diante de desafetos.

– Mas aonde você quer chegar? – questionou Sofia, perplexa.

– O doutor Lucas indicou que Jesus, depois do estresse físico extremo, foi testado a ambicionar o poder e a usá-lo de forma desmedida durante toda a sua jornada.

– Que teste incrível! – confirmou o Dr. Alberto.

– Os homens vendem a alma por causa do poder, se corrompem, destroem seus princípios, esmagam sua ética, se matam, controlam seus pares e fomentam guerras. Talvez esse não seja seu problema, doutor Alberto. Mas, se você tivesse muitíssimo poder e fosse agredido em seu ponto nevrálgico, não pensaria duas vezes antes de usá-lo.

– Estou chocado com minha reação. O homem que eu sigo era completamente desprendido do poder.

– As Cruzadas, a Inquisição e tantos comportamentos agressivos indicam que, em determinados momentos da história, se construiu um Cristo à imagem e semelhança do egocentrismo de seus líderes – comentou Sofia.

– No mês passado demiti minha assistente apenas porque ela me confrontou na frente de dois outros cientistas. Fui egocêntrico – confessou Michael honestamente.

Depois desse episódio, Marco Polo comentou algo surpreendente:

– O biógrafo de Jesus aponta que ele tinha capacidade de seduzir povos e reinos e dominá-los. Ele comenta, em outras palavras, que Jesus "teria todos os reinos da Terra se, prostrado, adorasse o próprio poder". Teria o alcance que nenhum César jamais teve!

– Foi testado no inferno da fome e na glória das nações... – comentou Michael.

– Parece um exagero que ele tivesse capacidade de dominar reinos – comentou Sofia.

– Parece mesmo. Todavia, analisei os comportamentos de Jesus nos momentos finais de sua vida. Ele reagia como um nobre, não como um encarcerado. Pilatos parecia uma criança diante dele. Herodes Antipas sentiu-se um menino, assombrado com suas reações.

– Isso é notável – disse o Dr. Thomas. – Será que Lucas estava certo? Se

usasse todas as suas habilidades físicas e mentais, Jesus conquistaria como homem o poder supremo na Terra?

– Mas, se eu viesse para mudar os destinos da humanidade, jamais deixaria de usar o poder, se o tivesse – comentou Michael.

– Ninguém em sã consciência deixaria, Michael. Mas o homem mais intrigante e complexo que passou nesta Terra deixou – declarou Marco Polo. E completou: – E, para terminar o debate de hoje, seu terceiro teste foi o religioso. Capitaneado quando ele foi elevado ao pináculo do templo. Mas não vou gastar tempo com esse...

– Como assim? Está dizendo que Jesus teria capacidade de assumir o controle de todas as religiões? – questionou o Dr. Alberto.

O teólogo americano tomou a frente:

– O texto a que o doutor Marco Polo se refere diz que ele poderia se atirar do pináculo do templo, que simbolizaria as mais diversas religiões, e seria miraculosamente amparado. O que indica que, se usasse sua inteligência e seus milagres com o fim de se autopromover, poderia seduzir todas as religiões, liderando-as. Por tocar em atos sobrenaturais, Marco Polo se recusou a entrar nessa seara.

– Você entendeu – disse Marco Polo sem outras palavras.

Mas, por incrível que pareça, o próprio Michael, que sempre fora tão cético, resolveu tecer comentários filosóficos sobre essa tese:

– Seria fascinante se o personagem que estamos estudando não fosse fictício, mas real: um homem que tivesse nas mãos o poder político e religioso que os líderes jamais tiveram, mas que os recusasse cabalmente, desejando apenas ser humano.

– E como ser humano desejasse transformar a humanidade... Muitos que aderem às mais diversas religiões querem ser deuses. Mas Jesus tinha fome e sede de ser humano! – argumentou o teólogo estadunidense.

– Talvez 90% das pessoas que detêm o poder, seja de que tipo for, sejam indignas dele. O poder as infecta, fecha o circuito da memória, aprisiona o Eu em janelas traumáticas e asfixia sua humanidade – concluiu Marco Polo.

– Só é digno do poder quem se curva diante da sociedade para servi-la, não quem pressiona a sociedade para que o sirva – comentou Sofia com sabedoria.

– Mesmo pessoas aparentemente humildes ficam irreconhecíveis com o poder nas mãos – comentou o teólogo do Vaticano.

– Inclusive não poucos pensadores deixam de pensar criticamente – declarou Michael.

Diante disso, Marco polo dissertou:

– Muitos empregados querem ser empresários, muitos empresários querem ser políticos, muitos políticos querem ser reis, muitos reis querem ser deuses, mas, para espanto das ciências humanas, o único homem que foi chamado de

filho de Deus queria ser humano.

– Jesus propunha uma revolução na essência da humanidade – concluiu Sofia.

Depois de todo esse debate, Marco Polo, que era um dos raros pesquisadores mundiais que estudava o processo de formação de pensadores, assegurou que a personalidade de Jesus parecia ser muito diferente da de todos os personagens que havia pesquisado: Abraham Lincoln, Nietzsche, Sartre, Kant, Robespierre, Freud, Einstein.

– Você esperava se decepcionar tão logo começasse a analisar a inteligência dele – acusou Sofia.

Marco Polo apenas meneou a cabeça.

– Eu esperava que ele fosse abatido no primeiro round, mas estou confuso – confessou o neurocientista ateu Michael.

– Concluo com um nó na garganta esta tese: nunca alguém tão grande desejou se fazer tão pequeno para tornar os pequenos grandes – argumentou um dos maiores ateus que a ciência já conheceu, Marco Polo.

Embasbacados, os intelectuais terminaram em silêncio mais uma sessão da mesa-redonda. Milhões de pessoas que assistiam aos debates entenderam que os estragos na humanidade ao longo da história não foram produzidos por seres humanos, mas por aqueles que se postulavam deuses, que faziam guerras, mesmo sendo mortais, que feriam, humilhavam e excluíam sem ter consciência de que um dia iriam para a solidão de um túmulo.

Havia muitos líderes políticos e religiosos assistindo aos debates. Alguns eram candidatos a deuses, mas agora sentiam a necessidade de se candidatar a ser o que sempre foram: apenas seres humanos, frágeis e imperfeitos, que cedo ou tarde precisariam de um ombro para chorar e de outro em que se apoiar. De fato, uma revolução humana estava em curso.

21

O QUARTO TESTE DE ESTRESSE: HUMILHAÇÃO PÚBLICA

Os debates gerados pela mesa-redonda que estudava a mente de Jesus abalavam paradigmas, conceitos, dogmas e a visão de vida dos debatedores e dos espectadores.

Na manhã seguinte, Marco Polo pediu café no quarto. Estava mergulhado nos livros. Nunca estivera tão compenetrado.

Sofia foi tomar o café da manhã com os demais hóspedes. Havia um burburinho na imensa sala de refeições, mas ela parecia não ouvir nada. O conhecimento que vinha adquirindo estava mexendo com sua maneira de ser e de pensar. Revisava os capítulos de sua história, reescrevia seus conflitos, nutria sua ousadia.

Michael passou a ter um sono cada vez mais agitado. Acordava assustado. Sua esposa não entendia o que estava acontecendo com ele. Rígido, cartesiano, excessivamente crítico, seu comportamento passava por algumas transformações. Na manhã que sucedeu à análise dos testes de estresse do homem mais famoso da história, sua aula para a pós-graduação em medicina foi diferente.

– Não adianta vocês tagarelarem, falando do que não entendem. Meu objetivo em minhas aulas é, em primeiro lugar, transformá-los em seres humanos autônomos, gestores mínimos de suas mentes. Não conseguirão brilhar profissionalmente se antes de tudo não brilharem dentro de si.

– Sermos gestores da nossa mente? O senhor nunca disse isso para nós. Doutor Michael, que bicho o mordeu? – indagou uma jovem médica, surpresa.

– O bicho da inteligência. A vida é um grande contrato de risco. Vence quem é resiliente, quem renuncia às ambições tolas e se prepara minimamente para as curvas imprevisíveis da existência.

Os alunos se entreolharam, espantados. Vendo que estavam intrigados, Michael brincou:

– Obrigado pelos aplausos.

A turma, sorrindo, o aplaudiu. Michael tinha um humor ácido, mas com a mesa-redonda estava aprendendo a arte de ser simpático.

O Dr. Thomas e o Dr. Alberto, por sua vez, também eram inundados por uma onda de pensamentos. Jamais imaginaram que o homem que amavam e consideravam o "Filho de Deus" vivenciasse os mais incríveis testes de estresse como ser humano.

– Alberto, se Jesus tivesse preservado sua memória, nunca imaginaria que o útero de Maria pudesse ser um cárcere inimaginável.

– É verdade, meu amigo. E sua infância? Se durante sua meninice o filho do Altíssimo preservou sua memória atemporal, se não teve uma amnésia até o encontro com João Batista, passou por testes inacreditáveis. Se não tivesse mergulhado nas águas profundas da paciência e da tolerância, não teria suportado. E quem tem paciência hoje nesta sociedade em que tudo é urgente? – afirmou o Dr. Thomas.

Em seguida o Dr. Alberto comentou as últimas análises do debate:

– E o que me deixa mais surpreso é que os maiores testes a que Jesus Cristo foi submetido ocorreram antes de ele abrir a boca ao mundo e iniciar seu projeto. Nunca havia pensado que a cruz foi apenas a "cereja do bolo" em seu imenso sacrifício pela humanidade.

– Ele atravessou os vales sórdidos do esgotamento físico, mental e social – comentou o Dr. Thomas. – Quem amaria os bastidores do teatro se pudesse ser aplaudido no palco como ator principal?

E, desse modo, os debatedores imergiam num caldeirão de reflexões e diálogos sobre cada uma das sessões noturnas da mesa-redonda.

Na sessão seguinte, Marco Polo comentou:

– Jesus estava sem nada e sem ninguém. Fisicamente no caos, mentalmente no pó, socialmente fragmentado, mas, como vimos, recusou-se a usar sua inteligência para conquistar os reinos da Terra e o poder religioso. Quem renunciaria ao poder máximo se o tivesse? Você renunciaria, Michael?

– Eu... Eu não sou uma pessoa ambiciosa – afirmou Michael.

– Não? Como você se sentiu quando perdeu a eleição para a chefia do departamento da universidade?

– Fui traído, Marco Polo. Traído! – disse, batendo na mesa, mas logo depois caiu em si.

– Somos tão humildes que temos orgulho de ser humildes – enfatizou o psiquiatra.

– Está me chamando de hipócrita? – indagou Michael, ansioso.

– Ser hipócrita significa dissimular, disfarçar, representar. Todos somos hipócritas, pelos menos ao disfarçar nossos sentimentos diante de quem amamos! Eu sou. E você, não é também de vez em quando? – perguntou Marco Polo para seu amigo.

– Sou – confessou Michael.

– Jesus veio para transformar a humanidade, mas rejeitou os meios tradicionais: as críticas excessivas, a intimidação, o tom de voz elevado, os sermões, a punição – afirmou o Dr. Thomas com astúcia.

– O risco desse método inovador era enorme! Era uma nova linguagem, um novo processo, um novo projeto – ponderou Marco Polo outra vez.

E Michael aproveitou para questionar os membros da mesa:

– Supondo que o pai de Jesus fosse mesmo o Autor da Existência, o mentor do Big Bang e o monitorador dos eventos físicos, não ficaria o filho magoado com seu pai por todos os testes de estresse a que fora submetido?

– Jesus deveria ter a mais perfeita humanidade, por isso passou pelos mais dramáticos testes. Ele era o protótipo de um novo homem – afirmou o Dr. Thomas.

– Interessante. Vocês têm respostas para tudo... – disse Michael. Depois voltou suas baterias contra eles: – Vocês, teólogos, nunca ficaram magoados com o Deus em que creem? Ou a vida dos cristãos é um céu de brigadeiro?

Eles engoliram em seco. O Dr. Alberto resolveu abrir seu coração:

– Confesso: já senti mágoas de Deus. – Enquanto o Dr. Alberto falava, viajava no tempo: – Minha mãe morreu quando eu tinha 9 anos. Antes de fechar seus olhos, ela disse: "Deus vai cuidar de você, Alberto. Tenha certeza." Mas não cuidou, pelo menos aos meus olhos. Fui abandonado pelo meu pai aos 11 anos. "Papai, aonde você vai?", perguntei entre lágrimas, percebendo algo estranho. Ele me disse: "Vou fazer uma viagem, mas volto logo." Mas se casou com outra mulher e nunca mais voltou. Tive que lavar banheiros fétidos de restaurantes para sobreviver. Dois anos depois, o irmão que mais amava foi atropelado e morreu. Culpava Deus por minhas desgraças. Mas quanto mais o rejeitava, mais me sentia atraído para conhecê-lo. Desejava ajudar a humanidade. Por fim me decidi pela ordem dos franciscanos. Sou feliz – disse, enxugando os olhos.

Michael ficou surpreso com essa resposta. Nunca tinha visto tanta transparência. Ele acreditava que esses religiosos eram superficiais, que não pensavam, não meditavam sobre a vida, não tinham um raciocínio existencial complexo. Em seu preconceito ateísta, eles aderiram às suas religiões por serem frágeis. Mas agora enxergava homens fortíssimos. E sua perplexidade continuou quando o Dr. Thomas decidiu falar:

– Também já tive minhas mágoas de Deus. Servi por cinco anos os miseráveis na África subsaariana. Todos os dias dava o melhor de mim. Frequentemente sepultava meninos e meninas mortos por inanição, diarreia ou desidratação. Eu morria por dentro a cada enterro que fazia. Por fim, peguei meningite. O que me matava não era a doença, mas saber que eu não podia ajudar os pequenos. Debilitado, martelava perguntas em minha mente: "Deus, qual o sentido de estar neste hospital se não posso salvar uma criança doente? Onde está você?" – contou, emocionado.

Marco Polo ficou intrigado com esses relatos. Tenso, disse:

– Não teve vontade de chutar tudo para o alto e gritar: "Deus, você não existe!"?

– Se eu deixasse de acreditar em Deus, morreria minha esperança de que um dia aquelas crianças mortas por inanição sorririam na eternidade. Se

considerasse Deus uma utopia, esgotaria meu sonho de que toda dor seria aliviada, de que toda injustiça humana seria reparada. Os ditadores venceriam, os violentos seriam heróis. O *Magnificat* de Maria não seria cumprido – disse o teólogo americano.

– Mas... mas... – balbuciou Michael, embaraçado e sem ação. – Mas, se Deus é real, ele é omisso no tempo presente!

– Você descrê de Deus por causa do silêncio dele no tempo, enquanto eu creio em Deus por causa de sua ação na eternidade – rebateu o teólogo do Vaticano.

Os dois ateus, Marco Polo e Michael, estavam em lado oposto ao dos teólogos, mas pela primeira vez, e de forma realmente profunda, admiraram a inteligência de seus argumentos.

– Para mim, Deus não é omisso no presente. Ele dá a tinta e o papel, mas nós escrevemos nossa história... – afirmou Sofia com sabedoria. E, lembrando-se de um debate anterior, concluiu: – Parece que a grande meta de Jesus era humanizar o ser humano.

Marco Polo ainda comentou que em todas as religiões – budismo, islamismo, bramanismo – sempre existiram os apóstolos da paz, que levaram a cabo a difícil tarefa de domesticar seus instintos e vacinar-se contra o autoritarismo.

– Quanto mais sucesso um ser humano tem, mais dificuldade ele terá para suportar frustrações. Alguns, tolerantes no início da carreira, se tornam implacáveis quando sobem ao pódio. Não aceitam ser minimamente contrariados. É nessa área que se deu o quarto e mais cortante teste de estresse que Jesus atravessou – afirmou Marco Polo.

– Não me lembro de outro teste – afirmou o Dr. Thomas, curioso.

Todos ficaram impressionados quando Marco Polo discorreu sobre o teste que avaliaria as outras provações a que Jesus fora submetido. Aquele seria, portanto, o teste dos testes, que poderia levá-lo a se arrepender de ter aberto mão de todo o imenso poder que supostamente tinha.

– Que teste foi esse? – indagou Michael, não disfarçando sua curiosidade.

– O teste da humilhação social.

Marco Polo comentou que, depois de ter saído vitorioso do teste do esgotamento físico e mental, bem como da superação da ambição do poder político e religioso, era preciso descansar, ser aplaudido socialmente e aclamado espiritualmente. Mas nada disso ocorreu. Ele saiu das sombras de uma vida anônima e foi levar sua mensagem à região em que cresceu.

– Agora entendo. Ao se assumir como libertador do povo, ele foi execrado por seus amigos, excluído pela sociedade e excomungado pelos líderes religiosos – comentou o Dr. Thomas.

Depois de ganhar o Oscar de melhor ator e melhor diretor nos quarenta dias do deserto, o carpinteiro de Nazaré foi vaiado em sua própria casa. Quando ia

levar os prêmios, tiraram-lhe o glamour, foi marcadamente rejeitado. Não bastava mais esculpir madeira, tinha de esculpir uma obra-prima na emoção para não se traumatizar...

Todos ficaram impressionados com a exposição de Marco Polo. Ele lançou uma pergunta aos seus amigos da mesa-redonda e depois para toda a plateia que se apinhava na sala:

– Quem nos trai: os amigos ou os inimigos?

A plateia ficou dividida.

– Os amigos é que nos traem! – apontou Marco Polo claramente. – Os inimigos apenas nos aborrecem. Só os amigos, aqueles em quem apostamos o que temos de melhor, podem nos apunhalar pelas costas.

Depois de algumas discussões, ele indagou novamente:

– Por que Jesus disse "Médico, cura a ti mesmo!" para seus amigos e colegas de Nazaré?

– Ele estava se referindo a um provérbio que retrataria sua prisão e crucificação – afirmou o Dr. Alberto.

– É mais do que isso, doutor Alberto. Ele estava fazendo gestão de sua emoção. Estava educando sua emoção para não se decepcionar com seus amigos e líderes sociais.

– Como assim? – perguntou Michael, interessado.

– Jesus usou duas técnicas modernas de proteção emocional: a primeira, doar-se sem cobrar demais, diminuir a expectativa do retorno; a segunda, não exigir dos outros o que eles não podem dar. Diriam a ele: "Você ajudou a muitos, mas é incapaz de se ajudar. Herético! Falso! Impostor! Cura a ti mesmo!" Ao prever esses estímulos altamente estressantes, ele geria sua emoção e, em consequência, não fazia dela uma lata de lixo. E vocês, sabem proteger sua emoção?

– Estou pasmado com a mente desse homem. Eu cobro demais de meus dois filhos, minha esposa e meus colegas. Vendo minha paz por um preço vil. No começo de minha carreira na medicina, era tolerante e paciente. Agora, no entanto, no ápice do meu status profissional, sou exigente demais com tudo e todos. Nem eu me suporto! Zero de proteção emocional. Meu córtex cerebral é uma lata de lixo! – confessou um médico que assistia ao debate.

A mesa-redonda deixou de ser constituída por cinco pessoas e passou a envolver toda a plateia. Esse debate multifocal era incontrolável. Michael conhecia esse médico. Sabia da sua fama. Motivado por ele, teve a coragem de também declarar:

– Sempre fiz de minha emoção um saco de entulhos. Sou especialista em esperar demais dos outros. Algumas pessoas até me evitam nos corredores e na sala dos professores.

– Quem cobra demais dos outros está apto a trabalhar numa financeira, não

necessariamente a ter belas histórias de amor – comentou Marco Polo, arrancando risadas da plateia. Mas no fundo o caso era de chorar...

Depois disso o cientista comentou alguns importantes segredos do funcionamento da mente. Marco Polo disse que, nos computadores, somos como deuses, arquivamos e deletamos tudo o que desejamos. Mas na mente humana isso era impossível. Tudo que detestamos é registrado de maneira privilegiada.

– Se vocês detestam alguém, sinto muito, essa pessoa vai dormir com vocês e perturbar seu sono. – Novamente os participantes riram. As técnicas que usavam as faziam dormir com os inimigos. E Marco Polo completou: – Jesus, de forma inteligentíssima, ao diminuir a expectativa do retorno e não agir como um cobrador, prevenia a formação de janelas traumáticas e conservava sua saúde emocional nos seus testes de estresse social.

Marco Polo explicou ainda que não era possível apagar os arquivos doentios, a não ser com danos cerebrais, como traumatismo craniano ou degeneração do córtex, como ocorre com o mal de Alzheimer. Em seguida, disse que a emoção jamais pode liderar a si mesma.

– A emoção não pode ter um cartão de crédito ilimitado. Ela dá sentido à vida, mas não pode liderar a mente, não pode comprar o que não lhe pertence. Caso contrário, uma barata se transformará num monstro, uma crítica gerará um inimigo, uma humilhação pública gerará sentimento de vingança ou complexo de inferioridade. Sem gestão da emoção, reitero, o céu e o inferno psíquicos estão muito próximos.

Todos ficaram muito satisfeitos com a exposição de Marco Polo. Uma senhora que estava na plateia, professora de sociologia, ficou tão comovida com o que ouviu que se levantou e disse:

– Doutor Marco Polo, sou socióloga e professora universitária há 25 anos e nunca pensei que os conflitos sociais, como guerras, homicídios, violência nas escolas, assédio moral nas empresas, tivessem entre suas grandes causas a falta de gerenciamento emocional. Isso é tão novo quanto revolucionário. O agressor tem metaforicamente um cartão de crédito ilimitado, não suporta ser contrariado e, pelo que entendi, o agredido também, pois compra irresponsavelmente o que não lhe pertence.

Marco Polo se levantou e a aplaudiu publicamente. As demais pessoas o acompanharam. Os mistérios que envolviam o personagem mais famoso da história inspiravam mentes. Sofia, emocionada, acrescentou:

– As ferramentas que Jesus usou são tão poderosas que podem prevenir do estresse a certos tipos de depressão. Mas é uma pena constatar que as universidades foram omissas ao não estudar Jesus sob bases científicas. Ele não sofria por antecipação nem ruminava perdas e frustrações. Ele pensava estrategicamente no futuro e se preparava para suportar o insuportável.

– Seu índice GEEI era baixíssimo. Não gastava energia emocional inútil –

afirmou o teólogo do Vaticano.

– Os textos do doutor Lucas indicam que Jesus era muito sociável. Era letrado, lia com frequência os textos publicados. Todavia, entre ser querido por seus pares e aceitarem-no como o líder aguardado por séculos havia uma distância muito grande – comentou Marco Polo.

– Crer que um simples carpinteiro, que cresceu no meio deles, mudaria o mundo, não cabia no imaginário deles – comentou Sofia.

– Exatamente, Sofia – confirmou Marco Polo. E depois concluiu de forma impactante: – Talvez Jesus tenha sido o personagem que mais foi testado em seu autocontrole. Ele estava livre, poderia decidir se calar, ir embora ou usar seu suposto poder para controlar e fascinar seus desafetos, mas se portou como um simples ser humano. Não queria provar nada para ninguém. Quem de vocês abriria mão de seu poder quando humilhado? – questionou Marco Polo.

– Sinceramente, eu não abriria mão – respondeu Michael. – Muitos intelectuais amam debater ideias, mas têm a necessidade neurótica de controlar os outros.

– Muitos religiosos não admitem que sua autoridade seja questionada por seus liderados. Amam os aplausos, mas excluem seus críticos – afirmou o Dr. Alberto.

– Todavia, para espanto da sociologia, Jesus tratou seus opositores com flores. Fossem críticos, fossem prostitutas, ninguém estava fora da sua agenda – concluiu Marco Polo.

– Ao que tudo indica, o homem mais famoso de todos os tempos, o único cujo aniversário é lembrado globalmente, não ficou conhecido pela sua mais notável especialidade: ser gestor da emoção, escrever poesias no caos... – concluiu Sofia.

O debate produzia um material borbulhante, saturado de emoções, aventuras e toques solenes de inteligência. Porém, quando iam encerrar mais uma sessão da mesa-redonda, Marco Polo deixou todos pensativos com suas palavras finais:

– Eu estudo o processo de formação de pensadores, mas a inteligência de Jesus é tão complexa que me sinto abalado. Um homem testado nesses cáusticos quesitos e que passou com louvor por todas as provações tinha de ter uma mente sobredotada, uma genialidade sem tamanho. No entanto, é possível inferir que o maior de todos os testes por que Jesus passou não foi visível ou perceptível, como o esgotamento físico, a ambição política, a necessidade neurótica de controlar os outros ou mesmo a humilhação pública, mas invisível.

– Não estou entendendo, Marco Polo – disse Sofia, espantada.

– Muito menos eu... Mais um teste? – indagou o Dr. Thomas, desconfiado.

Marco Polo apenas respondeu:

– Trinta anos mapeando a mente humana... Trinta anos avaliando os fantasmas emocionais que nos assombram... Trinta anos esquadrinhando os conflitos sociais... Jesus se submeteu ao mais rigoroso teste de paciência. Por outro lado, nós, que vivemos nesta sociedade urgente, falhamos. Um minuto que

o celular trava e nos estressamos, não é mesmo?

– Incrível – concordou o Dr. Alberto.

– Ele não foi para a Índia? Para a Grécia? Não visitou os sábios do Egito? – questionou Michael.

– Ninguém sabe – interveio Marco Polo. – Mas talvez não tenha ido para lugar algum. Talvez estivesse gerindo sua emoção na região de Nazaré. Trinta anos se preparando para esculpir a mente humana... Trinta anos para abrir a boca ao mundo... Trinta anos de paciência... Quem teria esse autocontrole?

Desse modo, todos os que ouviram suas palavras saíram introspectivos ao deixar o debate. Tinham muitas dúvidas, mas ao mesmo tempo pareciam convictos de que o homem mais famoso da história era também o menos conhecido pela humanidade...

22

O INCONSCIENTE DOS DEBATEDORES

Dois mil anos antes: meus amigos, meus algozes

Muitos no rio Jordão ficaram impressionados com a reverência de João a Jesus, logo ele que costumava ser implacável com políticos e fariseus. O homem que não tinha papas na língua curvou-se aos pés de um ser humano simples, de vestes rústicas, de origem humilde. Esse era o tema da conversa entre os espectadores no caminho de volta para casa.

– Como pôde João exaltar aquele nazareno? Será que não errou o alvo? – disse um discípulo intrigado.

– Não é possível. João é cortante como uma faca de dois gumes. Falou que o guardava durante anos. Eu conheço o carpinteiro Jesus.

– Você o conhece? Conviveram, brincaram juntos? Um homem desse ofício e com essa origem não pode ser o Messias.

– Não, mas lhe asseguro: muitas vezes, quando ele falava, algo queimava em nossa mente. Nos tumultos, ele estava sempre calmo. O que ele tinha não era seu. Era o primeiro a ajudar a comunidade, o mais hábil em resolver conflitos de forma pacífica.

– Poxa, mas não parece.

– Ele é um artesão em aparecer, ajudar e em seguida desaparecer. Já ganhei aplausos por soluções que ele deu...

– Interessante.

– Mas tenho um temor. Os maiorais da cidade se escandalizarão quando souberem de sua nova identidade.

Pouco depois, o amigo de Jesus o encontrou na entrada de Nazaré.

– A primavera chegou. É tempo de falar do reino de meu pai.

O amigo teve calafrarios.

– Sou teu amigo, Jesus. Aprendi muito contigo todos esses anos. Mas é melhor partires. Os líderes terão pânico quando abrires a boca.

– Não posso partir agora – disse Jesus.

– Por favor, então silencia – pediu seu amigo.

– Se eu me calar, essas pedras falarão.

– Por amor à tua vida, sê discreto.

– Não percebeste que em todos esses anos fui sempre discreto?

É tempo de falar sobre quem sou e por que estou no seio da humanidade.

– Mas os líderes indagarão: "Conhecemos seus pais, como ele se declara ser

o Messias? Impossível! Heresia!"

– Em primeiro lugar filho do homem, filho da humanidade – declarou Jesus uma expressão que usaria com frequência.

No dia seguinte foram à sinagoga. E Jesus, como sempre fazia, leu um texto. Mas, dessa vez, depois de seus dramáticos testes de estresse, pegou os pergaminhos do profeta Isaías e não os leu na sequência do livro. Buscou uma parte do texto em que ele acreditava haver uma parte da sua biografia, embora escrita muitos séculos antes do seu nascimento.

– O Espírito do Senhor me envolve, pois me equipou para trazer boas-novas aos pobres. Enviou-me a curar os feridos em seu coração. A pregar liberdade aos cativos. Para restaurar a vista aos cegos. E tambem para pôr em liberdade os encarcerados.

Todos estavam fascinados com suas palavras. Seu pai e sua mãe ouviam seu discurso satisfeitos. Devia parar, mas eis que ele abalou a todos quando teve a ousadia de dizer:

– Hoje se cumpriu esta Escritura em mim...

A reação foi imediata.

– Não é esse o filho de José? – diziam atônitos.

Outros olhavam para sua mãe e diziam:

– Que heresia é essa? Seu filho atribuiu a si o poder de ser o Messias, o libertador da nação. Peça para seu filho se calar!

Maria e José ficaram sem palavras e começaram a entender o que os aguardava. Maria lembrou-se do aviso de que uma lâmina atravessaria sua alma. E, naquele momento, a lâmina começou a feri-la. Jesus, observando a perplexidade dos amigos, parentes e membros da cidade, usou uma frase bem conhecida que retratava o vírus da discriminação:

– Em verdade lhes digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria.

À medida que Jesus apontava os erros humanos, inclusive a falta de generosidade dos nazarenos, eles se enfureciam. Seus pais choravam.

Dias antes, ele dissera à sua mãe: "Chegou a hora, minha mãe. Eu a amo muitíssimo, mas de agora em diante me entregarei à humanidade. Lembre-se de que você foi escolhida para me receber. Não se posicione como minha mãe, mas como uma mulher, a escolhida, a mulher das mulheres. Se você se posicionar como minha mãe, sofrerá muitíssimo."

Mas, para Maria, era impossível separar as coisas.

"Eu o amo até o impensável, mas seguirei sua orientação, meu filho", disse ela, apreensiva. "Mulher, essa será a senha de que você deverá lembrar-se sempre", respondeu ele.

O homem que mais foi testado na história testava agora o coração das pessoas. Falava convictamente sobre seu projeto. Seus amigos o amavam, mas saíram do céu da admiração para o inferno da rejeição. Muitos viraram as costas

para Jesus.

E, num rompante de fúria, as pessoas arrastaram-no centenas de metros e levaram-no para o alto de um monte. Lá gritavam:

– Negue o que você disse!

– Não posso negar o que sou.

– Você é um simples carpinteiro.

– Sou um carpinteiro do espírito e da mente humana também!

Sua mãe bradava chorando:

– Filho, meu filho querido. Soltem-no!

– Cale-se – disse um religioso. – Um jovem que cresceu e trabalhou entre nós se autoproclamar como o Messias é inaceitável!

E aparentemente era inaceitável mesmo. Por isso Jesus sempre dava desconto para as pessoas. Não cobrava o que elas não podiam dar. Não cobrou nada, inclusive de seus amigos. Iriam precipitá-lo do penhasco. Jesus morreria precocemente, seus ossos seriam quebrados, sua cabeça sofreria traumatismos. Seria seu fim...



Naquele exato momento, o Dr. Thomas acordou assustado. Sonhara com esses acontecimentos. O último teste de estresse de Jesus mexeu tanto com ele que seu inconsciente o levou a mergulhar no passado. Estava ofegante. Subitamente, abriu o livro de Lucas e foi até a passagem em que Jesus estava para ser atirado do penhasco e a leu. No exato momento em que Jesus morreria, algo estranho aconteceu. Ele fitou os olhos de seus algozes, penetrando-lhes a mente, e eles lhe abriram passagem. Jesus passou entre eles como o ar que flui entre os dedos.

Um líder superpoderoso

Era o primeiro século desta era, ano 32. O imperador romano Tibério César, os senadores e os grandes generais de Roma estavam reunidos na sala do trono, todos perplexos com um personagem que os magnetizava com sua sabedoria, segurança e suas estratégias.

– O que fizeste comigo? – indagou Tibério, atordoado.

– Nada que já não estivesse dentro do próprio César – comentou o homem que o deixou embaraçado e embasbacado.

– Nunca imaginei que um judeu seria capaz de entrar no nosso ninho, na elite dos romanos, e nos deixar atônitos – afirmou o imperador.

Tibério nascera em 42 a.C. Sua mãe se divorciara de seu pai e se casara com Otaviano, o futuro Augusto, que lideraria o império com aspirações divinas. Foi

adotado oficialmente no ano 4 d.C. Em setembro do ano 14, tornou-se o segundo da dinastia júlio-claudiana, sucedendo Augusto, seu padrasto. Depois de relatar seu assombro com o personagem que o impactava, indagou:

– Quem és tu?

– Sou quem sou! – respondeu o intruso com determinação e mistério.

Em outras situações, uma resposta tão vaga seria um sacrilégio punido com morte. Mas o intruso os deixava perplexos, seus gestos eram chocantes, suas palavras eram penetrantes. Tibério, os senadores e os generais pareciam meninos diante de um gênio.

– Sou um homem em avançada idade, estou cansado de guerras, embora minhas campanhas na Panônia, Germânia e Récia tenham sido bem-sucedidas.

– As armas dominam o corpo, mas só o conhecimento domina a mente. Os fortes usam a inteligência para liderar, os frágeis não têm outra alternativa senão as armas. Este império vai se fragmentar em mil pedaços – falou o misterioso personagem.

– Sou um homem angustiado. Fui chamado "tristissimus hominum", o mais triste dos homens, pelo velho Plínio. Entretanto, penetras em minha cabeça como o ar em meus pulmões. Tuas palavras transpiram alerta e ânimo. O império precisa de um novo *modus operandi*.

– De onde vem todo esse conhecimento? – indagou o senador Lívio para o protagonista. – Dos gregos?

– Já lhes disse. Venho das entranhas do que sou!

– Nunca vi tamanha habilidade estratégica vinda de um homem tão jovem – disse Germânico, o grande general romano.

– O tempo não é o único ingrediente da experiência, general. Sou o Mestre dos mestres – afirmou o intruso.

– Meu trono está destinado à minha dinastia – comentou Tibério César. – Mas, para o bem do império, poderei rever meu projeto político.

– Mas e Calígula e Tibério Neto? – indagou o senador Marcus Túlio.

– É tempo de mudanças, senadores. Se este homem chamado Jesus o desejar, ele será o César dos Césares – disse, citando o nome dele. E completou: – Uma nova ordem, um novo relacionamento, uma nova política se instalaria no seio do Império Romano.

Os senadores e os generais ficaram confusos com a atitude de Tibério, mas ele estava tão resoluto que um a um começaram a aplaudir a sua decisão.

– César! César! César! – bradou a elite romana.

Mas o enigmático personagem apenas sorriu. E, numa atitude corajosa, deu as costas ao poder máximo do mundo. Abrindo sua boca, deixou-os ainda mais assombrados do que estavam:

– Sou um viajante do tempo, imperador e senhores. Se soubessem o poder que eu já tive, ficariam surpresos. Vim de muito longe à procura do coração

humano, não do trono político.

Pasmado pela recusa ao trono, o imperador mostrou sua indignação:

– Como recusas assumir o império? Pelo poder se trai, se corrompe e se mata.

– O meu cetro chama-se liberdade! Não quero servos, mas amigos.

Nesse momento, um assessor que o acompanhava tentou dissuadi-lo desesperadamente.

– Jesus, meu mestre, conheço a tua mensagem, o teu projeto de vida – disse ele.

– Tens certeza?

– Sim! Por que tornas as coisas tão difíceis? Se assumires o império e dominares outros reinos, serás o senhor da Terra, teu projeto ganhará musculatura rapidamente em todo o mundo.

– Não ouviste que quero uma transformação de dentro para fora?! – expressou o Mestre dos mestres.

– Eu entendo. Mas enviar um bando de galileus para alardear tua mensagem e revisar a agenda da humanidade será um caminho acidentado e arriscadíssimo.

– Mas é o modo correto – comentou o Mestre com simplicidade.

– Mas será muito lento! Se ouvires Tibério, tuas palavras se alastrarão como chamas sobre as palhas do campo.

– As coisas mais importantes e mais belas não podem ser apressadas... Não se estica a personalidade de um filho, é necessário formá-la. E, além disso, o amor e o poder não andam de mãos dadas. – Depois dessas palavras o Mestre finalizou: – O poder compra bajuladores, mas não amigos. O poder compra a cama, mas não o descanso. O poder compra o mundo, mas jamais o amor...

Depois de uma breve pausa, Jesus olhou para o imperador e finalizou dizendo:

– Tenho um poder inimaginável. Mas sou um caminhante do tempo. Estou à procura do que o poder não pode comprar...

Transtornado, o amigo lacrimejou e previu:

– Mas, Mestre, tu serás rejeitado pelos teus amigos, execrado pelos abastados, considerado herético pelos religiosos e por fim serás tratado como... como...

– O maior criminoso de Roma! O amor exige sacrifícios.

– Mas teus discípulos serão atirados às feras, morrerão à espada por gladiadores, serão considerados a escória do mundo...

– Chorarei com eles as suas lágrimas. Aos que me seguirão, não prometerei céus sem tempestades, mas força na tormenta. Nem aplausos na jornada, mas coragem para suportar as vaias e habilidade para escrever capítulos nobres nos dias dramáticos...

O imperador Tibério teve inveja de sua sabedoria. Mas, ao mesmo tempo, ouvindo a recusa, mesmo diante de suas súplicas, mudou sua disposição:

– Atirai esse ingrato às feras! E também o seu discípulo, que não o dissuadiu

de rejeitar o poder de Roma! – Então os soldados os pegaram e levaram para servir de pasto para grandes felinos. Ao serem colocados na arena, três leões os atacaram.



O Dr. Alberto deu um grito ensurdecedor. Agora foi sua vez de acordar assustado. Levantou-se da cama tremendo. Em seu sonho, ele era o assessor de Jesus, era ele quem havia suplicado que se tornasse o César dos Césares para facilitar a divulgação solene de seu projeto, de sua mensagem...

23

MARCO POLO PERDENDO QUEM MAIS AMA

O primeiro psiquiatra e pesquisador que resolveu analisar a inteligência de Jesus sob o ângulo das ciências humanas estava fascinado com os resultados iniciais. Por pesquisar a forma como homens e mulheres romperam o cárcere da rotina ao longo da história e se tornaram pensadores e produtores de novas ideias, achava que não havia muito mais com que se surpreender.

Ele já tinha analisado a inteligência de Freud, Piaget, Sartre, Marx, Kant, Descartes e muitos outros pensadores. Havia analisado como operavam a arte da crítica e da dúvida, seus comportamentos saudáveis e suas debilidades, seus golpes de ousadia e seus recuos. Agora o estudo da mente do homem mais famoso da história, que ele sempre desprezara, perturbava seus preconceitos, reciclava sua arrogância, expandia as possibilidades do pensamento.

Reiniciou a mesa-redonda dizendo de forma aberta e espontânea:

– Ao recordar os principais parágrafos da biografia de Jesus escrita pelo doutor Lucas, alguns de nós revelaram sem medo seus mais cálidos capítulos. Eu sempre fui sociável, mas, nos recônditos do meu ser, sou um homem e um profissional solitário. Todavia, chegou a minha vez de lhes contar o dia mais triste da minha vida, meu maior teste de estresse.

Todos ficaram impressionados com essas palavras. Michael olhou para Sofia, Thomas fitou Alberto. Milhões de pessoas que assistiam ao debate pela internet se fixaram na tela. Marco Polo era tão inteligente que parecia imbatível, distante das mazelas emocionais dos mortais. Mas chegou o momento de esse intelectual revelar as lágrimas que chorou e as que nunca teve coragem de encenar no teatro de seu rosto...

Ele contou os momentos finais da mulher que amava. Sofia quase não piscava ao ouvi-lo.

Um ano antes

Anna, a minha eterna namorada, a mulher mais dócil que conheci, estava cada vez mais debilitada. Suas crises de falta de ar aumentavam e eram horríveis. Nem eu nem ela descansávamos. Estava tão apreensivo que não deixei nenhuma enfermeira dormir com ela. Fiquei ao seu lado minuto após minuto em seus últimos dias. A cada crise, ela precisava colocar a máscara de oxigênio rapidamente.

Vendo a preocupação indisfarçável do meu amigo pneumologista, o Dr. Matheus, perguntei-lhe em voz baixa, para Anna não ouvir:

– E qual é o próximo passo?

– A pneumonia bilateral não melhora com nenhum antibiótico. Estou desolado. O próximo passo será fazer uma biópsia do pulmão por vídeo.

Mas Anna havia lido seus lábios.

– Quando faremos a biópsia? – indagou ela.

– Agora – disse o Dr. Matheus.

Ela retirou a máscara e deu uma resposta positiva:

– Não percamos tempo! Não sei se sobreviverei... Mas lutarei até o último minuto pela... vida... – disse a corajosa psicóloga ofegante, tentando engolir o ar que estava ao seu redor, mas parecia tão escasso.

Na atualidade, óbitos decorrentes de pneumonia são raríssimos, mas eu pressentia que havia algo errado, que seus pulmões entrariam em estresse dramático e seu coração sofreria um colapso. Feita a biópsia, a análise seguiu para o patologista com um pedido de urgência. O resultado sairia na manhã seguinte. Não consegui esperar a visita do meu amigo. Procurei-o em seu consultório, que ficava dentro do próprio hospital. Ansioso, bati na porta e entrei.

– Matheus, saiu o resultado?

– Deve ter saído, Marco Polo. Deixe-me abrir meu computador e ver meus e-mails. – Após consultar sua caixa de entrada, disse: – Ótimo. Saiu...

Mas sua tranquilidade se converteu imediatamente em angústia. Cada segundo em que lia o diagnóstico dos fragmentos do pulmão de Anna parecia uma década para mim.

– E aí? É grave?

O pneumologista contraiu os músculos da face e abaixou o tom de voz:

– Anna não está com uma infecção bacteriana nem viral.

– Como assim? – indaguei perplexo.

– Ela está com uma grave doença autoimune: "bronquiolite obliterante."

– Nunca ouvi falar dessa doença pulmonar.

– O próprio organismo dela está atacando seus pulmões, causando inflamação severa, bloqueando todos os brônquios, impedindo a respiração.

– Quais as causas dessa doença? – perguntei.

– Genéticas, emocionais, ambientais... Não sabemos as causas definitivas.

– Qual a solução? É grave?

O pneumologista meneou a cabeça. Eu passei as mãos no rosto e não consegui conter as lágrimas:

– Corro o risco de perder Anna?

Matheus e sua esposa eram nossos amigos. Ele teve de ser completamente honesto:

– Você é forte, mas, infelizmente, sim.

– Como a vida é uma gangorra! Estávamos no Caribe de férias, felizes da vida, mas de repente ela desmaiou e saímos do céu emocional para o inferno psíquico! Qual o tratamento? – indaguei ansioso.

– Temos de entrar o mais rápido possível com corticoide em doses altas para tentar evitar a falência pulmonar. Sua respiração está tão claudicante que é melhor que ela vá para a UTI, pois se acontecer uma urgência...

O Dr. Matheus não precisava completar o quadro, eu previa o que poderia acontecer. Fui ao quarto da mulher que amava tentando manter o bom humor, mas era impossível. Emocionalmente, eu estava tão asfixiado quanto os pulmões de Anna. Ela me conhecia nas entrelinhas.

– Eu sei... Estou partindo...

– Não, Anna... Não. Tentaremos uma terapia com corticoide.

Reunindo forças, ela disse:

– A morte é uma visitante inoportuna... Bate na porta de crianças e de adultos. Às vezes, no momento em que menos... temos tempo para atendê-la...

E novamente teve uma crise de falta de ar, agora intensa.

– Escolha a vida, Anna, não se renda. Por favor, não desista...

Ela tirou a máscara e com muita dificuldade disse:

– Ninguém morre... quando... é amado por alguém...

Logo chegou o Dr. Matheus e explicou melhor sua doença, a terapia com corticoide e os procedimentos.

Quando o Dr. Matheus terminou de falar, Anna sofreu uma parada cardíaca. O mundo ruiu aos meus pés. O médico acionou a campainha e, enquanto traziam uma maca com urgência, ele fazia compressão do tórax dela e, em sincronia, eu realizava a respiração boca a boca. Trabalhávamos em conjunto. Depois de muito esforço, o coração de Anna voltou a bater. Ela deu um forte suspiro e voltou a respirar.

Ao ser levada pelo corredor para a UTI, outro drama: Anna teve outra parada cardíaca. Desesperado, peguei o desfibrilador mais próximo e entreguei ao Dr. Matheus. Era horrível ver a pessoa amada fechando os olhos para a vida.

Os choques descarregados pelo desfibrilador fizeram com que o sofrível coração de Anna, agredido pela falta de oxigênio, teimasse em voltar a bater. Mas os movimentos não eram vigorosos. Ela foi levada rapidamente para a UTI.

Acompanhei-a segurando sua mão e dizendo:

– Lute! Lute pela vida! Lute por mim! Lute pelo Lucas!

Naquele momento eu não era um psiquiatra, não era um intelectual, mas um homem que, embora não estivesse descontrolado, estava completamente infeliz. Por incrível que pareça, Anna olhou para mim e abriu um sorriso calmo, desprendido. Em seguida, movimentou seus lábios arroxeados e me enviou um suave beijo. Foi então que me lembrei de um dos meus pensamentos: "Cedo ou tarde as águas serenas ou turbulentas desaguam no oceano."

Quando chegamos à UTI, me impediram de entrar.

– Não entre, Marco Polo. Por mais equilibrado que seja, você é um ser humano. Deixe que cuidaremos dela... – afirmou o médico intensivista.

Fiquei do lado de fora. O primeiro procedimento foi monitorar o coração de Anna, ao mesmo tempo em que faziam um acesso para passar soro com medicamentos. Olhando para os colegas, o Dr. Matheus indagou:

– O que vocês vão fazer?

Foi o médico-chefe da UTI quem respondeu:

– Precisamos medicá-la e diminuir seu estresse físico e mental.

– Vão me... sedar? – indagou Anna.

Disseram que sim.

– E, se for necessário, vamos entubá-la também.

– Coma induzido?

– Só se precisar! – afirmou o Dr. Matheus.

– Não antes de... me despedir... de Marco Polo...

– Mas, Anna... – disse o médico.

Porém, resoluta, ela fitou os olhos dos dois médicos e dos enfermeiros e disse categoricamente:

– Não antes!

Se Anna morresse, o Dr. Matheus não queria ficar com esse peso na consciência. Olhou bem nos olhos do médico-chefe da UTI e pediu sua permissão. Ele entendeu a gravidade do caso e assentiu com a cabeça. Foi então que tive acesso ao seu leito... E assim médicos e enfermeiros presenciaram um dos momentos mais lindos que já se passaram numa UTI.

– Querida, estou aqui...

– Filme-me... com seu celular... – disse ela.

– Para quê?

– Plano B... Faça isso e coloque oxigênio puro... em mim – expressou-se ela com dificuldade.

O próprio Dr. Matheus o fez. Com isso, sua energia vital melhorou. Ganhando forças, ela disse na filmagem:

– Lucas, para mim você é o melhor filho do mundo... Ainda que eu feche meus olhos, eu jamais o esquecerei... Não tenha medo da vida. Seja muito feliz, o melhor amigo de seu pai... Beba da sua sabedoria...

Eu derramava lágrimas enquanto filmava. Depois Anna respirou profundamente e enviou uma mensagem para o inumano e frio pai:

– Papai, eu o perdoo. Obrigado por ter me gerado e cuidado de mim...

Nesse momento, ela voltou a ficar ofegante. Seu coração ficou muito abalado. O Dr. Matheus voltou a injetar oxigênio em suas narinas. Os médicos e enfermeiros da UTI, frequentemente distantes como forma de proteção para suportar os sofrimentos dramáticos do ambiente, se emocionaram ao ouvir as

palavras de Anna. Alguns choraram também...

– Não fale mais nada... – supliquei a ela.

Mas ela continuou:

– Plano A...

Elevando os braços e abaixando o celular, indicou que o que falaria agora não precisava ser gravado, apenas registrado na memória.

– Se eu não sobreviver... cuide de Lucas com sabedoria, se reinvente sempre como pai. E eu quero encorajá-lo... a amar outra mulher...

Eu solucei. Ela completou:

– Procure-a como um caçador de pérolas.

– Impossível alguém substituir você – disse eu a ela.

– Para a razão, sim, para a emoção, não.

Depois, após outra dose de oxigênio, pegou a minha mão direita e reuniu forças para dizer estas últimas palavras:

– Você é generoso como a chuva e altruísta como o Sol, Marco Polo.... Transformou minha história num espetáculo... Sei que você não crê em Deus...

– Anna... – disse eu, tentando silenciá-la.

Porém ela completou:

– Mas eu creio que a vida é um grande roteiro e a morte é apenas um ato do espetáculo... Continuarei encenando minha peça na eternidade... Meu amado, se permita pensar em outras possibilidades... Estude a mente de Cristo.

Minha esposa falava de esperança enquanto morria. E, à medida que falava, o aparelho que monitorava seu coração mostrou-o bombeando o sangue com mais força e ritmo. A mente humana revelava seu poder. Todos que observaram o gráfico do monitor ficaram impressionados. Apertei suas mãos e, com a voz embargada, disse:

– Querida Anna, meu amor por você é indecifrável... De todas as coisas que eu conquistei na vida, você foi a melhor delas... Você é inesquecível... Muito obrigado, mas muito obrigado mesmo por existir...

Ao dizer essas palavras, o "bipe" mostrou mais vigor ainda. Parecia que Anna não tinha nenhuma doença grave. Em seguida os médicos colocaram as mãos nos meus ombros e solicitaram que eu me retirasse.

Quando eu ia saindo da UTI, a função cardíaca de Anna começou a perder força e ritmo outra vez. Ofegante, ela mal conseguia respirar. Os médicos e enfermeiros socorreram-na rapidamente. Foi o dia em que mais chorei em minha história...

Entrei no elevador e quase não enxergava os números. Nem reparei que um dos meus raros desafetos, o Dr. Felpes, estava lá dentro. Ele achava uma heresia que um pensador da atualidade produzisse uma nova teoria sobre o funcionamento da mente capaz de repensar as teorias clássicas de Skinner, Freud, Jung, Piaget. A universidade era uma fogueira de egos e vaidades.

O Dr. Felpes ficou espantado ao me ver consternado, não sabia o que estava acontecendo. Como alguns intelectuais insensíveis, tornou-se um predador especialista em atacar pessoas feridas.

– O intelectual imbatível está debilitado? – indagou, com um sorriso no rosto.

Eu não respondi. Mas ele me provocou mais ainda:

– Inacreditável! Marco Polo também tem sentimentos! Não sabia que você também chorava.

– Doutor Felpes, você sequer conhece o prefácio dos meus escritos, que dirá os capítulos mais importantes. Sim, estou chorando. E, se quer saber, sinto-me o mais frágil dos homens... – confessei.

Desconcertado e caindo em si, o Dr. Felpes indagou:

– O que está acontecendo?

– Estou perdendo quem mais amo...

– Desculpe-me...

E assim, sem dizer mais nada, saí do elevador. Percorri os longos corredores do térreo. Professores, alunos e profissionais que passavam por mim e me contemplavam ficavam perplexos. Alguns perguntavam:

– O que está acontecendo com o professor?

Ao me ver emocionado, um neurocirurgião falou para sua roda de amigos, citando uma frase da última aula que tivera comigo:

– "A personalidade humana é uma construção sofisticada, mas cedo ou tarde não sobra pedra sobre pedra. Recolher nossos fragmentos e nos reinventar é o que nos diferencia." Não foi ele quem disse isso?

O que esse neurocirurgião não sabia é que tinha chegado a minha vez de recolher meus pedaços e me reconstruir. Eu sabia que muitos falham nessa empreitada... Por isso, gritava dentro de mim: "Vale a pena viver! Apesar de a vida ser breve como gotas de orvalho que por instantes aparecem e logo se dissipam aos primeiros raios do tempo."

✦

Ao ouvirem o relato de Marco Polo, milhares de pessoas dos mais diversos países ficaram encorajadas a recolher seus fragmentos e não desistir da vida, mesmo em face da morte. Os amigos ficaram profundamente sensibilizados com a perda de Anna. Não imaginavam que uma pessoa tão resoluta e inteligente como Marco Polo pudesse beijar o solo mais árido da fragilidade. Sofia pegou sua mão direita e a acariciou suavemente.

24

UMA FAMA INCONTROLÁVEL E SURPREENDENTE

Marco Polo contou que, depois dos inimagináveis testes de estresse de Jesus, sua fama começou a se espalhar de forma incontrolável. Suas palavras e suas atitudes eram tão inovadoras que ocupavam o imaginário das pessoas e frequentavam as primeiras páginas do mais confiável meio de comunicação da civilização humana: o boca a boca.

– Numa época em que os transportes eram rudimentares, que não havia jornais, TV, celulares, redes sociais, Jesus causou uma onda de notícias em terra seca. Não se falava de outra coisa, a não ser do homem que queria mudar o mundo.

– Mas esse brilho social não veio dos atos sobrenaturais que os cristãos dizem que ele promoveu? – comentou o Dr. Alberto.

– Em pleno século XXI, isso é história de Branca de Neve – disse Michael.

– Desculpe, Michael. Depois da análise dos fatos que envolveram Jesus, do seu nascimento aos seus testes de estresse, não cabe deboche. Você pode duvidar se houve milagres ou não, mas tem que respeitar os fatos. A não ser que você pense que o doutor Lucas estava tendo um surto psicótico quando escreveu sua história.

– Não, não penso assim. Lucas revelou-se um escritor coerente e lúcido – afirmou Michael, engolindo em seco. – Como Marco Polo concluiu, todos os paradoxos da história de Jesus revelam que ele existiu como um personagem histórico. Mas não creio nos atos sobrenaturais. Confesso: antes eu debochava dessa crença. Hoje, evoluí; apenas respeito!

Alguns o aplaudiram na plateia.

– Devemos sempre nos lembrar de que nosso objetivo nesta mesa-redonda é estudar a mente de Jesus, não avaliar sua suposta divindade – declarou Marco Polo.

– Mas você acha que Lucas estava delirando ao relatar fatos extraordinários, que ultrapassaram os limites da física quântica e da teoria da relatividade? – indagou o teólogo de Harvard.

– Sei que é intrigante que um médico inteligente como o doutor Lucas tenha escrito que Jesus suspendeu as leis da física e usou métodos metafísicos para restaurar as células dos doentes... As ciências clássicas não conseguem entrar nessa seara, pelo menos até o momento.

– Nunca pensei que estudar esse Jesus fosse tão perturbador. Tudo em sua história atinge limites inimagináveis – afirmou Michael.

– Para mim, era mais fácil dizer que Lucas era um péssimo escritor, que sua narrativa era débil, que suas ideias eram infantis e ingênuas, como centenas de livros que leio, mas esse homem é um biógrafo notável. Estudaremos em nossa próxima mesa-redonda algo que me abalou muitíssimo. Jesus queria difundir sua mensagem para o mundo, mas não apenas recusou o poder político e religioso nessa empreitada como também a fama. Ele preferia o anonimato.

– Você está brincando comigo, Marco Polo? – indagou Michael. – Mais um paradoxo! Não vou suportar!

Mais uma vez a plateia riu do jeito despojado desse intelectual. E, assim, os debatedores se retiraram. Mereciam um longo descanso. Principalmente Marco Polo, que estava fatigado por contar a história de Anna. Mas, apesar disso, resolveu ir a pé para o novo hotel onde estavam, que era mais perto do Muro das Lamentações do que o que pegou fogo. Sofia o acompanhava. Ao chegarem ao local, ele pediu licença para ela e se aproximou das velhas pedras da muralha. Havia poucas pessoas.

Ao se aproximar, ele viu uma mulher idosa chorando. Em voz baixa, suplicava:

– Tire meu marido do coma! Foram tantos anos felizes. Não suporto seu silêncio.

Um homem trajando terno Armani, presidente de uma grande companhia do Vale do Silício, que não tinha coragem de visitar o Muro das Lamentações durante o dia, também vertia lágrimas. Visitava Israel a negócios, mas seu verdadeiro tesouro estava falindo: seu filho de 7 anos estava morrendo de câncer. Com a mão direita, tocava uma das velhas pedras e, com a outra, enxugava o rosto enquanto dizia, quase sem voz:

– David ainda é uma criança... Por favor, não deixe meu filho morrer. Extirpe seu câncer.

Emocionado, Marco Polo também resolveu passar as mãos lentamente sobre as pedras. Sentiu sua temperatura fria, mas também seu relevo liso. Milhões de pessoas as haviam tocado. *Que pesadelos tiveram? Que sonhos construíram?*, pensou. Era um lugar surreal. Nesse momento, o psiquiatra rompeu seu orgulho ateísta e entendeu que a religião será uma chama inextinguível na humanidade. Esperança é o segredo! Lembrou-se das palavras de sua assistente: "O socialismo não a exterminou, a teoria da evolução não a asfixiou e a era digital não a silenciou." Concluiu: somos mortais, não há religioso que não tenha o que suplicar nem ateu que um dia não tenha do que se lamentar.

Lembrou-se da perda de Anna e também derramou lágrimas. Não sabia fazer preces, não cria em Deus, não tinha fé, não tinha esperança de que ela estivesse pulsando sua existência além do parêntese do tempo. Se tivesse, seria irrigado com esperança. Mas ele era científico demais, simplesmente não conseguia. Lembrou-se depois de Lucas, seu querido filho, dependente de drogas.

Temia que ele pudesse ser vítima de uma overdose, como duas vezes já ocorrera.

Sofia se aproximou. Jamais imaginara ver o famoso chefe do departamento de psiquiatria, escritor famoso e pesquisador respeitado desabando daquele jeito. Ela tocou seus ombros. Ele ficou constrangido, tentou limpar o rosto às pressas. Buscando aliviá-lo, ela lembrou-se de uma de suas pérolas intelectuais.

– Lembre-se: "Os grandes homens também choram."

– O problema é que eles não sabem o que fazer com suas lágrimas! – reconheceu ele.

Nesse momento, ambos deixaram o local e foram a pé para o novo hotel. Ela lhe deu o braço. E, assim, eles seguiram para o hotel. De repente, ele parou, fitou os olhos dela e lhe disse:

– Tenho vontade de beijá-la!

Admirada, ela o encorajou:

– E por que não o faz?

– Você é 16 anos mais nova que eu.

– Mas sou uma mulher.

– Não é justo. Sou um profissional e você é...

– Aqui você não é meu chefe! Os psiquiatras são complicados no amor – reclamou.

– Você também é psiquiatra.

– Não, já lhe disse: aqui sou uma mulher.

Ele a beijou na testa e, para seu espanto, comentou:

– Namorei muitas mulheres antes de Anna. Preciso reaprender agora. Discuto sexualidade com meus pacientes, mas, para mim, um amor sustentável tem de ser inteligente... e um amor inteligente tem de ser...

– Pare de enrolar, Marco Polo, e me beije! – disse ela, dando-lhe uma bronca afetuosa.

Espantado e intimidado pela segurança de Sofia, se arriscou a beijá-la. E o fez prolongadamente. Sentiu os lábios quentes tocarem os seus; eram dois mundos cruzando os horizontes, dois seres humanos feridos navegando nas águas da emoção.

Dois mil anos antes

Era um entardecer avermelhado, o sol parecia sangrar no horizonte. O calor era insuportável. Uma multidão afluía para ver um homem sem beleza magistral, mas de gestos delicados e palavras poderosas. Maridos carregavam suas esposas; pais, as suas crianças; filhos transportavam seus pais; amigos, uns aos outros. Todos queriam ver, ouvir, ser tocados por Jesus. Ao avistar todo aquele movimento social na terra da fome, era possível enxergar que o carpinteiro de

Nazaré estava se tornando famoso, mas ainda não dava para saber que ele se tornaria a maior celebridade de todos os tempos.

– Meu pai está à beira da morte, senhor – dizia um.

– Meu amigo está desfalecido. Perdeu a capacidade de andar – dizia outro.

– Meu filho está febril, tosse muito e nem sequer consegue erguer a cabeça – falava uma mãe aos prantos.

Se a vida é uma estrada sinuosa, naquele tempo era mais. Uma simples amigdalite levava à morte. Uma virose causava uma epidemia. A desnutrição, a falta de vacinas e de antibióticos fazia daquela era uma era de dor e incerteza. Todos procuravam o médico dos médicos.

– Ricos às portas da morte abririam mão de seus tesouros em troca de saúde. Idosos à beira do último suspiro existencial dariam seu conhecimento em troca da juventude. Por isso declaro que, de todos os bens que vocês podem adquirir nesta Terra, nada supera o que vocês já têm: a vida – dizia o Mestre dos mestres aos brados para uma multidão sedenta.

Os que tinham sede de sabedoria e os miseráveis que tinham sede de alívio não paravam de chegar. Mas aonde? O caminhante não tinha moradia, sua sala de aula era ao ar livre, a tela que pintava era o mundo, sua cama era qualquer pedaço de chão. Amou tanto a humanidade que esqueceu de si mesmo. Se não lhe oferecessem um bocado, esquecia de comer.

Nunca naqueles tempos duríssimos sua fama se espalhou rápido. Logo antes de o sol cortejar o dia, as pessoas procuravam Jesus e ele começava a ensinar. Momentos depois desaparecia. Procurava a solidão como o sedento a água, e lá tinha diálogos misteriosos, encontrava-se consigo mesmo. E a multidão continuava procurando-o. E, encontrando-o, cercavam-no, espremiam-no, suplicavam-lhe. Era sua última esperança. Em segundos, os miseráveis estampavam um sorriso no rosto. Mas Jesus insistia:

– Não conte para ninguém.

Ele era crítico do culto à celebridade! Mas era impossível não dividir o dia mais alegre de suas vidas. Era impossível manter o caminhante no anonimato. Tibério César cobrava pesados impostos daquele povo sofrido. Uma parte significativa de grãos e azeitonas era destinada a abastecer as castas dos nobres e os poderosos exércitos de Roma. Ter Jesus era ter refrigério, tê-lo era ter segurança, tê-lo era ter encanto pela vida.

A multidão se apossava dele como se fosse sua propriedade. Mas o caminhante insistia:

– É necessário que eu anuncie uma nova era, um novo relacionamento, uma nova forma de ver e reagir à vida.

Mas as pessoas pareciam não ouvir.

– Fique conosco! Não nos abandone! – insistiam.

– Neste reino os grandes controlam os pequenos, mas eu preciso falar do

reino de Deus, onde todos são irmãos, onde uns lutam pelos outros, onde todos são uma só família.

Ele era poético, porém as pessoas não estavam interessadas em poesia, mas em resolver seus problemas. Ele sabia disso, não cobrava nada. Por ser dotado de consciência, sabia que quando o ser humano sofre, todo o universo sofre, quando tem insônia, todo o universo não dorme. A única dor que ele realmente sente é sua própria dor. A consciência que nos fez únicos também nos fez egocêntricos. Empatia era uma habilidade rara.

– Ei, vocês! Deixem-no conversar conosco também.

A pressão era grande. Jesus não tinha palco, mas todos queriam que ele encenasse a peça; não tinha púlpito, mas todos queriam que ele discursasse. Sua eloquência era contagiante. Mas era quase impossível falar.

Estava ele junto ao lago de Genesaré. A multidão se apertava para ouvi-lo. Ele então subitamente planejou uma estratégia nunca antes imaginada. Ao avistar dois barcos junto à praia do lago, pediu:

– Preciso de seus barcos.

– Mestre, todos o procuram e você quer pescar?

– Sim. Pescar homens.

Sua voz era tão forte e, ao mesmo tempo, tão delicada que era impossível negar seus pedidos. O improvável então acontecia. Entrando num dos barcos, pediu ao marujo que o afastasse um pouco da terra. E foi assim que, pela primeira vez, alguém falou de um barco para uma multidão na margem. Houve uma longa conferência, a maior parte da qual nunca foi registrada por seus biógrafos.

– Aprendam a respeitar os diferentes. Uma pessoa feliz investe tudo que tem para fazer os outros felizes.

E continuava ensinando:

– O egoísmo e o individualismo são defeitos da personalidade. Repartam suas túnicas, dividam seus alimentos. As cabeças abatidas que vocês erguem hoje serão as que um dia se lembrarão de levantá-los.

De repente, Tiago e João, dois jovens promissores, filhos de um homem de negócios, Zebedeu, que tinha alguns barcos, o ouviram.

– Quem é este homem? – quis saber Tiago.

João, o mais novo respondeu:

– Não sei, Tiago. Mas, quando ele fala, meu coração queima, meu irmão!

Zebedeu tambem ouvia aquele homem entusiasmado. Logo após ter dado a sua aula ao ar livre, Jesus se aproximou da margem. Encontrando Simão, que mais tarde se chamaria Pedro, fez-lhe um estranhíssimo convite:

– De agora em diante serás pescador de homens. Vem e segue-me.

Só um louco largaria um emprego seguro para seguir um estranho que sequer lhe prometia um prato de comida. Mas o Mestre cativava o coração, libertava o

imaginário, inspirava a capacidade de sonhar.

Simão, vendo sua fama, o status notável do estranho e, ao mesmo tempo, seduzido por sua mensagem, não teve dúvida. Falou para André, seu irmão:

– Não sei o que é pescar homens. Mas deve ser algo muito melhor do que cheirar a peixe e estar na voragem da noite.

As grandes decisões são solitárias. Simão tomou uma atitude que mudaria para sempre sua história. André igualmente.

– Pescador de homens? Que loucura é essa? – pensou alto Zebedeu.

De repente, Zebedeu o viu vindo em sua direção. Precisava esconder os dois filhos daquele misterioso personagem. Tentou distraí-los estimulando-os a consertar as redes.

– Vamos, costurem as redes. Estamos atrasados.

Mas não foi possível evitar o convite. Jesus se aproximou, fitou os dois jovens – bem mais novos que Simão e André – e fez o incrível chamado:

– Vinde e segui-me.

Seguir para onde? Seguir no escuro. Ser um caminhante sem nenhuma segurança social, sem escolta, sem comida, sem bens, apenas com o sonho de ajudar a humanidade.

A ousadia, capacidade de se aventurar, de romper o cárcere da rotina, sempre fez os cientistas serem mais produtivos na juventude do que na maturidade. Acomodados pelos aplausos e sucessos acadêmicos, não poucos se tornam estéreis de novas ideias. Jesus escolheu jovens, embora soubesse que sempre foram mais irresponsáveis.

– Meus filhos, não... – suplicou Zebedeu, chamando-os à parte.

– Pai, é nossa oportunidade – comentou Tiago.

– Que oportunidade é essa, meu filho?

– Queremos ajudar a mudar o mundo.

– Mas vocês sequer conseguem mudar este lugar e querem mudar o mundo!

O pai tinha suas razões.

– E você, João? Ainda é um garoto. Mal completou 15 anos.

– Pai, eu sei me virar. Eu vou segui-lo. Ele vai libertar Israel – afirmou João.

– Está louco, meu filho? Olhem para ele. Não tem exércitos, anda como maltrapilho...

– Mas fala o que ninguém jamais falou! – afirmou André.

– Até Simão deixou tudo – comentou João.

– Simão atropela todo mundo! Ele é agitado como as ondas do mar! – reagiu Zebedeu.

De repente Jesus se aproximou da reunião familiar e disse calma e seguramente:

– Fique tranquilo, Zebedeu. Cuidarei deles.

– Mas eles têm um futuro promissor aqui. Temos barcos, um negócio.

– Mas eu lhes darei os tesouros dos céus. Conhecerão mistérios que sábios não viram, que reis dariam tudo para ter, mas não tiveram...

O Mestre dos mestres era sedutor. Suas palavras tinham um magnetismo inigualável, tocavam os recônditos da emoção, mexiam com o imaginário... Zebedeu estava repleto de dúvidas. Mas, de repente, um episódio emocionante o tocou profundamente. Um leproso fétido, deformado, intimidado pela doença, ao ver Jesus prostrou o rosto na terra e suplicou-lhe, dizendo:

– Senhor, se quiseres, podes curar-me.

A reação das pessoas que estavam próximas foi imediata. Os leprosos eram lixo social.

– Fujam deste homem! – disse um sem coração.

– Este leproso está contaminando a terra – disse outro insensível.

– Seus pecados sobem aos céus – comentou um religioso.

Mas Jesus olhou para aquele homem, que nos últimos tempos comia e bebia do cardápio do desprezo, e se compadeceu dele. Seus olhos lacrimejaram. Sem medo, fez o que ninguém tem coragem de fazer. Tocou seu rosto deformado. Sentiu a pele flácida e ferida sair em suas mãos. Não apenas respeitava os diferentes – os amava. Tratava-os como príncipes. Inaugurou o amor solidário, o amor com atitudes, a lei das leis dos direitos humanos.

– Quem é você?

– Sou Rubem, senhor.

– Que lágrimas você chorou?

– Todas as que um homem tratado como lixo já chorou.

– E que lágrimas nunca serpentearam em seu rosto, meu filho? Quero saber as que você não teve coragem de chorar.

Rubem foi pego de surpresa. Fez uma pausa e, com a voz truncada, falou dos momentos em que a solidão e a rejeição penetraram nos recônditos da sua emoção.

– Meu pai me abandonou. Meus irmãos... me viraram o rosto... Minha esposa me excluiu, e meus dois filhos têm vergonha de dizer que eu existo! Minha mãe, ah, ela era tão amável, mas foi a última a me riscar da sua história!

E, emocionado, tentava enxugar as lágrimas, com suas mãos rugosas, do rosto ferido pela lepra. Muitos ficaram impressionados com o diálogo inteligente que Jesus tinha com os miseráveis. Para o Mestre da emoção, eles não eram doentes, mas seres humanos complexos e completos que precisavam mais do que ter um corpo curado – precisavam de uma mente saudável.

– Proteja-se, Rubem. Não compre o que não lhe pertence. O perdão não resolve os erros dos que ferem, mas alivia as dores dos feridos.

– Como eu faço isso, Mestre?

– Sou um caminhante que ensina as pessoas a caminharem dentro de si. Venha e ouça.

– Mas sou leproso. Todos fogem de mim.

– Todos podem fugir de você, mas nunca fuja de si mesmo.

Enquanto ouvia o homem incomum que invadia sua mente e seu espírito, sua pele foi restaurada. De repente, ele colocou as mãos no rosto e sentiu a pele lisa. Olhou para os membros e não estavam mais deformados.

– Meu Deus, o que aconteceu?! Minha pele tem sensibilidade. Não desprende do meu corpo. Obrigado! Obrigado! – dizia Rubem dando saltos de alegria...

Seus discípulos foram às nuvens. Simão comentou cheio de entusiasmo:

– Acertamos, amigos! Trabalhamos a vida toda em barcos. Agora vamos embarcar na mais incrível aventura.

– Incrível! Mas quem é ele? – indagou o jovem conversador, João.

– Não sei, mas este homem vai dominar o mundo – afirmou Simão.

– Eu quero estar ao seu lado quando isso acontecer – falou Tiago ambiciosamente.

Todavia, para espanto deles, ao ver Rubem dando saltos de alegria, Jesus chamou-o e lhe disse:

– Rubem, tenho um pedido a lhe fazer.

Simão falou baixinho para seu irmão André e para os irmãos Tiago e João:

– Este homem é inteligente. Vai dizer: "Divulgue para o mundo todo o meu poder!"

Mas a mensagem foi justamente o contrário:

– Não conte para ninguém o que lhe fiz!

– Mas como não, senhor? – indagou o leproso.

– O quê? Ele pediu silêncio? Como? Não estou entendendo? – comentou Simão, o futuro Pedro.

– Reitero: não conte para ninguém o que lhe fiz. Não me promova, promova o amor, promova o prazer em se doar.

O leproso não entendeu nada. Aliás, todos ficaram confusos. Era impossível esconder Jesus. A sua fama se propagava de forma cada vez mais descontrolada. Multidões o procuravam ansiosamente. Jesus atendia inúmeras pessoas, mas de vez em quando continuava se retirando para o deserto. Lá meditava, relaxava, desacelerava, tinha encontros insondáveis com aquele que o enviou. A solidão sempre foi um momento único para se ter encontros poéticos consigo mesmo. Quem odeia a solidão nunca foi amigo de si mesmo. O mestre da gestão da emoção sabia disso.

Posteriormente outro incidente ocorreu. Quando Jesus ensinava no interior de uma casa, havia uma multidão cercando o ambiente. Desesperados, um grupo de amigos queriam trazer um dos seus, que era paraplégico, até Jesus. Mas era impossível entrar. Todavia, num momento ímpar de criatividade, eles subiram até o telhado e, por entre as telhas, baixaram o doente ao centro do local onde Jesus estava. Criam que o simples galileu tinha poderes sobre-humanos. Vendo a

coragem deles, Jesus ousou dizer ao miserável:

– Seus erros e falhas estão perdoados.

Não era isso que o moribundo esperava ouvir. Queria se movimentar, andar, deixar de ser um peso para seus pais. Mas o Caminhante queria fazê-lo se movimentar primeiro em sua mente, pois sabia que milhões andam mas não saem do lugar, movimentam músculos mas estão encarcerados. Porém as palavras de Jesus caíram como uma bomba sobre a cabeça dos religiosos que o ouviram.

Espantado, um deles comentou:

– Quem é este que perdoa as faltas humanas? Só Deus pode fazê-lo.

– Sua atitude é insuportável – retrucou outro.

E, perturbados, se levantaram para sair. Mas o homem que conhecia as inquietações humanas, o analista dos bastidores da mente humana, diagnosticou as armadilhas que os aprisionavam. Fitou os olhos deles e se antecipou, dizendo:

– O que é mais fácil fazer: dizer que seus erros estão perdoados ou movimentar seus ossos e músculos, que há anos estão paralisados?

– Claro, palavras são fáceis de serem ditas – expressou um espectador esperto.

Mas, para espanto dos observadores, o galileu mais uma vez deixou todos assombrados:

– Levanta-te, recobra teus movimentos!

O miserável tornou-se imediatamente o homem mais livre e feliz do mundo. Agora tinha uma longa jornada para aprender a ser livre no único lugar em que é inadmissível um ser humano ser prisioneiro: dentro de si mesmo. Teria de aprender que, infelizmente, os piores cárceres da humanidade residem no cérebro humano.

25

A ESCOLHA "ERRADA" DOS DISCÍPULOS

Marco Polo começou a comentar os textos de Lucas que falam do processo incomum de um mestre para cativar e iniciar um sofisticado processo de formação de seus discípulos. Mais uma vez tudo fugia ao trivial. Discorreu sobre o chamamento, a forma inusitada e ousada como os abordou, os riscos que eles correram, os primeiros conflitos e as decepções. Depois disso, trouxe uma questão de suma importância para a mesa-redonda e que talvez não tenha sido debatida ao longo da história.

– Se houvesse uma equipe de recursos humanos auxiliando Jesus na seleção de seus alunos mais próximos, seriam eles aceitos? A personalidade e a capacidade de ter autocontrole, de empreender, de se reinventar de Pedro, João, Tomé, Judas eram notáveis? Jesus passou em todos os testes possíveis e inimagináveis, mas seus discípulos passariam nos mais simples testes de avaliação?

Todos ficaram mudos.

– Eu nunca pensei nisso – afirmou o Dr. Thomas. – Nós, cristãos, acreditamos que ele tenha feito as escolhas corretas.

– Pois, na minha análise crítica, ele não fez.

– Eu sabia. Esse Jesus teria de falhar em alguma coisa – comentou Michael. – Qualquer mestre que se preze tem de selecionar bem seus alunos se não quiser naufragar seu projeto. Nas universidades americanas, só os excelentes alunos são admitidos em Harvard, Stanford, Yale, MIT e outras. Em Israel, as melhores cabeças são selecionadas a dedo pelas universidades.

– Não é possível que Jesus tenha feito escolhas erradas – retrucou o Dr. Alberto. – Com que base você diz isso?

– O tema é extenso. Aqui farei apenas uma síntese da personalidade dos discípulos e das escolhas arriscadíssimas que Jesus fez. Mas, antes, gostaria de perguntar ao ilustre representante do catolicismo e quem sabe futuro papa, doutor Alberto, e ao ilustre teólogo de Harvard, Dr. Thomas, qual aluno de Jesus tem o melhor perfil psicológico? Enfim, quem é o melhor dos discípulos?

Marco Polo pediu para a plateia também votar. João ganhou disparado, seguido por Pedro.

O Dr. Alberto não teve dúvidas:

– Simão Pedro, é claro. O mais honesto e disponível dos discípulos.

O Dr. Thomas, por sua vez, tinha clara sua escolha:

– João, o mais amável de todos eles.

A resposta de Marco Polo foi bombástica:

– Uma análise criteriosa revela que o melhor era Judas Iscariotes.

A plateia que lotava a sala ficou pasma. Os dois teólogos se levantaram imediatamente e metralharam Marco Polo com argumentos.

– Seu julgamento está equivocado – afirmou o Dr. Thomas.

– Você não tem base psicológica para afirmar isso – comentou o Dr. Alberto.

– Marco Polo, até eu acho que você foi longe demais – afirmou Sofia.

– Um traidor ser considerado o melhor dos discípulos. Isso é inconcebível – comentou Michael também.

Sem defender sua ideia, Marco Polo apresentou as características da personalidade dos discípulos mais conhecidos de Jesus.

– Pedro era agitado, ansioso, reagia sem pensar, não sabia se colocar no lugar dos outros. Rápido em julgar, lento para pensar. Colocou seu mestre em situações delicadíssimas devido à sua impulsividade. Quase causou inúmeras mortes quando cortou a orelha de um soldado no ato da traição. Se fosse um aluno nos dias de hoje, os professores quereriam vê-lo a milhas de distância de sua sala de aula. Confirmam, doutores? – perguntou aos dois teólogos.

– Sim – disseram ambos, constrangidos.

À medida que Marco Polo realizava suas intepretações, os teólogos recordavam os textos que já haviam lido. Por interpretar os evangelhos apenas à luz da teologia, haviam asfixiado sua análise sobre a mente dos discípulos.

– João, o mais amável dos discípulos, era bipolar.

Essa declaração de imediato causou estranheza em todos os que o ouviam.

– Mas... onde você viu que ele tinha transtorno bipolar? – questionou Sofia como psiquiatra.

– Não, Sofia, João não tinha transtorno bipolar, sua emoção não oscilava entre depressão e euforia, mas ele tinha uma personalidade bipolar. Era generoso quando as pessoas correspondiam às suas expectativas, mas tinha reações extremamente agressivas quando contrariado. Queria chamuscar com fogo os que não seguissem Jesus. Confirmam, doutores?

– Sim – disseram novamente os teólogos, constrangidos.

– Caramba, Marco Polo. Esses alunos não passariam nem numa universidade de segunda categoria – comentou Michael.

– Mateus tinha um caráter duvidoso. Estava a serviço de Roma, era tratado como traidor do seu povo e, ainda por cima, tinha fama de corrupto. Tomé era paranoico e inseguro, não confiava nem na própria sombra – afirmou Marco Polo, que em seguida refez sua pergunta: – Então, quem era o melhor dos discípulos?

Ninguém se arriscou a responder, mas intuíram a resposta.

– Judas Iscariotes! – concluiu Marco Polo. – Ele era o mais dosado, sereno, tinha vocação social, se preocupava com os pobres, não era impulsivo, não

colocava seu mestre em situações delicadas.

– Mas como ele o traiu? – indagou Sofia.

– Não vou entrar em detalhes sobre a traição a Jesus neste momento. Estudarei esse assunto no momento oportuno. Mas Judas, apesar de ter uma personalidade mais calma e serena, tinha uma falha gravíssima: ele não era transparente!

– Agora entendo. Uma pessoa que não é transparente leva para o túmulo seus conflitos – afirmou Sofia.

– Exatamente. Uma pessoa que não é transparente tem um Eu defeituoso, que não tem autocrítica, que veste um personagem, dissimula seus conflitos. E, além disso, arquiva janelas Killer, ou traumáticas, a cada frustração. Os demais discípulos, apesar dos transtornos sérios de personalidade, tinham sede de se transformar, de superar seus limites, reescrever sua história. Eles reeditavam suas janelas traumáticas em seu córtex cerebral, enquanto Judas as acumulava!

– Selecionar alunos tão problemáticos indica a falha de Jesus como mestre – afirmou Michael.

Silêncio geral na plateia e na mesa-redonda. Milhões de pessoas dos mais diversos países estavam assombradas. "Jesus errou?", se perguntavam.

De repente, Marco Polo disse:

– Ou Jesus errou, ou ele tinha uma autoconfiança tão grande como educador que era capaz de transformar qualquer pedra bruta em obra-prima – comentou Marco Polo, silenciando Michael.

O Dr. Alberto reagiu de imediato. Como se tivesse tido um daqueles raros insights, relatou:

– É admirável! Qualquer aluno que o desejasse tinha oportunidade de se matricular na academia de Jesus e se tornar uma mente brilhante.

– Se Judas não tivesse se suicidado, ele teria sido um grande pensador, tal como o apóstolo Pedro, que escreveu duas complexas cartas no final da vida. O Mestre dos mestres era tão inteligente que seria capaz de transformar qualquer um que estivesse aos seus pés! – disse o Dr. Thomas, pasmado.

– O que se pode inferir dessa análise prévia é que Jesus, como gestor da emoção, deu tudo o que tinha aos que pouco tinham. Que professor é esse que, no ato da traição, chamou seu traidor de amigo e lhe fez uma pergunta para que ele mesmo construísse sua resposta: "Amigo, por que você está aqui?" – afirmou Marco Polo. – E qual dos biógrafos apontou essa pergunta: Mateus, Marcos, Lucas ou João?

– Lucas? – indagou Sofia.

– Não, Mateus. E ele tinha um objetivo sociológico ao deixar registrada essa pergunta? Sim! – disse Marco Polo. – Mateus era corrupto e foi abraçado por seu mestre no começo da jornada. E Judas era coerente, mas por fim o traiu e foi abraçado por Jesus no final da vida. Ambos não mereciam, mas foram acolhidos

generosamente. Talvez Jesus seja um dos raríssimos professores que não desistem de nenhum aluno, mesmo que lhes cuspam no rosto. Eram os alunos que desistiam dele!

– Sou muito rígido como professor de graduação e pós-graduação. Para esse Jesus não importava o material. Ele realizava a inclusão social. Era capaz de transformar barro em pedras, pedras em materiais de construção. Estou perturbado – afirmou Michael.

O Dr. Alberto completou com maestria:

– As melhores universidades do mundo escolhem as melhores cabeças, já Jesus transformava os últimos da classe, a escória intelectual, nas melhores mentes.

– Mas, para realizar sua tarefa magna como educador, tinha de haver mudança completa de mentalidade, uma mudança de dentro para fora, por isso disse: "Ninguém põe vinho novo em odres velhos. Pois estes se romperão." – comentou Marco Polo.

– Estou impressionada – expressou Sofia. – Uma educação nova com um conhecimento novo, representado pelo vinho, precisaria de novos odres, uma nova mente com novas habilidades!

De repente, um professor de história cansado de ver a mesmice na educação comentou:

– Nossa educação é linear. Bombardeamos o cérebro dos alunos com dados e o resultado final é a formação em massa de repetidores de informações. Qualquer computador, por mais medíocre que seja, guarda e recita mais dados que a memória humana. Apenas as exceções tornam-se pensadores. Quais são os novos paradigmas da educação proposta por Jesus?

Marco Polo enumerou alguns:

– Por enquanto citarei apenas sete, que são frutos de minha análise prévia de todo o livro do doutor Lucas: 1) Cada aluno tem um potencial incrível, mesmo que seja imperceptível; 2) Ninguém é irrecuperável; 3) Ninguém muda ninguém; só a própria pessoa pode se reciclar; 4) As habilidades socioemocionais, como pensar antes de reagir, empatia, resiliência, gestão da emoção, são vitais para arquivar janelas saudáveis, e não doentias, no córtex cerebral; 5) Usar metáforas e histórias é importante para libertar o imaginário e a criatividade; 6) Dinâmicas e vivências no processo educacional rompem o cárcere da teoria; 7) Erros são oportunidades para crescer, não para novas punições.

– Surpreendente. Estou curioso para ver o resultado desse processo educacional! Se pescadores incultos, coletores de impostos corruptos e jovens paranoicos e instáveis tiverem sido transformados em alunos brilhantes, vou virar sacerdote! – brincou Michael, embora estivesse chocado.

Foi assim que participantes e espectadores ficaram profundamente

pensativos. Nunca um mestre teve tanta autoconfiança em sua metodologia para transformar mentes inquietas e insanas em mentes calmas e inteligentes...



Michael era o professor de pós-graduação mais temido de sua famosa universidade. Controlava seus alunos com mão de ferro. Todos tinham de tirar nota máxima com louvor no dia da defesa da tese de mestrado ou doutorado. Era autoritário, austero, de pouca conversa. Na mesa-redonda, ele estava irreconhecível, mais solto, relaxado, bem-humorado, admitindo suas falhas.

No dia seguinte ao último debate, pegou alunos da graduação em medicina colando em mais uma de suas dificílimas provas. Descoberta a trama, chamou o grupo, constituído de dois alunos e duas alunas, à sua sala:

– Vocês serão expulsos ou no mínimo reprovados por mim!

Os alunos ficaram em estado de choque. Seu futuro fora jogado no lixo.

– Professor, nos desculpe – pediu uma aluna em prantos.

– Erramos – disse outro aluno, quase sem voz.

– Toda ação tem reações. Toda atitude tem consequências. Vocês brincaram com fogo e se queimaram.

– Suas provas são quase impossíveis – disse um aluno, exaltado.

– Não eleve o tom de voz! Para mim, aluno que cola nas provas está descartado da minha classe. Entretanto...

– Não vai nos reprovar?

– Vou treiná-los. Um mestre deve investir o que tem de melhor naqueles que pouco têm...

Um dos alunos, que acompanhava os debates, disse para sua colega, baixinho:

– É a mesa-redonda...

– Vocês me decepcionaram. Trocarei a nota zero, a reprovação do final do ano ou a expulsão da universidade por um desafio: vocês darão uma aula sobre os assuntos que colaram. E terão de dizer coisas que não ensinei nas aulas!

– Mas, professor, como faremos isso?

– Poupá-los não quer dizer passar a mão na cabeça. Vocês são capazes de ir muito mais longe do que imaginam.

– Você está... nos elogiando? – perguntou a estudante que estava em prantos.

– Reinventem-se! Eu aposto em vocês!

Após olharem uns para os outros admirados, eles toparam.

– Desafio aceito.

E, assim, os alunos saíram com a missão de serem muito melhores do que eram. E de fato usaram o caos como oportunidade criativa. O mestre usou o erro deles para treiná-los, não para destruí-los. E foi fascinante. Os quatro deram um salto sem precedente em sua inteligência. Eram alunos bem abaixo da média,

mas, a partir desse episódio, pouco a pouco se transformaram nos melhores da classe.

26

A PASSAGEM QUE LUCAS NÃO CONTOU

A mais penetrante mesa-redonda para estudar a inteligência do homem cuja história mudou o calendário da humanidade continuava mapeando os vampiros que estavam nos porões da mente dos próprios debatedores e dos espectadores. E não apenas de cristãos, mas de pessoas de todas as religiões, inclusive ateus.

– Tenho recebido inúmeras mensagens de pessoas que estão assistindo ao nosso debate ao redor do mundo – relatou o Dr. Thomas, entusiasmado. – Nunca imaginei que na minha idade pudesse ser irrigado com essa alegria indecifrável. Um budista do Japão me contou que, como eu, criticava o filho todos os dias por não corresponder às suas expectativas. Mais tarde o filho confessou ao pai que, ao elogiá-lo mais e criticá-lo menos, ele evitou que se matasse... E o suicídio entre jovens é alto no Japão.

E continuou contando:

– Um senhor árabe, praticante do islamismo, que há trinta anos não conversava com um irmão devido a uma discussão por herança, me contou que, depois de assistir à mesa-redonda, o procurou e disse: "Irmão, o dinheiro compra bajuladores, mas não amigos. Você é meu melhor amigo. Tome o que você acha que é seu de direito!" Eles se reconciliaram e choraram juntos. Disse ainda que Jesus é comentado em prosa e verso no Alcorão. Agora descobriu algumas ferramentas universais capazes de unir muçulmanos e cristãos.

Michael também contou a experiência que teve com os alunos de medicina que colaram na prova. Todos se sensibilizaram. Marco Polo, ao ouvir todos esses relatos, lembrou-se de seu filho, Lucas. Precisava também ser um engenheiro de janelas light, arquivos saudáveis capazes de conter altruísmo, aposta, apoio, encorajamento.

– Esse debate tem sido um sucesso, mas o sucesso mal trabalhado faz um estrago na mente humana maior do que o fracasso: asfixia a criatividade, embota os sentimentos, fomenta o egocentrismo – assegurou Marco Polo. – Nunca devemos nos esquecer do exemplo magno da jovem Maria.

– Autoestima notável e humildade solene na mesma mente – recordou Sofia.

E, por falar na educadora do menino Jesus, Marco Polo olhou fixamente para os dois intelectuais da teologia, um representando o catolicismo e outro o protestantismo, e discorreu:

– Nunca é demais lembrarmos que, nesta mesa-redonda, não estudaremos os supostos atos sobrenaturais de Jesus. Se eles foram reais ou não, se Jesus tinha um poder sobre-humano ou não, se havia nele habilidade de suspender as leis da

física... isso tudo entra na área da fé.

– Quando entra a fé, a ciência se retira – reafirmou a psiquiatra Sofia. Mas acrescentou: – Entretanto, se discutirmos esses assuntos, será no campo da filosofia.

– Exato! E, sob o ângulo da filosofia, pergunto aos teólogos presentes: qual foi o primeiro ato sobrenatural de Jesus descrito por seus biógrafos?

– Foi no casamento de Caná da Galileia – disse o Dr. Thomas.

– Ali ele transformou água em vinho – completou o Dr. Alberto.

– Muito bem. Esse episódio é conhecido em todo o mundo, mas é difícil que os fatos socioemocionais que estão nos bastidores sejam conhecidos. Como foi que isso ocorreu?

– Maria chegou a Jesus e disse: "Acabou o vinho." – disse o Dr. Alberto.

– E a resposta dele foi delicada? – indagou Marco Polo.

O Dr. Alberto engoliu em seco, pois sabia que a resposta do filho para sua mãe parecia ser destituída de generosidade. Tal resposta foi alvo de questionamentos durante séculos a fio pelos teólogos. Muitos até evitavam comentá-lo.

– Aparentemente não – respondeu o Dr. Thomas. – Jesus disse: "Mulher, o que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora."

– Que resposta estranha! Cadê a relação afetiva entre o filho e a mãe? – indagou Michael.

O Dr. Alberto tentou dar várias explicações, comentou sobre a inauguração do projeto de Jesus, a interferência de Maria, o ambiente público, mas nada justificava a dúvida fatal. A resposta foi indelicada, evidenciando que a relação mãe-filho, tão valorizada por bilhões de cristãos ao longo das eras, fora colocada em xeque.

Nesse exato momento, Marco Polo começou a fazer sua análise crítica:

– Em primeiro lugar: por que Maria disse que acabou o vinho?

As explicações foram muitas, mas nenhuma convenceu o psiquiatra. Então ele disse:

– Pensem comigo. Ela apenas apontou que o vinho acabou. Por quê? Sem pretender discutir assuntos da fé, as palavras breves de Maria "O vinho acabou" eram mais do que um pensamento sintético. Era uma senha dizendo: "Eu já vi você fazendo coisas incríveis. Se você quiser, pode mudar isso." – comentou analiticamente Marco Polo.

Sofia foi iluminada.

– Claro! Ela devia saber que ele tinha feito atos sobre-humanos na juventude. Só pode ser!

– Se isso foi verdade, Maria tinha não apenas um filho extraordinário por dentro, em sua mente, mas também em seus comportamentos, tal qual Sofia sonhou – expressou o Dr. Alberto.

– E, como mãe, devia fazer um grande esforço para esconder o menino Jesus, para que não corresse risco de vida! – completou o Dr. Thomas.

– Vocês entenderam.

– Vocês estão me deixando maluco! – afirmou Michael, completamente perdido.

– Nunca analisei esses fatos pelo ângulo da psicologia. Mas faz sentido, pois, em seguida, Maria diz aos servos: "Fazei tudo o que ele vos disser." Filho e mãe se conheciam tanto que eles falavam através de códigos e olhares – afirmou o Dr. Thomas.

– Depois da senha de Maria, Jesus falou a sua senha, "Mulher", e indagou "O que tenho eu contigo? Não é chegada a minha hora". É provável que ele tenha preparado sua mãe muitas vezes para ela separar as coisas. Imaginem a cena comigo. Jesus respirou lenta e profundamente. Queria contar algo que a chocaria. Ela pensava que nunca o perderia, ainda mais de forma inumana. Seu nascimento havia sido trinta anos antes. A memória dela já não resgatava os primeiros acontecimentos. Sabia quem ele era, mas não conhecia os fatos que se sucederiam. O céu estava de brigadeiro, sem nuvens, sem tempestades no horizonte.

"Mãe, preciso lhe contar algo. Chegou a minha vez de partir. Sou profundamente grato por todo o carinho, cuidado e atenção. Mas de agora em diante deixarei de ser em primeiro lugar seu filho e serei filho da humanidade. Os riscos serão enormes."

E sua mãe deve ter-lhe dito: "Mas não conseguirei ficar longe de você, meu filho", ao que ele respondeu: "Se não puder ficar longe de mim, se quiser me acompanhar, terá grandes alegrias, mas enormes frustrações." "Estou preparada", disse ela, sempre ousada.

Mas com sensibilidade ele comentou: "Para diminuir seu sofrimento, você terá que voltar à sua origem. Terá que se posicionar não como minha mãe, mas como a mulher das mulheres. Lembre-se sempre da missão para a qual você foi chamada." "Não me esquecerei, meu filho." "Não há pior dor do que uma mãe perder um filho." "Meu filho, você vai morrer?", perguntou ela, abalada. "Mãe, lembre-se: eu sou o cordeiro de Deus."

Ela sentiu uma dor intensa. Ficou com os olhos úmidos. Limpou o rosto com suas vestes grossas. Sua alma seria transpassada sem anestesia.

"Eu o amo de forma inimaginável, meu filho... Me ajude se eu me esquecer...", disse ela com a voz embargada.

Pegando as duas mãos dela, beijou-lhe o rosto e tentou poupá-la: "Se você se esquecer, lhe darei uma senha: 'mulher'."

Depois de Marco Polo contar essa possível história, o Dr. Alberto ficou profundamente emocionado.

– Então, quando Jesus falou para Maria aquela frase aparentemente fria

“Mulher, o que tenho eu contigo?”, na realidade ele estava lembrando-a da senha. – disse o Dr. Alberto, maravilhado. – Tem fundamento... tem fundamento... Essa análise resolveu uma equação que ficou sem solução por 2 mil anos.

E Marco Polo ainda concluiu:

– Mas, apesar de ter-lhe dito a senha, Jesus ouviu Maria. Ele deve ter meneado a cabeça para indicar que realizaria seu desejo. Talvez tenha sido o único ato sobre-excelente que Jesus fez e que não aliviou a dor de alguém.

Depois desse comentário, Marco Polo indagou à plateia atônita:

– Quando o doutor Lucas relata esse episódio da transformação da água em vinho?

As pessoas que conheciam a biografia que ele escreveu ficaram intrigadas. Não se lembravam. Os dois teólogos que debatiam na mesa foram procurar a passagem, mas não a encontraram.

– Em nenhum lugar – afirmou o Dr. Alberto. – Mas é estranho; se Maria foi tão íntima de Lucas, por que ela não lhe contou um fato tão importante?

– Eis a questão: porque ela achava desnecessário. Não era importante.

– Jesus, mesmo não querendo realizar o ato, por fim fez a vontade da mãe. Mas... não entendo o motivo pelo qual ela o omitiu de Lucas – ponderou Sofia, confusa.

– Por causa de sua discrição – afirmou Marco Polo. – Ela foi atendida, mas não era o sofrimento de alguém que estava em questão naquele momento... O que deve tê-la feito se calar.

– De onde você tirou tudo isso, Marco Polo? – indagou mais uma vez o Dr. Thomas, intrigado.

– Um garimpeiro não produz as pepitas, só remove a terra. Não tenho mérito algum.

E depois disso concluiu mais uma vez que foi uma perda enorme para a humanidade o fato de as religiões e as ciências humanas não terem estudado a inteligência de Jesus com a profundidade que ele sempre mereceu... E fez o *mea culpa*, confessou a estupidez do próprio preconceito.

27

CRESCENDO EM SABEDORIA

Começo da Era Cristã

José entalhava um tronco carcomido, duro e curvado de oliveira. Era uma lida difícil, penosa. Roboão, um amigo, estava ao seu lado. Subitamente, Maria se aproximou dele apreensiva. Estava com Judith, mulher de Roboão. O comportamento do menino Jesus mais uma vez a preocupava.

– Jesus sumiu de novo!

– Aonde será que ele foi desta vez?

O garoto tinha 8 anos. Era determinado, esperto, arguto, explorador. Sua capacidade de perguntar era espantosa e sua generosidade deslumbrava a todos.

– Ele não os obedece? – indagou Roboão.

– Ninguém é tão obediente quanto ele, mas, como o sedento procura a água, ele tem sede de descobrir o mundo – afirmou Maria.

– Então esse seu filho vai lhe trazer muitas alegrias – assegurou Judith, tentando consolá-la.

– O problema é que ele ainda é uma criança, corre risco de ser ferido, roubado, vendido como escravo... – expressou José.

– Mas ele não tem medo de sair sozinho nesses tempos difíceis? – questionou Roboão.

– Meu filho parece não ter medo de nada – relatou José, limpando o suor do rosto. – Vou atrás dele.

Maria, Judith e Roboão o acompanharam nessa empreitada. Procuraram por horas.

– Viram meu filho? – perguntava o pai às pessoas no caminho.

– Meu filho Jesus, estamos procurando-o – informava a mãe.

– De novo fugiu? – havia quem dissesse.

– Não. Ele não fugiu. Está conversando com estranhos – assegurava o pai.

– Com estranhos? Estão faltando limites – criticavam alguns.

E, assim, eles percorreram o vilarejo tentando encontrar o paradeiro do menino. Uns davam uma pista, outros davam outra, mas, quando lá chegavam, ele já tinha partido.

– Seu filho já fez isso outras vezes? – questionou Judith, o rosto suado.

– Algumas vezes, mas sempre voltou. Temo que um dia não volte – disse o pai, muito preocupado.

Enquanto isso, um pouco distante dali, o menino se aproximou de um idoso.

Falante, puxou conversa:

– Boa tarde, senhor.

– Boa tarde, meu filho.

– O senhor mora sozinho?

– Moro.

– É difícil ficar só?

– Um pouco – disse o idoso, admirado com a indagação.

– Seus filhos não o visitam?

– Cada um tem a sua vida, meu filho.

– Mas os pais não devem ser muito importantes para os filhos?

– É, mas o tempo passa e muitos filhos se esquecem que têm pais.

– Mas não deveriam esquecer! – comentou o menino.

– Que idade você tem? – perguntou o idoso, admirado.

– Vou fazer 9. – Mas logo desviou a conversa: – Já sofreu muito?

– Muitas vezes, meu filho.

– Por quê?

– Eu me senti abandonado. Tenho dor no peito... Às vezes não tenho o que comer!

O menino deixou escapar uma lágrima e o idoso percebeu. De repente desembrulhou um pão que carregava e lhe perguntou:

– Está com fome?

– Suportável – disse o senhor, não revelando sua tremenda fome.

Nesse momento o menino partiu seu pão ao meio e entregou uma parte ao idoso, que se encheu de alegria.

– Quem é você, meu filho?

– Sou um menino que não gosta de ver os mais velhos sofrerem.

O idoso comia sem tirar os olhos do menino. Subitamente, o garoto o surpreendeu mais ainda:

– Olhe as nuvens pintando o céu. Veja aquele pássaro, que voo lindo. – Uma rajada de vento se abateu sobre ele. Ele abriu os braços, fechou os olhos e disse: – Sinta, vovô, como é bom ser abraçado pelo vento.

O idoso comia o pão e as palavras do menino. Entre uma mordida e outra, perguntou:

– Diga-me o seu nome. Quem são seus pais? Onde você mora?

– Chamo-me Jesus.

Mas, em vez de responder as outras perguntas, o menino questionou o idoso, deixando-o preocupado:

– Onde ficam os leprosos?

O idoso coçou a cabeça, tenso.

– Por quê? O covil dos leprosos é um lugar muito perigoso.

– Por favor, me diga como eu chego lá.

– Fica encravado naquela montanha. – E apontou para o horizonte. – Mas não se aproxime, menino.

– Por quê?

– Os leprosos vivem como feras. Eles atacam as pessoas, roubam, ferem e até matam.

– Eles não são maus. Só ferem porque estão feridos.

O idoso parou, pensou e perguntou novamente ao menino quem ele era, ao que Jesus lhe respondeu:

– Sou apenas um menino que ama a humanidade...

E em seguida partiu sem dizer mais nada. O idoso tentou seguir seus passos, mas ele saiu correndo. Parecia que corria como um bezerro solto do curral, feliz da vida. Duas horas depois, seus pais apareceram com o casal de amigos. Estavam muito fatigados.

– O senhor viu um menino sozinho por estas bandas?

– Magro, cabelos lisos, falante, esperto, que nos deixa sem voz?

Maria olhou para José, Judith fitou Roboão.

– Sim, é esse mesmo – confirmou Maria, alegre.

– Onde ele está, senhor? – indagou o pai, ansioso.

– Há duas horas partiu, mas não sai da minha mente.

Pensaram que o idoso estivesse perturbado.

– Ainda estou com o juízo perfeito, meus filhos. Mas o menino que aqui esteve matou a minha fome duas vezes...

– Não estou entendendo, senhor – disse José.

– Matou a fome com metade do seu pão de trigo e matou minha fome de alegria com seu jeito de ser.

Maria ficou pensativa. Mais uma vez seu filho abalara os que o ouviam. Ela sempre pedia que ele tomasse cuidado, que não dialogasse com quem não conhecia. Mas era quase impossível. Ele era extremamente sociável.

– Vocês são os pais dele?

– Sim – disse Maria.

– Quem lhe ensinou as coisas que ele me disse?

Os pais se entreolharam.

– Nós lhe ensinamos, ele nos ensina. – E não querendo revelar mais nada, mas ao mesmo tempo aflita, Maria foi direto ao assunto: – Mas diga-me, senhor, onde ele está?

– No covil dos leprosos.

– No covil dos leprosos? – ecoou Roboão, amigo de José, assustado. – Lá é um lugar perigosíssimo.

– Eu o adverti, mas ele saiu correndo. Tentei correr atrás dele. Sinto muito. Não pude segurá-lo.

– Ninguém consegue, senhor. Vamos – disse José.

E assim os quatro saíram apressados. Desceram ladeira abaixo, fizeram uma curva, até que chegaram ao ambiente onde os leprosos se isolavam da sociedade. Eles se escondiam ali por medo de serem apedrejados, queimados, zombados, excluídos pelos "saudáveis". Alguns parentes e amigos, mostrando fagulhas de compaixão, atiravam do alto do penhasco pedaços de pão para eles não morrerem de fome.

No interior da imensa caverna havia um poço de água. Ali eles se banhavam de vez em quando, faziam suas necessidades, tomavam água contaminada e se reinfectavam. O covil era um depósito de seres humanos. Temerosos, Maria, José e seus amigos se aproximaram lentamente. À medida que foram entrando na caverna, viram uma tocha acesa e vários leprosos ao redor do menino. Seus pais e o casal de amigos ficaram assombrados. O menino conversava com os miseráveis, animando-os...

– Quais foram seus dias mais alegres, Isaque?

– Foi quando nasceu meu filho, que também se chama Isaque. Eu o apertava no meu peito e me sentia o homem mais feliz do mundo.

– E qual foi o seu dia mais triste?

– Foi quando Isaque, com 15 anos, disse a seus amigos que não tinha pai. Tinha vergonha de dizer que eu tinha lepra. Eu ouvi essas palavras quando estava atrás de uma oliveira. Chorei por três dias seguidos.

– E você, Moisés? Quando foi que pulou de alegria? – perguntou o menino com a disposição de um mestre.

Moisés era uma pessoa toda deformada pela lepra. Muitos amigos e parentes criam que ele não era mais um ser humano. Sua face era horrível. Parecia o rosto da cruza de um leopardo com um lobo. Mas o menino Jesus garimpava ouro em solo rochoso.

– Foi quando me casei com Rinna. Era uma mulher maravilhosa, alegre, divertida. Uma semana de festa, vinhos, assado de carneiro, uvas.

– E quando você teve sua maior tristeza? – indagou o filho de José e Maria.

Seus pais ouviam assombrados seu filho fazer essas perguntas aos leprosos. Como eles estavam distraídos, não notaram a presença dos estranhos.

– Fiquei muito triste quando, aos primeiros sinais da lepra, Rinna começou a me evitar e questionar quais eram meus pecados. Se eu era um leproso, eu merecia, pois era um pecador. Depois dela, meus amigos me abandonaram, em seguida meus irmãos. Mas nada foi mais triste do que quando meus pais pararam de me visitar. Deixaram-me para morrer. Hoje eu pareço um monstro.

– Quem tem lepra não merece viver, menino – disse Salus, outro leproso.

– Vocês são gigantes. Conseguem viver mesmo sendo tratados como lixo humano.

– Onde você aprendeu isso, menino?

– Meu pai me ensinou. Deixe-me tocar suas feridas.

Eles rejeitaram. Mas o menino insistiu e começou a passar as mãos sobre o rosto ferido, fedido e deformado deles. E o ardor da pele diminuiu.

De repente, um grito ecoou na caverna lúgubre e úmida. Era Roboão:

– Não toque essas feridas, garoto!

Os mais de vinte leprosos se encheram de raiva. Os "normais" só invadiam aquela caverna para feri-los ou matá-los.

– Ataquem-nos! – ordenou Moisés.

A presença deles era odiada. Foram para cima dos invasores com paus.

– Não façam isso! – bradou Jesus.

De repente ele ouviu a voz de Maria:

– Jesus, meu filho!

– Mamãe! Mamãe! – gritou ele.

Então algo surreal aconteceu. Alguns leprosos deram ordens em voz alta.

– Não os toquem! São seus pais!

O menino correu e abraçou os pais.

– Filho, é perigoso estar aqui.

Subitamente Jesus olhou ao redor e viu os leprosos sofridos e com a aparência deformada. Parecia uma cena de terror. Mas ele disse:

– São meus amigos, mamãe.

Jesus refrigerou a emoção deles; era tempo de se despedir. O menino deu um abraço em cada um. Foi uma cena comovente. Emocionados, os miseráveis soltaram lágrimas e se perguntavam: "Que menino é este?" Ao partirem, algo incrível aconteceu. Moisés, o leproso mais deformado cujo rosto o menino havia acariciado, recuperou a saúde e restaurou a anatomia do rosto. Ele dava saltos de alegria.

Depois desse episódio, os leprosos passaram a procurar o menino ansiosamente, mas não o acharam, pois José estava trabalhando em outra cidade, fazendo um serviço por encomenda. Além disso, por onde os leprosos passavam se informando sobre ele, eram excluídos. Alguns foram apedrejados por pessoas insensíveis. A cabeça de um deles começou a sangrar.

Nesse exato momento, Sofia acordou desesperada. Teve mais um sonho intrigante com a infância de Jesus. Não sabia por quê, mas ela penetrara nas entranhas da formação da personalidade do menino mais famoso da história... Ela se alegrou por ele, mas chorou pelos excluídos.

28

MARCO POLO: O TERREMOTO EMOCIONAL

Durante o café da manhã, Sofia contou para Marco Polo o filme que se passara em sua mente. Ela o relatava com tanta emoção e riqueza de detalhes que ele se comoveu. Ficou ciente de que a inteligência do homem que mudou a história mexia mais uma vez com os bastidores de suas mentes. Fitando os olhos dele, ela disse:

– Claro, foi apenas mais um sonho impactante. Mas pelo menos em meu inconsciente se resolveu o elo perdido entre o Jesus adulto encantador e o menino inspirador.

Marco Polo comentou:

– Nossa mente tem uma criatividade fascinante, ainda mais quando é provocada como está sendo na mesa-redonda.

– Confesso que desde pequena sempre tive uma atração por conhecer o bebê que comemorávamos no Natal. Ficava vendo-o nos presépios e tentava imaginar como cresceria, com quem brincaria, como lidaria com a dor e com seus pais. No meu sonho, ele foi um menino indescritível.

– A impressão que tenho é de que os bilhões de seres humanos que seguiram Jesus Cristo ao longo da história e ainda o seguem nos dias atuais não têm consciência plena das causas exatas por que creem nele. Eles valorizavam seus atos sobre-humanos, sua morte na cruz e sua promessa da eternidade, mas foram seus pequenos e inteligentíssimos gestos, suas atitudes intrigantes e suas ideias revolucionárias que no fundo os seduziram. Os dez parâmetros que estou usando para estudar a mente dele revelam isso.

Sofia lembrou que Marco Polo usaria essas ferramentas de análise, o que a levou a perguntar, curiosa:

– Interessante. Poderia sintetizar esses parâmetros e os pontos em que Jesus tem sido excepcional?

– Ainda é cedo para fazer uma análise completa. Lembre-se, ainda estamos no início de nosso debate. Mas as suas habilidades para filtrar estímulos estressantes, se reinventar no caos, sua empatia, a resiliência para suportar frustrações, a capacidade de autocontrole nos focos de tensão, as habilidades pedagógicas para formar mentes brilhantes e ser autor da própria história estão me tirando o sono.

– Lembre-se da conferência que você deu aqui para a ONU. Você disse que nunca tinha estudado um intelectual que gerisse sua emoção a esse ponto.

– Lembro-me todos os dias. Inclusive eu falhei – declarou honestamente.

Ao mesmo tempo que ele fazia essas comparações, mergulhava em sua história. Em situações normais, Marco Polo era muito saudável emocionalmente. Mas os terremotos emocionais que atravessara foram devastadores. Mostravam-lhe que faltava a ele maestria para filtrar estímulos angustiantes, empatia para cativar o próprio filho, capacidade para resgatá-lo e estimulá-lo a transformar o caos em oportunidade criativa.

– Eu sou um agiota da minha emoção. Cobro demais de mim, procuro ser ótimo para os outros, mas estou cônscio de que sou um carrasco de mim mesmo.

Sofia pegou em sua mão direita e delicadamente disse:

– Você precisava se abraçar, dar novas chances para si e para quem ama...

– Eu sei. Não basta ser psiquiatra, é insuficiente ser um pesquisador. Preciso me tornar um ser humano em construção. Necessito romper o cárcere da rotina e me reinventar na relação com Lucas, senão o perderei...

De fato a fama internacional e o prestígio intelectual de Marco Polo não adiantavam em nada para cativar seu filho; pelo contrário, só aumentavam seu desafio. Lembrou-se da tese "O poder compra bajuladores, mas não amigos". Sem dúvida precisava reescrever sua história.

Um ano antes

Depois que perdeu Anna, Marco Polo procurava se aproximar ainda mais de seu filho. Lucas era mais importante para ele que todo o ouro do mundo. Porém o problema nunca tinha sido o amor dos pais a seus filhos, mas a forma de traduzir esse amor. Cobranças são um remédio que produz muitos efeitos colaterais. A cobrança asfixia o diálogo. Sem o diálogo, a relação perde a espontaneidade; sem a espontaneidade, se sufoca a confiabilidade; sem confiabilidade, a relação se torna estéril.

Mesmo no caso de pais inteligentes e generosos... Se não desenvolverem certas habilidades emocionais junto com seus filhos, a relação se desertifica. Marco Polo sentiu isso na pele. Ninguém imaginava que o hábil psiquiatra viveria esse dramático roteiro. Antes de Lucas se afundar no uso de drogas, teve muitas conversas com ele. Algumas saturadas de estresse.

– Como está a sua vida, filho?

– Estou bem.

– Quer conversar... sobre sua mãe, a perda dela?

Lucas lacrimejou, queria evitar o assunto. Não sabia lidar com temas tensos.

– Não! Quero ir para o meu quarto.

– Você está sempre fugindo. Vamos conversar!

– Não quero! Já disse! – falou asperamente.

– Como não quer? O que você faz à noite? Com quem sai? Quem são seus amigos? – indagou Marco Polo.

– Os de sempre! – disse Lucas, sem querer estender a conversa.

– Está indo bem com sua psicóloga?

– Ela é muito superficial – respondeu o garoto.

– Ela é superficial ou você é que é resistente? – questionou o pai.

Marco Polo não queria arrombar o cofre da mente de Lucas. Sabia de seus limites e respeitava o filho, mas estava inconformado. Percebia que ele continuava a usar drogas. Sofria por antecipação, o que era totalmente compreensível nesses casos, mesmo para um psiquiatra experiente.

– Vamos falar sobre os motivos que o levaram a usar drogas?

– Não quero conversar! – disse Lucas e saiu andando.

Marco Polo elevou um pouco o tom de voz:

– Como não? Você depende de mim e me despreza como lixo?

– Não o desprezo! Não tenho motivos para usar drogas. Você e a mamãe sempre foram carinhosos comigo. Sempre dialogaram, inclusive sobre drogas.

– E por que entrou nessa armadilha? – indagou o pai.

– Você é psiquiatra e não entende!

– Sou psiquiatra, mas não sou mágico nem adivinho. Só consigo analisar o que as pessoas me dizem.

Lucas deu um suspiro. Não queria tocar no assunto, mas falou rapidamente sobre o tema:

– Estava num grupo legal, onde havia uma garota bonita me paquerando. Ofereceram-me cocaína uma vez, eu rejeitei; duas vezes, também rejeitei. Na terceira vez a garota me disse "Deixe de ser careta". Foi então que cedi. É isso!

– Prefere ser um careta ou um prisioneiro das drogas?

– Acabou! Prometo. Confie em mim.

– Filho, seja você mesmo! Sou seu pai e seu amigo. Pode me contar o que não teve coragem de falar até agora.

– Não tenho nada para falar. Quero ir para o meu quarto.

E assim ele saiu da sala. Lucas sempre fora um garoto aberto, transparente, mas a perda súbita da mãe, a experiência traumática na delegacia, a acusação ferina do avô e o excesso de trabalho do pai o fizeram se fechar em seu próprio mundo.

Antes desses episódios, não tinha nenhum grande conflito em sua personalidade. Marco Polo sabia, diferentemente do que Freud acreditava, que não são necessárias perdas ou privações na primeira infância para se ter um adulto doente. Mesmo tendo uma infância feliz, se o Eu, como gestor da mente humana, não aprende a proteger a emoção, experiências estressantes podem construir cárceres psíquicos.

As drogas eram uma dessas experiências, embora uma boa parte dos que as experimentavam saísse do processo sem ficar dependente. Não era o caso de Lucas. A dificuldade de lidar com a solidão o afetava e diminuía seus freios.

Começou a ter relacionamento com um grupo de alunos da escola que eram usuários. Logo foram seduzidos também por alguns traficantes que se passavam por líderes sociais. Quinze dias depois, Marco Polo teve outra conversa tensa com Lucas.

– Filho, você está estranho. Tem usado drogas? Seja honesto!

– Não usei. Você não confia em mim! – disse com convicção, mas mentia.

– Observe com quem você anda – disse Marco Polo.

– Fique tranquilo, sei me cuidar – retrucou ele rispidamente, algo raro.

– Vou encaminhá-lo para outra psicoterapeuta. Você precisa encontrar alguém com quem se identifique. Sofreu uma sobrecarga de tensão altíssima nos últimos tempos.

– Não quero!

– Mas você tem faltado às sessões com a sua terapeuta atual!

– Vou pensar. – E saiu sem prolongar o diálogo.

Dias depois, Lucas foi à festa de aniversário de um colega. Precisava voltar cedo porque tinha aula na manhã seguinte. Um amigo mais velho o traria de volta. Chegou à meia-noite. Estava emocionalmente alterado, olhando para os lados, com ideias de perseguição, típico comportamento de quem usou cocaína. Marco Polo o aguardava preocupadíssimo. Quando ele passou pela sala, não viu o pai.

– Lucas, filho, espere – disse, interrompendo seus passos.

– Eu vou dormir – disse ele, perturbadíssimo.

– Espere, eu lhe peço.

– Tenho que acordar cedo.

– Já lhe disse. Espere! – disse Marco Polo em voz mais alta.

– Que saco!

– O quê? Você jamais me viu ofendendo alguém, como tem coragem de falar desse modo com seu pai?

– É que você me controla demais – disse Lucas depois de um breve silêncio.

– Eu o controlo? Você é que não tem autocontrole. Por que está tão agitado?

– Não dê uma de psiquiatra.

– Sou o seu pai. Por que esse comportamento agitado?

Marco Polo se aproximou dele e viu que estava tenso, observando tudo ao redor.

– Não usei drogas.

– Não deixe esse vampiro sugar você.

Lucas fez silêncio. O pai entendeu.

– Filho, perdemos a mamãe... Não quero perder você... Drogas podem ser um caminho sem volta.

Lucas começou a chorar.

– Eu sou fraco, papai...

– Deixe-me ajudar... Eu te amo.

– Eu nem sei se me amo mais.

E se abraçaram. Marco Polo percebeu que o caso de seu filho não era apenas uma experiência perigosa e temporária. Começou a colocar limites, a controlar seu dinheiro e seus horários. Continuava a tentar se aproximar dele, mas Lucas estava deprimido, não queria conversa. Enviou-o a mais um colega psiquiatra, mas ele não se adaptou. Encontrou uma psicóloga clínica, Dra. Susan, mas a relação entre pai e filho piorou depois disso. Ela, querendo ganhar a confiança de Lucas e sem entender as nuances de seu conflito, o jogou contra o pai:

– Seu pai é muito dominador.

– Ele não me deixa respirar...

– Você deve impor o que pensa. Caso contrário, ficará sempre na sombra dele.

Se havia uma coisa que Marco Polo não fazia era controlar as pessoas. Ele sempre dizia: "Quem vence sem riscos vence sem méritos." Sempre dava às pessoas o direito de expressarem suas ideias, inclusive de criticá-lo. Encorajava seus alunos e colaboradores a terem ideias próprias, inclusive a discordarem dele.

Marco Polo foi conversar com a psicoterapeuta.

– Dra. Susan, a relação com meu filho está pior. O que está acontecendo?

– Você domina o Lucas!

– Como pode afirmar que o domino? Sempre o encorajei a lutar pelos seus sonhos.

– Tem de dar liberdade a ele.

– Mas liberdade sem responsabilidade é autodestruição – disse, questionando-a.

– O senhor pode ser um pensador respeitado, mas tem de respeitar os direitos do seu filho.

– Claro que devo respeitar seus direitos, mas não posso concordar que use drogas.

– Drogas? Como assim? Ele não me disse que estava usando drogas.

– Lucas está vindo às sessões há dois meses e você não sabia que ele estava usando cocaína? – disse Marco Polo abatido, aborrecido.

– Por acaso eu sou uma deusa que sabe de tudo? – respondeu ela com arrogância.

– Você não é deusa, mas pelo menos devia ser humana. Só seres humanos tratam de seres humanos. Adeus.

Marco Polo encontrou outra psicóloga para Lucas, mas havia um problema de que ele não sabia. Sem sua autorização, o avô tinha dado ao menino um cartão de crédito sem limite. O riquíssimo avô não sabia que o dinheiro mal usado empobrece tanto ou mais que a falta dele. Lucas sacava dinheiro e continuava

usando drogas. Tornava-se cada vez mais um especialista em dissimular, disfarçar, mentir. Marco Polo lutava para conquistar o filho, uma tarefa cada mais difícil, e de repente recebeu uma notícia que fez seu mundo desabar sobre sua cabeça. Seu celular tocou.

– Doutor Marco Polo?

– Pois não, é ele que está falando.

– Aqui é o doutor James, do pronto-socorro do hospital Saint Louis. Seu filho teve um colapso cardíaco.

O coração de Marco Polo parecia que também entraria em colapso.

– O quê? Como ele está? – perguntou desesperado.

– Está passando bem agora – afirmou o médico.

– Mas o que aconteceu?

– Ele teve uma overdose.

Essa fora a primeira overdose de Lucas. A segunda foi logo antes de ele viajar para Jerusalém.

– Como? Mas... Mas... – disse, transpirando.

Marco Polo pegou o carro e imediatamente foi ao pronto-socorro. Quando Lucas viu o pai, caiu em prantos. Ele estava deitado numa maca tomando soro. Desesperado, pediu ajuda.

– Pai, quase morri!

– Lucas, meu filho, o que você está fazendo com a sua vida?

– Não sei, não sei – disse, aos prantos.

– Onde eu errei? – indagou o psiquiatra com lágrimas nos olhos, sentindo-se culpado.

– Você não tem culpa. Faz dois meses que a mamãe morreu. Não consigo viver sem ela... – disse, soluçando. – Morro de saudades...

– Eu também, meu filho... – comentou, enxugando os olhos. – A dor de um filho é inimaginável... Mas honre sua mãe sendo mais feliz, não se autodestruindo!

– Não consigo me controlar... Por favor, me interne...

Marco Polo ficou condoído ao ver Lucas tão fragilizado. Abraçou-o durante um longo tempo. Era um bom jovem, mas estava se perdendo completamente. Preocupadíssimo, ele indagou:

– Onde você consegue dinheiro para comprar droga?

– Com o cartão de crédito que o vovô me deu – confessou Lucas, tirando o cartão da bolsa e entregando-o ao pai.

– Qual o limite desse cartão?

– Não tem limite. Posso gastar quanto quiser.

– Como seu avô pôde fazer isso com você?

– Não sei. Talvez porque nunca foi um bom pai para a mamãe. Mas ele me ama!

– Superproteção é uma forma de sabotagem, meu filho. Sem limites, nosso instinto animal vence o racional! – disse Marco Polo, completamente indignado.

Seu sogro havia tentado sabotá-lo a vida toda; agora parecia que queria sabotar seu filho. Depois desse triste episódio, levou-o para casa consternado. O futuro era um horizonte sem direção, um céu sem estrelas. Teriam de tatear juntos para sobreviver.

Como estudava a última fronteira da ciência, a formação do Eu e a construção da consciência, Marco Polo certa vez disse algo para uma plateia de educadores que descreveria seu futuro estado emocional:

– Todos devemos ser críticos do antropocentrismo, de nos colocarmos como o centro do universo, mas é um fato inevitável que, por termos uma consciência existencial, nos tornemos únicos, diferentes uns dos outros. Quando sofremos, parece que todo o universo sofre, quando experimentamos a solidão, todo o universo sente-se só, pelo menos para nossa consciência emocional.

Essas palavras esquadrinhavam a mente do próprio Marco Polo enquanto levava seu filho do pronto-socorro para casa. Ele chorava, e parecia que todo o universo estava em prantos. Perdera a esposa de forma trágica, agora tinha medo de perder seu único filho. Parecia que todo o universo era vítima do mesmo terror. O mundo estava colapsando com Marco Polo, levando-o mais uma vez a entender que não há gigantes na vida – cedo ou tarde nossa fragilidade exala de nossos poros...

✦

Depois de recordar rapidamente esses episódios, Marco Polo ligou para Lucas. A mesa-redonda o levou a pensar muito sobre as pontes que havia construído para ele. Era um profissional de saúde mental. Não queria ganhar discussões nem defender seu ponto de vista; queria ganhar seu filho. Lembrou-se do debate que estava realizando e teve a coragem de lhe pedir desculpas.

– Desculpe-me, meu filho. Sou um especialista em julgar, mas preciso ouvi-lo mais.

– Não, meu pai, eu é que estou errado.

– Não, meu filho. Sou mais velho, fui treinado para ouvir o que os outros têm para falar. Mas confesso que procurei ouvir só o que eu queria ouvir, e não o que você tinha para dizer...

Lucas ficou emocionado.

– Nunca imaginei que você fosse capaz de dizer isso. Você é mais transparente do que eu imagino. Mas não consigo me abrir com você.

– Talvez porque me falte transferir-lhe o capital das minhas experiências.

– Como assim?

Marco Polo engoliu em seco e ficou com os olhos úmidos.

– Dou-lhe orientações, conselhos, sou um manual de ética. Mas me esqueci de falar das minhas lágrimas para você aprender a chorar as suas.

– A não ser agora que perdemos a mamãe e que estou com problemas, nunca imaginei que você chorasse.

– Pois você está enganado. Quero também lhe contar sobre as minhas derrotas para que você entenda que ninguém é digno do pódio se não utilizar seus fracassos para conquistá-lo.

– Você parece invencível. Você tem derrotas?

– Várias, meu filho.

– Mas sempre pensei que sua vida fosse perfeita.

Marco Polo sorriu.

– Você sabe que eu tirava as notas mais incríveis na sua idade?

– Sabia, você tem título de gênio de um instituto europeu.

Marco Polo fez uma pausa. Seu filho realmente não o conhecia.

– Mas isso foi vinte anos depois do colégio. Na escola, eu era um dos piores da classe.

– Não acredito!

– Pois pode acreditar. Era desconcentrado, irresponsável, não tinha projeto de vida. Só depois que uni sonhos com disciplina é que reescrevi minha história.

– Quem imaginaria que o grande Marco Polo, um intelectual reconhecido internacionalmente, foi um desastre no colégio – disse Lucas, abrindo um sorriso.

– Você conhece os aplausos que tive, mas desconhece as vaias que recebi. Conhece minha inteligência, mas desconhece minhas falhas da juventude!

– Mas... mas... por que você não me contou isso antes?

– Essa é uma das minhas falhas. Reafirmo que faltou lhe transferir o capital das minhas experiências. Por isso declaro: você é o maior tesouro do mundo para mim.

– Como assim? Os drogados são considerados... lixo social...

E, nesse momento, Marco Polo ficou muito emocionado e não respondeu sua questão. Começou a cantar parabéns para seu filho:

– Parabéns para você, nesta data querida, muita felicidade, muitos anos de vida...

– Papai, você está ficando louco? Hoje não é meu aniversário!

– Eu sei, Lucas, mas estou cantando "Parabéns" porque todos os dias sou um privilegiado em ter você como filho. Obrigado por existir...

– Papai, eu... sempre o... decepcionei. E você diz que... é um privilégio ser meu... pai... Eu te amo... Eu te amo... Me perdoe.

Lucas desatou a chorar. Não conseguia dizer mais nada. Marco Polo também. Ambos viveram a linguagem do silêncio. E desse modo um novo e poderoso capítulo entre eles se iniciou...

29

MICHAEL E SUA FILHA: OS IMPACTOS DA MESA-REDONDA

Embora estivesse se reciclando, Michael era não apenas austero como pesquisador e rígido como professor, mas também um amante solitário. Não sabia encantar e envolver Sarah, sua esposa. Mas sua performance mais emblemática era como pai. Tinha uma única filha, Isabela, portadora de síndrome de Down.

Quando ela nasceu com a face que dava sinais da síndrome, o neurocientista ficou decepcionado, emudecido, isolado. Sonhava que sua filha fosse brilhar como ele na ciência. Os filhos são a alegria dos pais ou sua frustração, principalmente se os pais forem míopes.

– Michael, brinque com Isabela – dizia Sarah mil vezes.

Ele sempre dava desculpas. Sua falta de tempo era, na realidade, falta de amor. Raramente se envolvia com sua pequena menina, e, quando o fazia, não se entregava.

Cinco anos se passaram. Michael ainda tinha dificuldades para pegá-la no colo, sair com ela pelas ruas, andar de mãos dadas nos parques, brincar de esconder atrás das árvores. Era um homem inteligente, responsável e ético, mas o bullying que sofrera na infância por ser obeso, a rigidez dos pais e a timidez na adolescência embotaram seus sentimentos.

– Você tem uma filha? Como ela é? – indagavam alguns colegas da universidade.

– Ela? Ela é dócil, inteligente... – E, constrangido, encerrava logo a conversa. Nunca dizia que tinha síndrome de Down.

Michael não conseguia fazer de Isabela uma flor especial como ela merecia. Quando chegava em casa, se recolhia em seu escritório para ler, escrever artigos ou ver seriados. Sarah, por sua vez, era médica oncologista. Trabalhava muito. Lidava com a morte com frequência. Era uma mulher sensível, precisava de aconchego, companheirismo, diálogo. Mas Michael era um especialista em cobrar e não se doar. Vivia a tese de seu amigo Marco Polo: "Sem gestão da emoção, casais começam seu relacionamento no céu do romance e o terminam no inferno dos atritos."

Entretanto, Michael estava em processo de mutação. A mesa-redonda estava mexendo com sua cabeça, mudando seus parâmetros. Às vezes contava alguns momentos dos debates para Sarah. Mas era econômico nas palavras. Certa noite cumprimentou-a de forma diferente:

– Sarah, como foi seu dia?

– O que deu em você? – questionou ela, curiosa.

– Como assim? – indagou Michael.

– Você nunca me pergunta como foi meu dia.

– Sério? Eu pensei que fosse um marido mais gentil.

Sarah olhou bem nos olhos dele e lhe disse com todas as letras:

– Não percebe que sou uma viúva com marido vivo? Não, melhor ainda: sou uma esposa cujo marido me trai com frequência...

– Eu? Traindo? Você está ficando louca, Sarah!

– Não se trai apenas sexualmente. Se trai pelas indiferenças, pelas redes sociais, pela internet, pelos seriados.

– Mas eu não acho que seja indiferente.

– Você perdeu a sensibilidade, Michael. Sabe há quanto tempo você não me dá um beijo verdadeiro?

– Bem... Faz muito tempo?

– Um ano!

– Um ano? Então estou assexuado! – disse, brincando.

– Sabe há quanto tempo não fazemos amor?

– Não me faça perguntas difíceis...

– Trinta e sete dias.

– Estou assexuado mesmo... – E depois disso deu uma desculpa: – É a ciência! Os cientistas esgotam o cérebro pensando, raramente têm muito vigor sexual!

– Quando é confrontado, leva na brincadeira; quando contrariado, vira um leão. Quem é você, marido? Parecemos um casal em final de carreira. Não dá mais – disse ela respirando fundo. Estava cansada dessa relação fria.

– Sarah, eu te amo – declarou, preocupado. Pela primeira vez teve medo de perdê-la.

– O amor verdadeiro é imperfeito, eu sei. Mas, sem atitude, se torna estéril. Não encanta nem inspira – falou Sarah com maturidade.

Michael engoliu em seco. Tentou saldar seu imenso débito emocional:

– Eu vou mudar. É sério!

– Sabe quantas vezes no último ano você me prometeu que iria mudar?

– Cobrando de novo?

– Não vou cobrar, mas fiz questão de anotar. Foram 22 vezes. Vinte e duas promessas não cumpridas. Vinte e duas vezes você me traiu, Michael. Aliás, traiu a si mesmo.

– Mas...

Quando ele ia argumentar, ela continuou despejando sua indignação e suas razões:

– Eu admirava sua intelectualidade, sua perspicácia, o cientista sonhador.

Hoje esse tipo de ciência me dá asco. Estou cansada de homens cartesianos, lógicos, críticos, mas vazios. Homens como você amam o próprio ego e mais ninguém.

– Sarah, que questionamento é esse? Você parece Marco Polo falando.

– Marco Polo amava Anna. Elogiava-a todas as vezes que saíamos juntos. Era inspirador. Importava-se com os sentimentos dela. Era um gentleman.

– E eu sou um traste? Você sempre me acusa, sempre...

Quando Michael ia continuar a rebater Sarah e provocar mais uma guerra interpessoal, interrompeu seus argumentos e subitamente disse:

– Paulo! – lembrou-se do mentor de Lucas.

Recordou que Paulo teve coragem de relatar suas loucuras para Lucas e permitiu que as contasse para o mundo. Enquanto ele, Michael, era uma caixa-preta, nunca reconhecia os próprios erros, nunca pedia desculpas, era um especialista em defender suas posições. O que importava era ganhar as discussões, nunca a pessoa com quem discutia.

– Quem você citou? – indagou Sarah, curiosa.

– Não, nada. Lembrei de um personagem que estudamos na mesa-redonda.

– Enquanto eu falo, você pensa em outra coisa. É sempre assim! Estou no rodapé de sua história.

Ele observou que de seu olho direito saiu uma lágrima. Comovido, disse:

– Minhas sinceras desculpas... Você tem razão.

Admirada, ela disse:

– Está me dando razão? Deixe de ser falso. Você nunca pede desculpas...

Pela primeira vez foi profundamente humilde e mapeou seus cárceres mentais sem medo.

– De fato sou cartesiano, exalo o pensamento lógico em meu cérebro... Não sei me entregar, não sei estender as mãos, sou impaciente, meu nível de tolerância às frustrações sempre foi baixo... – E embargou a voz. – Não sei me doar... A não ser quando conheci você...

Sarah ficou surpresa com as palavras de seu parceiro. Não parecia o mesmo. Mas ela se sentia tão ferida por ele que aproveitou para descarregar suas mágoas históricas:

– E não sabe mesmo. Você nunca soube amar Isabela... Desculpe-me, mas parece que você tem vergonha... de ter uma filha especial.

Nesse momento, Michael não suportou. Sarah tocou a ferida proibida.

– Não diga isso! Você está me ofendendo! – gritou.

Ela baixou o tom de voz e lhe lembrou:

– Então por que não brinca com sua filha?

Ele se abateu. Começou a lacrimejar.

– Sou oncologista, vou continuar a dissecar seu tumor emocional. A não ser que você não me permita. – E Sarah continuou a usar o bisturi das palavras: – Por

que não se esconde atrás dos lençóis ou dos estofados e chama a atenção de Isabela? Por que é tão tímido em fazê-la sorrir? Qualquer pai que se preze é um especialista em fazer os filhos felizes.

Michael colocou as mãos no rosto e se desesperou. Não conseguiu preservar a maquiagem. Soltou lágrimas incontidas. Confessou sua frustração em ter uma filha especial.

– Eu sonhava ter uma criança... que crescesse... que fosse uma pensadora como eu. Sonhava que escrevesse livros... deixasse um legado para... a humanidade... Mas Isabela...

– Sua filha pode não deixar um legado social, mas pode deixar um... legado para você... Não entende? – expressou Sarah com lágrimas nos olhos também.

Sarah, vendo-o desabar, foi generosa com ele. Não apontou mais suas falhas, apenas abraçou-o. Todo homem, por mais rígido que seja, esconde uma criança que precisa do colo de uma mulher. Michael, sempre autossuficiente, tirou seu escudo e se deixou ser protegido pela esposa.

– Não se puna. Sei que esse diagnóstico é duro para você, mas é a primeira vez em anos que você fala do ser humano que está dentro de você. Se você se esconder atrás do intelectual, do cientista, nunca poderá reciclar o lixo da sua mente – disse ela afetivamente. E acrescentou: – Você pode e deve ser um bom pai.

Essas palavras o inspiraram. Depois de todo o impacto que os últimos debates com Marco Polo tiveram, ele concluiu algo que guardou para si, mas agora dividia com Sarah:

– O inferno emocional está cheio de pais bem-intencionados... Preciso educar minha emoção e gerir minha mente. Isso é tão novo que fico perdido em alguns momentos. Preciso me reinventar, reciclar minha forma de ser. É duro admitir. Parece que tenho vergonha de nossa filha, mas no fundo tenho vergonha de mim mesmo... – E nesse momento desatou a chorar. – Por isso nunca a levei à universidade, à escola, ao shopping... Sou um monstro...

– Não, querido, você é só um ser humano imperfeito... – E novamente o abraçou.

E colado ao seu ombro ele agradeceu.

– Obrigado... Vou ser um humano em construção...

De repente, apesar de serem 11 horas da noite, Isabela acordou. Foi até o quarto dos pais. Ao ver as lágrimas escorrendo do rosto de Michael, a menina se abalou. Grudou na sua perna e disse insistentemente:

– Papai, papai... te amo. Não chora não... Isabela está aqui.

Ele se abaixou, pegou-a no colo e lhe disse:

– Você tem mais inteligência emocional... que o papai.

Ingênua, ela gritou:

– E você é... o melhor... pai do mundooooo!

Nesse exato momento, algo inesperado aconteceu. A porta do apartamento do casal foi arrombada. Assustados, eles ouviram passos e perceberam que sua casa fora invadida. Como estavam no quarto do casal e desesperados, se esconderam dentro do banheiro. Três pessoas encapuzadas começaram a revirar gavetas, armários, escrivaninhas. Chegaram ao quarto e pegaram o notebook de Michael. Em seguida tentaram abrir a porta do banheiro. Como estava trancada, um dos ladrões lhe deu um pontapé.

A família ficou em estado de choque. Michael agarrou a filha com força, mas com o maior carinho do mundo. Queria protegê-la com a própria vida. Como percebeu que os invasores conseguiriam arrombar a frágil porta, ele bradou:

– Peguem o que quiserem, mas deixem minha família em paz!

Eles chutaram a porta outra vez. Isabela, assustada, começou a soluçar.

Michael abraçou-a e, beijando-a, tentou confortá-la, falando baixinho:

– O papai está aqui! O papai está aqui.

– Obrigada, papai. Te amo – disse ela generosamente.

– Abram a porta ou atiraremos! – disse outro ladrão aos brados.

Angustiado, Michael disse de novo:

– Estou com minha filha pequena. Ela está muito assustada. Por favor, levem tudo. Só nos poupem!

Michael lembrou-se da ameaça que recebera quando estava na mesa-redonda e temeu muitíssimo. Quando os ladrões atiraram na fechadura, todos ouviram sirenes da polícia. Vários carros chegaram. Os invasores partiram rapidamente.

Passado o tremendo susto, Michael não desgrudou de Isabela. Ficou todo o tempo com a filha no colo enquanto informava aos policiais os acontecimentos. Sarah, embora deprimida, olhava para os dois com alegria. Queria tirar Isabela dele para que descansasse, porém ela já não era mais um peso para o pai, e sim uma fonte indizível de alegria. Ele fazia questão de ficar abraçado com ela.

E, a partir desse momento, a relação de Michael com Sarah e Isabela deu um salto emocional sem precedente. Na tarde do dia seguinte, ele mudou sua rotina, fez questão de levar a filha à universidade. Todos se encantaram com a menina. Afetiva e comunicativa, ela abraçava e beijava quem encontrava. Michael percebeu que sua filha era mais sociável e admirável que ele. A sensibilidade ganhou da razão.

O neurocientista também fez uma grande descoberta. Entendeu que as crianças especiais são tão fascinantes que acalmam a ansiedade dos seus educadores, pois costumam ser mais pacientes, dóceis e tolerantes que a média. Foi assim que um pai mentalmente engessado começou a dançar a valsa da emoção com as pernas livres.

30

O ATAQUE TERRORISTA

Era um dia comum, mas os acontecimentos que sucederiam o transformariam num espaço de tempo extraordinário. O Dr. Alberto se encontrava em seus aposentos, lendo, refletindo, escrevendo. Estava animadíssimo com todos os debates sobre a biografia de Lucas. De repente, alguém bateu na porta e lhe entregou uma carta timbrada com o selo papal. Era um carimbo idêntico ao que conhecia, mas nunca recebera uma carta especial. Sem demora, abriu-a. O conteúdo era estrondoso. Continha apenas uma frase:

Alberto, volte imediatamente para o Vaticano, pois o debate de que você está participando em Jerusalém é uma afronta.

Alberto ficou perturbadíssimo. Não entendia o que estava acontecendo. *Será que ofendi a Cúria Romana?*, pensou angustiado. A urgência do pedido era tanta que ele sequer poderia se despedir pessoalmente de seus amigos. Estava combalido. Contristado. Perguntou-se: *Que erro eu cometi? Nossos debates são de uma profundidade única. Será que é proibido pensar? Logo agora que voltei ao meu primeiro amor pelo Autor da Vida, como quando iniciei minha carreira!*

Arrumava a mala abatido e pensativo. Quando aprontou-a, pegou seu celular e se preparou para ligar para o Dr. Thomas. Antes de digitar seu número e lhe dar a péssima notícia, uma ligação entrou primeiro no celular. Era o secretário-geral da Catedral de São Pedro. Ficou trêmulo.

– Alberto?

– Sim!

– Aqui é Antônio Carminati.

– É um prazer, Dom Antônio. Algo errado? – disse, respirando com desconforto.

– Não, ao contrário. Gostaria de parabenizá-lo pelo inteligentíssimo debate nessa admirável mesa-redonda.

– O quê? Mas... O senhor a tem acompanhado? – indagou alegre o Dr. Alberto.

– Como posso perder? Milhões de pessoas assistem a vocês todas as noites, como um seriado de TV. Muitos que conheço só falam nisso. Os debates estão mexendo com a nossa mente.

– Não sabia disso.

– Ficamos conhecendo Maria numa perspectiva que nunca havíamos estudado. Que inteligência ela tinha! Que ousadia! Que capacidade de proteger sua emoção! Que autoestima sólida! O impacto é tão grande que o papel da

mulher está sendo questionado na Igreja. Elas devem ser mais ativas, participativas, influenciadoras. Mais de mil células em vários países estão discutindo os assuntos que vocês trazem.

– Puxa, fico felicíssimo – declarou o Dr. Alberto, não se contendo dentro de si.

Antônio Carminati estava tão eufórico que continuou a mostrar os impactos da mesa-redonda:

– A inteligência de Jesus é simplesmente surpreendente. Os testes de estresse que ele atravessou nos tiraram o sono. Suas habilidades emocionais e sua autoconfiança para formar pensadores a partir de pedras brutas são espantosas. Conhecíamos o filho de Deus, mas não o filho da humanidade.

– Eu também estou perplexo, revendo meus paradigmas.

– Falhamos em não estudar a mente de Jesus sob o ângulo da ciência. Dois mil anos de erro crasso. – E em seguida o secretário papal declarou: – O papa gostaria de conhecer o doutor Marco Polo e os demais membros da mesa-redonda um dia.

– Direi isso a eles.

– Continue, não pare.

– Mas, secretário... Estou preocupado. Recebi uma carta papal dizendo que eu deveria voltar imediatamente para o Vaticano.

– Estranho... Só pode ser falsa.

– O selo parece o do papa. Por que tem certeza de que é falsa?

– Porque sou eu que distribuo as cartas enviadas pessoalmente pelo santo padre – afirmou Antônio Carminati. E acrescentou: – Alguém está fazendo uma brincadeira de mau gosto com você ou querendo sabotar a mesa-redonda.

Alberto ficou intensamente preocupado.

A mesa-redonda começava todos os dias às sete da noite. Chegando para mais uma sessão, o Dr. Alberto relatou os fatos logo que encontrou seus amigos no corredor da universidade. Em seguida, Michael chegou e o ouviu intrigado. Alberto falou da alegria que Dom Antônio Carminati lhe dera e, ao mesmo tempo, da estranha carta que recebera.

Michael estava com tique nervoso. Não parava de estalar os dedos. Depois do comentário do teólogo do Vaticano, relatou a dramática experiência de ter ficado trancado no banheiro com a filha e a esposa. Todos ficaram estressados.

– O que está por trás de todos esses fatos perigosos? Será que há uma conexão entre os riscos que Marco Polo e Sofia correram, a perseguição que Alberto sofrera, a carta enigmática que recebera e o drama de Michael? – indagou o Dr. Thomas, tenso.

– Serão eventos isolados, frutos de lobos solitários, ou uma conspiração de um grupo radical? – indagou Michael, pensativo.

– Não é possível que queiram sabotar nosso debate. Não fazemos mal a

ninguém – comentou Sofia.

– A não ser às mentes rígidas, que odeiam pensar em outras possibilidades – especulou Marco Polo.

– Talvez tenhamos que proibir a transmissão do debate pela internet – ponderou Michael.

– Só que os ganhos são enormes não apenas para nós, mas também para os espectadores – ponderou o Dr. Alberto.

Enquanto eles discutiam esses assuntos, o tempo passou. Estavam 15 minutos atrasados. Havia muitas pessoas do lado de fora da sala de debate esperando que eles entrassem, pois a porta só se abria com a presença dos debatedores.

– Conversaremos sobre esses assuntos depois – disse Marco Polo.

E assim todos se dirigiram para a sala de debate. Tiveram que atravessar a multidão sedenta por ouvi-los. Alguns pediam para fazer selfies, atrasando-os mais ainda. Quando a sala foi aberta e os cinco intelectuais começaram a caminhar em direção à mesa, houve um estrondo ensurdecedor. Havia uma bomba escondida debaixo da mesa, pronta para explodir quando o debate já tivesse começado.

O tumulto foi grande, pessoas caíram umas por cima das outras. Pânico, choro, gritos por todos os lados. Marco Polo teve de proteger Sofia para ela não ser pisoteada. Felizmente ninguém se machucou. Mas, se não fosse pelo atraso, as consequências seriam terríveis. Não apenas os debatedores estariam mortos, mas muitos membros da plateia também.

A polícia especializada em ataques terroristas teve de revistar cada canto da universidade. Era a primeira vez que uma bomba explodia dentro da instituição. Os debatedores foram longamente interrogados. Sofia chorava apoiando-se no ombro de Marco Polo. Depois do interrogatório detalhado e de idas e vindas, o Dr. Thomas sugeriu aos amigos:

– Dentro de mim há um grito surdo dizendo que eu não pare os debates. Mas devemos ponderar os riscos.

– É uma perda irreparável, mas talvez... seja melhor dar um tempo... – expressou-se o Dr. Alberto, angustiado.

– Minha vida está virando de cabeça para baixo com esta mesa-redonda, mas não posso esconder que estou com medo de continuar... – afirmou Michael.

Sofia, que parecia a mais frágil, se mostrou a mais forte:

– Vocês, homens, são tímidos. Recuam aos primeiros obstáculos. Não há milhões de pessoas nos vendo?

– Sim – disseram os outros.

– E muitos não estão usando as ferramentas emocionais que discutimos para expandir sua qualidade de vida nesta sociedade maluca e consumista?

– Sim – afirmaram novamente.

– Então não se acovardem – falou ela, altissonante.

Marco Polo olhou bem nos olhos de Sofia e a admirou solenemente. Em sintonia com ela, ele afirmou:

– Resisti a estudar a inteligência desse personagem histórico por duas décadas. Achava uma perda de tempo.

Depois passou as mãos no rosto e completou seu raciocínio:

– Mas reafirmo: ao analisar o psiquismo de Jesus, esperava encontrar alguém frágil, previsível, comum, sem atitudes ímpares, com uma emoção sem brilho e um intelecto tosco, mas nunca me senti embasbacado diante de uma inteligência tão complexa e, ao mesmo tempo, nunca fui tão desafiado a me autoconhecer e construir novas ideias. Eu não pararei de estudá-lo mesmo com todos os riscos!

Sofia sorriu e declarou:

– Lembrem-se: o homem Jesus passou solitariamente pelos mais surpreendentes testes de estresse e não recuou um milímetro do seu projeto. Eu também não recuarei.

– Mas o reitor da universidade fechou as portas. Tem medo de novos ataques – ponderou Michael.

– Então partamos para as ruas de Jerusalém – instigou Marco Polo, tendo uma ideia irreverente: – Vamos seguir os passos que esse homem misterioso deu! Vamos frequentar os lugares onde Jesus falou e agiu em Israel e na Palestina! Talvez seja mais seguro estar ao ar livre em Jerusalém do que em ambientes fechados.

Os demais debatedores ficaram pensativos diante da proposta. E, num rompante de alegria, a uma só voz, disseram:

– Eu topo!

– A próxima mesa-redonda será sobre o Sermão da Montanha, que era o assunto que havia preparado para o debate que cancelamos – comentou Marco Polo, entusiasmado.

– Realizaremos a discussão no próprio lugar onde Jesus proclamou, para uma multidão deslumbrada, seu famosíssimo discurso? – indagou Sofia, eufórica.

– Essa é a proposta! – confirmou o psiquiatra.

Duas pessoas que estavam de plantão observando-os ouviram a proposta de Marco Polo. Elas participavam do debate como espectadoras e tinham formado um grupo chamado “O homem mais inteligente da história”. Logo divulgaram nas redes sociais o encontro ao ar livre.

Desse modo, mesmo correndo riscos imprevisíveis, Marco Polo, Sofia, Michael, o Dr. Alberto e o Dr. Thomas começaram a discutir ao vivo e em cores as ideias e os comportamentos de Jesus nas ruas da cidade mágica, Jericó, Mar Morto e outros sítios. Ao contrário dos milhões de turistas de mais de cem nações que visitavam esses locais famosos, os debatedores estavam interessados em entrar em áreas nunca antes penetradas, em descobrir os bastidores da inteligência do homem que revolucionou grande parte da humanidade.

Jerusalém poucas vezes foi tão eletrizante e enigmática.

31

O SERMÃO DA MONTANHA: O MAIS FASCINANTE TRATADO SOBRE A FELICIDADE

Marco Polo chegou de camiseta verde levemente estampada com algumas flores amarelas. Tirou o blazer escuro que sempre o caracterizava. O intelectual não entendia de combinação de roupas. Daltônico, algumas vezes já vestira sapatos diferentes e meias de cores distintas. Os debates não ocorreriam mais à noite, mas à luz do dia, no período da tarde. Ele parecia feliz, livre para debater o magno discurso. O psiquiatra subiu lentamente o monte onde a tradição diz que Jesus o proferiu.

Chegando ao topo, ficou imaginando a multidão no sopé da montanha ouvindo os ecos das palavras do intrigante homem de Nazaré. Mais de uma centena de pessoas acompanhava os debatedores. Ao chegarem ao cume, a brisa refrigerou suas faces. Sentaram-se nas pedras e nos bancos improvisados. As pessoas fizeram um círculo ao redor deles. Algumas os filmavam com seus celulares.

Era surpreendente como o debate parecia uma orquestra. Marco Polo era o maestro que provocava todos a tocarem o instrumento do pensamento crítico. E o faziam de forma brilhante, até quando discordavam ou questionavam um ao outro. Logo Michael, relaxado, comentou:

– Marco Polo, suas análises sobre a mente de Jesus são instigantes. Não me transformei numa pessoa religiosa, mas passei a questionar minha rigidez e meus preconceitos.

Sua filha, Isabela, estava em seu colo mexendo em seus cabelos. Era uma imagem afetiva surreal naquela misteriosa montanha – um reflexo do fato de que, com o andar do debate, Michael nunca mais seria o mesmo. Dessa vez Sarah, sua esposa, estava presente, mesclada à plateia.

– Que outras surpresas nos aguardam? – indagou Sofia sem demora.

– Eu conheço bem o Sermão da Montanha – confirmou o Dr. Thomas. – Defendi uma tese de doutorado baseada nele.

– Então, por favor, doutor Thomas, a palavra é toda sua – disse Marco Polo humildemente.

– Neste momento abro mão, doutor Marco Polo. Escrevi na esfera teológica. Tenho sede de aprender o discurso de Jesus na esfera psicológica e sociológica – afirmou, como um aluno apaixonado pelo aprendizado.

Sem detença, o psiquiatra e pesquisador começou a apresentar suas análises para serem refletidas e debatidas. Em sua tese inicial, já surpreendeu a plateia:

– Em primeiro lugar, o Sermão da Montanha é o maior tratado sobre a felicidade e a prevenção de transtornos emocionais da história!

– Como assim? Jesus se antecipou 2 mil anos ao falar sobre prevenção psíquica? Hoje a ciência ainda está engatinhando nesse assunto. Como isso é possível? Estou ansiosa para checar os fundamentos que sustentam essa magna tese – comentou a psiquiatra Sofia, admirada.

– Tratado sobre a felicidade e a prevenção de doenças psíquicas? Nunca vi o Sermão da Montanha sob essa perspectiva – disse, surpreso, o intelectual de Harvard.

Em seguida, Marco Polo continuou:

– Mas, como o assunto é vastíssimo, agora vamos falar sobre a felicidade. Pergunto-lhes: a felicidade é um fenômeno psicológico vital para o ser humano? O que é ser feliz?

– Embora "o que é ser feliz" seja de difícil conceituação e tenha mil variantes, como alegria, prazer, bem-estar, não há dúvida de que a busca pela felicidade é o objetivo fundamental do cientista, do amante, dos poetas, dos filhos, dos pais, enfim, do ser humano – afirmou Michael.

– Te amo, papai – disse Isabela logo após a fala de seu pai. Em seguida beijou seu rosto como se estivesse entendendo suas ideias. A emoção de Michael foi às nuvens. Sarah, a mãe, lacrimejou.

Marco Polo, de forma poética, discorreu sobre o tema:

– A felicidade sempre percorreu as artérias da motivação humana. Reis a procuraram com seu poder, mas ela lhes disse: "O poder não pode me controlar." Celebridades tentaram cativá-la com seu brilho, mas ela bradou: "Não me encontro sob os holofotes."

Todos aplaudiram o cientista. Inspirada por ele, Sofia continuou a poesia:

– Generais tentaram render a felicidade com suas armas, mas ela assegurou: "Não me submeto ao cárcere do medo." Milionários tentaram conquistá-la com seu dinheiro, mas ela gritou: "Não estou à venda." Jovens tentaram se apropriar dela correndo risco de vida, mas ela bradou: "Aquiete-se, ou me escondo dentro de você."

Todos aplaudiram a sensibilidade de Sofia também.

Marco Polo começou a dizer que um dos mais antigos relatos da busca pela felicidade foi produzido por um dos mais sábios reis do passado:

– Salomão talvez tenha sido o primeiro grande líder que procurou a felicidade como objetivo de vida. Homem ético e culto, para ele ser feliz era ter relações sociais saudáveis. Por isso escreveu seu inteligente livro de provérbios. Porém se infectou com o poder, em destaque quando acreditou que ser feliz era nutrir sua emoção com tudo o que seus olhos desejavam. Ele esgotou o cérebro, se deprimiu e levou seu índice GEEI às nuvens.

A plateia ficou abalada. Para muitos deles, o sábio rei Salomão era um

personagem histórico intocável.

– Mas... Mas... onde está esse erro compulsivo de Salomão? – indagou o Dr. Alberto.

– De fato, Salomão teve ouro, roupas finíssimas, palácios, serviçais. E ainda por cima teve mil mulheres: setecentas esposas e trezentas concubinas – apontou Marco Polo.

– Esse homem era um obsessivo sexual! – exclamou Michael.

Muitos deram gargalhadas.

– Não vou julgar a patologia de Salomão, mas ele foi atormentado por mil sogras! – afirmou Marco Polo. Mais risadas. – Brincadeiras à parte, a sabedoria desse rei era magnífica. Mesmo um homem inteligentíssimo pode se perder no poder se, ao longo da vida, não voltar às origens, não se autocriticar, não for contemplativo, não gerir minimamente sua emoção. Por isso, certa vez Jesus observou: "Olhai os lírios do campo, vede como são tão belos. Nem Salomão se vestiu como um deles."

– Sob o ângulo da gestão da emoção, essa passagem é uma crítica à saúde emocional de Salomão – comentou o Dr. Thomas. – Talvez esse rei tenha sido a primeira celebridade mundial! Até a rainha de Sabá, de um reino distante, veio homenageá-lo. Mas ele estava... estava...

Vendo a dificuldade do Dr. Thomas de concluir seu raciocínio, Marco Polo completou com ousadia:

– Emocionalmente nu... Salomão se cobria com vestes de ouro, mas emocionalmente estava descoberto, sem proteção, sem capacidade de conquistar o que o poder não pode dominar nem comprar, enfim, sem vestir "os lírios do campo".

– Fascinante! A busca pela felicidade, quando feita de forma errada, leva de fato à autodestruição. O resultado foi que Salomão estava tão mórbido, pessimista e infeliz que escreveu de forma poética que tudo era vaidade. Perdera o prazer de viver, enquanto Jesus se alegrava com um lírio – ponderou Sofia, que também conhecia esses textos.

– Esse é o contraste entre um excelente gestor da emoção e um péssimo gestor. O consumismo levou Salomão a ser um maltrapilho emocional morando num palácio. Atualmente, nas sociedades modernas, a ansiedade alimenta o consumismo e o consumismo retroalimenta a ansiedade, tornando-se uma das grandes causas da era dos mendigos emocionais. Esse tema deveria ser inesquecível! – declarou Marco Polo.

Duas belas jovens se entreolharam; sentiam-se emocionalmente miseráveis. Toda semana compravam uma nova peça de roupa de marca.

– Como a busca desenfreada pelo prazer pode gerar infelicidade? Qual o mecanismo mental? – perguntou uma delas, chamada Marina.

Marco Polo fitou seus olhos e respondeu:

– A emoção é o fenômeno mais democrático da existência, mais do que as democracias políticas. Quem tem dez casas não é dez vezes mais feliz do que quem tem apenas uma casa do mesmo padrão. Ter não é ser. A causa disso é um fenômeno inconsciente chamado psicoadaptação. A frequente exposição ao mesmo objeto ou ao ato de comprar aciona esse fenômeno diminuindo os níveis de prazer. Por exemplo, no começo da carreira, uma celebridade tem altíssimo prazer em dar um autógrafo, mas, no auge da carreira, se não gerenciar a emoção, os autógrafos passam a lhe trazer angústia.

– Deixe-me ver se entendi. Com o tempo, o rico perde o prazer de entrar em sua Ferrari, pois psicoadaptou-se ao estímulo, enquanto uma pessoa pobre pode estar alegríssima ao entrar pela primeira vez num carro caindo aos pedaços – comentou Michael.

– Correto.

– Acho que eu mereço aplausos – brincou o neurocientista.

Isabela, sua filha, aplaudiu primeiramente. Depois os demais a acompanharam.

Tanto ateus quanto religiosos que assistiam ao debate enxergavam seus fantasmas emocionais, inclusive o próprio Marco Polo. Seu raciocínio descortinava os conflitos humanos históricos.

– Além de Salomão, outra busca irrefreável pela felicidade está na epopeia de Gilgamesh, rei dos sumérios, relatada muitos séculos antes de Cristo – disse o psiquiatra.

O Dr. Alberto havia estudado essa epopeia em suas teses, por isso se adiantou:

– Gilgamesh perseguiu a imortalidade como o objetivo maior do ser humano. Para ele não haveria felicidade plena sem a imortalidade.

– É indiscutível que a morte é um acidente de percurso gravíssimo na história de todo mortal. Trilhões de células reagem contra uma situação de risco pois estão programadas geneticamente para viver. E o câncer é fruto de células que querem ser eternamente jovens. Mas as células cancerosas são egoístas, vivem só para elas e suas filhas, desrespeitando a unidade do organismo – comentou Michael Gates, o neurocientista.

– Se suas células detestam morrer, por que você é ateu, Michael? – espezinhou-o o Dr. Alberto, sorrindo.

– Esses religiosos infernizam o cérebro dos ateus – disse Michael, topando a brincadeira. E depois completou: – Acho que alguns ateus são tão armados quanto os religiosos ferrenhos. Eu era assim, confesso. Sou cético, mas minha mente não é mais um cofre fechado, Dr. Alberto. Admito que nunca me senti tão bem em debater com pessoas tão diferentes.

Sarah, no meio da plateia, deu um suspiro e sorriu levemente. Esse era o Michael com quem ela se casara. O poder intelectual o enrijecera, mas ele agora voltava às suas origens.

– A angústia gerada pela fragilidade da vida e pela morte em si movimenta grande parte do PIB mundial – relembrou Marco Polo.

– Faz sentido – ponderou Jacob Moscovitt, um coronel das forças armadas de Israel na plateia. – O sistema de saúde, os mecanismos de segurança dos produtos, a indústria do seguro, o sistema judiciário, as forças armadas só existem porque o ser humano é passível de dor e de calar a vida.

– Interessante – disse Sofia. – Quer dizer que a busca de Gilgamesh pela superação da morte é a busca essencial inclusive de ateus?

– Como assim? – indagou Marco Polo, curioso.

Sofia concluiu:

– Quando os ateus defendem suas ideias, eles estão em busca da liberdade de expressão, mas cedo ou tarde são atropelados pela morte, que dilacera essa liberdade.

– É um raciocínio inteligente – disse Marco Polo com humildade. – Como eu comentei antes, quando Sócrates foi condenado a tomar cicuta, para que silenciasse suas ideias, ele disse aos inimigos que continuaria filosofando na eternidade.

A ousadia do pensador da Grécia antiga era realmente admirável.

– Nós, ateus, nos esforçamos ao máximo para encarar a morte com naturalidade. Todavia, nossas lágrimas nos denunciam – comentou Michael.

Sofia completou:

– Usamos técnicas psicoterapêuticas e ansiolíticos para controlar a ansiedade, mas não podemos ser arrogantes e negar que a busca por Deus, independentemente da cultura e da religião, é uma busca legítima para aliviar a angústia diante da inevitabilidade da finitude da vida.

– Faz sentido também – afirmou Michael sem outros argumentos.

– Mas a religião, seja qual for, sem altruísmo, empatia, proteção da emoção ou aumento do limiar para frustrações, asfixia a saúde emocional e transforma a felicidade numa utopia – expôs Marco Polo mais uma vez.

– Concordo – afirmaram o Dr. Thomas e o Dr. Alberto simultaneamente.

E, assim, a mesa-redonda orquestrada por Marco Polo debatia livremente os mais diversos temas sem medo. Descobriram que o comportamento de religiosos e ateus de não se sentarem para debater com respeito e inteligência suas teses era infantil.

– A Europa está em chamas por causa de islamistas, cristãos, intelectuais... Vivem ilhados. Deveria haver milhares de mesas-redondas como esta, mas elas são raras como os diamantes nobres – comentou Marco Polo.

Em seguida, continuou sua explanação:

– No século VII a.C., Sólon tinha o conceito de que felicidade era morrer gloriosamente pela pátria ou por alguém que se ama. Sua tese chocou certo rei, chamado Creso, que cria que a felicidade se encontrava no acúmulo de riqueza

material e poder.

– Bem, a tese do rei Creso é atualíssima, pois essa é a crença do capitalismo – afirmou o evolucionista Charles Deloid, que também estava na plateia, a 5 metros deles. – Tornei-me ateu porque vi alguns líderes religiosos radicais destituídos de generosidade e outros preocupados muito mais com seu bolso do que com o próximo.

– Talvez você não seja ateu, mas um antirreligioso – definiu Sofia.

– Na famosa obra *Fausto*, de Goethe, um homem angustiado, deprimido, cujo cérebro estava esgotado pela autopunição, vendeu sua alma ao diabo para, na outra vida, encontrar os segredos de uma vida feliz: viajar entre as estrelas, comer até se fartar, vestir-se com as melhores roupas. Segundo essa tese, ser feliz era uma necessidade primária do ser humano – comentou Marcus Gebbe, professor de literatura que também acompanhava o debate ao vivo.

Marco Polo instigava todos a opinarem se desejassem. Depois de todo esse caldeirão de ideias, ele preparava o ambiente para falar das bombásticas teses do Sermão da Montanha.

– Em 1972, o rei do Butão, um pequeno país encravado nas montanhas do Himalaia e que tem escassos recursos naturais e terras inóspitas, introduziu um novo parâmetro para determinar a riqueza de sua nação. Ao invés de usar o PIB, o Produto Interno Bruto, que mede os serviços, a produção de grãos e da indústria, ele propôs a FIB, Felicidade Interna Bruta. A FIB levava em consideração paz, harmonia, compaixão, a qualidade da habitação, do ambiente, da escola. Países ricos podem ter um povo com baixos níveis de felicidade e vice-versa. O que acham da tese da FIB?

– Fascinante – disse Sofia.

– Encantadora – assegurou o Dr. Thomas.

– Espetacular – confirmou o Dr. Alberto.

– Admirável – declarou Michael.

Mas Marco Polo fez uma correção no conceito:

– A FIB é inteligente, mas insuficiente. Faz-se necessário a introdução do GEIB, ou seja, Gestão da Emoção Interna Bruta. Caso contrário, erros dramáticos podem ocorrer.

– Não entendi – declarou Michael.

– Analisem comigo: pode haver paz por fora, mas tormenta por dentro, uma mente agitada e tensa. Portanto, FIB alta e GEIB baixa. Pode haver compaixão com os outros, mas pessoas generosas podem ser carrascos de si mesmas, seja sofrendo por antecipação, ruminando perdas ou cobrando demais de si.

As pessoas ficaram pensativas após ouvir esses argumentos. Entenderam que não adiantava haver felicidade exterior se interiormente o Eu não fosse líder de si mesmo. Iluminadas por esse conhecimento, uma avalanche de pessoas começou a declarar publicamente seus terrores mentais. Foi uma cena emocionante.

– Eu tenho uma cama confortável, mas não descanso. Acordo no meio da noite e não consigo voltar a dormir. Angustiado, vou acessar o celular. Vivo cansado! Parece que carrego meu corpo – comentou um jovem de 15 anos. Ansioso como milhões de jovens, estava destruindo o motor da vida, o sono. Todos ficaram preocupados ao ouvi-lo.

– Eu tenho seguro de casa, de empresa e de vida. Sou abastado. Mas não tenho seguro emocional. Minha mente não tem proteção. Ofensas, críticas e contrariedades me arrasam – declarou Antony, um rico empresário americano.

Sofia, inspirada por esse empresário, completou as ideias de Marco Polo:

– A Felicidade Interna Bruta só é sustentável se houver gestão da emoção coletiva. Pelo ângulo do PIB, as 100 pessoas mais ricas do planeta detêm 70% da riqueza mundial. São mais abastadas que sete bilhões de seres humanos. Uma injustiça. Todavia, há muitos nomes listados na *Forbes* que vivem de migalhas de prazer. E, quando a gestão da emoção é medíocre, o índice GEEI é altíssimo. Eles se tornam algozes de seu próprio cérebro.

Depois de toda essa explanação, Marco Polo indagou:

– E Jesus? Por que eu lhes disse que o Sermão da Montanha é um tratado notável sobre a felicidade?

As pessoas não souberam responder. Foi então que ele as abalou dizendo:

– As teses desse intrigante homem não tratam da felicidade "autoajuda", religiosa, romântica ou poética, mas da felicidade inteligente.

– Por acaso há dois tipos de felicidade? Uma inteligente e outra desinteligente? – questionou o Dr. Alberto.

– Claramente – assegurou Marco Polo. – Uma análise criteriosa desse famoso discurso, proferido há 2 mil anos, provavelmente no mesmo local onde estamos reunidos, evidencia que há dois tipos de felicidade:

1. A felicidade inteligente é sustentável, se renova, enquanto a desinteligente é insustentável, envelhece rápido, morre quando o prazer se dissipa.
2. A felicidade inteligente é cultivada; a desinteligente é desleixada.
3. A felicidade inteligente é resiliente, nutre-se das crises; a desinteligente sucumbe às frustrações.
4. A felicidade inteligente gerencia a ansiedade e, portanto, é paciente, enquanto a desinteligente é impulsiva e intolerante.
5. A felicidade inteligente doa-se muito e cobra pouco; a desinteligente doa-se pouco e cobra muito.
6. A felicidade inteligente faz muito do pouco, é contemplativa, enquanto a desinteligente faz pouco do muito, é consumista.
7. A felicidade inteligente respeita as diferenças, enquanto a desinteligente tem a necessidade neurótica de mudar os outros, eleva

o tom de voz, critica muito, compara, pressiona.

Marco Polo deu muitas outras explicações do pensamento de Jesus sobre a felicidade inteligente. Para ele, ser feliz não era ter uma vida perfeita sem falhar, tropeçar nem errar, mas usar nossas loucuras para nutrir a sanidade, as crises para alicerçar a tolerância, as lágrimas para enriquecer a sabedoria... Todos ficaram maravilhados.

– Espere, Marco Polo. Sabemos que os transtornos psíquicos, como a depressão e o suicídio, estão em expansão nas sociedades modernas. Há estatísticas destoantes, mas elas são explosivas. Provavelmente, 1,4 bilhão de pessoas, ou 20% da população mundial, deverá desenvolver um transtorno depressivo ao longo da vida. Se as escolas ensinassem os alunos a gerir a emoção e a ter uma felicidade inteligente, essas estatísticas seriam mais generosas? – indagou o reitor da Universidade de Jerusalém.

– Não tenho dúvidas, senhor. O Sermão da Montanha revela ferramentas fundamentais para uma emoção sustentável e saudável.

– Mas... mas... sempre pensei no Sermão da Montanha como um conjunto de regras e princípios de conduta – comentou o Dr. Alberto, intrigado.

Marco Polo disse que Edward Jenner criou a vacina contra a varíola há mais de dois séculos. A partir desse episódio, a medicina biológica investiu grande parte de seus recursos na prevenção, enquanto a medicina psicológica se tornou excessivamente curativa. Ainda acrescentou:

– Não sei se me decepcionarei com a inteligência de Jesus nos capítulos posteriores da biografia escrita pelo doutor Lucas. Há desafios dantescos, textos complexos e de difícil análise, mas até o momento é possível dizer que ele foi o Mestre dos mestres da gestão da emoção. Milhões que o seguem não previnem seus conflitos porque nunca entenderam e incorporaram as ferramentas propostas por ele.

Marco Polo então se levantou e proclamou:

– Ele criticava a necessidade neurótica de ser o centro das atenções, por isso o que sua mão direita fazia, a esquerda não deveria saber. Ele se encantava com uma prostituta como se fosse uma rainha e dava atenção a um moribundo como se fosse um príncipe.

– Surpreendente! – comentou Sofia.

– Espetacular – afirmou Sarah, a esposa de Michael.

– A partir de agora vamos estudar as entranhas do Sermão da Montanha. O discurso retrata a preocupação desse misterioso homem, famosíssimo e, ao mesmo tempo, desconhecidíssimo, com o futuro da humanidade. Ele queria torná-la viável!

– Está afirmando que o Sermão da Montanha é uma vacina emocional para viabilizar a vida humana? – indagou Michael, chocado.

Marco Polo fitou Michael e depois a multidão, e completou seu raciocínio:

– Sim. O Sermão da Montanha foi muito mais do que um discurso belíssimo, um manual de conduta, uma conferência ousadíssima. Ele proporcionou ferramentas para transformar o *Homo sapiens*, essa espécie tão complexa e bela, mas também tão violenta e emocionalmente doente, numa espécie saudável, regada a uma felicidade sustentável. Muitos de nós ficaremos positivamente assombrados...

Mas infelizmente o tempo daquela mesa-redonda ao ar livre havia acabado. O sol se despedia no horizonte quando Marco Polo a encerrou. As pessoas da plateia reclamaram, tinham sede e fome de novos conhecimentos. As teses do mais famoso discurso da história seriam dissecadas em outros debates. Elas enriqueceriam a humanidade, independentemente de etnia, cor da pele, cultura e religião, e sobretudo irrigariam o território da emoção de cada ser humano. Seria uma viagem inimaginável.

Todavia, ao mesmo tempo em que penetrariam em camadas mais profundas da inteligência do homem que abalou a história, sofreriam uma perseguição implacável de inimigos misteriosos que queriam sabotar o mais intrigante debate de que se teve notícia.



FIM DO PRIMEIRO VOLUME

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os seres humanos de todos os povos e culturas que saem da superfície do planeta emoção e entram em camadas mais profundas da própria mente.

Aos que não têm medo de pensar criticamente, questionar suas verdades e se reinventar.

Aos que deixam de ser deuses e entendem que a vida é brevíssima para se viver e longuíssima para se falhar.

Aos que compreendem que os fantasmas mentais que mais nos assombram são criados por nós mesmos.

Aos que rompem o cárcere do egocentrismo, são apaixonados pela humanidade e de alguma forma dão o melhor de si para que a espécie humana seja mais viável, inteligente, inclusiva e generosa!

PRÓXIMOS VOLUMES DA COLEÇÃO
O homem mais inteligente da história

O sermão da montanha
(PREVISÃO DE LANÇAMENTO: OUTUBRO DE 2017)

No segundo livro da coleção *O homem mais inteligente da história*, os cientistas ateus Marco Polo e Michael estudam o Sermão da Montanha. Apesar de este ser o discurso mais famoso da história, também é o menos compreendido sob o ângulo das ciências humanas. Atônitos, eles vão descobrir que não se trata apenas de um código de conduta: esse sermão contém as regras de ouro para o desenvolvimento de uma mente livre e de uma felicidade inteligente e sustentável.

Continuando a estudar a interessante infância de Jesus, os membros da mesa-redonda vão conhecer as incríveis ferramentas que ele usou depois de adulto para resolver pacificamente os conflitos, filtrar estímulos estressantes, superar conflitos interpessoais e formar o Eu como protagonista do livre-arbítrio e autor da própria história. Ele soube que somente assim o ser humano estaria preparado para domesticar os fantasmas mentais que assolam a humanidade – o medo, a insegurança, a autopunição, a raiva, o ódio, a inveja, o ciúme, o sofrimento por antecipação e a ruminação de perdas, mágoas e frustrações do passado.

Ao mesmo tempo, à medida que vão se aprofundando no estudo da mente de Jesus, os intelectuais terão que lidar com seus próprios problemas e loucuras. Além disso, os ataques misteriosos continuam. Eles correm um sério risco de vida.

Amor e sacrifício

No terceiro livro da coleção *O homem mais inteligente da história*, vamos conhecer as técnicas socioemocionais modernas que Jesus usou para formar mentes brilhantes a partir da personalidade tosca, inquieta, rude e imatura dos discípulos. Ele soube gerenciar a emoção, administrar a ansiedade, se colocar no lugar dos outros, trabalhar perdas e frustrações e dar o melhor de si para os que pouco têm. Metáfora por metáfora, parábola por parábola, evento por evento, ficaremos conhecendo os momentos mais emocionantes da jornada do nazareno.

Agora será a vez de a mesa-redonda estudar o maior julgamento da história e o comportamento solene do réu quando o mundo desabava sobre ele. Durante a terrível crucificação, Jesus manteve-se sereno, em total controle da própria emoção. O homem mais inteligente da história fazia poesia no caos e educava a emoção quando era impossível pensar.

A discussão na mesa-redonda trará resultados inesperados e imprevisíveis para os membros que a compõem e os milhões de pessoas de todos os povos que a acompanhavam pela internet.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



O futuro da humanidade

Primeiro romance do psiquiatra Augusto Cury, *O futuro da humanidade* oferece uma rara oportunidade de repensar a sociedade e o rumo de nossas vidas. Com mais de 28 milhões de livros vendidos no Brasil, Cury nos presenteia com uma saborosa ficção que ilustra os ensinamentos presentes em seus livros e se apoia na sua vasta experiência profissional.

O livro conta a trajetória de Marco Polo, um jovem estudante de medicina de espírito livre e aventureiro como o do navegador veneziano do século XIII, em quem seu pai se inspirou ao escolher seu nome.

Ao entrar na faculdade cheio de sonhos e expectativas, Marco Polo se vê diante de uma realidade dura e fria: a falta de respeito e sensibilidade dos professores em relação aos pacientes com transtornos psíquicos, que são marginalizados e tratados como se não tivessem identidade.

Indignado, o jovem desafia profissionais de renome internacional para provar que os pacientes com problemas psiquiátricos merecem mais atenção, respeito e dedicação – e menos remédios. Acreditando na força do diálogo e da psicologia, ele acaba causando uma verdadeira revolução nas mentes e nos corações das pessoas com quem convive.

Uma história de esperança e de luta contra as injustiças, este livro é a saga de um desbravador de sonhos, de um poeta da vida, de um homem disposto a correr

todos os riscos em nome daquilo que ama e acredita.



Armadilhas da mente

Camille é uma mulher bela, rica e brilhante, capaz de deixar as pessoas impressionadas com sua habilidade de debater e argumentar. Mas seus diplomas e seu intelecto não foram suficientes para evitar que se tornasse vítima de suas próprias emoções.

Casada com o banqueiro Marco Túlio, Camille sempre foi fechada em seu próprio mundo. Crítica, obsessiva, pessimista, não gostava de ser confrontada e não se curvava diante de ninguém, nem de psiquiatras ou psicólogos. Não concluía nenhum tratamento.

Vendo a depressão, as manias e as fobias de sua esposa se agravarem, Marco Túlio resolve comprar uma linda fazenda para que ela possa se afastar do estresse da cidade, respirar ar puro, se reconectar com a natureza e, quem sabe, com ela mesma.

Mesmo assim, transtornos mentais a impedem de sair de casa e pesadelos constantes não a deixam dormir. Enclausurada em sua própria mente, Camille piora a olhos vistos.

A reviravolta, porém, muitas vezes começa onde menos se espera. Quando conhece o excêntrico jardineiro da fazenda, Camille se surpreende com sua inteligência e, ao interagir com ele, a alegria volta pouco a pouco ao seu coração.

Em seguida entra na sua vida o sábio e instigante psiquiatra Marco Polo, que a estimula a superar os conflitos e procurar um personagem que deixara pelo caminho: ela mesma. Camille terá que aprender a se perdoar e a compreender pessoas “imperdoáveis”.

Profundo e emocionante, *Armadilhas da mente* é uma aula de filosofia e psicologia, que mostra que os labirintos da psique humana são bem mais complexos do que qualquer um de nós é capaz de imaginar.



Coleção Análise da Inteligência de Cristo

A coleção Análise da inteligência de Cristo reúne em uma caixa especial os cinco títulos desta consagrada série de Augusto Cury:

Em *O Mestre dos mestres*, Augusto Cury faz uma original abordagem da vida desse grande personagem, revelando que sua inteligência era bem mais grandiosa do que imaginamos.

Em *O Mestre da sensibilidade*, o autor apresenta um estudo sobre as emoções de Jesus e explica como ele foi capaz de suportar as maiores provações em nome da fé.

Em *O Mestre da vida*, Cury decifra as profundas mensagens deixadas por Jesus desde a sua prisão e o seu julgamento até a sua condenação à morte na cruz.

O Mestre do amor investiga a paixão que Jesus nutria pelo ser humano. Com uma abordagem poética – embora baseada na ciência, na história e na psicologia –, o autor faz um estudo sobre as tocantes mensagens que Jesus deixou antes de morrer na cruz.

No último livro da coleção Análise da inteligência de Cristo, Augusto Cury estuda a face de Jesus como mestre, educador e artesão da personalidade. *O Mestre Inesquecível* revela o fantástico crescimento psíquico e intelectual vivido pelos apóstolos e mostra como Jesus os transformou nos excelentes pensadores que revolucionaram a humanidade.

Esta edição é o presente ideal para quem quer ter uma visão completa da

original abordagem que Augusto Cury faz da vida de Jesus Cristo, revelando uma série de fascinantes aspectos de sua personalidade e comportamento.

Escola da Inteligência

O Instituto Academia de Inteligência convida diretores de escolas, coordenadores pedagógicos, professores e pais para conhecerem o programa Escola da Inteligência elaborado pelo Dr. Augusto Cury há mais de dez anos. Nobres objetivos permeiam esse projeto:

a) Estimular as funções mais importantes da inteligência dos alunos: pensar antes de reagir, colocar-se no lugar dos outros, trabalhar perdas e frustrações, libertar a criatividade, proteger a emoção, gerenciar pensamentos, desenvolver a consciência crítica, elaborar sonhos e projetos de vida, adquirir resiliência às intempéries sociais.

b) Estimular o treinamento do caráter: perseverança, honestidade, espírito empreendedor, debate de ideias, disciplina, liderança, capacidade de recomeçar, educação para o trânsito, educação para o consumo.

c) Fornecer ferramentas para prevenir transtornos psíquicos, como insegurança, fobia, ansiedade, agressividade, complexo de inferioridade, sentimento de culpa, falta de transparência, uso de drogas.

d) Enriquecer as relações interpessoais por meio de diálogo, educação para a paz, crítica contra a discriminação, tolerância, altruísmo, compaixão, solidariedade.

O projeto é enriquecido por material de apoio pedagógico, treinamento de professores-facilitadores e acompanhamento. Apesar de sua profundidade, encanta alunos e professores com uma aplicação pedagógica simples e instigante. Deve ser inserido na grade curricular com uma aula semanal. A Escola da Inteligência é talvez um dos poucos projetos cuja meta é preparar os alunos para serem pensadores e não repetidores de ideias, educando-os para enfrentar os desafios da vida e equipando-os para serem autores da sua própria história.

Para mais informações entre nos sites
www.escoladainteligencia.com.br e www.portaldainteligencia.com.br ou envie um e-mail para contato@escoladainteligencia.com.br.

SOBRE O AUTOR



AUGUSTO CURY é psiquiatra, cientista, pesquisador e escritor. Publicado em mais de 70 países, já vendeu, só no Brasil, 28 milhões de exemplares de seus livros, sendo considerado o autor brasileiro mais lido na atualidade. Seu livro *O vendedor de sonhos* está sendo adaptado para o cinema pela Warner/Fox. O próximo título a ganhar as telonas será *O futuro da humanidade*.

Entre seus sucessos estão *Armadilhas da mente*, *O futuro da humanidade*, *A ditadura da beleza e a revolução das mulheres*, *Pais brilhantes, professores fascinantes*, *O código da inteligência*, *Petrus Logos – o Guardião do tempo*, *Petrus Logos – os inimigos da humanidade*, *O vendedor de sonhos*, *Ansiedade e Gestão da emoção*.

Cury é autor da Teoria da Inteligência Multifocal, que trata do complexo processo de construção de pensamentos, dos papéis da memória e da formação do Eu. Também é autor do programa Escola da Inteligência, que tem como objetivo ensinar crianças e jovens a gerenciar sua emoção.

Acompanhe o autor pelo Facebook:
Facebook.com/augustocuryautor

Entre em contato com o autor:
contato@augustocury.com.br
www.escoladainteligencia.com.br

INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

 www.sextante.com.br

 facebook.com/esextante

 twitter.com/sextante

 instagram.com/editorasextante

 skoob.com.br/sextante

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@sextante.com.br

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br

Sumário

Crédito
Prefácio
1. A era dos mendigos emocionais
2. Terremotos emocionais
3. Perdas irreparáveis
4. Humanidade em chamas
5. O Muro das Lamentações
6. Manuscritos do Mar Morto
7. Um homem questionador
8. Um vendaval na mente de Paulo e Lucas
9. Os impactos da mesa-redonda
10. Lucas, um biógrafo lógico e detalhista
11. Maria, uma educadora ousadíssima
12. Maria, uma mulher analítica e ousada
13. Um menino surpreendente
14. O *Magnificat*: uma tese sociológica
15. Fatos estranhos nos bastidores do debate
16. O mundo ruindo aos pés de Marco Polo
17. Um menino alegre que viveu há dois mil anos
18. O estranho homem de marketing de Jesus
19. Jesus e os mais dramáticos testes de estresse
20. O teste do poder político e religioso
21. O quarto teste de estresse: humilhação pública
22. O inconsciente dos debatedores
23. Marco Polo perdendo quem mais ama
24. Uma fama incontrolável e surpreendente
25. A escolha "errada" dos discípulos
26. A passagem que Lucas não contou
27. Crescendo em sabedoria
28. Marco Polo: o terremoto emocional
29. Michael e sua filha: os impactos da mesa-redonda
30. O ataque terrorista
31. O sermão da montanha: o mais fascinante tratado sobre a felicidade
Agradecimentos
Sobre o autor
Informações sobre a Sextante